H.P.
LOVECRAFT
O PANTEÃO DOS MITOS
PandorgA

DEUSES EXTERIORES E DEUSES ANCIÃOS

PandorgA

H.P. LOVECRAFT

Deuses exteriores e Deuses anciãos

1ª edição

Direção editorial
Silvia Vasconcelos
Produção editorial
Equipe Pandorga
Preparação e edição
Jéssica Gasparini Martins
Revisão
Gabriela Peres
Tradução
Gabriela Peres
Fátima Pinho
Marsely de Marco
Diagramação
Marina Reinhold Timm
Composição de capa
Lumiar Design
Ilustrações de capa
Raphael Motta
Ilustrações internas
Lorde Jimmy
Conversão para e-Book
Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L897d

Lovecraft, H. P.

Deuses exteriores e deuses anciãos / H. P. Lovecraft ; traduzido por Gabriela Peres, Fátima Pinho, Marsely de Marco ; ilustrado por Raphael Motta, Lorde Jimmy. - Cotia, SP : Editora Pandorga, 2020.
168 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-65-5579-044-3

Sumário

Os Deuses Exteriores

> "Os outros deuses! Os outros deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses terrestres!.. Desvie o olhar... Volte... Não olhe! Não olhe! A vingança dos abismos infinitos... Este maldito, funesto abismo... Piedosos deuses da terra, estou caindo no céu!"
>
> Barzai, o Sábio, depois de ver os Deuses Exteriores. — "Os outros deuses" — H. P. Lovecraft

Para Lovecraft, o Universo não foi criado por um único Deus, ou qualquer força conhecida. Não há um ser onipresente e onisciente, tampouco os humanos têm almas imortais: quando morrem, tornam-se apenas poeira. Da mesma forma, o cosmos não existe para garantir algum direito à humanidade; no grande esquema das coisas, o ser humano é irrelevante.

As forças sobrenaturais de incomensurável poder que controlam o cosmos e tudo que nele existe compõem um conjunto de seres que alguns estudiosos chamam de "Os Mitos de Cthulhu", embora Cthulhu seja apenas uma das entidades dessa ordem cósmica e longe de ser a mais poderosa.

O termo abrange um grupo amplo e complexo de narrativas, histórias, ensaios, cartas e deduções tão extensas que são impossíveis de resumir em detalhes — até porque novas informações sobre os Mitos continuam sendo escritas ao redor do mundo. Mesmo o *Necronomicon*, tido como o maior tratado humano acerca dos Mitos e que supostamente reúne o mais profundo conhecimento sobre eles, está incompleto. Contradições e confusões são comuns, e muito do que se imagina a respeito não está certo.

Até mesmo Lovecraft nunca tentou pressupor verdades acerca dessas entidades, suas personagens vivem o horror sem que haja explicação racional, ou coerente, para o ocorrido. Os Mitos se tornam não apenas misteriosos, mas contraditórios: não apenas não os conhecemos, como nunca poderemos

conhecê-los. Tudo o que se sabe pode ser corrompido, invertido ou simplesmente ignorado por eles, e tentar entender como pensam ou agem é uma investida perigosíssima, podendo levar à loucura. No mundo dos Mitos, conhecimento não é poder, é aniquilação.

Ainda que o cenário seja caótico, percebe-se um "Panteão dos Mitos", uma hierarquia que divide essas forças conforme seu poder e influência. No topo dela estão os Deuses Exteriores (*Outer Gods*), seres que não podem ser compreendidos como um indivíduo, pois na realidade são personificações de forças cósmicas: Tempo, Espaço, Energia, Caos, Vida... Sem eles, o próprio cosmos entraria em colapso, como se pode imaginar.

Embora não estejam muito interessados na função e, provavelmente, sequer saibam da existência da humanidade, são ainda os deuses que governam o Universo, e o fazem da maneira que os humanos considerariam caótica, na melhor das hipóteses, e são totalmente indiferentes à situação dos outros. Os Deuses Exteriores cumprem uma função cósmica que os Grandes Antigos não cumprem, e embora possam ser adorados como deuses por loucos e hereges, eles pouco se importam com essas coisas.

Aqueles que procuram ajuda dos Deuses Exteriores são considerados abençoados se as entidades os ignorarem. Se, por acaso, os Deuses Exteriores decidem ajudar um mortal tolo, estão condenados a uma eternidade de tortura inimaginável e eventos destruidores da sanidade, não por má intenção por parte dos Deuses Exteriores, mas porque os humanos simplesmente não são capazes de compreender a natureza ou as motivações dessas entidades horríveis.

Azathoth – O Idiota, Senhor de Todas as Coisas

“Blake pensou nas lendas ancestrais do Caos Supremo, em cujo centro estende-se Azathoth, o deus cego e idiota, Senhor de Todas as Coisas, rodeado por sua horda convulsa de dançarinos irracionais e amorfos e embalado pelos suaves trenos de uma flauta demoníaca tocada por mãos inomináveis.”

“O Visitante das Trevas” — H. P. Lovecraft

O deus mais poderoso e Senhor dos Deuses Exteriores habita o centro do Universo e é descrito como o Caos Nuclear. Azathoth é uma massa gigantesca e amorfa, incrivelmente poderosa e louca, desprovida de qualquer forma de lógica ou coerência. As lendas dizem que Azathoth foi o verdadeiro criador do Universo e ao seu redor dançam o resto dos deuses mais antigos, seguindo as dementes melodias que saem das suas flautas.

Alguns textos afirmam que nem sempre Azathoth foi um deus mentalmente incapaz. Ele teria perdido sua consciência no momento em que o Universo nasceu, mas se recuperar o mínimo dela, o que pode acontecer a qualquer momento, porá fim em sua criação, fazendo-a retroceder em uma onda de aniquilação, varrendo o cosmos de canto a canto.

Azathoth raramente abandona seu trono. Não pode ser convocado nem encontrado, e sua presença só pode ser percebida por meio de catástrofes gigantescas causadas por uma insignificante parcela de seu poder. Sua mera aparição, por segundos que seja, representa uma ameaça concreta de aniquilação, como a destruição da Camada de Ozônio, derretimento de polos e outras consequências em grau planetário. Nas ocasiões em que o Sultão Demoníaco se manifesta em toda sua glória profana, a visão é simplesmente indescritível, algo que causa loucura nas mentes mais racionais.

Os sonhos na casa da bruxa

Walter Gilman não sabia se eram os sonhos que causavam a febre ou se a febre era a causa dos sonhos. Por trás de tudo, rastejava o horror bolorento e pungente da antiga cidade e do sótão execrável onde ele escrevia, estudava e lutava contra números e fórmulas quando não estava encolhido em sua miserável cama de ferro. Seus ouvidos estavam se tornando sensíveis de uma forma antinatural e insuportável, e fazia tempo que ele havia parado o relógio barato da lareira, cujo tique-taque parecia ter se transformado em um trovão de artilharia. À noite, os rumores discretos da cidade escura, a correria sinistra dos ratos nas frágeis paredes e o ranger de tábuas invisíveis na casa centenária bastavam para dar a ele uma sensação de agitação estridente. A escuridão era sempre cheia de ruídos inexplicáveis e, no entanto, Gilman às vezes temia que esses sons desaparecessem e permitissem que passasse a ouvir outros sons, mais vagos, que esses ocultavam.

Ele estava na cidade de Arkham, congelada no tempo e cheia de lendas, com seus telhados amontoados em estilo holandês que oscilavam sobre os sótãos onde as bruxas se escondiam dos homens do rei, nos sombrios tempos coloniais. E, em toda a cidade, não havia lugar com memórias mais macabras do que o sótão que abrigava Gilman, pois havia sido precisamente nesta casa e neste quarto que se escondera Keziah Mason, cuja fuga da prisão de Salem permanecia inexplicável. Isso acontecera em 1692: o carcereiro tinha enlouquecido e delirava sobre algo peludo, pequeno e com presas brancas que saíra correndo da cela de Keziah, e nem mesmo Cotton Mather sabia explicar as curvas e ângulos desenhados nas paredes de pedra cinzenta com algum líquido vermelho e pegajoso.

Talvez Gilman não devesse ter estudado tanto. O cálculo não euclidiano e a física quântica são suficientes para violentar qualquer cérebro, e quando eles se misturam a lendas populares e se tenta rastrear um estranho fundo de realidade multidimensional por trás das sugestões horrivelmente cruéis de contos góticos e sussurros fantásticos no canto da lareira, dificilmente se pode esperar estar completamente livre de certa tensão mental. Gilman era de

Haverhill, mas apenas depois de entrar na faculdade, em Arkham, passou a associar seu conhecimento matemático com as fantásticas lendas da magia antiga. Alguma coisa no ambiente da cidade antiga agia sombriamente em sua imaginação. Os professores da Universidade de Miskatonic haviam recomendado que ele fosse mais devagar e reduziram voluntariamente seus estudos em vários pontos. Ademais, ele fora proibido de consultar os antigos e duvidosos tratados sobre segredos ocultos, que ficavam trancados a sete chaves na biblioteca da universidade. Mas essas precauções foram tomadas tardiamente, de modo que Gilman já obtivera alguns dados terríveis do temido *Necronomicon*, de Abdul Alhazred, do fragmentário Livro de Eibon, e do proibido *Unaussprechlichen Kulten*, de Von Junzt, que ele correlacionava com suas fórmulas abstratas sobre as propriedades do espaço e a conexão entre dimensões conhecidas e desconhecidas.

Ele sabia que seu quarto ficava na antiga casa da bruxa; na verdade, tinha alugado o quarto justamente por isso. Nos arquivos do condado de Essex figuravam inúmeros dados sobre o julgamento de Keziah Mason, e o que essa mulher tinha admitido sob pressão ao Tribunal de Oyer e Terminer fascinava Gilman a um ponto além do razoável. Keziah falara ao juiz Hathorne sobre linhas e curvas que poderiam ser desenhadas para indicar direções que levavam através das paredes do espaço para outros espaços além, insinuara que essas linhas e curvas eram frequentemente utilizadas em determinadas reuniões à meia-noite, realizadas no escuro vale da pedra branca que ficava além de Meadow Hill, e também na ilha inabitada do rio. Ela também falara do Homem Negro, do juramento que havia feito e de seu novo nome secreto, Nahab. Depois disso, desenhara essas figuras na parede de sua cela e desaparecera.

Gilman acreditava nas coisas estranhas sobre Keziah, e sentia uma emoção curiosa ao saber que a casa em que ela vivera ainda estava de pé depois de mais de duzentos e trinta anos. Quando ouviu os boatos e burburinhos que corriam por Arkham sobre a presença persistente de Keziah na antiga casa e nas ruas estreitas, sobre as marcas irregulares de presas humanas deixadas em algumas pessoas adormecidas daquela e de outras casas, sobre os gritos infantis ouvidos na Noite de Santa Valburga e no dia de Todos os Santos, do fedor que exalava no sótão do prédio antigo logo após esses dias temidos e sobre a coisa pequena e peluda de presas afiadas que rondava a velha casa e a cidade e cheirava as pessoas com curiosidade nas horas escuras antes do amanhecer, ele decidiu viver ali a todo custo. Era fácil conseguir um quarto, já que a casa era malvista, difícil de alugar e fazia muito tempo que estava entregue a aluguéis baratos.

Ele não sabia dizer o que esperava encontrar ali, mas sabia que queria estar naquela construção onde alguma circunstância tinha, mais ou menos de repente, dado a uma velha medíocre do século XVII um vislumbre de profundidades matemáticas, talvez mais ousadas do que as mais modernas investigações de Planck, Heisenberg, Einstein e de Sitter.

Ele vasculhou as madeiras e as paredes de gesso em busca de desenhos crípticos em todos os locais acessíveis onde o papel de parede havia se soltado, e em menos de uma semana conseguiu alugar o sótão do leste, onde se acreditava que Keziah havia se dedicado à bruxaria. Estava vago desde o início, já que ninguém nunca esteve disposto a ocupá-lo por muito tempo, e o senhorio polonês tinha medo de alugá-lo.

Porém, nada acontecera com Gilman de fato até que veio a febre. Nenhuma Keziah fantasmagórica rondava nos corredores escuros ou nos quartos, nenhuma coisa pequena e peluda penetrara no quarto sombrio para cheirar Gilman, nem ele encontrou rastros dos feitiços da bruxa, apesar de procurar constantemente. Às vezes, andava pelo escuro labirinto de ruas não pavimentadas que cheiravam a mofo, onde antigas casas escuras e de idade ignorada se inclinavam, cambaleavam e olhavam com malícia através das janelas estreitas com vidraças pequenas. Ele sabia que, em outros tempos, coisas estranhas haviam acontecido ali, e pairava no ar uma vaga sensação de que talvez nem tudo o que pertencera a esse passado anômalo tivesse desaparecido, pelo menos não nas ruas mais escuras, estreitas e sinuosamente retorcidas. Em duas ocasiões, ele também remou até a ilhota amaldiçoada do rio e fez um esboço dos estranhos ângulos descritos pelas fileiras de pedras cinzentas cobertas de musgo que havia ali e cuja origem era sombria e imemorial.

O quarto de Gilman era de bom tamanho, mas de formato irregular; a parede norte inclinava-se perceptivelmente para dentro, enquanto o teto baixo inclinava-se suavemente na mesma direção. A não ser por um buraco de rato aberto e de sinais de que outros tantos tinham sido tapados, não havia nenhum acesso — nem sinais de que algum tivesse existido — para o espaço que devia existir entre a parede inclinada e a parede externa da parte norte da casa, embora do lado de fora se pudesse ver que uma janela havia sido emparedada em um tempo muito remoto. O sótão acima do telhado, que devia ter o piso inclinado, também era inacessível. Quando, uma vez, Gilman galgou a escada cheia de teias de aranha que levava ao sótão diretamente acima de seu quarto, encontrou vestígios de uma antiga abertura, agora fechada hermética e fortemente com pranchas velhas fixadas com estacas de madeira,

comuns na carpintaria em tempos coloniais. No entanto, o proprietário, apesar de seus muitos pedidos, recusou-se a permitir que ele investigasse o que estava por trás daqueles espaços interditados.

Com o passar do tempo, seu interesse pela parede e pelo teto do quarto aumentou, pois ele começou a adivinhar por trás dos estranhos ângulos da construção um significado matemático que parecia dar vagos indícios ao seu objetivo. A velha bruxa poderia ter tido razões muito boas para viver em um quarto com ângulos estranhos: ela não alegara ter cruzado os limites do mundo espacial conhecido através de certos ângulos? O interesse de Gilman foi gradualmente se desviando dos espaços vazios localizados do outro lado das paredes inclinadas, pois agora parecia que o propósito de tais superfícies se referia ao lado no qual ele se encontrava.

A febre e os sonhos começaram no início de fevereiro. Por algum tempo, parece que os ângulos estranhos do quarto de Gilman tiveram sobre ele um raro efeito, quase hipnótico; e, à medida que o inverno escuro avançava, ele passou a contemplar com uma crescente intensidade a quina onde o teto descendente se juntava à parede inclinada. Naquela época, estava muito preocupado com sua incapacidade de se concentrar nos estudos e começou a temer seriamente os resultados dos exames parciais. Também se lamentava pelo seu senso de audição exacerbado. Para ele, a vida tinha se transformado em uma cacofonia persistente e quase insuportável, e havia também aquela impressão constante e amedrontadora de perceber outros sons, procedentes talvez de regiões além da vida, e ele estremecia a qualquer ameaça de ouvir alguma coisa. Quanto aos ruídos concretos, os piores eram os dos ratos nas partições antigas. Às vezes, o arranhar deles não parecia apenas furtivo, mas deliberado. Quando vinham de detrás da parede inclinada do norte, misturavam-se com uma espécie de chocalhar seco e, quando vinham do sótão que ficava acima do teto inclinado, trancado havia mais de um século, Gilman sempre se preparava para o pior, como se esperasse por algo terrível que só aguardava o momento oportuno para descer e destruí-lo por completo.

Os sonhos estavam além do limite da sanidade e Gilman achava que eles eram o resultado conjunto de seus estudos de matemática e das leituras de lendas populares. Vinha pensando muito nas regiões vagas que, de acordo com suas fórmulas, tinham de existir para além das três dimensões conhecidas, e na possibilidade de que a velha Keziah Mason, guiada por alguma influência impossível de conjecturar, tivesse encontrado a porta de acesso para essas regiões. Os arquivos amarelados do tribunal do distrito que continham o testemunho da mulher e de seus acusadores sugeriam, de forma terrível, coisas

além do alcance da experiência humana, e as descrições da criatura peluda, frenética e pequena que fazia as vezes de um demônio familiar eram desagradavelmente realistas, apesar dos detalhes fantásticos.

Aquele ser, que não era maior do que uma ratazana, e que as pessoas comuns chamavam pitorescamente de “Brown Jenkin”, parece ter sido o resultado de um caso notável de sugestão coletiva, porque, em 1692, nada menos que doze pessoas testemunharam tê-lo visto. Ademais, os recentes boatos sobre ele coincidiam de maneira desconcertante e incompreensível. As testemunhas diziam que tinha pelos longos e forma de rato, mas que suas feições, com presas afiadas e barba, eram diabolicamente humanas, enquanto suas garras pareciam pequenas mãos. Ele levava mensagens da velha para o diabo e se alimentava do sangue da bruxa, a quem sugava como um vampiro. Sua voz era uma espécie de risada detestável e ele sabia falar todas as línguas do mundo. Das muitas monstruosidades que Gilman via em seus pesadelos, nenhuma lhe causava tanto pavor e repugnância quanto essa figura híbrida, malvada e diminuta, cuja imagem se apresentava de uma forma mil vezes mais odiosa do que aquela que sua mente desperta havia deduzido a partir dos arquivos antigos e dos rumores modernos.

Os pesadelos de Gilman geralmente consistiam em sonhar que caía em abismos intermináveis de crepúsculos inexplicavelmente coloridos e cheios de sons confusos; abismos cujas propriedades materiais e gravitacionais Gilman não podia sequer conceber. Em seus sonhos, ele não andava nem subia, não voava nem nadava nem rastejava; mas sempre experimentava uma sensação de movimento, parte voluntário e parte involuntário. Não tinha um bom julgamento sobre seu próprio estado, pois nunca conseguia ver seus braços, pernas e tronco, que desvaneciam em algum tipo de alteração de perspectiva, mas sentia que a sua compleição física e suas faculdades se transmutavam de maneira mágica e se projetavam obliquamente, ainda que conservassem certa relação grotesca com suas proporções e propriedades normais.

Os abismos não eram vazios, mas povoados de indescritíveis massas anguladas de um colorido estranho a este mundo, algumas das quais pareciam orgânicas e outras inorgânicas. Alguns dos objetos orgânicos tendiam a despertar lembranças vagas e adormecidas em seu subconsciente, embora não pudesse formar nenhuma ideia consciente do que eles, de uma forma burlesca, imitavam ou sugeriam. Nos sonhos mais recentes, ele começara a distinguir categorias independentes em que os objetos pareciam se dividir, e assumiam em cada caso um tipo radicalmente diferente de padrão de conduta e motivação básica. Dessas categorias, uma parecia incluir objetos que eram um

pouco menos ilógicos e irrelevantes em seus movimentos do que os pertencentes às outras categorias.

Todos os objetos, orgânicos e inorgânicos, eram completamente indescritíveis e até incompreensíveis. Às vezes, Gilman comparava a matéria inorgânica a prismas, labirintos, grupos de cubos e planos e a construções ciclópicas; e as coisas orgânicas lhe incutiam sensações diversas, de conjuntos de bolhas, polvos, centopeias, de ídolos hindus vivos e de arabescos intrincados vivificados por uma espécie de animação ofídica. Tudo o que ele via era indescritivelmente ameaçador e terrível, e sempre que uma das entidades orgânicas parecia, por seus movimentos, tê-lo notado, ele sentia um terror tão cruel e horripilante que geralmente acordava em um sobressalto. Sobre como os seres orgânicos se moviam, ele não sabia dizer mais do que como ele mesmo o fazia. Com o tempo, observou outro mistério: a tendência de certas entidades a aparecerem repentinamente do espaço vazio ou de desaparecerem com a mesma rapidez. A confusão de gritos e rugidos que ecoava nas profundezas desafiava qualquer análise quanto ao tom, timbre ou ritmo, mas parecia estar sincronizada com as vagas alterações visuais de todos os objetos indefinidos, tanto os orgânicos quanto os inorgânicos. Gilman experimentava a sensação contínua e horripilante de que eles pudessem aumentar para algum grau insuportável de intensidade durante alguma de suas flutuações sombrias e implacáveis.

Mas não eram nesses redemoinhos de total alienação que ele via Brown Jenkin. Esse horror abominável era reservado para certos sonhos mais claros e vívidos que o assaltavam imediatamente antes de cair em sono profundo. Gilman sempre estava no escuro, lutando para ficar acordado, quando uma ligeira claridade parecia reluzir em torno do quarto centenário, revelando em uma neblina violácea a convergência dos planos angulosos que de maneira tão insidiosa tinham se apoderado de sua mente. O horrível monstro parecia sair do buraco de ratos no canto e se mover em direção a ele, deslizando pelas tábuas do piso deformado, com uma expectativa maligna em seu rosto humano minúsculo e barbudo; felizmente, porém, o sonho sempre terminava antes que a aparição chegasse perto demais para acariciá-lo com o focinho. Tinha presas diabolicamente longas, afiadas e caninas. Gilman tentava tapar o buraco de ratos todos os dias, mas, noite após noite, os verdadeiros habitantes das partições roíam a obstrução, o que quer que fossem. Em certa ocasião, mandou o senhorio pregar uma lata no buraco, mas, na noite seguinte, os ratos abriram um novo buraco e, ao fazê-lo, empurraram ou arrastaram um curioso pedaço de osso.

Gilman não relatou sua febre ao médico, pois sabia que se entrasse na enfermaria da universidade, não poderia passar nas provas, para cuja preparação precisava de todo o tempo. Mesmo assim, foi reprovado em cálculo diferencial e psicologia geral superior, embora tivesse a esperança de recuperar o atraso antes de terminar o curso.

Em março, um novo elemento tornou-se parte de seu sonho preliminar, e a fórmula de pesadelo de Brown Jenkin começou a ser acompanhada por uma sombra nebulosa que cada vez mais se assemelhava a uma velha encurvada. Esse novo elemento o transtornava mais do que ele podia explicar, mas finalmente se deu conta de que a sombra se parecia com uma velha que ele havia encontrado duas vezes no labirinto escuro de becos das docas abandonadas. Nas duas ocasiões, o olhar maldoso, sardônico e aparentemente sem motivação da senhora quase o fizera estremecer, especialmente na primeira vez, quando um rato enorme que cruzava a entrada escura de um beco vizinho o fez pensar em Brown Jenkin de uma forma irracional. Agora, ele pensava, aqueles medos nervosos estavam sendo refletidos em seus sonhos desordenados. Não podia negar que a influência da velha casa era prejudicial, mas os restos de seu interesse mórbido o prendiam ali. Dizia a si mesmo que as fantasias noturnas se deviam apenas à febre e que, quando ela passasse, estaria livre das visões monstruosas. Essas aparições, no entanto, tinham uma vivacidade absorvente e convincente, e sempre que acordava, ele mantinha uma vaga sensação de ter vivido muito mais do que se lembrava. Tinha a terrível certeza de ter falado com Brown Jenkin e com a bruxa em sonhos esquecidos, e que eles insistiam para que Gilman fosse com eles a algum lugar para encontrar um terceiro ser mais poderoso.

No fim de março, ele começou a melhorar em matemática, embora as outras matérias o incomodassem cada vez mais. Estava adquirindo uma habilidade intuitiva para resolver equações riemannianas e surpreendeu o professor Upham com sua compreensão sobre a quarta dimensão e outros problemas que seus colegas de classe ignoravam. Certa tarde, houve uma discussão sobre a possível existência de curvaturas caprichosas no espaço e de pontos teóricos de aproximação — ou até mesmo de contato — entre a nossa parte do cosmos e outras regiões tão remotas quanto as estrelas mais distantes ou os vazios transgalácticos, ou mesmo tão fabulosamente distantes quanto as unidades cósmicas hipoteticamente concebíveis além do contínuo espaço-tempo einsteiniano. O modo como Gilman tratava o assunto deixava todos admirados, embora algumas de suas ilustrações hipotéticas causassem um aumento das fofocas sempre abundantes sobre sua excentricidade nervosa e

solitária. O que fez os estudantes menearem a cabeça foi a teoria sobriamente anunciada de que um homem com conhecimentos matemáticos além do alcance da mente humana poderia passar da Terra para outro corpo celeste que se encontrava em um dos infinitos pontos da configuração cósmica.

Para isso, disse ele, apenas dois estágios seriam necessários: primeiro, deixar a esfera tridimensional que conhecemos e, segundo, retornar à esfera das três dimensões em outro ponto, talvez infinitamente distante. Que isso pudesse ser feito sem perder a vida era concebível em muitos casos. Qualquer ser procedente de um lugar no espaço tridimensional provavelmente poderia sobreviver na quarta dimensão, e a sobrevivência no segundo estágio dependeria de qual parte estranha do espaço tridimensional ele escolheu para a reentrada. Os habitantes de alguns planetas poderiam viver em outros, mesmo em planetas pertencentes a outras galáxias ou em fases dimensionais semelhantes de outros contínuos de espaço-tempo, embora, é claro, devesse haver um grande número deles mutuamente inabitáveis, embora fossem corpos ou zonas espaciais matematicamente justapostas.

Era possível também que os habitantes de uma determinada área dimensional pudessem sobreviver à entrada em muitos domínios desconhecidos e incompreensíveis, de dimensões mais numerosas ou indefinidamente multiplicadas, de dentro ou de fora do contínuo de espaço-tempo dado, e que o oposto também poderia acontecer. Isso era uma questão de conjectura, embora se pudesse ter quase certeza de que o tipo de mutação que envolveria a passagem de um determinado plano dimensional para o próximo plano superior não destruiria a integridade biológica como a entendemos. Gilman não sabia explicar muito bem suas razões para essa última suposição, mas sua imprecisão nesse ponto foi mais do que compensada por sua clareza ao lidar com outras questões complexas. Ao professor Upham, causou-lhe um prazer especial sua demonstração da relação que existia entre a matemática superior e certas fases da tradição mágica transmitida ao longo dos milênios, desde o tempo da Antiguidade indescritível, humana ou pré-humana, quando havia um conhecimento maior que o nosso sobre o cosmos e suas leis.

Por volta de 1º de abril, Gilman estava muito preocupado pois a febre não passava. Também ficara perturbado com o que seus colegas de alojamento haviam dito sobre seu sonambulismo. Diziam que ele se ausentava frequentemente da cama, e que o homem do quarto abaixo reclamava do ranger da madeira do chão em certas horas da noite. Esse colega também dizia ouvir o barulho de passos de pés calçados no meio da madrugada, mas Gilman

tinha certeza de que nisso ele se enganara, porque seus sapatos e também o resto das roupas estavam, pela manhã, sempre no mesmo lugar em que os havia deixado. Naquela casa velha e deteriorada, era possível sentir as sensações mais absurdas. Não é que o próprio Gilman agora tinha certeza de ouvir, em plena luz do dia, certos ruídos, além do arranhar dos ratos nos buracos negros localizados além da parede oblíqua e do telhado inclinado? Seus ouvidos, de sensibilidade patológica, começaram a captar passos leves no sótão acima de seu quarto, fechado desde tempos imemoriais, e às vezes a ilusão de tais passos era dotada de um realismo angustiante.

Ele sabia, porém, que de fato era sonâmbulo, porque em duas noites haviam encontrado seu quarto vazio, com todas as roupas no lugar. Isso lhe assegurara Frank Elwood, o colega estudante, cuja pobreza o havia obrigado a hospedar-se naquela casa miserável e de evidente impopularidade. Elwood estivera estudando até a madrugada e subira para que Gilman o ajudasse a resolver uma equação diferencial, mas descobrira que ele não estava em seu quarto. Tinha sido um atrevimento abrir a porta, que estava destrancada, depois de chamar e não receber nenhuma resposta, mas ele precisava muito de ajuda e pensou que Gilman não se importaria se ele o acordasse com delicadeza. Mas Gilman não estava lá nenhuma das duas vezes, e quando Elwood contou a ele, Gilman se perguntou por onde poderia ter estado vagando, descalço e com apenas suas roupas de dormir. Decidiu que investigaria o assunto se as notícias sobre seus passeios sonâmbulos continuassem, e pensou até em espalhar farinha no chão do corredor para descobrir para onde as pegadas o levariam. A porta era a única saída concebível, já que a janela estreita dava para o vazio.

À medida que o mês de abril avançava, os ouvidos de Gilman, aguçados pela febre, começaram a ouvir as orações lamuriosas de um homem supersticioso chamado Joe Mazurewicz, que consertava teares e cujo quarto ficava no piso térreo. Mazurewicz contava longas e absurdas histórias sobre o fantasma da velha Keziah e a coisa peluda com presas afiadas que cheirava pessoas, afirmando que, por vezes, perseguiam-no de tal maneira que só o crucifixo de prata — que para esse fim lhe dera o padre Iwanicki, da igreja de São Estanislau — poderia fornecer-lhe algum alívio. Agora ele rezava porque o Sabbath das bruxas se aproximava. Na véspera de 1º de maio seria a noite de Santa Valburga, quando os espíritos infernais vagavam pela Terra e todos os escravos de Satanás se reuniam para se entregar a ritos e atos inomináveis. Era sempre uma data ruim em Arkham, embora as pessoas mais refinadas da avenida Miskatonic e das ruas High e Saltonstall fingissem nada saber sobre o

assunto. Coisas desagradáveis aconteceriam e provavelmente uma ou duas crianças desapareceriam. Joe sabia dessas coisas, porque sua avó, em seu país de origem, ouvira isso dos lábios de sua bisavó. O mais prudente era rezar o rosário nesse período. Fazia três meses que nem Keziah nem Brown se aproximavam do quarto de Joe, nem do de Paul Choynski, nem de qualquer outro lugar, e isso era um mau sinal. Deviam estar tramando alguma coisa.

No dia 16 do mesmo mês, Gilman foi ao consultório do médico e ficou surpreso ao ver que sua temperatura não estava tão alta quanto ele temia. O médico interrogou-o meticulosamente e aconselhou-o a consultar um especialista em nervos. Gilman ficou feliz por não ter consultado o médico da universidade, um homem mais inquisitivo. O velho Waldron, que em outra ocasião já havia restringido suas atividades, teria o forçado a descansar, o que era impossível agora que ele estava prestes a obter grandes resultados com suas equações. Estava indubitavelmente perto da fronteira entre o universo conhecido e a quarta dimensão, e quem poderia prever o quão longe ainda poderia chegar?

Mesmo com esses pensamentos, porém, ele questionava a origem de sua estranha confiança. Será que esse perigoso senso de iminência vinha das fórmulas das folhas que ele estudava dia após dia? Os passos abafados, furtivos e imaginários no sótão fechado eram inquietantes. E agora, além disso, ele tinha a sensação crescente de que alguém estava tentando persuadi-lo constantemente a fazer algo terrível que ele não podia fazer. E o sonambulismo? Para onde teria ido naquelas noites? E o que era aquela ligeira impressão de som que às vezes parecia vibrar através da confusão de rumores identificáveis, mesmo em plena luz do dia e em plena vigília? Seu ritmo não lembrava nada deste planeta, a não ser, talvez, pela cadência de um ou dois cânticos inomináveis do Sabbath, e às vezes ele temia que correspondessem a determinados atributos dos rugidos ou dos gritos vagos ouvidos naquelas profundezas inimagináveis e estranhas.

Enquanto isso, os sonhos se tornavam atrozes. Na fase preliminar mais leve, a velha tinha uma nitidez diabólica e Gilman percebera que era ela quem o deixara assustado nos bairros pobres. As costas encurvadas, o nariz adunco e o queixo cheio de rugas eram inconfundíveis, e as roupas marrons e disformes eram iguais às de que ele se lembrava. O rosto da velha tinha uma expressão de horrível malevolência e exultação, e quando Gilman acordava, podia se lembrar de uma voz em cascata que o persuadia e ameaçava. Gilman precisava conhecer o Homem Negro e ir com eles ao trono de Azathoth, no centro do Caos Essencial. Era isso que a bruxa dizia. Ele teria que assinar o livro de

Azathoth com seu próprio sangue e adotar um novo nome secreto, agora que suas investigações independentes haviam ido tão longe. O que o impedia de ir com ela, Brown Jenkin e o outro para o trono do Caos, onde as flautas tocavam de forma descuidada, era o fato de que ele tinha visto o nome "Azathoth" no *Necronomicon*, e sabia que isso correspondia a um mal primordial horrível demais para ser descrito.

A velha mulher sempre se materializava subitamente perto da quina onde a parede inclinada e o teto descendente se encontravam. Parecia se cristalizar em um ponto mais próximo do teto do que do chão, e a cada noite chegava um pouco mais perto e era mais visível antes de o sonho se dissipar. Brown Jenkin também se aproximava um pouco mais a cada dia, e suas presas amareladas brilhavam odiosamente na fosforescência violeta sobrenatural. Sua risada repulsiva e aguda ecoava mais e mais na cabeça de Gilman e, pela manhã, ele se lembrava de como a fera pronunciara as palavras "Azathoth" e "Nyarlathotep".

Em sonhos mais profundos, todas as outras coisas também eram mais distintas, e Gilman tinha a sensação de que os abismos crepusculares que o rodeavam eram aqueles da quarta dimensão. As entidades orgânicas, cujos movimentos pareciam irrelevantes e sem motivo, eram provavelmente projeções de formas de vida vindas de nosso próprio planeta, inclusive de seres humanos. O que os outros eram em sua — ou suas — própria esfera dimensional, era algo em que ele não se atrevia a pensar. Duas das coisas moventes menos irrelevantes — um enorme conjunto de bolhas iridescentes esferoidais, e um poliedro muito menor, de cores desconhecidas e ângulos da superfície que mudavam rapidamente — pareciam vê-lo e segui-lo de um lado para outro ou flutuar na frente dele enquanto ele mudava de posição entre os gigantescos prismas, labirintos, aglomerados de cubos, planos e formas semiconstruídas; e, durante todo o tempo, os gritos e rugidos se tornavam cada vez mais altos, como se estivessem se aproximando de algum clímax monstruoso de intensidade insuportável.

Na noite de 19 para 20 de abril, algo novo aconteceu. Gilman estava se movimentando quase que involuntariamente pelo abismo crepuscular com a bolha e o pequeno poliedro flutuando à sua frente quando notou os ângulos peculiarmente regulares formados pelas extremidades de um enorme aglomerado de prismas. No instante seguinte, ele estava fora do abismo, parado, trêmulo, em uma encosta rochosa banhada por uma intensa e difusa luz verde. Estava descalço e de pijama e, ao tentar andar, descobriu que mal conseguia levantar os pés. Um redemoinho de vapor encobria tudo, menos o

declive imediato, e ele estremeceu ao pensar nos sons que poderiam emanar daquele vapor.

E foi então que viu as duas formas, que vinham rastejando em direção a ele com grande dificuldade: a velha e a coisa peluda. A bruxa se ajoelhou e conseguiu cruzar os braços de um modo singular, enquanto Brown Jenkin apontou em certa direção com uma garra horrivelmente antropoide que levantou com visível dificuldade. Levado por um impulso involuntário, Gilman foi arrastado na direção indicada pelo ângulo formado pelos braços da bruxa e a pequena garra monstruosa. E, antes de dar três passos, já estava novamente nos abismos crepusculares. Ao redor dele, formas geométricas fervilhavam, e ele caiu de forma vertiginosa e interminável. Finalmente, acordou em sua cama, no sótão insanamente inclinado da velha casa assombrada.

Pela manhã, estava totalmente indisposto e não compareceu a nenhuma das aulas. Alguma atração desconhecida dirigia sua visão para uma direção aparentemente irrelevante, e ele não conseguia evitar fixar o olhar em um ponto vago no chão. À medida que o dia progredia, o foco de seus olhos, que nada viam, mudou e, por volta do meio-dia, ele conseguiu controlar aquela vontade de contemplar o vazio. Por volta das duas horas da tarde, saiu para almoçar e, enquanto percorria as ruas estreitas da cidade, percebeu que estava sempre virando para o sudeste. Com grande esforço, parou em uma lanchonete na Church Street e, depois do almoço, o misterioso impulso ficou ainda mais intenso.

Ele teria que consultar um psiquiatra de qualquer forma, pois talvez isso tivesse alguma relação com seu sonambulismo, mas, por ora, tentaria ao menos quebrar o mórbido encantamento sozinho. Sem dúvida, ele ainda seria capaz de resistir ao misterioso impulso, então seguiu decididamente para o sentido norte na Garrison Street. Ao chegar à ponte sobre o Miskatonic, sentiu um suor frio escorrer por seu corpo e se agarrou à grade de ferro enquanto contemplava a ilhota de má reputação, onde as pedras antigas dispostas em linhas regulares se aninhavam soturnas sob o sol da tarde.

E então algo o assustou. Notou que havia um ser vivo claramente visível na ilhota desolada e, ao olhar novamente, percebeu que se tratava da mesma velha estranha de aspecto sinistro que tanto o impressionara em seus sonhos. A grama alta também se movia perto dela, como se alguma outra coisa viva rastejasse no chão. Quando a velha começou a se virar para ele, Gilman desceu correndo da ponte e disparou em direção ao refúgio do labirinto de becos à beira-mar. Embora a ilhota estivesse a uma boa distância, ele sentia que um

mal monstruoso e invencível jorrava do olhar sarcástico daquela figura velha e encurvada vestida de marrom.

Gilman continuava sendo puxado na direção sudeste, e só com muito esforço conseguiu se arrastar até a velha casa e subir as escadas frágeis. Ficou sentado durante várias horas, silencioso e alienado, enquanto seu olhar se voltava gradualmente para o ocidente. Por volta das seis horas, seu ouvido aguçado escutou as orações lamuriosas de Joe Mazurewicz dois andares abaixo; desesperado, pegou seu chapéu e saiu para a rua iluminada pelos raios de sol dourados do pôr do sol, deixando o impulso levá-lo para onde quisesse. Uma hora depois, a escuridão o encontrou nos campos abertos que se estendiam para além do córrego do enforcado, enquanto as estrelas da primavera cintilavam sobre sua cabeça. O forte desejo de andar foi gradualmente se transformando em um desejo de se jogar misticamente no espaço e então, de repente, ele percebeu de onde vinha a forte atração.

Vinha do céu. Um ponto definido entre as estrelas exercia domínio sobre ele e o chamava. Aparentemente, era um ponto localizado em algum lugar entre a Hidra Fêmea e o Navio dos Argonautas, e ele percebeu que era isso que o vinha atraindo desde que acordara, pouco depois do amanhecer. De manhã, o ponto estivera sob ele, e agora estava quase ao sul, mas deslizando para o oeste. Qual era o significado dessa novidade? Estaria ele enlouquecendo? Quanto tempo aquilo duraria? Mais uma vez, reunindo toda sua energia, virou-se e arrastou-se para a casa sinistra.

Mazurewicz estava esperando por ele na porta e parecia ansioso e relutante em sussurrar alguma nova história supersticiosa. Era sobre a luz da bruxa. Joe participara das festividades da noite anterior — tinha sido o Dia do Patriota em Massachusetts — e voltara para casa depois da meia-noite. Quando, de fora da casa, olhou para o andar de cima, pareceu-lhe a princípio que a janela de Gilman estava escura, mas então ele notou o fraco brilho violeta que vinha do interior. Ele queria avisar o cavalheiro sobre aquele brilho, já que em Arkham todos sabiam que se tratava da luz assombrada de Keziah que circundava Brown Jenkin e o fantasma da própria bruxa. Ele não havia mencionado isso antes, mas agora não tinha escolha, porque significava que Keziah e seu demônio familiar de presas longas estavam atrás do jovem. Por vezes, Paul Choynski, o senhorio Dombrowski e ele acreditaram ter visto aquela luz saindo pelas rachaduras do sótão fechado acima do quarto do rapaz, mas todos os três concordaram em não falar nada sobre o assunto. No entanto, seria melhor que Gilman encontrasse um quarto em outro lugar e arranjasse um crucifixo de um bom sacerdote, como o padre Iwanicki.

Enquanto o homem falava, Gilman sentia um pânico estranho agarrando sua garganta. Ele sabia que Joe devia estar um pouco bêbado quando voltara para casa na noite anterior, mas aquela menção a uma luz violeta na janela do sótão tinha um significado terrível. Esse era exatamente o tipo de luz que sempre envolvia a velha e a pequena coisa peluda naqueles sonhos mais leves e lancinantes que precediam seu colapso em profundezas desconhecidas, e a ideia de que uma pessoa acordada também podia ver aquela luz parecia loucura. Como o homem teria tido uma ideia tão estranha, porém? Será que ele teria falado alguma coisa enquanto andava sonâmbulo pela casa? Não, Joe disse que não, mas ele teria que se certificar. Talvez Frank Elwood pudesse dizer alguma coisa, mas ele detestava a ideia de perguntar.

Febre. Sonhos tempestuosos. Sonambulismo. Ilusões de ouvir sons. Atração por um ponto no céu. E, agora, a suspeita de dizer coisas loucas enquanto dormia! Ele deveria parar de estudar, consultar um psiquiatra e tentar se recompor. Ao subir para o segundo andar, parou na porta de Elwood, mas viu que o outro jovem não estava. Relutante, seguiu até o sótão e sentou-se no escuro. Seu olhar continuava a ser atraído para o sul, mas ele também procurava ouvir atentamente se algum som vinha do sótão fechado acima, imaginando que havia uma luz violeta penetrando por uma pequena rachadura no telhado baixo e inclinado.

Naquela noite, enquanto Gilman dormia, a luz violeta caiu sobre ele com uma intensidade incomum e a bruxa e a pequena coisa peluda, aproximando-se mais do que nunca, zombavam dele com gritos desumanos e estridentes e risos diabólicos. Gilman estava grato por afundar naqueles abismos crepusculares ribombantes, embora a perseguição daquele aglomerado de bolhas iridescentes e daquele pequeno poliedro caleidoscópico fosse ameaçadora e irritante. Depois veio a mudança, quando vastas superfícies convergentes de uma substância de aspecto escorregadio apareceram acima e abaixo dele — uma mudança que terminou em uma súbita sensação de delírio e de chamas de uma luz desconhecida e alienígena, na qual o amarelo, o carmim e o índigo se misturavam de uma maneira louca e inseparável.

Ele estava deitado em um terraço alto, com balaústres fantásticos, com vista para uma floresta interminável de picos exóticos e incríveis, superfícies planas equilibradas, cúpulas, minaretes, discos horizontais posicionados em pináculos e inúmeras formas ainda mais selváticas — algumas de pedras, outras de metal — que brilhavam magnificamente em meio ao brilho complexo de um céu policromático. Olhando para cima, viu três prodigiosos discos de fogo, todos de cores distintas, cada um a uma altura diferente, acima

de um horizonte curvo e infinitamente distante de montanhas baixas. Atrás dele havia fileiras de terraços mais altos que se alongavam infinitamente. A cidade lá embaixo se estendia até o limite de onde os olhos podiam alcançar, e Gilman desejou que nenhum som surgisse dela.

O piso do qual ele se ergueu com facilidade era de uma pedra polida e jaspeada que não conseguiu identificar, e as telhas haviam sido cortadas em formatos bizarros, que lhe pareciam menos assimétricos do que baseados em alguma simetria sobrenatural cujas leis ele não compreendia. As grades da sacada ficavam na altura do peito, delicadas e forjadas fantasticamente, enquanto ao longo do trilho haviam sido postas, em intervalos curtos, pequenas figuras de desenho grotesco e acabamento requintado. As figuras, assim como a própria balaustrada, pareciam ter sido feitas de algum tipo de metal brilhante cuja cor não podia ser identificada no caos de brilhos variados, e sua natureza desafiava profundamente qualquer conjectura. Elas representavam objetos com nervuras em forma de barril, com finos braços horizontais que saíam como raios de um anel central e saliências ou bulbos verticais que vinham da cabeça e da base do barril. Cada uma dessas saliências era o centro de um sistema de cinco braços finos, longos e pontiagudos, dispostos em triângulos em torno do eixo como os braços de uma estrela-do-mar, quase horizontais, mas ligeiramente curvados para fora do barril central. A base do bulbo inferior fundia-se ao corrimão por um ponto de contato tão delicado que várias figuras haviam se quebrado e se soltado. As figuras mediam cerca de dez centímetros de altura e os braços pontiagudos tinham um diâmetro de, no máximo, cinco centímetros e meio.

Quando Gilman se levantou, os ladrilhos queimaram seus pés descalços. Estava completamente sozinho, e a primeira coisa que fez foi se aproximar da balaustrada e contemplar, meio tonto, a cidade infinita e ciclópica que se estendia a mais de seiscentos metros abaixo do terraço. Enquanto ouvia, pareceu-lhe que uma confusão rítmica de sons musicais fracos que cobriam uma ampla escala diatônica se desprendia das estreitas ruas abaixo, e ele desejou poder reconhecer os habitantes do lugar. Depois de algum tempo, sua visão ficou turva e ele teria caído de lá de cima se não tivesse se agarrado instintivamente à balaustrada reluzente. Sua mão direita tocou em uma das figuras salientes e o toque pareceu tê-lo paralisado ligeiramente. A pressão, entretanto, fora demasiada para a delicadeza exótica daquele objeto de metal, e a figura pontiaguda se soltou em sua mão. Ainda meio tonto, continuou a apertá-la enquanto a outra mão se agarrava a um espaço vazio no corrimão liso.

Mas agora seus ouvidos hipersensíveis identificavam alguma coisa às suas costas, e Gilman olhou para trás no terraço horizontal. Viu cinco figuras se aproximando silenciosamente, embora seus movimentos não fossem furtivos; duas delas eram a velha e o animal peludo de presas afiadas. As outras três foram as que o deixaram inconsciente: eram entidades vivas de cerca de dois metros e meio de altura, do mesmo formato das figuras da balaustrada, que se arrastavam como aranhas sobre seus braços inferiores em forma de estrela-do-mar.

Gilman acordou em sua cama, encharcado de suor frio e com uma sensação de ardor no rosto, mãos e pés. Saltando para o chão, lavou-se e vestiu-se com uma velocidade frenética, como se fosse necessário sair de casa o mais rápido possível. Não sabia para onde queria ir, mas sabia que teria que faltar às aulas mais uma vez. A estranha atração àquele ponto no céu entre a Hidra Fêmea e o Navio dos Argonautas havia diminuído, mas uma força ainda mais poderosa a substituíra. Agora ele sentia que precisava seguir para o norte, infinitamente para o norte. Tinha medo de cruzar a ponte de onde se avistava a ilhota no meio do rio Miskatonic, então foi para a ponte da Avenida Peabody. Tropeçava com muita frequência, pois os olhos e ouvidos estavam acorrentados a um ponto muito alto no céu azul e vazio.

Depois de mais ou menos uma hora, Gilman ganhou mais controle sobre si mesmo e percebeu que estava longe da cidade. Tudo ao redor dele carregava o vazio sombrio das salinas, enquanto a estrada estreita à sua frente levava a Innsmouth — aquela cidade antiga e semideserta que os habitantes de Arkham curiosamente não tinham nenhum desejo de visitar. Embora a atração para o norte não tivesse diminuído, ele resistia a ela assim como resistira à outra atração, e por fim descobriu que poderia praticamente equilibrar uma contra a outra. Voltou para a cidade e, depois de tomar uma xícara de café em um bar, arrastou-se para a biblioteca pública. Lá, folheou distraidamente uma série de revistas de entretenimento. Alguns amigos observaram que ele estava queimado de sol, mas Gilman não contou nada sobre seu passeio. Às três da tarde, almoçou em um restaurante e notou que a atração diminuíra ou havia se dividido. Resolveu, então, entrar em um cinema barato para matar o tempo e assistiu ao mesmo filme várias vezes, sem prestar atenção.

Por volta das nove da noite, retornou à casa e entrou devagar. Joe Mazurewicz estava lá, resmungando preces ininteligíveis, e Gilman correu até o sótão sem parar para ver se Elwood estava em casa. Foi quando acendeu a luz fraca que a surpresa aconteceu. De imediato viu que havia algo na mesa

que não deveria estar ali, e uma segunda olhada não deixou dúvidas. Deitada de um lado, já que não podia ficar em pé sozinha, estava a figura exótica e pontiaguda que no sonho monstruoso ele arrancara da fantástica balaustrada. Não faltava nenhum detalhe. O centro em forma de barril saliente, os finos braços em disposição de raio, as protuberâncias nas duas extremidades e os braços finos de estrela-do-mar ligeiramente curvados para fora que saíam das protuberâncias; tudo estava lá. À luz da lâmpada, a cor parecia ser uma espécie de cinza iridescente com veios verdes; e Gilman pôde ver, em meio ao seu horror e assombro, que uma das protuberâncias terminava em uma borda irregular e quebrada que correspondia ao ponto que anteriormente unira a figura à balaustrada.

Ele só não gritou porque estava quase em estado de estupor. Aquela fusão de sonho e realidade era algo impossível de conceber. Atordoado, pegou o objeto e cambaleou até o quarto de Dombrowski, o senhorio. As orações pesarosas do reparador de teares supersticioso ainda podiam ser ouvidas nos corredores úmidos, mas Gilman não se importava mais. Dombrowski estava lá e deu boas-vindas a ele gentilmente. Não, ele nunca tinha visto esse objeto antes e não sabia nada sobre ele. Mas a esposa lhe dissera que havia encontrado uma coisa estranha de latão em uma das camas, enquanto limpava os quartos ao meio-dia, e talvez fosse isso. Dombrowski chamou a esposa e ela adentrou o cômodo em um gingado. Sim, tratava-se desse mesmo objeto. Ela o havia encontrado na cama do rapaz, na parte mais próxima da parede. Parecia estranho, mas o rapaz tinha tantas coisas estranhas no quarto — livros, objetos antigos, pinturas. Ela claramente não sabia nada sobre aquela figura.

Gilman subiu as escadas mais perplexo do que nunca, convencido de que ainda estava sonhando ou de que seu sonambulismo o levara a extremos inconcebíveis e a depredar lugares desconhecidos. Onde teria conseguido aquele estranho objeto? Não se lembrava de ter visto nada assim em nenhum museu de Arkham. Deve tê-lo visto em algum lugar, porém; e a visão de que o agarrava, enquanto dormia, devia ter causado aquele cenário estranho e onírico do terraço com balaústre. No dia seguinte, ele empreenderia algumas investigações cautelosas — e talvez consultaria o especialista em doenças que acometem os nervos.

Enquanto isso, tentaria monitorar seu sonambulismo. Enquanto galgava as escadas e atravessava o saguão até o sótão, espalhou no chão um pouco de farinha que pegou emprestada do senhorio depois de explicar francamente o motivo daquilo. No caminho, parou no quarto de Elwood, mas viu que estava na completa escuridão. Entrou em seu quarto, colocou o objeto pontiagudo

sobre a mesa e deitou-se na cama, mental e fisicamente exausto, sem parar para se despir. Pensou ter ouvido um ruído abafado de unhas e pequenos passos vindo do sótão fechado acima dele, mas estava cansado demais para dar atenção a isso. A misteriosa atração para o norte estava começando a se intensificar novamente, embora agora parecesse vir de um lugar muito mais baixo no céu.

Envoltos na luz violeta ofuscante de seus sonhos, a velha e a pequena coisa peluda com presas apareceram de novo, mais distintas do que em qualquer outra ocasião. Dessa vez o alcançaram de fato, e Gilman sentiu as garras secas da bruxa agarrá-lo. Sentiu que estava sendo puxado violentamente para fora da cama e jogado no vazio, e por um momento pôde ouvir os rugidos rítmicos e ver o crepúsculo amórfico dos abismos difusos que ferviam ao seu redor. Mas aquilo não durou muito: imediatamente depois, ele se viu em um espaço pequeno e sem janelas, com vigas rústicas e tábuas que se erguiam para se encontrar em um ângulo bem acima de sua cabeça e com um curioso piso em declive sob seus pés. No piso havia caixas baixas cheias de livros, em vários estados de antiguidade e conservação, e no centro havia uma mesa e um banco, aparentemente fixos no lugar. Em cima das caixas, havia uma série de pequenos objetos de formatos e uso desconhecidos, e Gilman pensou ter visto uma cópia da figura pontiaguda que tanto o intrigara sob a luz violeta brilhante. À esquerda, o piso ruiu abruptamente, deixando uma lacuna triangular negra de onde, após alguns segundos de ruídos secos, surgiu o odioso serzinho peludo de presas amarelas e rosto humano barbado.

A velha bruxa de sorriso macabro ainda o agarrava, e, do outro lado da mesa, havia uma figura que ele nunca tinha visto — um homem alto e magro, de cor negra, mas sem nenhum traço característico: não tinha cabelo nem barba, e sua única vestimenta era uma túnica sem muito formato, feita de algum tecido preto pesado. Não era possível ver seus pés por causa da mesa e do banco, mas ele devia estar calçado, pois, quando se movia, era possível ouvir o som de sapatos. Não disse nada, nem havia qualquer expressão em seu rosto. Apenas apontou para um grande livro que estava aberto sobre a mesa enquanto a bruxa colocava na mão direita de Gilman uma enorme pena cinza. Um clima de medo aterrorizante dominava o ambiente e atingiu o clímax quando o ser peludo escalou pelas roupas de Gilman até seu ombro e desceu por seu braço esquerdo, afundando, por fim, as presas no pulso do homem, logo abaixo do punho de sua camisa. Quando o sangue começou a verter da ferida, Gilman desmaiou.

Acordou no dia 22 com o pulso esquerdo dolorido e viu que o punho de

sua camisa estava manchado de sangue seco. Suas memórias eram muito confusas, mas a cena do homem negro no espaço desconhecido permanecia muito clara em sua memória. Ele supôs que os ratos o haviam mordido enquanto dormia, causando o resultado do terrível sonho. Gilman abriu a porta e viu que a farinha que ele havia espalhado no chão do corredor estava intacta, exceto pelos enormes passos do homem rústico que morava do outro lado do sótão. Então dessa vez ele não tinha andado em seus sonhos. Mas algo precisava ser feito em relação àqueles ratos. Falaria com o senhorio. Mais uma vez tentou cobrir o buraco na parte inferior da parede inclinada, pressionando uma vela que parecia ter o tamanho certo. Seus ouvidos zumbiam terrivelmente, como se houvesse um eco de algum ruído terrível percebido em sonhos.

Enquanto ele tomava banho e trocava de roupa, tentou se lembrar do que sonhara depois da parte em que vira o espaço iluminado por luz violeta, mas nada de concreto cristalizou-se em sua mente. A cena deve ter correspondido ao sótão fechado pelo qual começara a ficar tão violentamente obcecado, mas as últimas impressões eram fracas e confusas. Havia indícios dos vagos abismos envoltos em uma luz crepuscular e de outros ainda mais vastos e escuros que estavam além, sem qualquer ponto fixo. Ele fora levado pelo aglomerado de bolhas e pelo pequeno poliedro que sempre o perseguia; mas eles, como o próprio Gilman, haviam se tornado nuvens leitosas de névoa naquele vácuo final da escuridão absoluta. Havia algo mais à frente deles, uma nuvem maior que de vez em quando se condensava em formas vagas, e Gilman pensou que não se movimentavam em linha reta, mas ao longo de curvas e espirais sobrenaturais de algum vórtice etéreo que obedecia a regras desconhecidas à física e à matemática de qualquer cosmo concebível. Casualmente, havia traços de imensas sombras saltitantes, de uma monstruosa pulsação semiacústica e do som monótono e agudo de flautas invisíveis; mas nada mais. Gilman chegou à conclusão de que aquilo era reflexo do que ele havia lido no *Necronomicon* sobre a entidade negligente, Azathoth, que reinava sobre todo o tempo e o espaço de um trono negro no centro do Caos.

Ao lavar o sangue de seu pulso, descobriu que a ferida era muito superficial e a posição dos dois pequenos furos era curiosa. Percebeu que não havia sangue no lençol onde estivera deitado, um fato estranho, considerando a grande quantidade que manchava sua pele e o punho de sua camisa. Será que ele tinha andado pelo quarto adormecido e o rato o tinha mordido enquanto estava sentado em uma cadeira, ou parado em alguma posição menos lógica? Examinou todos os cantos em busca de manchas de sangue, mas não

encontrou nenhuma. Decidiu então que era melhor espalhar farinha pelo quarto e pelo corredor, embora não precisasse de mais provas de seu sonambulismo. Sabia que era sonâmbulo e o que precisava agora era se curar. Pediria ajuda a Frank Elwood. Naquela manhã, os estranhos impulsos vindos do espaço pareciam menos intensos, mas tinham sido substituídos por uma sensação ainda mais inexplicável. Era um vago e insistente impulso de escapar de sua situação presente, mas ele não fazia ideia de qual direção queria tomar. Ao pegar a estranha figura pontiaguda na mesa, pensou sentir o impulso em direção ao norte aumentar, mas, mesmo assim, a sensação era disfarçada pelo seu mais novo e desorientador impulso.

Gilman levou a imagem pontiaguda ao quarto de Elwood, preparando-se mentalmente para as lamúrias do reparador de teares que vinham do térreo. Por sorte, Elwood estava lá e parecia não estar ocupado. Havia tempo para conversar um pouco antes de tomar café e ir para a faculdade, então Gilman começou a contar seus sonhos recentes e seus medos. Seu anfitrião foi muito compreensivo e concordou que algo deveria ser feito. Ficou em choque com o aspecto abatido de seu convidado e notou a estranha e anormal queimadura solar que os outros haviam observado na semana anterior.

Não havia muito a ser dito. Ele não tinha visto Gilman perambular adormecido e não fazia ideia do que aquela imagem curiosa poderia ser. Ouvira, contudo, a conversa do franco-canadense que estava morando logo abaixo de Gilman com Mazurewicz certa noite. Conversavam sobre como temiam a Noite de Santa Valburga, que aconteceria em poucos dias, e trocavam comentários cheios de pena sobre o pobre jovem. Desrochers, o rapaz que morava embaixo do quarto de Gilman, falara sobre sons de passos calçados e descalços durante a madrugada e da luz violeta que tinha visto na outra noite, quando, com medo, subira para espiar pelo buraco da fechadura de Gilman. Contou a Mazurewicz que não se atreveu a olhar quando percebeu aquela luz saindo pelas frestas da porta. Também ouvira vozes baixas e, enquanto explicava, sua voz foi diminuindo até se tornar um sussurro inaudível.

Elwood não fazia ideia do que motivava aquelas criaturas supersticiosas a fofocar, mas pensou que suas imaginações tivessem sido estimuladas, de um lado pelo sonambulismo de Gilman, e, por outro, porque o temido Dia de Maio se aproximava. Estava evidente que Gilman falava enquanto dormia e, ouvindo pelo buraco da fechadura, Desrochers imaginara a luz violeta. Essas pessoas simplórias estavam sempre dispostas a supor que tinham, de fato, visto algo estranho sobre o que ouviram falar em algum momento. Quanto a um

plano de ação, seria melhor se Gilman se mudasse para o quarto de Elwood e evitasse dormir sozinho. Se ele começasse a falar ou se levantasse e Elwood estivesse desperto, o acordaria. Além disso, deveria procurar um psiquiatra com urgência. Enquanto isso, eles levariam a imagem pontiaguda a vários museus e a certos professores para tentar identificá-la, dizendo que a tinham encontrado em uma lata de lixo. Ademais, Dombrowski teria que colocar veneno para matar aqueles ratos.

Confortado pela companhia de Elwood, Gilman assistiu às aulas daquele dia. Os impulsos estranhos continuavam a assombrá-lo, mas conseguiu reprimi-los com considerável eficácia. Durante um intervalo, mostrou a figura estranha a vários professores, que pareceram profundamente interessados, embora nenhum deles pudesse lançar alguma luz sobre sua natureza ou origem. Naquela noite, dormiu em um divã que foi levado ao segundo andar a pedido de Elwood e, pela primeira vez em várias semanas, não teve pesadelos. Mas ainda tinha febre, e as lamúrias do reparador de teares ainda o incomodavam.

Nos dias que se seguiram, Gilman quase não teve sintomas mórbidos. Elwood disse-lhe que não havia demonstrado nenhuma tendência a se levantar ou falar enquanto dormia. Enquanto isso, o senhorio estava colocando veneno contra ratos em todos os lugares. O único elemento perturbador era a conversa dos forasteiros supersticiosos, cuja imaginação tinha aflorado. Mazurewicz insistia sempre que ele deveria arranjar um crucifixo e, por fim, forçou-o a aceitar um que fora abençoado pelo bom padre Iwanicki. Desrochers também tinha algo a dizer; insistiu que ouvira passos cautelosos no cômodo que agora estava vazio nas duas primeiras noites em que Gilman não esteve lá. Paul Choynski acreditava ter ouvido ruídos nos corredores e nas escadas durante a noite, e disse que alguém tinha tentado abrir a porta de seu quarto, enquanto a senhora Dombrowski jurava que tinha visto Brown Jenkin pela primeira vez desde a noite de Todos os Santos. Mas essas histórias ingênuas pouco significavam, e Gilman deixou o crucifixo de metal barato pendurado no puxador de uma gaveta da cômoda de seu amigo.

Durante três dias, Gilman e Elwood percorreram os museus locais tentando identificar a estranha imagem, mas sempre sem sucesso. O interesse que ela causou foi enorme, contudo, já que a completa estranheza do objeto constituía um tremendo desafio para a curiosidade científica. Um dos pequenos braços radiantes foi quebrado e submetido à análise química. O professor Ellery encontrou platina, ferro e telúrio na liga, mas, misturados a eles, havia pelo menos três outros elementos de alto peso atômico que a

química não conseguia classificar. Não apenas não correspondiam a qualquer elemento conhecido, como sequer se encaixavam nos lugares reservados para elementos prováveis da tabela periódica. O mistério permanece hoje sem solução, embora a figura encontre-se exposta no museu da Universidade de Miskatonic.

Na manhã de 27 de abril, um novo buraco feito pelos ratos apareceu no quarto em que Gilman estava hospedado, mas Dombrowski logo o fechou. O veneno aparentemente não estava fazendo muito efeito, porque os arranhões e barulhos de algo correndo por trás das paredes não haviam diminuído em nada.

Elwood voltou tarde naquela noite e Gilman ficou acordado à sua espera. Não queria dormir sozinho em um quarto, especialmente depois que imaginou ter visto, ao pôr do sol, a velha repulsiva cuja imagem começara a aparecer tão horrivelmente em seus sonhos. Perguntava-se quem era ela e o que estaria perto dela, fazendo barulho em uma pilha de lixo na entrada de um terreno baldio. A bruxa pareceu notá-lo e lançar a ele um olhar perverso, embora isso possa ter sido apenas imaginação.

No dia seguinte, os dois jovens estavam muito cansados e sabiam que dormiriam profundamente quando a noite chegasse. À tarde, conversaram sobre os estudos matemáticos, que absorviam Gilman de forma tão absoluta e talvez prejudicial, e especularam sobre sua conexão com a magia antiga e o folclore, o que parecia obscuramente provável. Conversaram sobre a bruxa Keziah Mason, e Elwood concordou que Gilman tinha boas razões científicas para acreditar que a velha poderia ter desvendado algum estranho e importante conhecimento. Os cultos secretos a que essas bruxas pertenciam frequentemente guardavam e transmitiam segredos surpreendentes de eras antigas e esquecidas; e não era de modo algum impossível que Keziah tivesse dominado a arte de atravessar as paredes das diferentes dimensões. A tradição enfatiza a inutilidade de barreiras materiais para impedir os movimentos de uma bruxa, e quem sabe o que está por trás das antigas lendas que falam sobre bruxas viajando em vassouras durante a noite?

Restava saber se um estudante moderno poderia adquirir poderes semelhantes apenas por meio de investigações matemáticas. Conseguir isso, de acordo com Gilman, poderia levar a situações perigosas e inconcebíveis, pois quem poderia antever as condições que prevaleceriam em uma dimensão adjacente, mas normalmente inacessível? Por outro lado, as possibilidades pitorescas eram enormes. O tempo poderia não existir em certas áreas do espaço, e entrar e permanecer nelas poderia preservar a vida e a idade

indefinidamente, sem que a pessoa nunca sofresse com o metabolismo ou deterioração orgânica, exceto em quantidades insignificantes e como resultado de visitas ao próprio planeta ou outros semelhantes. Seria possível, por exemplo, ir a uma dimensão atemporal e dela retornar, em um período remoto da história da Terra, tão jovem quanto era ao partir.

Era impossível saber se alguém já tinha conseguido fazer isso. As lendas antigas eram vagas e ambíguas, e todas as tentativas descritas na história de atravessar espaços proibidos parecem ser complicadas por alianças estranhas e terríveis com seres e mensageiros extraterrestes. Havia a figura imemorial do delegado ou mensageiro de poderes ocultos e terríveis, o "Homem Negro" do culto das bruxas, e o "Nyarlathotep" do *Necronomicon*. Havia também o problema desconcertante dos mensageiros mais baixos ou intermediários, aqueles seres híbridos, quase animais, que as lendas apresentam como os demônios familiares das bruxas. Quando por fim se deitaram, cansados demais para continuar falando, Gilman e Elwood escutaram Joe Mazurewicz entrar em casa cambaleando, meio bêbado, e estremeceram ao ouvir o tom angustiado de suas orações.

Naquela noite, Gilman viu a luz violeta novamente. Sonhou ter escutado o barulho de arranhões do outro lado da parede, e achou que alguém estava tentando abrir o trinco da porta de forma desajeitada. E então ele viu a bruxa e a pequena criatura peluda atravessando o tapete em direção a ele. O rosto da bruxa estava iluminado por uma exultação desumana e o pequeno monstro mórbido de presas amarelas dava risadinhas debochadas enquanto apontava para o corpo adormecido de Elwood, que dormia no sofá no outro extremo da sala. O medo o paralisou e impediu que gritasse. Como da outra vez, a bruxa horrível agarrou Gilman pelos ombros, puxou-o para fora da cama e o arrastou para o vazio. Mais uma vez, uma infinidade de abismos que rugiam passou por seus olhos como um raio, mas, um segundo depois, ele se viu em um beco escuro, enlameado e desconhecido, onde os odores fétidos das paredes em ruínas das casas antigas o cercavam por todos os lados.

Na frente dele estava o homem negro em túnicas que ele tinha visto no espaço pontiagudo de seu outro sonho, enquanto a bruxa, mais perto dele, gesticulava e fazia caretas. Brown Jenkin se esfregava com uma espécie de afeição brincalhona nos tornozelos do homem negro, em grande parte escondidos pela lama. À direita, havia uma porta escura escancarada, para qual o homem negro apontava em silêncio. A bruxa começou, então, a arrastar Gilman pelas mangas do pijama para dentro daquela porta. Subiram por uma escada fedorenta, que rangia com mau agouro, e sobre a qual a bruxa parecia

lançar uma fraca luz violeta. Por fim, ela parou diante de uma porta em um patamar. A bruxa mexeu desajeitadamente no trinco e abriu a porta, fazendo um sinal para que Gilman esperasse, e desapareceu na escuridão.

Os ouvidos ultrassensíveis do jovem escutaram um grito estrangulado, e, depois de alguns momentos, a bruxa saiu do quarto carregando uma pequena figura inanimada que empurrou para Gilman, como que ordenando que ele a carregasse. A visão daquela figura e a expressão em seu rosto quebraram o feitiço. Ainda atordoado demais para gritar, Gilman correu para a rua com afobação através das escadas ruidosas até chegar ao chão enlameado, parando apenas ao encontrar e ser estrangulado pelo homem negro, que o esperava ali. Já quase perdendo a consciência, ele ouviu a risada aguda da aberração que parecia um rato com presas afiadas.

Na manhã do dia 29, Gilman acordou em um turbilhão de horror. Assim que abriu os olhos, percebeu que algo assombroso tinha acontecido, porque estava em seu antigo quarto de paredes e tetos inclinados, estirado na cama agora desfeita. Sua garganta doía inexplicavelmente e, ao sentar-se na cama, percebeu, horrorizado, que seus pés e pijamas estavam marrons e sujos de lama seca. Apesar da nebulosidade de suas memórias, sabia que o sonambulismo havia atacado novamente. Elwood devia estar em um sono profundo demais para ouvi-lo e detê-lo. Ele notou pegadas confusas e manchas de lama no chão que, curiosamente, não iam até a porta. Quanto mais Gilman as olhava, mais estranhas pareciam; porque, além das marcas de seus próprios pés, havia também outras, menores e quase redondas, como os pés de uma cadeira grande ou de uma mesa, mas todas pareciam estar divididas ao meio. Também havia pegadas de ratos saindo do buraco na parede e voltando para ele. O espanto total e o medo da insanidade atormentavam Gilman quando ele cambaleou até a porta e viu que não havia pegadas do lado de fora. Quanto mais se lembrava de seu sonho horrível, mais apavorado ficava; e ouvir as orações fúnebres de Mazurewicz dois andares abaixo o deixava ainda mais desesperado.

Foi até o quarto de Elwood, acordou-o e começou a contar o que havia acontecido, mas Elwood não conseguia imaginar o que de fato sucedera. Aonde Gilman poderia ter ido? Como havia retornado ao seu quarto sem deixar pegadas no corredor? Como as manchas de lama, que pareciam pegadas de móveis, misturaram-se às dele no sótão? Eram perguntas que não tinham resposta. Havia ainda aquelas marcas escuras e arroxeadas no pescoço dele, como se tivesse tentado se estrangular. Tocou-as com as mãos, mas viu que o tamanho delas nem se aproximava do das marcas. Enquanto conversavam,

Desrochers apareceu para lhes dizer que ouvira uma terrível balbúrdia no andar de cima durante a madrugada. Não, ninguém subira as escadas depois da meia-noite, embora pouco antes da meia-noite ele tenha ouvido passos no sótão e depois descendo as escadas com cautela, e ele não gostava daquilo. Acrescentou que era uma época muito ruim do ano em Arkham e seria melhor se Gilman sempre carregasse o crucifixo que Joe Mazurewicz lhe dera. Nem mesmo durante o dia estaria seguro, porque, mesmo depois do amanhecer, ouvira ruídos estranhos na casa, especialmente o grito estridente de uma criança, como se estivesse sendo sufocada.

Gilman assistiu à aula de forma mecânica naquela manhã, mas não conseguiu se concentrar nos estudos. Sentia-se tomado por um medo indescritível e uma espécie de expectativa; parecia estar esperando que algo terrível acontecesse. Ao meio-dia, almoçou na universidade e pegou um jornal no assento ao lado enquanto esperava a sobremesa. Mas nunca chegou a comê-la, porque uma notícia na primeira página do jornal tirou suas forças, e tudo que conseguiu fazer foi pagar a conta e voltar cambaleando para o quarto de Elwood.

Na noite anterior, havia acontecido um estranho sequestro na passagem de Ornes. Um menino de dois anos, filho de uma lavadeira chamada Anastasia Wolejko, desaparecera sem deixar vestígios. Ao que tudo indicava, a mãe temia tal acontecimento havia algum tempo, mas as razões que havia fornecido para explicar seus medos eram tão grotescas que ninguém a havia levado a sério. Dissera que via Brown Jenkin ocasionalmente nos arredores de sua casa desde o início de março, e que sentira, pelas expressões faciais dele, que o pequeno Ladislas fora escolhido para o sacrifício no terrível Sabbath da Noite de Santa Valburga. Ela pedira à vizinha, Mary Czanek, que dormisse em seu quarto e tentasse proteger a criança, mas Mary não tivera coragem. A mulher não podia procurar a polícia, porque eles não acreditavam nessas coisas. Desde que ela se lembrava por gente, sabia que todos os anos eles pegavam uma criança dessa maneira. E seu amigo Pete Stowacki não queria ajudá-la pois queria se livrar da criança.

Mas o que mais impressionou Gilman foram as declarações de uma dupla de foliões que havia passado pela entrada do beco pouco depois da meia-noite. Eles reconheceram que estavam bêbados, mas ambos alegaram ter visto três pessoas vestidas de uma maneira muito peculiar entrando furtivamente no beco. Uma delas, diziam, era um negro gigantesco envolto em uma túnica; a outra, uma mulher velha e maltrapilha e a terceira, um rapaz branco em suas roupas de dormir. A velha arrastava o jovem e um rato domesticado esfregava-

se nos tornozelos do negro e chafurdava na lama escura.

Gilman permaneceu sentado a tarde toda em um estado de estupor, e Elwood, que já tinha lido os jornais e conjecturado ideias terríveis com o que viu, o encontrou nesse estado quando chegou em casa. Dessa vez, não podiam duvidar de que algo terrivelmente sério havia acontecido e que eles corriam perigo. Cristalizava-se, entre os fantasmas dos pesadelos e as realidades do mundo objetivo, uma relação monstruosa e inimaginável, e somente muita vigilância poderia evitar que coisas ainda mais horríveis acontecessem. Gilman teria que consultar um psiquiatra mais cedo ou mais tarde, mas não agora, que todos os jornais estavam falando sobre o sequestro.

O que realmente tinha acontecido era muito obscuro e, por alguns momentos, Gilman e Elwood criaram as teorias mais extravagantes. Será que Gilman teria tido mais sucesso do que imaginava em seus estudos sobre o espaço e suas dimensões enquanto estava inconsciente? Teria ele realmente deixado nosso ambiente terrestre para alcançar lugares nunca imaginados? Onde estivera, se é que esteve em algum lugar, naquelas noites de demoníaca alienação? Os abismos cheios de ruídos, a colina verde, o terraço em chamas... a atração exercida pelas estrelas, o grande vórtice negro, o homem negro, o beco lamacento e a escadaria... a velha bruxa e o horrível bicho peludo com presas... os conglomerados de bolhas e o pequeno poliedro... o estranho bronzeado em sua pele, a ferida no pulso, a figura inexplicável... os pés enlameados, as marcas no pescoço... as histórias contadas pelos forasteiros supersticiosos. O que significava tudo aquilo? Até que ponto as leis da sanidade poderiam ser aplicadas a um caso assim?

Nenhum deles conseguiu dormir naquela noite, mas no dia seguinte não foram à aula e dormiram por horas. Era 30 de abril, e com o crepúsculo viria a hora diabólica do Sabbath, temida por todos os forasteiros e velhos supersticiosos. Mazurewicz voltou para casa às seis da tarde com a notícia de que as pessoas no moinho diziam que as festividades de Santa Valburga aconteceriam na ravina escura além de Meadow Hill, onde se encontrava a antiga pedra branca em um lugar estranhamente desprovido de qualquer vegetação. Alguns tinham até contatado a polícia, aconselhando-os a procurar a criança desaparecida de Wolejko, embora acreditassem que os policiais não tomariam medida alguma. Joe insistiu para que o jovem estudante continuasse carregando o crucifixo pendurado na corrente de níquel, e Gilman obedeceu para agradá-lo, deixando-o pendurado sob a camisa.

Mais tarde, à noite, os dois jovens sentaram-se meio adormecidos em suas cadeiras, embalados pelas preces do reparador de teares no andar de baixo.

Gilman ouvia e balançava a cabeça, e seus ouvidos, sobrenaturalmente aguçados, pareciam se esforçar para captar algum murmúrio sutil e aterrorizante abafado pelos sons da velha casa. Memórias perniciosas de coisas lidas no *Necronomicon* e no Livro Negro brotavam em sua mente, e ele começou a se balançar em ritmos execráveis, supostamente pertencentes às cerimônias mais sombrias do Sabbath, cuja origem remontava a um tempo e um espaço alheios aos nossos.

Percebeu, por fim, que estava tentando ouvir os cantos infernais dos celebrantes no vale distante e sombrio. Como ele sabia tanto sobre o assunto? Como sabia a hora em que Nahab e seu acólito apareceriam com o vaso transbordante que precederia o galo preto e o bode? Ele percebeu que Elwood havia adormecido e tentou gritar para que ele acordasse, mas algo fechava sua garganta. Ele não era dono de si mesmo. Teria ele assinado o livro do homem negro, afinal?

Então, sua audição anormal captou as notas distantes nas asas do vento. Chegavam até ele através de quilômetros de colinas, prados e becos, mas ele as reconhecia apesar de tudo. As fogueiras já deviam estar acesas e, os dançarinos, prontos para começar a dança. Como evitar ir para lá? Em que rede havia caído? Matemática, lendas, a casa, a velha Keziah, Brown Jenkin... E agora ele notava que havia um novo buraco aberto pelos ratos na parede perto do sofá. Acima dos cantos distantes e das orações mais próximas de Mazurewicz, ele ouviu outro ruído: o som de arranhões contínuos e determinados nas paredes. Temia que a luz elétrica acabasse. Então viu a criatura com presas e rosto barbudo espiando pelo buraco de rato — um rosto que ele finalmente percebeu se parecer de forma chocante e debochada ao da velha Keziah, e então ouviu alguém tateando a porta.

Os abismos escuros e barulhentos explodiram diante dele, e Gilman se sentiu desamparado no conglomerado amorfo de bolhas iridescentes. À sua frente, movia-se com agilidade o pequeno poliedro caleidoscópico, e ao redor do vazio turbulento, o vago padrão tonal que parecia pressagiar um clímax indescritível e insuportável crescia e se acelerava. Ele parecia saber o que ia acontecer: a explosão monstruosa do ritmo de Valburga, em cujo timbre cósmico estariam concentradas todas as efervescências do espaço-tempo primordial, que estão por trás das esferas concentradas de matéria e às vezes irrompem em reverberações uniformes que penetram levemente em cada camada da entidade e dão um significado terrível, através dos mundos, a certos períodos terríveis.

Mas tudo isso desapareceu em segundos. Ele estava novamente naquele

espaço apertado e pontiagudo iluminado por uma luz violeta e com o piso inclinado, as caixas de livros antigos, o banco e a mesa, os objetos estranhos, o vórtice triangular em um dos lados. Na mesa, encontrava-se uma pequena figura branca — um menino, sem roupas e desacordado — enquanto, do outro lado, a velha monstruosa o encarava, segurando, em sua mão direita, uma faca grotesca e afiada que chegava a brilhar, e, na esquerda, uma bacia de metal de proporções estranhas coberta com sinais curiosos e alças delicadas. Entoava algum tipo de canto ritual em alguma língua que Gilman não conseguia reconhecer, mas que parecia algo discretamente mencionado no *Necronomicon*.

Quando a cena se tornou mais clara diante seus olhos, Gilman viu a bruxa se inclinar para a frente e empurrar a bacia vazia por sobre a mesa. Incapaz de controlar suas emoções, Gilman se curvou para a frente e pegou a bacia com as duas mãos, e percebeu, ao fazê-lo, a relativa leveza do objeto. No mesmo momento, a figura repulsiva de Brown Jenkin escalou até a borda do buraco negro triangular à esquerda. A bruxa então acenou para que mantivesse a bacia em uma determinada posição, e levantou a enorme faca sobre a pequena vítima, erguendo sua mão o mais alto que conseguiu. Rindo, a criatura peluda de presas afiadas dava continuidade ao ritual desconhecido, enquanto a bruxa murmurava palavras repugnantes. Gilman sentiu uma profunda repulsa atravessar sua paralisia mental e corporal, o que fez a bacia de metal tremer em suas mãos. Um segundo depois, o movimento rápido e descendente da faca quebrou completamente o feitiço e Gilman deixou cair a bacia, fazendo ecoar um barulho parecido com o de sinos, enquanto as mãos avançavam para frente a fim de tentar impedir aquele ato monstruoso.

Em um instante, ele contornou o piso inclinado, alcançou a extremidade da mesa e arrancou a faca das garras da velha, jogando-a de forma barulhenta na beirada do buraco triangular. Logo depois, porém, o jogo se inverteu: as garras mortíferas agora o prendiam pela garganta, enquanto o rosto enrugado se contorcia de fúria. Gilman sentiu a corrente do crucifixo barato raspar em seu pescoço e, naquela situação de perigo, perguntou-se como a visão do objeto afetaria a criatura maligna. A força dela era sobrenatural, mas, enquanto a bruxa continuava tentando sufocá-lo, ele tateou sua camisa e puxou o símbolo de metal, estourando a corrente e libertando-o.

Ao ver o objeto, a bruxa pareceu entrar em pânico e relaxou o punho o suficiente para que Gilman conseguisse escapar. Ele arrancou as garras, que pareciam ser feitas de aço, de seu pescoço e teria arrastado a bruxa até o buraco se as garras não tivessem recuperado as forças e se fechado novamente. Dessa vez, ele resolveu retribuir da mesma forma: suas próprias mãos agarraram o

pescoço da criatura. Antes mesmo que a velha percebesse o que ele estava fazendo, Gilman enrolou a corrente do crucifixo no pescoço dela e, em pouco tempo, ele já havia apertado o suficiente para que a bruxa não conseguisse respirar. Enquanto a velha lutava para sobreviver, ele sentiu algo morder seu tornozelo e notou que Brown Jenkin tinha vindo ajudá-la. Desferindo um forte chute, Gilman atirou a criatura mórbida para a entrada do buraco e o ouviu choramingar em algum andar muito abaixo.

Ele não sabia se conseguira matar a bruxa, mas a deixou esparramada no chão, no lugar em que ela caíra. E então, ao se virar, viu algo na mesa que quase apagou os últimos vestígios de sua razão. Brown Jenkin, dotado de músculos fortes e quatro mãos minúsculas de destreza demoníaca, estivera ocupado enquanto a bruxa tentava estrangulá-lo. Os esforços de Gilman tinham sido em vão. O que ele impediu que a faca fizesse ao peito da vítima, as presas amarelas do monstro peludo haviam feito no pulso dela, e a bacia, que tão tardiamente tinha ido ao chão, estava cheia, ao lado do pequeno corpo sem vida.

Em seu delírio sonhado, Gilman ouviu o ritmo inumano do canto diabólico do Sabbath vindo de uma distância infinita, e sabia que o homem negro devia estar lá. As lembranças confusas misturavam-se com a matemática, e parecia-lhe que seu inconsciente conhecia os ângulos de que precisava para retornar ao mundo normal, sozinho e sem ajuda, pela primeira vez. Tinha certeza de que estava no sótão acima de seu quarto, hermeticamente fechado desde tempos imemoriais, mas duvidava de que conseguiria escapar pelo piso inclinado ou pela saída bloqueada. Ademais, fugir de um sótão do mundo dos sonhos não o levaria simplesmente a uma casa também dos sonhos, a uma projeção anômala do lugar que ele de fato procurava? Estava inteiramente confuso acerca da relação entre sonho e realidade em todas as suas experiências.

A passagem por esses abismos vagos seria terrível, porque o ritmo de Valburga estaria vibrando, e no fim ele teria que ouvir a pulsação cósmica que tanto temia e que até agora tinha sido velada. Mesmo agora, ele podia sentir um tremor baixo e monstruoso, cujo ritmo reconhecia muito bem. Na noite de Sabbath, o som sempre ficava mais alto e ressoava através dos mundos para convocar os iniciados para ritos indescritíveis. Metade das canções da noite de Sabbath era moldada ao ritmo daquela pulsação que mal se ouvia, mas que nenhum ouvido humano poderia suportar em sua plenitude espacial. Gilman também se perguntou se poderia confiar em seus instintos para voltar ao lugar certo. Como ter a certeza de que não pousaria naquela encosta de luz

esverdeada de um planeta distante, no terraço de ladrilhos acima da cidade dos monstros tentaculares, em algum lugar além da nossa galáxia, ou nos vórtices negros daquele vazio do Caos, onde reina Azathoth, o negligente sultão demoníaco?

Pouco antes de seu mergulho, a luz violeta se extinguiu, deixando Gilman na mais completa escuridão. A bruxa, a velha Keziah — Nahab —, devia ter morrido e, com ela, tudo que lhe dizia respeito. E, misturado aos cantos distantes da noite do Sabbath e com os gemidos de Brown Jenkin no abismo abaixo, ele pensou ter ouvido outros lamentos mais frenéticos vindos de profundezas desconhecidas. Joe Mazurewicz — suas orações contra o Caos Rastejante, que agora se transformavam em um grito de triunfo —, mundos de realidade sardônica que invadiam um turbilhão de sonhos febris — Iä! Shub-Niggurath! A Cabra com Mil Crias!

Encontraram Gilman caído no chão do sótão de ângulos estranhos muito antes do amanhecer, pois o terrível grito atraíra Desrochers, Choynski, Dombrowski e Mazurewicz e até acordara Elwood, que dormia pesadamente em sua cadeira. Gilman estava vivo, com os olhos arregalados e fixos, mas parecia inconsciente. Tinha as marcas deixadas pelas mãos assassinas em seu pescoço e uma mordida de rato no tornozelo. Suas roupas estavam terrivelmente amarrotadas e o crucifixo de Joe havia desaparecido. Elwood tremia, com medo até de especular sobre os novos caminhos que o sonambulismo de seu amigo poderia ter tomado. Mazurewicz parecia bastante chocado com um "sinal" que disse ter recebido em resposta às suas orações e fez o sinal da cruz quando um rato guinchou do outro lado da parede inclinada.

Depois de acomodar o sonhador em um divã no quarto de Elwood, mandaram chamar o Dr. Malkowski, um médico da vizinhança que não repetia histórias que pudessem causar embaraço. O médico aplicou duas injeções em Gilman, que o fizeram relaxar e o deixaram sonolento. O paciente recuperava a consciência em alguns momentos durante o dia e murmurava a Elwood algumas passagens de seus mais recentes pesadelos. Foi um processo muito doloroso e logo de início um fato desconcertante foi revelado.

Gilman, cujos ouvidos ultimamente haviam demonstrado uma sensibilidade anormal, estava completamente surdo. O Dr. Malkowski foi chamado de volta sem demora e disse que Gilman tinha ambos os tímpanos perfurados como resultado de um som maior do que qualquer ser humano poderia conceber ou suportar. O médico não soube dizer como Gilman tinha ouvido tal barulho nas últimas horas, sem que todo o vale do Miskatonic

também despertasse.

Elwood escrevia sua parte na conversa para facilitar o diálogo. Nenhum deles conseguia explicar aquele acontecimento caótico e decidiram que o melhor a fazer era evitar ao máximo pensar sobre o assunto. Concordaram, contudo, em deixar aquela maldita casa o mais rápido possível. Os jornais da noite falavam de uma busca policial por alguns foliões pouco antes do amanhecer, em um desfiladeiro além de Meadow Hill, mencionando que a pedra branca que havia lá era objeto de superstições havia muito tempo. Ninguém fora detido, mas, entre os fugitivos, pensavam ter visto um enorme homem negro. Em outra coluna, foi dito que nenhum vestígio de Ladislas Wolejko, a criança desaparecida, havia sido encontrado.

A pior parte do horror aconteceu naquela noite. Elwood nunca se esqueceria disso, e não poderia voltar às aulas pelo resto do ano devido ao colapso nervoso que sofreu como resultado. Pensou ter ouvido os ratos do outro lado da divisão a noite toda, mas prestou pouca atenção a eles. Foi então, muito depois que Gilman e ele foram dormir, que começaram os gritos atrozes. Elwood pulou da cama, acendeu as luzes e correu até o sofá onde seu amigo dormia. Gilman gritava, e eram gritos de uma natureza verdadeiramente desumana, como se estivesse sendo torturado. Ele se contorcia sob os lençóis e uma grande mancha vermelha começou a se espalhar nos cobertores.

Elwood mal ousava tocá-lo, mas, pouco a pouco, os gritos e a agitação diminuíram. Nesse momento, Dombrowski, Choynski, Desrochers, Mazurewicz e o hóspede do andar de cima já estavam reunidos na porta do quarto, e o senhorio tinha pedido à esposa que chamasse novamente o Dr. Malkowski. Todos gritaram quando uma criatura enorme em forma de rato saltou de debaixo das cobertas ensanguentadas e fugiu pelo chão até um novo buraco na parede. Quando o médico chegou e começou a remover as roupas de cama, Walter Gilman estava morto.

Seria uma atrocidade fazer mais do que supor o que matou Gilman. Ele tinha um túnel aberto em seu corpo, e alguma coisa tinha comido seu coração. Dombrowski, desesperado por sua tentativa de envenenar os ratos não ter funcionado, rescindiu os contratos de aluguel e em menos de uma semana tinha se mudado com todos os antigos inquilinos para uma casa despedaçada, mas menos antiga, localizada na Walnut Street. Por algum tempo, o mais difícil foi conseguir manter Mazurewicz em silêncio, pois o reparador de teares, taciturno, não conseguia manter-se sóbrio e não parava de se lamentar e falar sobre fantasmas e coisas terríveis.

Parece que, naquela última noite assombrosa, Joe passou para ver de perto as pegadas vermelhas deixadas pelo rato da cama de Gilman até o buraco na parede. Elas pareciam confusas no carpete, mas havia uma faixa de chão exposta da borda do tapete até o rodapé. Ali, Mazurewicz encontrou algo monstruoso, ou achou que havia encontrado, porque ninguém concordava com ele, apesar da indubitável estranheza das pegadas. As marcas do chão eram muito diferentes daquelas geralmente deixadas por ratos, mas nem mesmo Choynski e Desrochers quiseram admitir que pareciam pegadas de quatro minúsculas mãos humanas.

A casa nunca mais foi alugada. Assim que Dombrowski saiu, a desolação começou a se abater sobre ela. As pessoas evitavam a casa tanto por sua má reputação quanto pelo mau cheiro que agora apresentava. Talvez o veneno contra os ratos do inquilino anterior tivesse enfim funcionado, pois, logo após sua partida, a casa se tornou um pesadelo para a vizinhança. As autoridades de saúde descobriram que o odor vinha de espaços fechados que ficavam acima e ao lado do sótão da casa e concluíram que o número de ratos mortos lá devia ser enorme. Decidiram, entretanto, que não valia a pena abrir e desinfetar aqueles lugares fechados havia tanto tempo, pois o mau cheiro logo desapareceria e o bairro não tinha padrões muito exigentes. Na verdade, os boatos diziam que cheiros inexplicáveis saíam lá de cima, da Casa da Bruxa, imediatamente após o Dia de Maio e da Noite de Todos os Santos. Os vizinhos se resignaram por inércia, mas o mau cheiro foi outro elemento contra aquele lugar. Por fim, a casa foi declarada inabitável pelas autoridades.

Os sonhos de Gilman e as circunstâncias que os cercaram nunca foram explicados. Elwood, cujas ideias sobre esse episódio às vezes beiravam a loucura, retornou à universidade no outono seguinte e se formou em junho. Ao voltar, notou que os comentários tinham diminuído na cidade e, de fato, apesar de alguns boatos ainda circularem sobre o riso fantasmagórico que ecoava na casa deserta, que permaneceriam enquanto a construção se mantivesse de pé, não foi reportada nenhuma aparição da velha Keziah ou de Brown Jenkin desde a morte de Gilman. Foi uma sorte que Elwood não estivesse em Arkham no fim daquele ano, quando certos acontecimentos fizeram com que os boatos sobre horrores antigos fossem retomados abruptamente. Ele ouviu sobre o assunto mais tarde, é claro, e sofreu os incontáveis tormentos de conjecturas sombrias e angustiadas, mas teria sido pior se ele tivesse estado lá e visto as coisas que provavelmente teria visto.

Em março de 1931, uma grande tempestade arrancou o telhado e a grande chaminé da Casa da Bruxa, que estava abandonada até então, e muitos tijolos,

telhas e tábuas podres caíram do sótão e se espalharam pelo andar abaixo. Todo o andar do sótão ficou coberto de escombros, mas ninguém se incomodou em tocar naquilo até a hora da inevitável demolição da casa decrépita. A demolição começou em dezembro, quando trabalhadores relutantes e apreensivos começaram a limpar o quarto que havia sido de Gilman. E foi então que começaram os boatos.

Entre os escombros caídos do telhado inclinado, os trabalhadores descobriram várias coisas que os levaram a interromper o trabalho e chamar a polícia. A polícia, por sua vez, exigiu a presença do médico legista e de vários professores da universidade. Havia ali ossos, esmagados e estilhaçados — mas facilmente identificáveis como de seres humanos —, cuja contemporaneidade entrava em estranho conflito com a data remota em que o único esconderijo provável, o sótão baixo e de chão inclinado, havia supostamente sido selado, sem que nenhum humano pudesse ter acesso a ele. O médico legista considerou que alguns dos ossos pertenciam a uma criança pequena, enquanto outros, encontrados misturados com retalhos de um tecido marrom, escuro e podre, pertenciam a uma mulher baixa e idosa. Um exame cuidadoso dos escombros também permitiu encontrar lotes de ossos de ratos surpreendidos pelo colapso, e outros ossos de ratos mais antigos roídos por pequenas presas que foram — e ainda são — tema de discussão.

Entre outros objetos encontrados, estavam fragmentos de livros e papéis, além de uma poeira amarelada, resultado da total desintegração de volumes e documentos mais antigos. Todos os livros e documentos, sem exceção, pareciam tratar de magia negra em suas formas mais avançadas e assustadoras, e a data evidentemente recente de alguns deles permanece um mistério tão inexplicável quanto a presença de ossos humanos recentes. Um mistério ainda maior é a absoluta homogeneidade da complicada e arcaica caligrafia encontrada em uma grande diversidade de papéis cujo estado e filigrana sugerem diferenças temporais de pelo menos cento e cinquenta ou duzentos anos. Para alguns, porém, o maior dos mistérios é a variedade de objetos completamente inexplicáveis encontrados entre os detritos, em diversos estados de conservação e deterioração, cuja forma, materiais, tipo de construção e propósito escapam a qualquer conjectura. Um dos objetos, que despertou profundamente a curiosidade de vários professores da Universidade de Miskatonic, é uma monstruosidade deteriorada muito parecida com a imagem que Gilman doou ao museu da faculdade, exceto que é grande, esculpida em uma pedra azul rara em vez de metal, e com um pedestal de ângulos incomuns com hieróglifos indecifráveis.

Arqueólogos e antropólogos ainda tentam explicar os estranhos desenhos gravados em uma leve bacia de metal achatada, cuja parte interna apresentava escuras e bizarras manchas. Forasteiros e idosas supersticiosas falam com o mesmo assombro sobre um crucifixo moderno de níquel com a corrente partida encontrado entre os escombros e identificado por Joe Mazurewicz como o mesmo que ele dera ao pobre Gilman muitos anos antes. Alguns acreditam que os ratos arrastaram o crucifixo para o sótão fechado, enquanto outros acham que ele devia estar o tempo todo no velho quarto de Gilman. E ainda há outros, incluindo o próprio Joe, que defendem teorias fantásticas demais para merecerem o crédito de uma pessoa sensata.

Quando a parede inclinada do quarto de Gilman foi demolida, descobriu-se que o espaço triangular entre o tabique e a parede norte da casa continha uma quantidade muito menor de detritos do que o próprio quarto, mesmo considerando seu tamanho, embora um depósito horrível de materiais mais antigos tenha sido encontrado lá, deixando os trabalhadores paralisados de medo. Em resumo, o espaço era um verdadeiro depósito de ossos de crianças, alguns bem recentes, enquanto outros remontando, em gradação infinita, a um período tão remoto que sua desintegração era quase total. Nessa camada profunda de ossos repousava uma faca enorme, de evidente antiguidade e com um desenho grotesco, exótico e muito ornamentado, sobre a qual os escombros se acumularam.

Em meio a esses detritos, espremido entre uma tábua caída e uma pilha de tijolos da chaminé, havia algo que provocaria ainda mais perplexidade, pavor e boatos supersticiosos em Arkham do que qualquer outra coisa já encontrada naquela casa amaldiçoada.

Tratava-se do esqueleto parcialmente esmagado de um enorme rato, cuja anormalidade anatômica ainda é objeto de discussão e fonte de curiosa reticência entre os membros do departamento de anatomia da Universidade de Miskatonic. Pouco foi dito sobre esse esqueleto, mas os trabalhadores que o encontraram murmuram, chocados, sobre os longos cabelos castanho-escuros associados a ele.

Boatos dizem que os ossos das pernas minúsculas sugerem a capacidade preênsil mais típica de um pequeno macaco do que de um rato, enquanto o pequeno crânio, com as presas amarelas afiadas, é da mais completa anomalia e, visto de determinados ângulos, assemelha-se a uma paródia em miniatura, monstruosamente degradada, de um crânio humano. Os trabalhadores, assustados, fizeram o sinal da cruz quando se depararam com essa blasfêmia, mas, em seguida, foram acender velas na igreja de St. Stanislaus, para dar

graças pelas risadas zombeteiras e fantasmagóricas que esperavam nunca mais ouvir novamente.

Nyarlathotep

> “E por fim, do interior do Egito veio o estranho Obscuro, a quem todos se curvaram; silencioso, esguio, soturnamente orgulhoso, envolvido em tecidos vermelhos como a chama do pôr do sol. Multidões pressionavam a seu redor, fanáticos por comando, mas ao saírem não podiam dizer que o haviam ouvido; enquanto através das nações espalhava-se a aterradora palavra de que bestas selvagens o seguiam e lambiam suas mãos.”
>
> “O fungo de Yuggoth” — H.P. Lovecraft

Conhecido como o “Caos Rastejante”, Nyarlathotep é um intermediário entre os deuses e seus cultistas. Ao contrário da maioria das entidades, que pouco se importam com a humanidade, esse deus demonstra um interesse especial na raça humana, sobretudo em vê-la tender à loucura e cair em ruína.

Há teorias que declaram ser ele a personificação dos poderes telepáticos dos Deuses Exteriores, mas ninguém sabe ao certo. O Caos Rastejante é um mistério inserido num enigma. Venerado em todo o Universo através de incontáveis nomes e disfarces, Nyarlathotep é uma das forças mais presentes no cosmos.

Entre suas formas estão: um homem obscuro envolto em panos (o “Homem Negro”, do Sabbath medieval das bruxas); a Língua Sangrenta, um ser monstruoso com garras e um único tentáculo vermelho no lugar da face; Abu Hol, o Pai do Horror — uma esfinge sem face, com corpo de hiena e asas de abutre; a Mulher Inchada, um horror disforme com tentáculos e bocas dotadas de dentes afiados espalhados pelo corpo; Shugoran, o homem negro com um chifre na testa; Lrogg, um morcego de duas cabeças; O Habitante nas Trevas, um ser com um tentáculo cônico no lugar da cabeça e tentáculos simétricos pelo corpo, que terminam em mãos humanoides; entre muitos outros.

É dito que Nyarlathotep é o próprio Apocalipse, e que um dia destruirá a humanidade ao conceder-nos um novo tipo de magia científica. As próprias bombas nucleares são um dom concedido por Nyarlathotep.

> “E para onde Nyarlathotep foi, o descanso desapareceu, pois as pequenas horas foram rasgadas com os gritos de pesadelo.”
>
> H.P. Lovecraft sobre Nyarlathotep

Nyarlathotep

Nyarlathotep... o caos rastejante... sou o último... faço meu relato ao vazio...

Não me lembro exatamente de quando começou, mas já faz meses. A tensão, como um todo, era horrível. A uma época de agitações políticas e sociais foi adicionada uma apreensão estranha e sombria de um horrendo perigo físico; um perigo generalizado e abrangente, que só poderia ser encontrado nos mais terríveis fantasmas da noite. Lembro-me de que as pessoas andavam com rostos pálidos e preocupados, e sussurravam avisos e profecias que ninguém em sã consciência se atrevia a repetir ou a admitir que ouvira. Um tremendo sentimento de culpa assolava o lugar, e do abismo entre as estrelas sopravam correntes frias que faziam os homens estremecerem em lugares escuros e solitários. Houve uma alteração demoníaca no curso das estações — o calor do outono se prolongou de uma forma assustadora, e todos sentiram que o mundo, e talvez o universo, tivesse escapado do controle de deuses ou forças conhecidos e passado para o de deuses e forças desconhecidos.

E foi então que Nyarlathotep veio do Egito. Quem ele era, ninguém sabia, mas tinha o velho sangue nativo e a aparência de um faraó. Os felás se ajoelharam quando o viram, mas não sabiam dizer por quê. Ele disse que se ergueu da escuridão dos vinte e sete séculos, e que ouvira mensagens de lugares que não ficavam neste planeta. Às terras da civilização veio Nyarlathotep, de compleição escura, esbelto e sinistro, sempre comprando estranhos instrumentos de vidro e metal e combinando-os em instrumentos ainda mais estranhos. Discorreu muito sobre as ciências — sobre eletricidade e psicologia — e deu exibições de poder que faziam os espectadores se afastarem, perplexos, mas que elevaram sua fama a uma magnitude ainda maior. Os homens aconselhavam uns aos outros a ver Nyarlathotep e estremeciam. E por onde Nyarlathotep passava, o sossego desaparecia; pois as primeiras horas da madrugada eram cortadas por gritos de pesadelo. Os gritos de pesadelo nunca haviam sido um problema tão público, e agora os sábios quase desejavam proibir o sono nessas horas, para que os gritos da cidade não

perturbassem tão horrivelmente a pálida e piedosa lua, que brilhava sobre as águas esverdeadas que deslizavam sob pontes e velhos campanários deteriorando-se contra o débil céu.

Lembro-me de quando Nyarlathotep chegou à minha cidade — a grandiosa, antiga e terrível cidade dos incontáveis crimes. Meu amigo havia me contado sobre ele, e sobre o fascínio e encanto estimulantes suscitados por suas revelações, e tornei-me ávido para explorar seus mistérios mais profundos. De acordo com meu amigo, tratava-se de coisas horríveis e impressionantes, que extrapolavam meus pensamentos mais febris; que aquilo que era jogado sobre a tela em uma sala escura profetizava coisas que só Nyarlathotep ousou profetizar, e que no crepitar de suas faíscas eram extraídas dos homens coisas nunca antes reveladas, ainda que se mostrassem apenas nos olhos. E ouvi dizer que, em outras paragens, aqueles que conheciam Nyarlathotep fitavam paisagens invisíveis aos outros.

Foi no cálido outono que saí pela noite com a multidão inquieta para ver Nyarlathotep; atravessando a noite sufocante e galgando as escadas infindáveis até a sala asfixiante. E sombreado em uma tela, vi formas encapuzadas em meio a ruínas, e rostos amarelos e cruéis espiando por trás de monumentos desmoronados. E vi o mundo lutar contra a escuridão; contra as ondas de destruição vindas do espaço supremo; rodopiando, agitando, batalhando em torno do sol, que fenecia e esfriava.

Então as faíscas dançaram surpreendentemente ao redor da cabeça dos espectadores, e os cabelos se arrepiaram quando sombras mais grotescas do que posso descrever saíram e se postaram sobre as cabeças. E quando eu, que era mais frio e racional que o restante, murmurei um trêmulo protesto sobre "enganação" e "eletricidade estática", Nyarlathotep guiou-nos para fora, descendo escadas vertiginosas e passando por ruas úmidas, quentes e desertas à meia-noite. Gritei que não tinha medo; que jamais teria medo; e, em busca de consolo, outros ecoaram meus gritos. Juramos uns aos outros que a cidade era exatamente a mesma e que ainda estava viva; e quando as luzes começaram a desvanecer, amaldiçoamos a companhia elétrica diversas vezes e rimos das caretas estranhas que fizemos.

Acredito que sentimos que algo descia da lua esverdeada, pois quando começamos a depender de sua luz, passamos a nos agrupar em curiosas formações involuntárias e parecíamos conhecer nossa destinação, embora não nos atrevêssemos a pensar nisso. Em determinado momento, olhamos para a calçada e avistamos blocos soltos e deslocados pela grama, com um exíguo veio de metal enferrujado delimitando onde ficavam os trilhos dos bondes. E

novamente vimos um bonde, solitário, sem janelas, dilapidado, e com a lateral pendendo para o chão. Quando fitamos o horizonte, não conseguimos divisar a terceira torre à beira do rio, e notamos que a silhueta da segunda torre apresentava uma irregularidade no topo. Então nos dividimos em colunas estreitas, e cada uma parecia ser atraída por uma direção diferente. Uma desapareceu em um beco estreito à esquerda, deixando para trás apenas o eco de um gemido de espanto.

Outra se esgueirou pela entrada do metrô, cheia de ervas daninhas, uivando com uma risada insana. A coluna em que eu estava foi sugada em direção ao campo aberto, e senti um calafrio que não pertencia ao cálido outono; pois, enquanto andávamos pela charneca escura, vimos à nossa volta o infernal brilho da lua se derramando sobre neves malignas. Nevascas inexplicáveis e que não deixavam rastros, varridas em uma única direção, onde havia um abismo ainda mais escuro de paredes reluzentes. A coluna parecia muito fina enquanto mourejava sonhadoramente em direção ao golfo. Fiquei para trás, pois a fenda negra na neve verdejante era assustadora, e pensei ter ouvido as reverberações de lamúrias inquietantes quando meus companheiros desapareceram; mas minha determinação de ficar para trás era débil. Como se atraído por aqueles que haviam ido antes, era como se eu flutuasse entre os montes de neve titânicos, trêmulo e apavorado, em direção ao vórtice invisível do imaginável.

Gritantemente senciente, silenciosamente delirante, apenas os deuses poderiam dizer. Uma sombra doentia e sensível se contorcia em mãos que não são mãos, e rodopiava cegamente em meio a sinistras noites de criação apodrecida, cadáveres de mundos mortos com feridas que foram cidades, ventos sepulcrais que roçam as pálidas estrelas e as fazem estremecer. Além dos fantasmas vagos do mundo de coisas monstruosas; colunas semiavistadas de templos não santificados, que repousavam sobre rochas inomináveis sob o espaço e elevavam-se a um vazio vertiginoso acima das esferas de luz e escuridão. E através deste cemitério revoltante do universo, a batida abafada e enlouquecedora de tambores e o lamento fino e monótono de flautas blasfemas de câmaras inconcebíveis e sombrias além do tempo; os detestáveis silvos e batidas nas quais dançam, de forma lenta, desajeitada e absurda, os gigantescos e tenebrosos deuses — as gárgulas sem visão, sem voz e sem mente, cuja alma é Nyarlathotep.

Shub-Niggurath

Shub-Niggurath representa a energia da vida e da abundância. O local que ela habita é desconhecido, mas essa entidade tende a responder ao chamado de seus cultistas onde quer que eles estejam, o que inclui a Terra. Ela é o princípio cósmico da fertilidade e da perpetuação da vida que dá origem às infindáveis espécies e criaturas do cosmos.

Para alguns se trata de uma entidade benevolente que representa a abundância, mas sua verdadeira intenção é bem mais nefasta: é a progenitora de aberrações e de seres abomináveis, gerados em seu ventre. Ela é uma divindade perversa da fertilidade, uma massa enorme que expulsa tentáculos negros, bocas pingando lodo e pernas retorcidas.

Assim como a maioria dos monstros criados pelo mestre do terror, Shub-Niggurath transcendeu sua obra e até hoje é citada em histórias de terror de diversos autores, incluindo Stephen King, no conto "Pesadelos e alucinações".

O Horror de Dunwich

“Górgonas, hidras e quimeras, histórias tenebrosas de Celainó e de harpias, talvez até sejam reproduzidas pelo viés das superstições, mas já estavam lá bem antes disso. São transcrições, são tipos, são os arquétipos que estão dentro de nós e são eternos. De que outra forma o relato do que sabemos ser falso quando estamos lúcidos poderia nos afetar? Será que naturalmente concebemos o terror a partir desses objetos, levando em consideração sua capacidade de nos causar danos físicos? Ora, de forma alguma! Esses terrores são bem mais antigos. Datam de antes do corpo, ou, sem o corpo, teriam sido os mesmos... O fato de o tipo de medo aqui tratado ser puramente espiritual, ser forte em proporção à falta de objetivo na Terra, de predominar no período de nossa infância inocente... são dificuldades cuja solução pode proporcionar uma provável introspecção a respeito de nossa condição anterior à criação do mundo e, pelo menos, um vislumbre da zona de sombras da preexistência.”

CHARLES LAMB:
Witches and other night-fears
(Bruxas e outros terrores noturnos)

I

Ao viajar pelo Centro-Norte de Massachusetts, se alguém pegar o caminho errado no cruzamento da estrada de Aylesbury, logo após o Dean’s Corners, vai se deparar com uma região isolada e peculiar. O relevo torna-se mais montanhoso e as paredes de pedra, cobertas por roseiras selvagens, estreitam cada vez mais o curso da estrada de terra sinuosa. As árvores dos vários aglomerados de florestas parecem grandes demais, e as ervas daninhas, os espinheiros e relvas atingem uma exuberância quase nunca encontrada em regiões povoadas. Ao mesmo tempo, há poucos e áridos campos cultivados e

somente algumas poucas casas, com uma aparência que surpreende pela uniforme antiguidade, pela imundície e pela dilapidação. Sem saber o porquê, as pessoas hesitam em pedir informações às figuras enrugadas e solitárias, avistadas de vez em quando nas soleiras das portas caindo aos pedaços, ou nos prados íngremes e pedregosos. São figuras tão silenciosas e furtivas que se tem, de certo modo, a sensação certeira de estar diante de coisas proibidas, e diante das quais seria melhor não ter a menor ligação. Quando um aclive na estrada permite avistar as montanhas por sobre os densos bosques, a sensação de estranha inquietação aumenta. Os cumes são demasiado arredondados e simétricos para que se possa sentir qualquer tipo de conforto e naturalidade, e, às vezes, o céu desenha com perfeita clareza a silhueta de bizarros círculos de altos pilares de pedra que coroam a maioria.

Desfiladeiros e ravinas de profundidade extraordinária cruzam o caminho, e as pontes rudimentares de madeira não inspiram muita segurança. Quando as descidas recomeçam, há trechos pantanosos que, instintivamente, causam aversão e até certo terror quando, ao anoitecer, o tagarelar de bacuraus escondidos, e o surgimento de vaga-lumes em uma profusão anormal, unem-se à dança e ao ritmo insistente do coaxar rouco e estridente das rãs. O tracejado estreito e brilhante do curso superior do rio Miskatonic sugere uma estranha semelhança com uma serpente que se insinua ao pé das colinas arredondadas por entre as quais nasce.

Conforme as colinas vão se aproximando, chamam mais atenção as encostas cobertas por florestas do que os topos coroados de pedras. Tais encostas são tão obscuras e íngremes que sentimos vontade de nos afastar delas, mas não há outra estrada por onde se possa escapar. Do outro lado de uma ponte coberta, é possível avistar uma pequena vila que se comprime entre o riacho e a encosta em aclive da Round Mountain e contemplar o conjunto de telhados holandeses em ruínas que revelam um período arquitetônico mais antigo que o da região vizinha. Um olhar mais atento causa certa inquietação ao notarmos que a maioria das casas estão abandonadas e caindo aos pedaços e que a igreja, com o campanário quebrado, abriga agora o único e desmazelado estabelecimento comercial da aldeia. Ter que confiar no tenebroso túnel da ponte é atemorizante, porém não há como evitá-lo. Ao atravessá-lo, com frequência sentimos um leve mau cheiro na rua da vila, como se mofo e podridão tivessem se acumulado ali por séculos. É sempre um alívio sair daquele lugar e seguir pela estrada estreita que contorna o pé das colinas e cruza a planície até se unir novamente à rodovia de Aylesbury. Depois da viagem, algumas pessoas descobrem que a estranha região pela qual passaram

se chama Dunwich.

Forasteiros raramente visitam Dunwich, e, desde uma certa temporada de horror, todas as placas que indicavam a localização da vila foram retiradas. O cenário, julgado por qualquer padrão estético, é dotado de beleza extraordinária. Ainda assim, não há afluência de artistas nem de turistas de verão.

Dois séculos atrás, quando falar de sangue de bruxa, adoração a Satanás e presenças estranhas nas florestas não causava risos, era normal alegar as razões pela qual aquele lugar era evitado. Em nossa época sensata, desde que o horror de Dunwich de 1928 foi silenciado por aqueles que prezavam pelo bem-estar do local e do mundo, as pessoas afastam-se da vila sem saber exatamente o motivo. Talvez uma das razões, embora não se aplique a estranhos desinformados, pode se dever ao fato de que os habitantes locais estejam decadentes e repugnantes e vivem uma espécie de involução, tão comum nas regiões mais afastadas da Nova Inglaterra. Isso acabou constituindo uma raça própria, com estigma físico e mental bem definidos de degeneração e endogamia. A inteligência média da população é lamentavelmente baixa, ao mesmo tempo que seus anais exalam depravação e assassinatos mal encobertos, incestos e atos de quase inominável violência e perversidade. A velha aristocracia, representada pelas duas ou três famílias nobres que vieram de Salem em 1692, manteve-se um pouco acima do nível geral de decadência, embora muitos ramos tenham se misturado de forma tão profunda à ralé sórdida que apenas os nomes permanecem como um elemento-chave da origem que desonram. Alguns membros das famílias Whateley e Bishop ainda enviam seus filhos mais velhos para Harvard e Miskatonic, embora tais filhos raramente retornem aos telhados holandeses decadentes sob os quais eles e seus ancestrais nasceram.

Ninguém, nem mesmo os que conhecem os fatos relacionados ao horror recente, pode dizer com precisão qual o problema de Dunwich, embora antigas lendas falem de ritos profanos e conclaves indígenas nos quais se invocaram vultos proibidos das enormes colinas arredondadas, fazendo preces orgiásticas, respondidas por altos estalidos e estrondos, provenientes do subterrâneo. Em 1747, o Reverendo Abijah Hoadley, recém-chegado à Igreja Congregacional da Vila de Dunwich, fez um sermão memorável sobre a presença próxima de Satanás e seus diabretes, dizendo:

“É inegável que essas Blasfêmias de uma Procissão de Demônios sejam assuntos de Conhecimento geral; as Vozes amaldiçoadas, vindas do subterrâneo, são de Azazel e Buzrael, de Belzebu e Belial e foram ouvidas por

um Número considerável de Testemunhas confiáveis e que ainda estão vivas. Eu mesmo, por volta de Duas Semanas, ouvi um Discurso muito claro, de Forças malignas, na Colina atrás da minha casa. Havia Algazarra e Agitação, Gemidos, Berros e Silvos, que Nada neste mundo poderia emitir e vieram absolutamente das Cavernas, pois lá somente a Magia Negra pode descobrir e somente o Diabo pode liberar."

O Sr. Hoadley desapareceu logo após esse sermão, mas o texto, impresso em Springfield, ainda permanece. Os ruídos nas colinas continuaram sendo relatados ano após ano e ainda representam um mistério para geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições falam de nauseantes odores próximos aos círculos de pilares de pedra que coroam as colinas e de presenças etéreas fugazes, quase inaudíveis em certas horas e em pontos fixos ao sopé das grandes ravinas; ainda há outras, que tentam explicar o Terreno do Diabo: uma encosta árida e amaldiçoada onde nenhuma árvore, arbusto ou capim crescem. Ademais, os nativos nutrem um medo mortal dos inúmeros bacuraus que cantam bem alto em noites quentes. Juram que tais aves são condutoras à espera das almas mortas, emitindo gritos sinistros em uníssono com a respiração ofegante dos que agonizam. Quando conseguem agarrar a alma fugidia deixando o corpo, rapidamente alçam voo, chilreando gargalhadas diabólicas; quando falham, porém, aos poucos vão caindo em um silêncio que reflete sua decepção.

É claro que essas histórias são obsoletas e ridículas, pois existem desde tempos muito remotos. Dunwich é, de fato, uma vila absurdamente velha, bem mais antiga do que qualquer uma das comunidades em um raio de trinta milhas. Ao sul, podemos avistar as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop, construída antes de 1700; ao passo que as ruínas do moinho ao lado da cachoeira, construído em 1806, representam a peça arquitetônica mais moderna que se pode ver. A indústria não se desenvolveu em Dunwich, e o movimento fabril do século XIX não sobreviveu por muito tempo. Mais antigas ainda são as grandes circunferências de colunas de pedra desbastadas de forma rústica no topo das colinas, mas elas são mais atribuídas aos indígenas, e não aos colonizadores. Depósitos de crânios e ossos, encontrados no interior de tais círculos e ao redor da enorme pedra em formato de mesa na Sentinel Hill, sustentam a crença popular de que esses locais já foram cemitérios dos Pocumtucks; ainda que muitos etnólogos, a despeito da absurda improbabilidade de tal teoria, persistam em crer que se tratam de restos caucasianos.

II

Foi no distrito de Dunwich, em uma grande e parcialmente desabitada casa de fazenda, localizada em uma encosta a quatro milhas da vila e a duas milhas de qualquer outra propriedade, que nasceu Wilbur Whateley, às cinco horas da manhã de um domingo, no dia 2 de fevereiro de 1913. A data não tinha como ser esquecida, pois era o Dia da Candelária — e os residentes de Dunwich curiosamente celebram com outro nome —, e porque os ruídos nas colinas foram ouvidos, e todos os cães dos arredores latiram de forma ininterrupta durante toda a noite anterior. Menos notável era o fato de que a mãe fazia parte do clã decadente dos Whateley, uma mulher albina de 35 anos, um tanto deformada e sem atrativos, que morava com um pai idoso e meio louco, sobre quem, em sua juventude, havia boatos de histórias assustadoras de bruxarias. Lavinia Whateley não tinha marido conhecido, mas, de acordo com o costume da região, não fez nenhuma tentativa de renegar o filho. A outra parte da ascendência, porém, ficou aberta a especulações, e isso os nativos fizeram à vontade. A mulher, pelo contrário, parecia estranhamente orgulhosa do bebê moreno e semelhante a um bode, que muito contrastava com o albinismo doentio de olhos cor-de-rosa da mãe, e costumava sussurrar muitas profecias curiosas sobre poderes incomuns e o futuro brilhante de seu filho.

Lavinia era bem capaz de murmurar coisas como aquelas, pois era uma criatura solitária e gostava de vagar nas colinas em meio a tempestades e trovoadas, lendo os grossos livros malcheirosos que seu pai herdara ao longo de dois séculos de existência da família Whateley e que estavam caindo aos pedaços e repletos de buracos de traça de tão velhos. Nunca chegou a ir à escola, mas se alimentava de fragmentos desconexos das velhas tradições que o Velho Whateley lhe havia ensinado. A remota fazenda sempre fora temida, visto que o Velho Whateley tinha fama de ser praticante de magia negra, e a inexplicada morte violenta da Sra. Whateley, quando Lavinia tinha doze anos, não havia ajudado a tornar o local mais atraente. Isolada em meio a estranhas influências, Lavinia apreciava devaneios selvagens e grandiosos e as ocupações inusitadas. Em seu tempo livre, não se dedicava muito aos cuidados da casa e todos os padrões de ordem e limpeza haviam desaparecido muito tempo antes.

Um grito horripilante ecoou, sobrepondo-se até aos ruídos das colinas e aos latidos dos cães na noite em que Wilbur nasceu, mas nenhum médico nem parteira conhecidos haviam participado do parto da criança. Os vizinhos só vieram a saber uma semana depois, quando o Velho Whateley levou o trenó

pela neve até a vila de Dunwich com um discurso incoerente para as pessoas da venda do Sr. Osborn. O velho homem parecia diferente; em seu cérebro anuviado parecia haver um novo elemento furtivo, que subitamente o transformara de objeto em sujeito do medo, embora não fosse costumeiro deixar-se perturbar por um acontecimento familiar corriqueiro. Em meio a tudo aquilo, demonstrou certo orgulho, que também foi notado em sua filha posteriormente, e o que ele disse sobre a paternidade da criança continuou sendo lembrado por muitos anos por quem o ouviu:

— Não careço de me importar com que ocês pensam. Se o filho da Lavinia parecesse com o pai, seria diferente de qualquer coisa que ocês podem imaginar. Pensam que as únicas criaturas que vivem são as que ocês veem por aqui? Lavinia leu um pouco só e já viveu coisas que ocês só comentam. O homem dela é o melhor marido que se pode encontrar nessas bandas de Aylesbury. Se ocês soubessem tudo o que eu sei dessas montanhas, não iam pedir nem o melhor casamento na igreja para ela. Digo uma coisa pr'ocês, um dia ocês vai ouvi um fio da Lavinia chamá o nome do pai no alto da Sentinel Hill!

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de vida foram o velho Zechariah Whateley, do clã não decadente da família Whateley, e Mamie Bishop, que vivia com Earl Sawyer. A visita de Mamie foi só por curiosidade, e as histórias contadas por ela depois fizeram jus aos seus comentários; mas Zechariah levou duas vacas leiteiras da raça Alderney que o Velho Whateley havia comprado de seu filho Curtis. Aquilo marcou o começo de uma série de compras de gado por parte da família do pequeno Wilbur, que só terminou em 1928, ano em que ocorreu o horror de Dunwich. Apesar disso, o estábulo em ruínas dos Whateley em nenhum momento pareceu estar com lotação excessiva de gado. Houve uma época em que as pessoas ficaram curiosas a ponto de espiar para contar o rebanho que pastava precariamente na encosta íngreme acima da velha casa, mas nunca conseguiram encontrar mais de dez ou doze animais anêmicos e exangues. Era evidente que alguma praga ou doença, talvez vinda do pasto insalubre ou das madeiras contaminadas por fungos no estábulo imundo, estava causando uma intensa mortalidade no gado do Whateley. Feridas ou chagas esquisitas, algumas semelhantes a incisões, pareciam afligir o gado que estava à vista; e, uma ou duas vezes, durante os primeiros meses de vida do menino, alguns visitantes sugeriram ter reconhecido chagas similares nos pescoços do grisalho velho barbado e da desleixada filha albina, que estava sempre descabelada.

Na primavera após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou os passeios

costumeiros pelas colinas, embalando a criança morena em seus braços desproporcionais. O interesse popular pelos Whateley diminuiu depois que a maioria dos camponeses já tinha visto o bebê, e ninguém se preocupou em comentar sobre o acelerado desenvolvimento pelo qual o recém-nascido passava a cada dia. De fato, o crescimento de Wilbur era impressionante, pois, três meses após seu nascimento, havia atingido tamanho e força muscular incomuns para crianças com menos de um ano de vida. Os movimentos e até mesmo a vocalização mostravam prudência e intenções muito peculiares para uma criança, e ninguém ficou surpreso quando, aos sete meses, ele começou a andar sem ajuda, com pequenos tropeços que cessaram em um mês.

Pouco tempo depois, durante o Halloween, uma grande fogueira foi avistada à meia-noite no topo da Sentinel Hill, onde está a velha pedra em formato de mesa em meio a um túmulo de ossos antigos. Muitos boatos surgiram quando Silas Bishop, do clã não decadente da família Bishop, disse ter visto o menino correndo com velocidade incomum ao subir a montanha à frente da mãe cerca de uma hora antes de as chamas da fogueira serem avistadas. Silas estava arrebanhando uma novilha desgarrada, mas quase se esqueceu da missão quando notou a passagem das duas figuras, iluminadas pela fraca luz da sua lanterna. Corriam em disparada pelo mato quase sem produzir ruído, e o observador, em choque, teve a sensação de que estavam inteiramente nus. Mais tarde, já não dizia ter tanta certeza em relação ao menino, que talvez estivesse usando apenas uma espécie de cinto de franjas e escuras calças curtas. Enquanto vivo e consciente, Wilbur nunca foi avistado sem um traje completo e muito bem abotoado, pois desleixo com a aparência ou iminência de desleixo deixavam-no enfurecido e alarmado. Nesse quesito, o contraste com a mãe esquálida e o avô era bem observado, até que o horror de 1928 sugeriu a mais válida das razões.

No mês de janeiro seguinte, começaram uns boatos sobre “o moleque preto da Lavinia” ter começado a falar aos onze meses de idade. A maneira como falava era notável tanto por destoar do sotaque comum à região quanto por não apresentar o linguajar infantil que muitas crianças de três ou quatro anos exibiam com orgulho. O menino não era falador, mas quando falava, parecia expressar um elemento indefinível e totalmente alheio ao povo de Dunwich. O estranhamento não era causado pelo que ele dizia, nem pelas simples expressões usadas, mas parecia vagamente ligado à entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons pronunciados. Notava-se, ainda, a maturidade das feições; embora apresentasse o mesmo recuo no queixo que a mãe e o avô, o nariz firme e precocemente definido aliava-se à expressão dos

olhos grandes, escuros e quase latinos, que lhe conferiam certo ar adulto e uma inteligência excepcional. Era extremamente feio, porém, apesar da aparência brilhante. Havia algo nos lábios grossos, na pele amarelada e de poros largos, nos cabelos crespos e grossos e nas orelhas estranhamente alongadas que o deixava semelhante a um bode. Logo, tornou-se decididamente até menos apreciado que a mãe e o avô, e todas as conjecturas sobre ele eram marcadas por referências a antigas bruxarias do Velho Whateley e a como as colinas chegaram a tremer quando ele gritou o terrível nome de Yog-Sothoth no meio de um círculo de pedras, segurando um enorme livro aberto à frente. Os cães detestavam o menino, e ele era sempre obrigado a tomar várias medidas defensivas contra os latidos em tom de ameaça.

III

Enquanto isso, o Velho Whateley continuava comprando gado sem que qualquer aumento no rebanho fosse notado. Também cortou madeira e começou a consertar as partes abandonadas da casa, que constituía uma construção espaçosa, com telhado pontiagudo, cuja parte de trás estava inteiramente cravada na encosta rochosa da colina, e cujos três cômodos do térreo, menos arruinados, sempre haviam sido suficientes para ele e para a filha.

O velho parecia ainda ter bastante força para realizar tanto trabalho pesado; e, embora ainda balbuciasse insanidades algumas vezes, o trabalho em carpintaria parecia demonstrar resultados de cálculos precisos. Começou as obras assim que Wilbur nasceu, e logo arrumou um dos muitos barracões de ferramentas, calafetou com saibros e substituiu a antiga fechadura por uma nova e resistente. Quanto à reforma do andar superior abandonado, foi um artífice igualmente habilidoso. A excentricidade só ficava explícita na forma com que tapava com madeira todas as janelas da parte reformada, embora muitos alegassem que tal preocupação com a reforma em geral se tratava de loucura.

Menos inexplicável foi a instalação de outro quarto no andar térreo para o neto, um quarto que vários visitantes viram, embora o acesso ao andar de cima, lacrado com madeira, não fosse permitido a ninguém. No quarto adicional, o velho colocou estantes altas e firmes, nas quais começou a organizar, de modo aparentemente ordenado e cuidadoso, todos antigos livros em decomposição que se amontoavam de forma caótica pelos cantos dos

demais cômodos.

— Usei um pouco esses livros — disse ao tentar arrumar uma página rasgada, escrita em letra gótica, com cola preparada no enferrujado fogão da cozinha —, mas o menino é quem vai usar mais. É melhor guardar direitinho porque vai ser bom para o aprendizado dele.

Em setembro de 1914, quando Wilbur tinha um ano e sete meses, seu tamanho e habilidades eram quase assustadores. Tinha a estatura de uma criança de quatro anos e falava com fluência e sagacidade. Corria livremente pelos campos e colinas e acompanhava a mãe em todas as andanças. Em casa, estudava cuidadosamente as esquisitas imagens e gráficos dos livros do avô, enquanto o Velho Whateley o instruía e catequizava durante longas tardes silenciosas. Na época, a reforma da casa havia terminado, e aqueles que a observavam se perguntavam por que uma das janelas do andar superior havia sido transformada em uma sólida porta de madeira. Era uma janela na parte de trás da empena do lado leste, encostada na colina; e ninguém podia imaginar por que havia sido construída uma rampa de madeira que a ligava ao chão. Por volta da época em que a obra terminou, as pessoas notaram que a velha casa das ferramentas, completamente vedada com tábuas desde o nascimento de Wilbur, havia sido abandonada novamente. A porta ficava aberta e balançava com o vento e, quando Earl Sawyer entrou ali depois de uma visita para vender gado ao Velho Whateley, ficou meio incomodado com o odor fétido que sentiu. Afirmou se tratar de um mau cheiro nunca antes sentido em toda a sua vida, exceto próximo aos círculos indígenas nas colinas, e que aquilo jamais seria produzido por alguma coisa sã ou pertencente a este mundo. As casas e barracões dos habitantes de Dunwich, no entanto, nunca se destacaram por suas qualidades olfativas.

Nos meses que se seguiram, não houve qualquer acontecimento notável, com exceção de que todos observaram o lento e consistente aumento nos misteriosos ruídos nas colinas. Na Véspera do 1º de Maio de 1915, houve tremores que até mesmo os moradores de Aylesbury sentiram, ao passo que o Halloween daquele ano produziu um estrondo subterrâneo, bizarramente sincronizado com chamas jorrantes — “as bruxarias dos Whateley” — provenientes do topo da Sentinel Hill. Wilbur crescia de forma tão estranha que mais parecia um menino de dez anos, sendo que tinha apenas três. Lia sozinho e sem dificuldade alguma, porém falava cada vez menos. Era constantemente flagrado em um estado profundamente taciturno e, pela primeira vez, as pessoas começaram a falar especificamente de um certo semblante de maldade exibido em seu rosto de bode. Às vezes, murmurava

palavras desconhecidas e cantava em ritmos estranhos que assustavam quem o ouvia e despertavam uma sensação de inexplicável pavor. A aversão que os cães sentiam por ele passou a ser percebida por todos, e ele tinha que carregar uma arma para atravessar a região em segurança. O uso ocasional da arma causava antipatia entre os donos de cães de guarda.

Os poucos visitantes da casa encontravam Lavinia frequentemente sozinha no andar inferior, enquanto gritos estranhos e passos ocorriam no andar superior, que era lacrado. Ela nunca dizia o que o pai e o menino faziam lá em cima, embora uma vez tenha empalidecido e demonstrado pavor quando um vendedor de peixe brincalhão tentou destrancar a porta que dava para a escada. O peixeiro contou ao pessoal da venda na vila de Dunwich que pensou ter ouvido o pisotear de um cavalo no andar superior. As pessoas da venda pensavam na porta, na rampa e no gado que desaparecia de forma tão repentina, e estremeciam ao se lembrar das histórias de quando Whateley era jovem e das estranhas coisas que diziam sair da Terra quando um boi era sacrificado no momento oportuno a certos deuses pagãos. Durante um tempo, notou-se que os cães haviam começado a detestar e temer todo o território dos Whateley tão violentamente quanto detestavam e temiam o jovem Wilbur.

A guerra teve início em 1917, e o juiz de paz Sawyer Whateley, presidente da junta de recrutamento local, teve muita dificuldade para atingir a quota de jovens de Dunwich aptos para serem enviados para o serviço militar. O governo, alarmado com os sinais de decadência regional, enviou vários oficiais e peritos médicos para investigar e realizar uma pesquisa sobre a qual os leitores dos jornais da Nova Inglaterra ainda devem se lembrar. Foi a publicidade dedicada a essa investigação que colocou repórteres na pista dos Whateley, levando à publicação, no *Boston Globe* e no *Arkham Advertiser*, de histórias dominicais sensacionalistas sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as estantes apinhadas de livros antigos e estranhos, o segundo andar lacrado da antiga casa e o mistério que envolvia toda a região, com seus ruídos nas colinas. Wilbur tinha quatro anos e meio na ocasião e parecia um rapaz de quinze. Os lábios e bochechas estavam completamente cobertos por uma penugem áspera e escura e a voz havia começado a mudar.

Earl Sawyer foi até a propriedade dos Whateley com equipes de repórteres e fotógrafos e chamou a atenção de todos para o estranho odor que parecia emanar do andar superior lacrado. Afirmou que era exatamente igual ao cheiro que sentira no galpão de ferramentas abandonado quando a reforma tinha finalmente sido finalizada e semelhante aos odores que, às vezes, parecia sentir

perto do círculo de pedras nas montanhas. Os habitantes de Dunwich leram as histórias quando foram publicadas e ironizaram os erros óbvios. Tentaram imaginar, também, por que os escritores se importavam tanto com o fato de o Velho Whateley sempre pagar pelo gado com moedas de ouro extremamente antigas. Os Whateley não conseguiam disfarçar o desagrado diante dos visitantes que recebiam, embora não ousassem oferecer resistência nem se recusar a falar, a fim de que não houvesse ainda mais publicidade em relação ao caso.

IV

Por uma década, os anais da família Whateley misturaram-se de forma indistinta à vida cotidiana de uma mórbida comunidade acostumada a seus estranhos modos, indiferente às orgias da Véspera do 1º de Maio e da Véspera do Dia de Todos os Santos. Duas vezes ao ano, eles acendiam fogueiras no topo da Sentinel Hill; nesses momentos, os estrondos das montanhas ressurgiam de forma cada vez mais violenta, ao passo que, durante o ano todo, eram realizados estranhos e agourentos atos na solitária casa. Com o tempo, os visitantes afirmaram ter ouvido sons no andar superior lacrado, mesmo quando toda a família estava no andar térreo, e todos se perguntavam quanto tempo de fato demorava para sacrificar uma vaca ou um boi. Falou-se em dar queixa à Sociedade Protetora dos Animais, mas nunca fizeram nada, pois os habitantes de Dunwich nunca desejaram chamar a atenção do mundo exterior para si.

Por volta de 1923, teve início uma segunda grande fase de obras de carpintaria na velha casa. Na época, Wilbur era um menino de dez anos e sua mentalidade, voz, estatura e rosto barbado conferiam-lhe um ar de maturidade. As obras foram realizadas somente no andar superior, e, pelos pedaços de madeira descartados, as pessoas concluíram que o jovem e o avô haviam arrancado todas as divisórias e até o sótão, deixando somente um espaço vazio e aberto entre o térreo e o telhado pontiagudo. Também haviam derrubado a grande chaminé central, adaptando uma frágil chaminé externa de latão ao fogão enferrujado.

Na primavera após o ocorrido, o Velho Whateley percebeu o número crescente de bacuraus que saíam da ravina da Fonte Fria para cantar embaixo de sua janela à noite. Parecia dar grande importância ao fato e disse ao pessoal da venda do Sr. Osborn que achava que sua hora estava chegando.

— Eles piam bem juntinho da minha respiração agora — disse —, e acho

que tão vindo pra pegar meu espírito. Eles sabem que ele tá indo embora e não querem perder ele, não. Ocês vão ficar sabendo, pessoal, depois que eu morrer, se me pegaram ou não. Se pegarem, vão piar e gargalhar até o dia nascer. Se não pegarem, vão ficar bem quietinhos. Espero que eles e os espíritos que caçam tenham umas brigas danadas de boas algum dia desses.

No ritual de Lammas, festa da colheita, em 1924, o Dr. Houghton, de Aylesbury, foi chamado às pressas por Wilbur Whateley, que galopou a toda velocidade, com o último cavalo no meio da escuridão, para telefonar da venda do Sr. Osborn na vila. O médico encontrou o Velho Whateley em um estado muito grave, com taquicardia e a respiração ofegante, o que indicava que o fim estava bem próximo. A disforme filha albina e o estranho neto barbado estavam postados ao lado da cama, enquanto, vindo do insondável andar acima, escutava-se um inquietante som semelhante ao marulho ritmado das ondas em alguma praia de águas calmas. O que mais incomodava o médico, contudo, era o gorjeio dos pássaros noturnos do lado de fora da casa. Uma legião aparentemente infinita de bacuraus gritava a mensagem interminável em repetições diabolicamente sincronizadas com a respiração entrecortada do moribundo. Era incomum e anormal demais, pensou o Dr. Houghton, como toda aquela região que ele havia adentrado de forma tão relutante para atender ao urgente chamado.

Por volta da uma hora, o Velho Whateley recobrou a consciência e interrompeu a respiração ofegante para balbuciar algumas palavras ao neto.

— Mais espaço, Willy, mais espaço logo. Ocê cresce, mais ele cresce mais ligeiro. Vai estar pronto para servir ocê logo, fio. Abre os portão pra Yog-Sothoth com aquela reza comprida que ocê vai encontrar na página 751 da edição completa, e então bota fogo na prisão. Nenhum fogo na Terra tem a capacidade de queimá ele, não.

Obviamente, estava alucinando. Depois de uma pausa, quando o bando de bacuraus lá fora sincronizou os gritos com o ritmo alterado da respiração do velho, e alguns indícios dos estranhos ruídos nas colinas vinham de bem longe, ele acrescentou mais uma ou duas frases.

— Dá comida pra ele sempre, Willy, e olha o tanto que vai dá; mas não deixa ele crescer muito ligeiro porque se ele arrebentar o lugar dele e sair antes d’ocê abrir para o Yog-Sothoth, está tudo acabado e não vai servi pra nada. Só eles lá de longe podem fazer ele se multiplicar e trabalhar... Só eles, os antigos que querem voltar...

Mas as palavras deram lugar à falta de ar mais uma vez, e Lavinia gritou ao perceber a maneira como os bacuraus acompanhavam a mudança. Por mais

de uma hora nada mudou; até que, finalmente, ouviu-se o último suspiro do moribundo. O Dr. Houghton fechou as pálpebras enrugadas do velho sobre os vidrados olhos acinzentados ao mesmo tempo que o tumulto de pássaros aos poucos se silenciava. Lavinia soluçava, mas Wilbur somente ria enquanto os ruídos nas colinas ressoavam de forma débil.

— Eles não pegaram ele — murmurou com a voz grossa e baixa.

Na época, Wilbur era um estudioso que expressava erudição extraordinária e unilateral, e muitos bibliotecários de lugares distantes, onde eram mantidos livros raros e proibidos de tempos remotos, o conheciam por trocas de cartas. Era cada vez mais odiado e temido na região de Dunwich por conta de certos desaparecimentos de jovens cujas suspeita levavam vagamente à sua porta; mas conseguia sempre silenciar as investigações intimidando as pessoas ou utilizando o fundo de ouro antigo que, assim como no tempo do avô, era gasto de modo regular e crescente para a compra de gado. Aparentava estar extremamente maduro agora e a estatura atingira o limite normal dos adultos, e parecia sujeita a aumentar ainda mais. Em 1925, quando recebeu a visita de um erudito, correspondente da Universidade de Miskatonic, que saiu de lá pálido e confuso, Wilbur já havia media dois metros de altura.

Ao longo dos anos, Wilbur vinha tratando a mãe albina e meio deformada com um desprezo crescente, chegando a proibi-la de ir às colinas com ele na Véspera do 1º de Maio e do Dia de Todos os Santos; e, em 1926, a pobre criatura queixou-se à Mamie Bishop, dizendo que temia o filho.

— Sei mais sobre ele do que posso contar pr'ocê, Mamie — ela disse —, e hoje em dia tem mais ainda que eu nem sei. Juro por Deus, não sei o que ele quer nem o que está tentado fazer.

Naquele Halloween, os ruídos nas colinas ecoavam ainda mais alto, e a fogueira foi acesa como de costume na Sentinel Hill; mas as pessoas prestaram mais atenção aos gritos ritmados de vários bandos de bacuraus, estranhamente tardios, que pareciam estar reunidos perto da sombria casa dos Whateley. Após a meia-noite, os sons estridentes irromperam e uma espécie de gargalhada pandemônica tomou conta de toda a região. Não se calaram até o nascer do sol. Então, desapareceram rapidamente na direção sul, pois já estavam atrasados em um mês. Só depois de um tempo é que conseguiram entender o significado daquilo. Tudo indicava que nenhum dos habitantes da região havia morrido, mas a pobre Lavinia Whateley, a albina deformada, nunca mais foi vista.

No verão de 1927, Wilbur consertou dois barracões do terreno e começou a transportar seus livros e pertences para lá. Logo depois, Earl Sawyer contou

ao pessoal da venda do Sr. Osborn que mais obras de carpintaria estavam ocorrendo na casa dos Whateley. Wilbur estava lacrando todas as portas e janelas do andar térreo e parecia estar retirando as divisórias, tal como ele e seu avô haviam feito quatro anos antes. Estava morando em um dos barracões, e Sawyer tinha a sensação de que ele parecia mais preocupado e trêmulo do que o normal. Em geral, as pessoas suspeitavam de que ele sabia alguma coisa sobre o desaparecimento da mãe, e pouquíssimos ousavam se aproximar das terras dele. Wilbur já estava com mais de dois metros de altura, e nada indicava que fosse parar de crescer.

V

O inverno seguinte trouxe um acontecimento bem estranho: a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich. Cartas trocadas com a Biblioteca Widener de Harvard, a Biblioteca Nacional em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade de Miskatonic, em Arkham, não bastaram para que ele tomasse emprestado um livro que desejava desesperadamente. Sendo assim, decidiu ir pessoalmente, maltrapilho, sujo, barbado e com o dialeto bronco que possuía, consultar a cópia na biblioteca de Miskatonic, que era o local mais próximo a ele. Com quase dois metros e meio de altura, e carregando uma maleta barata e recém-comprada na venda do Sr. Osborn, a gárgula morena e com cara de bode apareceu em Arkham certo dia à procura do temido volume mantido a sete chaves na biblioteca da universidade. Tratava-se do temido *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred, na versão latina de Olaus Wormius, impresso na Espanha no século XVII. Ele nunca havia estado em uma cidade antes, mas não pensava em outra coisa a não ser encontrar o caminho do campus universitário. De fato, chegando lá, passou imprudentemente pelo enorme cão de guarda de presas brancas, que latiu com fúria e hostilidade incomuns, enquanto puxava violentamente a reforçada corrente que o prendia.

Wilbur trazia a inestimável, mas imperfeita cópia da versão inglesa do Dr. Dee que seu avô lhe havia deixado como herança, e, ao ter acesso ao exemplar latino, começou a cotejar os dois textos a fim de descobrir uma certa passagem que estaria na página 751 de seu volume incompleto. Por mais que tentasse, não conseguia se esquivar de responder educadamente às perguntas do bibliotecário, o mesmo erudito Henry Armitage — mestre pela Miskatonic, doutor pela Princeton e pela Johns Hopkins —, que certa vez passara pela

fazenda e que agora, polidamente, enchia-o de indagações. Wilbur admitiu, enfim, que procurava um tipo de fórmula ou encantamento que contivesse o temível nome Yog-Sothoth, mas as discrepâncias, repetições e ambiguidades o deixavam confuso, impossibilitando que ele chegasse a uma conclusão precisa. Ao copiar a fórmula que por fim escolheu, o Dr. Armitage lançou um olhar involuntário por cima de seus ombros e fitou as páginas que estavam abertas; a da esquerda, na versão latina, continha ameaças monstruosas à paz e à sanidade do mundo.

Também não se deve pensar — dizia o texto que Armitage traduzia mentalmente — que o homem é o mais velho ou o último dos senhores da Terra, nem que a massa comum de vida e substância caminha sozinha. Os Antigos foram, os Antigos são, e os Antigos serão. Não nos espaços que conhecemos, mas entre eles. Caminham serenos e primitivos, sem dimensões e invisíveis a nós. Yog-Sothoth conhece o portal. Yog-Sothoth é o portal. Yog-Sothoth é a chave e o guardião do portal. Passado, presente e futuro, tudo isso é uma só coisa em Yog-Sothoth. Ele sabe por onde os Antigos irromperam outrora e por onde irromperão novamente. Conhece os campos da Terra que trilharam, os que ainda trilham e por que ninguém pode vê-los quando caminham. Pelo cheiro, os homens conseguem saber que estão próximos, mas ninguém conhece seu semblante, a não ser pelas feições daqueles que Eles geraram para a humanidade; e há muitas espécies deles, com aparência distinta da verdadeira imagem de homem até a forma sem fisionomia nem substância que Os representa. Caminham invisíveis e fétidos em locais solitários em que as Palavras foram proferidas e os Ritos ecoaram pelas Estações. O vento tagarela com Suas vozes, e a Terra murmura com Sua consciência. Eles tomam a floresta e esmagam a cidade, mas nenhuma floresta ou cidade pode ver a mão que castiga. Kadath, no ermo gélido, conheceu-Os, mas que homem conhece Kadath? O deserto de gelo do Sul e as ilhas submersas do Oceano contêm pedras em que Sua marca está selada, mas quem já viu a profunda cidade congelada ou a torre lacrada e toda coroada com algas marinhas e crustáceos? O Grande Cthulhu é Seu primo, entretanto só pode vislumbrá-Los de forma vaga. Iä! Shub-Niggurath! Vocês Os reconhecerão pelo fedor. Sua mão está nas gargantas de vocês, entretanto vocês não Os veem, e Sua morada é mesmo única e a entrada é guardada por vocês. Yog-Sothoth é a chave do portal, onde as esferas se encontram. O Homem governa agora onde Eles outrora governaram. Em breve, Eles reinarão onde o homem agora reina. Depois do verão virá o inverno, e depois do inverno, chegará o verão. Eles esperam pacientes e fortes, pois aqui reinarão novamente.

O Dr. Armitage, associando o que estava lendo ao que tinha ouvido sobre Dunwich e as intrigantes presenças do local, e sobre Wilbur Whateley e sua aura sombria e hedionda, que se estendia desde um nascimento dúbio até indícios de um provável matricídio, foi invadido por uma onda de pavor tão tangível quanto uma lufada vinda da fria viscosidade de um túmulo. O gigante caprino e encurvado diante dele era semelhante à prole de um outro planeta ou dimensão; como algo apenas parcialmente humano e ligado a buracos negros de essência e ser que se estendem como fantasmas titânicos para além de todas as esferas de força e matéria, espaço e tempo. Em seguida, Wilbur levantou a cabeça e começou a falar daquele modo estranho e ressoante que sugeria órgãos produtores de sons diferentes dos comuns aos humanos.

— Sr. Armitage — disse —, acho que eu tenho que levar esse livro pra casa. Tem coisa nele que eu tenho que experimentar de um jeito que não posso aqui, e ia ser um pecado mortal se umas normas bestas me impedissem. Deixa eu levar ele comigo, senhor, e eu juro que ninguém vai ficar sabendo. Nem preciso dizer pro senhor que vou tomar conta dele direitinho. Não fui eu quem deixou essa cópia do Dee do jeito que tá...

Ele parou quando viu a expressão negativa no rosto do bibliotecário, e as próprias feições caprinas tornaram-se maliciosas. Armitage, quase pronto a dizer que o garoto poderia tirar uma cópia das partes de que precisava, subitamente passou a considerar as possíveis consequências e se conteve. Era uma responsabilidade muito grande oferecer a tal criatura a chave para esferas exteriores tão ímpias. Whateley percebeu o rumo que a situação tomava e tentou responder gentilmente.

— Ara! Tá certo, se o senhor acha assim. Talvez em Harvard eles não sejam tão cheios de coisa que nem o senhor.

Sem dizer mais nada, levantou-se e saiu caminhando a passos largos, abaixando-se ao passar por cada porta.

Armitage ouviu o latido feroz do enorme cão de guarda e observou o caminhar de gorila de Whateley ao atravessar a pequena parte do campus visível da janela. Pensou nas temíveis histórias que tinha ouvido e recordou os velhos artigos dominicais do *Advertiser*; disso e dos relatos obtidos dos camponeses e habitantes da vila de Dunwich durante sua única visita ao local. Coisas invisíveis que não eram da Terra, ou, pelo menos, não da Terra tridimensional, percorriam, fétidas e horríveis, os vales estreitos da Nova Inglaterra e pairavam obscenamente no topo das montanhas. Há tempos que tinha certeza disso. Agora parecia sentir a presença próxima de alguma fase terrível do horror invasivo e vislumbrava um avanço diabólico no domínio

obscuro do antigo e, até então, passivo pesadelo. Fechou o *Necronomicon* à chave com um estremecimento de repugnância, mas a sala ainda exalava um mau cheiro ímpio e indefinível.

— Vocês Os reconhecerão pelo fedor — citou.

Sim, o odor era o mesmo que lhe causara náuseas na casa dos Whateley, menos de três anos antes. Pensou novamente em Wilbur, caprino e agourento, e riu ironicamente dos boatos que corriam na vila sobre sua ascendência.

— Endogamia? — Armitage indagou a si mesmo. — Deus meu, que simplórios! Dê-lhes O Grande Deus Pã, de Arthur Machen, e vão pensar que se trata de um escândalo corriqueiro de Dunwich! Mas que coisa, que influência amaldiçoada e disforme dessa ou de fora dessa Terra tridimensional, era o pai de Wilbur Whateley? Nascido no Dia da Candelária, nove meses depois da Véspera do 1º de Maio de 1912, quando os rumores sobre ruídos esquisitos provenientes da terra chegaram até Arkham, que tipo de ser perambulava pelas montanhas naquela noite de maio? Que horror era aquele que nasceu no dia da Exaltação da Cruz que se prendia ao mundo em carne e osso semi-humanos?

Durante as semanas seguintes, o Dr. Armitage começou a coletar todos os dados possíveis sobre Wilbur Whateley e as presenças disformes que rondavam Dunwich. Entrou em contato com o Dr. Houghton, de Aylesbury, que havia atendido o Velho Whateley em sua doença fatal, e ponderou muito sobre as últimas palavras do avô, citadas pelo médico. Uma visita à vila de Dunwich não lhe acrescentou fatos novos; mas um estudo minucioso do *Necronomicon*, bem nas partes que Wilbur havia procurado tão avidamente, pareceu fornecer novas e terríveis pistas sobre a natureza, os métodos e os desejos do estranho mal que tão vagamente ameaçava este planeta. Conversas com vários estudiosos de cultura arcaica em Boston, e cartas a outros de diversos lugares, provocaram-lhe um crescente assombro que passou lentamente por vários graus de inquietação até atingir um estado de medo espiritual realmente extremo. À medida que o verão se aproximava, aumentava a sensação de que algo deveria ser feito a respeito dos terrores ocultos do vale superior do Miskatonic e também a respeito do ser monstruoso que os humanos conheciam como Wilbur Whateley.

VI

O horror de Dunwich ocorreu de fato entre o dia 1° de agosto, a festa da

colheita, e o equinócio de 1928, e o Dr. Armitage estava entre os que testemunharam o monstruoso prólogo. Nesse ínterim, ficou sabendo sobre a grotesca viagem de Whateley a Cambridge e sobre seus esforços desvairados para pegar emprestado ou copiar o trecho que necessitava do *Necronomicon* na Biblioteca Widener. Tais esforços foram inúteis, já que Armitage havia sido muito perspicaz ao enviar alertas a todos os bibliotecários que tivessem o temível volume disponível. Wilbur ficou extremamente nervoso em Cambridge; estava ansioso para ter o livro, mas, em contrapartida, mostrava-se igualmente ansioso para voltar para casa, como se temesse as consequências de uma ausência prolongada.

No início de agosto, ocorreu o desfecho já esperado, pois, nas primeiras horas do dia 3, o Dr. Armitage foi subitamente acordado pelos furiosos e ferozes latidos do cão de guarda do campus universitário. Profundos e terríveis, os rosnados e latidos assemelhavam-se aos de um cão raivoso e continuavam de forma crescente, mas com pausas terrivelmente significativas. Então, soou um grito de uma garganta completamente diferente, um grito que acordou metade dos residentes de Arkham, assombrando seus sonhos para sempre, um grito que não poderia vir de nenhum ser nascido na Terra, ou, pelo menos, de um que fosse completamente humano.

Armitage, apressando-se em vestir algo, e atravessando a rua e o gramado às pressas em direção aos prédios da faculdade, viu que outros já haviam chegado antes dele e ouviu os ecos estridentes de um alarme antifurto soar da biblioteca. Uma janela aberta mostrava-se como um buraco negro à luz da lua. Era certo que haviam conseguido entrar, pois os latidos e gritos, agora passando gradualmente a uma mistura de baixos ganidos e gemidos, procediam inconfundivelmente do interior do recinto. Uma espécie de instinto avisou Armitage que o que estava acontecendo não era algo para olhos despreparados observarem, então ele empurrou a multidão para trás com autoridade enquanto destrancava a porta do vestíbulo. Entre os demais, viu o professor Warren Rice e o Dr. Francis Morgan, para quem havia contado algumas de suas suposições e desconfianças, e acenou para que o acompanhassem. Os ruídos interiores, exceto o ganido contínuo e vigilante do cão de guarda, haviam cessado quase que por completo naquele momento; mas foi então que Armitage sobressaltou-se ao perceber que, entre os arbustos, um coro alto de bacuraus havia começado a piar em um ritmo execrável, como que em uníssono com as últimas respirações do moribundo.

O prédio exalava um terrível mau cheiro que o Dr. Armitage conhecia muito bem, e os três homens atravessaram correndo o saguão em direção à

pequena sala de leitura genealógica de onde vinha o fraco ganido. Por alguns segundos, ninguém ousou acender a luz, até que Armitage reuniu coragem e acionou o interruptor. Um dos três, não se sabe quem, soltou um grito agudo ao ver o que se esparramava diante deles entre mesas em desordem e cadeiras viradas. O professor Rice afirma ter perdido completamente a consciência por um instante, embora suas pernas não tenham bambeado e ele tenha se mantido de pé.

Aquela coisa, deitada de lado em uma poça fétida de linfa amarelo-esverdeada e de uma substância preta, viscosa, e de quem o cão havia rasgado toda a roupa e uns pedaços da pele, tinha quase três metros de altura. Ainda não estava morta, mas contorcia-se de forma silenciosa e espasmódica enquanto o peito arfava em monstruoso uníssono com o enlouquecido piar dos bacuraus que esperavam do lado de fora. Pedaços de couro de sapato e de pano rasgado espalhavam-se pela sala, e, bem perto da janela, um saco de lona vazio estendia-se no local em que, evidentemente, havia sido jogado. Perto da escrivaninha central, havia um revólver caído, com um cartucho amassado, mas não utilizado, que mais tarde mostrou por que não tinha sido disparado. Naquele momento, porém, a própria coisa deixava todas as outras imagens ao seu redor em segundo plano. Seria clichê, e talvez inexato, dizer que nenhuma caneta humana teria a capacidade de descrever a cena, mas podemos certamente dizer que não poderia ser visualizada por uma pessoa cujas ideias de aspecto e contorno estejam demasiado presas às formas de vida comuns deste planeta e das três dimensões conhecidas. Indubitavelmente, era um ser parcialmente humano, com mãos e cabeça muito similares às de um homem, e o rosto caprino e sem queixo tinha a marca dos Whateley. Mas o torso e as partes inferiores do corpo eram tão monstruosamente espantosas que somente as roupas largas permitiam que andasse por esse mundo sem ser desafiado ou erradicado.

Acima da cintura, era semiantropomórfico, embora o peito, sobre o qual as patas dilacerantes do cão ainda pousavam vigilantes, tivesse a pele reticulada como o couro de um crocodilo. As costas apresentavam manchas amarelas e pretas, e notava-se certa semelhança com a pele escamosa dos répteis. Contudo, abaixo da cintura era muito pior, pois qualquer similaridade com a forma humana dissipava-se para dar início à pura fantasia. A pele era coberta por uma camada grossa de pelos negros e ásperos, e do abdômen brotava uma infinidade de compridos tentáculos cinza-esverdeados com ventosas vermelhas.

A disposição era esquisita e parecia seguir a simetria de alguma geometria

cósmica desconhecida na Terra ou no sistema solar. Nos quadris, em um tipo de órbita rosada e com vários cílios, algo parecido com um olho rudimentar estava encrustado. No lugar da cauda, pendia um tipo de tromba ou antena com marcas anelares arroxeadas e com muitos indícios de se tratar de uma boca ou garganta não desenvolvida. Os membros, exceto pela pelagem negra, pareciam-se com as patas traseiras dos sáurios gigantes da Terra pré-histórica e terminavam em extremidades caneladas com veias proeminentes, que não eram nem cascos nem garras. Quando respirava, a cauda e os tentáculos mudavam de cor de maneira ritmada, como que obedecendo a alguma causa circulatória normal de sua ascendência não humana. Nos tentáculos, observava-se um aprofundamento da cor verde, ao passo que na cauda havia a alternância do amarelo com um repugnante branco-acinzentado nos espaços entre os anéis roxos. Não havia sangue genuíno; apenas a fétida linfa amarelo-esverdeada que escorria pelo assoalho pintado para além do alcance da viscosidade, deixando uma curiosa descoloração por onde passava.

A presença dos três homens pareceu despertar o ser moribundo, e ele começou a resmungar sem se virar nem levantar a cabeça. O Dr. Armitage não fez registro escrito de seus murmúrios, mas declara de forma categórica que nenhuma palavra em inglês foi pronunciada. No começo, as sílabas não apresentavam correlação com qualquer linguagem da Terra, mas as últimas trouxeram alguns fragmentos desconexos, certamente extraídos do *Necronomicon*, a monstruosa blasfêmia em busca da qual a coisa havia perecido. Os fragmentos, como Armitage os recorda, diziam algo como "Ngai, n'gha'ghaa, bugg-shoggog, y'hah: Yog-Sothoth, Yog-Sothoth..."

Os sons foram extinguindo-se conforme os bacuraus gritavam estridentemente em um crescendo ritmado, pressagiando algo profano.

Então houve uma pausa na respiração ofegante, e o cão levantou a cabeça em um longo e lúgubre uivo. Uma mudança ocorreu no rosto amarelo e caprino da coisa prostrada e os grandes olhos negros fecharam-se de modo apavorante. Do lado de fora da janela, a gritaria dos bacuraus cessou de súbito, e sobrepondo-se aos murmúrios da multidão reunida, ouviu-se o ruído do bater das asas dominado pelo pânico. Tendo a lua como pano de fundo, vastos bandos de criaturas aladas alçaram voo e sumiram de vista, agitados com a presa que haviam encontrado.

De repente, o cão se levantou, soltou um latido assustador e saltou para fora da janela pela qual havia entrado. Um brado saiu da multidão, e o Dr. Armitage gritou para os homens do lado de fora e disse que ninguém poderia entrar até que a polícia ou o médico legista chegassem. Agradecia o fato de

que as janelas eram demasiado altas para permitir que se espiasse o interior, mas ainda assim baixou todas as escuras cortinas, deixando cada uma das janelas cuidadosamente fechada. Na mesma hora, chegaram dois policiais, e o Dr. Morgan, encontrando-os no vestíbulo, insistia para que eles, para seu próprio bem, não entrassem na sala de leitura malcheirosa até que o médico legista chegasse e a coisa prostrada pudesse ser coberta.

Enquanto isso, mudanças assustadoras aconteciam no chão. Não é necessário descrever o grau e a velocidade do encolhimento e da desintegração que ocorria diante dos olhos do Dr. Armitage e do professor Rice; mas, pode-se dizer que, com exceção da aparência externa do rosto e das mãos, o elemento realmente humano em Wilbur Whateley certamente era muito pequeno. Quando o legista chegou, só havia uma massa viscosa esbranquiçada sobre o assoalho pintado, e o pavoroso odor havia quase desaparecido. Aparentemente, Whateley não tinha crânio nem esqueleto ósseo; pelo menos não em uma forma definida e verdadeira. De algum modo, havia puxado ao pai desconhecido.

VII

Isso, contudo, era apenas o prólogo do verdadeiro horror e Dunwich. Funcionários desnorteados cumpriram as formalidades; detalhes anormais foram devidamente ocultados da imprensa e do público; e homens foram enviados a Dunwich e a Aylesbury para fazer um levantamento dos bens e notificar todos que pudessem ser herdeiros do falecido Wilbur Whateley. Encontraram o vilarejo em grande agitação, tanto por conta dos crescentes ruídos que vinham das colinas arredondadas quanto pelo inusitado fedor e pelos sons do marulho das ondas que soavam com uma intensidade cada vez maior e vinham da casa dos Whateley, que havia sido totalmente encapsulada com toda a vedação. Earl Sawyer, que cuidou do cavalo e do gado durante a ausência de Wilbur, lamentavelmente tinha desenvolvido uma crise nervosa aguda. Os oficiais arranjaram desculpas para não entrar naquele local fechado e desagradável e contentaram-se em limitar a investigação a uma única visita aos aposentos do falecido, isto é, os barracões recém-reformados. Entregaram um volumoso relatório no fórum de Aylesbury, e dizem que litígios referentes à herança ainda estão em tramitação entre os inúmeros membros da família Whateley, pertencentes ao clã decadente ou não, do vale superior do Miskatonic.

Um manuscrito quase interminável, redigido em caracteres estranhos, em um enorme livro, considerado uma espécie de diário devido ao espaçamento e às variações na tinta e caligrafia, tornou-se um enigma intrigante para aqueles que o encontraram na velha cômoda que servia de escrivaninha ao seu proprietário. Após uma semana de discussão, foi enviado para a Universidade de Miskatonic, juntamente com a coleção de livros estranhos do falecido, para estudo e possível tradução; mas mesmo os melhores linguistas logo se deram conta de que era impossível decifrá-lo. E nenhum vestígio do ouro antigo, com o qual Wilbur e o Velho Whateley sempre pagavam suas dívidas, tinha sido encontrado.

Foi na noite do dia 9 de setembro que o horror se desencadeou. Os ruídos das colinas tornaram-se bem mais intensos no fim de tarde, e os cães latiram freneticamente durante toda a noite. No dia dez, madrugadores perceberam um peculiar mau cheiro no ar. Por volta das sete horas, Luther Brown, capataz da propriedade de George Corey, localizada entre a ravina da Fonte Fria e a vila, voltou correndo, atordoado, de seu passeio matinal com as vacas pelo Prado dos Dez Acres. Entrou tropeçando na cozinha de tanto pavor, enquanto lá fora, no pátio, o rebanho igualmente assustado dava patadas e soltava mugidos de partir o coração, após ter acompanhado o pânico do rapaz durante todo o caminho de volta. Arfando, Luther tentou balbuciar a história para a Sra. Corey.

— Lá no alto da estrada depois da ravina, dona Corey, aconteceu coisa lá! Tem cheiro de trovão e tudo o mato e as árvores da estrada caíram para trás, como se um trator tivesse passado. E isso nem é o pior. Tem umas marcas na estrada, dona Corey, umas marcas redondas e grandonas do tamanho d'um barril, tudo afundado como se um elefante tivesse passado, e é uma coisa que quatro pés não podem fazer. Olhei umas duas vezes antes de correr e vi que tava tudo coberto com uns riscos espalhados de um lugar só, como um leque de folha de palmeira, duas ou três vezes maior que as folhas eram essas marcas afundadas na estrada. E o cheiro era horroroso, igual àquele da casa do bruxo Whateley.

Foi então que ele hesitou e pareceu estremecer novamente, sentindo o mesmo pavor que o tinha feito voltar correndo para casa. A Sra. Corey, incapaz de obter mais informações, começou a telefonar para os vizinhos. E foi assim que o prólogo do pânico que anunciava terrores maiores se espalhou pelas redondezas. Quando ligou para Sally Sawyer, caseira da propriedade de Seth Bishop, o lugar mais próximo da propriedade dos Whateley, foi sua vez de escutar em vez de falar, pois o filho de Sally, Chauncey, que dormia muito

mal, subira até o alto da colina em direção à propriedade dos Whateley e voltara em disparada, aterrorizado, após dar uma olhada no lugar e também no pasto em que as vacas do Sr. Bishop haviam sido deixadas durante toda a noite.

— Sim, dona Corey — respondeu a voz trêmula ao telefone. — Chauncey acabou de voltar de lá e não conseguiu nem falar direito de tanto pavor! Falou que a casa do velho Whateley explodiu e que tem madeira espalhada por todo canto, como se tivesse dinamite dentro, só ficou o chão, mas tá tudo coberto com uma coisa que parece piche e tem um cheiro muito ruim, e escorre dos cantos pro lugar de onde as madeiras voaram pra longe. E tem umas pegadas feias no pátio também, umas pegadas redondas maiores que um barril, e tudo grudento com aquela coisa que tem na casa que explodiu. Chauncey disse que vão lá pro lado do pasto onde tem um pedaço todo esmagado, do tamanho de um galpão, e os muros desmoronaram por toda a parte.

"E ele disse, dona Corey, que quando foi procurar as vacas do Seth, assustado como tava, encontrou elas no pasto de cima, perto do Terreno do Diabo, num estado horroroso. Metade delas tinha sumido e quase a metade delas que ficou já não tinha mais sangue, e tinha aquelas feridas nelas, igual às que apareceram no gado dos Whateley desde que o moleque preto da Lavinia nasceu. O Seth saiu agora para olhar elas de novo, mas eu acho que ele não vai querer chegar muito perto do sítio dos Whateley. O Chauncey não reparou direito para onde iam as pegadas depois do pasto, mas ele disse que acha que vão para a estrada da ravina até a vila.

"Vou falar uma coisa pra senhora, dona Corey, tem alguma coisa lá fora que não devia estar lá, não, e garanto que aquele preto do Wilbur Whateley, que teve o fim que merecia, tá metido nessa história. Ele não era inteiro humano, eu sempre falo pra todo mundo; e eu acho que ele e o velho Whateley devem ter criado alguma coisa naquela casa trancada que era ainda menos humana que ele. Sempre teve umas coisas escondidas em Dunwich, coisa viva, que não é humana e nem bom pra humano.

"O chão falou ontem de noite, e de manhã Chauncey ouviu os bacuraus tão alto na ravina da Fonte Fria que nem conseguiu dormir mais. Então, pensou ter escutado outro barulho lá no sítio do bruxo Whateley, era um barulho de madeira quebrando e de alguém serrando, como se alguém estivesse abrindo uma caixa ou engradado grande lá longe. E com tudo isso, ele não conseguiu dormir até que o sol nasceu, e não acordou muito cedo hoje de manhã, mas ele tem que ir de novo lá no Whateley pra ver o que tá acontecendo. Ele viu bastante, eu falo pra senhora, dona Corey! Isso não é

coisa boa, e eu acho que todos os homens deviam se juntar e ir até lá. Eu sei que alguma coisa muito ruim vai acontecer e eu tô sentindo que a minha hora tá chegando, mas eu entrego nas mãos de Deus.

"O Luther percebeu pra onde as pegadas iam? Não? Então, dona Corey, se estava na estrada da ravina desse lado de cá e ainda não chegou na sua casa, acho que vão pra ravina mesmo. Deve ser isso. Eu sempre falo que a ravina da Fonte Fria não é lugar saudável nem decente. Os bacuraus e os vaga-lumes nunca agiram como se fossem criaturas de Deus e tem gente que fala que ocê pode ouvir umas coisas estranhas correndo e falando no ar, lá embaixo, entre as pedras da cachoeira e a Toca do Urso."

Por volta do meio-dia, três quartos dos homens e rapazes de Dunwich reuniram-se e percorreram as estradas e campos entre as recentes ruínas da propriedade dos Whateley e a ravina da Fonte Fria, examinando, horrorizados, as pegadas monstruosas, o gado mutilado dos Bishop, os destroços malcheirosos da casa e a vegetação esmagada e pisoteada dos campos e beiras de estrada. O que quer que estivesse correndo solto pelo mundo, certamente havia seguido para o interior da grande e sinistra ravina, pois todas as árvores nas encostas estavam envergadas e quebradas, e uma enorme trilha havia sido aberta na vegetação rasteira de todo o precipício. Era como se uma casa, arrastada por uma avalanche, tivesse deslizado pela emaranhada vegetação em declive quase vertical. Nenhum ruído vinha do fundo da ravina, somente um fedor distante e indefinido; e não é de se surpreender que os homens preferissem ficar na beira, discutindo, em vez de descer e enfrentar o desconhecido horror ciclópico em seu covil. Três cães que estavam com o grupo haviam latido furiosamente no início, mas pareceram amedrontados e acuados ao se aproximarem da ravina. Alguém telefonou para o *Aylesbury Transcript* e comunicou os fatos, mas o editor, acostumado às espantosas histórias de Dunwich, não fez mais do que redigir um parágrafo zombeteiro sobre o ocorrido, que foi reproduzido logo depois pela *Associated Press*.

Naquela noite, todos foram para casa, e em todas elas e também nos celeiros, foram feitas as barricadas mais sólidas possíveis. Não é necessário dizer que não foi permitido que nenhuma cabeça de gado permanecesse em pasto aberto. Por volta das duas da manhã, um terrível mau cheiro e os latidos furiosos dos cães acordaram a família de Elmer Frye, cuja propriedade ficava na parte leste da ravina da Fonte Fria, e todos confirmaram que era possível ouvir um tipo de zumbido abafado ou marulho que vinha lá de fora. A Sra. Frye propôs telefonar aos vizinhos, e Elmer estava prestes a concordar quando o barulho de madeira estilhaçada interrompeu a conversa. Aparentemente,

vinha do celeiro, e logo o gado começou a dar patadas no chão e a mugir de forma ensandecida. Os cães babavam e rastejavam aos pés da família paralisada de medo. Frye acendeu uma lanterna por força do hábito, mas sabia que sair naquele terreno escuro seria o mesmo que morrer. As crianças e as mulheres choramingavam, evitando gritar por algum obscuro instinto de defesa que lhes dizia que suas vidas dependiam do silêncio. Por fim, o barulho do gado transformou-se em um lamento penoso, seguido por estalidos e crepitações, que soaram ainda mais alto. Os Frye ficaram todos juntos na sala e não ousaram se mover até que os últimos ecos realmente tivessem cessado ao longe, na ravina da Fonte Fria. Então, entre os desoladores gemidos vindos do estábulo e os demoníacos pios dos últimos bacuraus no fundo da ravina, Selina Frye foi cambaleando até o telefone e espalhou como pôde as notícias sobre a segunda fase do horror.

No dia seguinte, toda a região de Dunwich estava em pânico, e grupos acovardados e absolutamente calados perambulavam por onde o diabólico fato tinha ocorrido. Duas enormes trilhas de destruição estendiam-se da ravina ao pátio dos Frye, pegadas monstruosas cobriam os trechos de terreno sem vegetação e um dos lados do velho celeiro vermelho havia desmoronado por completo. Somente um quarto do gado pôde ser encontrado e identificado. Alguns dos animais haviam sido despedaçados de modo peculiar, e todos os que sobreviveram tiveram que ser sacrificados. Earl Sawyer sugeriu que pedissem ajuda em Aylesbury ou Arkham, mas outros comentaram que seria inútil. O Velho Zebulon Whateley, de um ramo que hesitava entre a integridade física e mental e a decadência, insinuou desvarios sinistros sobre ritos que deveriam ser praticados no topo das colinas. Ele descendia de uma linhagem na qual a tradição vigorava, e suas lembranças de cânticos nos grandes círculos de pedra não estavam totalmente ligadas a Wilbur e seu avô.

A noite caiu sobre a região abalada e demasiado passiva para se organizar para uma defesa real. Em certos casos, famílias muito amigas reuniram-se sob o mesmo teto para vigiar no escuro; mas, em geral, houve somente a repetição das barricadas da noite anterior e um gesto fútil e ineficaz de carregar mosquetes e armar-se com forcados. Nada aconteceu, porém, com exceção de alguns ruídos nas colinas; e, quando o dia amanheceu, muitos nutriam a esperança de que o novo horror tivesse ido embora com a mesma rapidez com que chegara. E alguns espíritos audaciosos até propuseram uma expedição ofensiva para descer ao fundo da ravina, embora não tivessem se aventurado a dar um exemplo concreto para a maioria ainda relutante.

Quando anoiteceu novamente, as barricadas foram repetidas, embora com

menos famílias reunidas. De manhã, tanto os Frye quanto os Bishop relataram a agitação dos cães e os vagos ruídos e maus cheiros que vinham de longe; os primeiros exploradores, por sua vez, ficaram horrorizados ao notar novas pegadas monstruosas na estrada ao longo da Sentinel Hill. Assim como antes, as margens amassadas da estrada indicavam o tamanho do horror blasfemo e assombroso. A disposição das pegadas parecia revelar uma passagem em duas direções, como se a montanha móvel tivesse vindo da ravina da Fonte Fria e retornado a ela pelo mesmo caminho. Ao sopé da colina, uma trilha de nove metros de pequenos arbustos esmagados seguia colina acima, e os homens ficaram boquiabertos ao ver que nem mesmo os trechos mais íngremes faziam a trilha implacável desviar. O que quer que fosse, aquele horror conseguia escalar um rochedo escarpado e quase completamente vertical; e, como os exploradores subiram até o cume da colina por caminhos mais seguros, viram que as pegadas terminavam por lá, ou melhor, invertiam-se.

Era ali que os Whateley costumavam acender suas fogueiras diabólicas e entoar seus rituais igualmente diabólicos na pedra em forma de mesa na Véspera do 1º de Maio e na Véspera de Todos os Santos. Agora aquela mesma pedra era o centro de um vasto espaço tomado pelo horror montanhoso, e, sobre a superfície ligeiramente côncava, havia um espesso e fétido depósito da mesma substância preta e viscosa encontrada no chão da casa em ruínas quando o horror escapou. Os homens entreolharam-se e murmuraram alguma coisa. Depois, olharam para baixo. O horror aparentemente havia descido pelo mesmo caminho em que havia subido. Especular era inútil. Razão, lógica e ideias normais de motivação eram confusas. Somente o velho Zebulon, que não estava com o grupo, era capaz de julgar a situação ou sugerir uma explicação plausível.

A noite de quinta-feira começou como as outras, mas terminou pior. Os bacuraus na ravina haviam berrado com tanta persistência que muitos não conseguiram dormir, e, por volta das três da madrugada, os telefones de todas as pessoas do grupo tocaram tremulamente. Todos que atenderam ouviram uma voz muita assustada gritar: “Socorro, ai, meu Deus!” Alguns pensaram ter ouvido um estrondo, seguido de uma interrupção da exclamação. Não houve mais nada. Ninguém ousou fazer coisa alguma, e não se soube, até de manhã, de onde tinha vindo o chamado, pois todos os que receberam a ligação telefonaram uns para os outros e descobriram que apenas os Frye não respondiam. A verdade apareceu uma hora depois, quando um grupo de homens armados, reunido às pressas, caminhou penosamente até a propriedade dos Frye no topo da ravina. Foi horrível, ainda que não tenha sido

exatamente uma surpresa. Havia mais pegadas e marcas monstruosas, mas a casa já não estava mais lá. Tinha desmoronado como uma casca de ovo, e, entre as ruínas, não foi encontrado nada vivo nem morto. Apenas um mau cheiro e uma substância preta e viscosa. A família de Elmer Frye havia sido erradicada de Dunwich.

VIII

Nesse meio-tempo, uma fase mais calma do horror — ainda que mais espiritualmente intensa — foi aos poucos se desenrolando de forma mais obscura, atrás de uma porta fechada de uma sala cheia de estantes em Arkham. O curioso manuscrito ou diário de Wilbur Whateley, entregue à Universidade de Miskatonic para tradução, tinha causado muita preocupação e estarrecimento entre os especialistas em línguas antigas e modernas. O alfabeto próprio, embora semelhante, de forma geral, ao enigmático árabe falado na Mesopotâmia, era completamente desconhecido por qualquer autoridade que estivesse ao alcance para consulta. A conclusão final dos linguistas foi que o texto apresentava um alfabeto artificial, aparentando ser um código cifrado; porém, nenhum dos métodos comuns de solução criptográfica pareciam fornecer qualquer pista, mesmo quando aplicados com base em qualquer língua que o autor pudesse ter usado. Os antigos livros retirados da casa dos Whateley, apesar de extremamente interessantes e, em vários casos, prometendo abrir novas e terríveis linhas de pesquisa entre filósofos e homens da ciência, não ajudaram em nada quanto a essa questão. Um deles, um volume pesado com fecho de ferro, estava escrito em outro alfabeto desconhecido, de aspecto totalmente diferente, e lembrava o sânscrito mais do que qualquer outra coisa. O velho diário, por fim, ficou totalmente sob a responsabilidade do Dr. Armitage, tanto por conta do interesse peculiar na família Whateley quanto pelo seu amplo conhecimento linguístico e experiência no que dizia respeito a fórmulas místicas da Antiguidade e da Idade Média.

Armitage imaginava que o alfabeto pudesse ser algo esotericamente usado por certos cultos proibidos transmitidos desde tempos antigos e que haviam herdado muitas fórmulas e tradições dos magos do mundo sarraceno. Não considerou essa questão vital, no entanto, já que não seria necessário conhecer a origem dos símbolos se, conforme imaginava, fossem usados como uma cifra em uma língua moderna. Acreditava que, considerando a grande quantidade

de texto envolvida, não era provável que o autor tivesse tido o trabalho de usar uma outra língua que não a sua, exceto talvez em algumas magias especiais ou encantamentos. Sendo assim, ele examinou o manuscrito pressupondo que a maior parte dele estivesse em inglês.

O Dr. Armitage sabia, pelos repetidos fracassos dos colegas, que o enigma era profundo e complexo e que qualquer método simples de solução nem deveria ser tentado. Durante todo o fim de agosto, procurou acumular o máximo de conhecimentos sobre criptografia, recorrendo às fontes mais completas da própria biblioteca e passando diversas noites entre os arcanos das obras: *Poligraphia*, de Trithemius; *De Furtivis Literarum Notis*, de Giambattista Porta; *Traité des Chiffres*, de Vigenere; *Cryptomenysis Patefacta*, de Falconer; os tratados do século XVIII de Davys e Thicknesse; e autoridades modernas como Blair, von Marten e a *Kryptographik*, de Klüber. Intercalou o estudo dos livros com exames ao manuscrito em si e, com o tempo, concluiu que um daqueles criptogramas especialmente sutis e engenhosos deveria ter mais atenção. Nele, muitas listas separadas de letras correspondentes estavam dispostas como tabuada e a mensagem era construída com palavras-chave arbitrárias, conhecidas apenas pelos iniciados. As autoridades mais antigas pareciam ter mais utilidade que as novas, e Armitage concluiu que o código do manuscrito era muito antigo, sem dúvida legado ao longo de uma longa linhagem de experimentadores místicos. Várias vezes, ele pareceu ter encontrado a luz, mas logo algum obstáculo desconhecido o fazia retroceder. Então, com a chegada de setembro, as nuvens começaram a clarear. Algumas letras, da forma como usadas em certas partes do manuscrito, emergiram definitiva e indubitavelmente, tornando-se óbvio que o texto estava, de fato, escrito em inglês.

Ao anoitecer do dia 2 de setembro, a última das grandes barreiras caiu de vez, e o Dr. Armitage leu, pela primeira vez, uma passagem contínua dos anais de Wilbur Whateley. Era, de fato, um diário, como todos imaginavam, e estava expresso em um estilo que claramente denotava a mistura da erudição em ocultismo e a falta de instrução geral da estranha criatura que o escrevera. Logo na primeira passagem longa que Armitage decifrou, um registro datado de 26 de novembro de 1916 provou-se altamente alarmante e estarrecedor. Foi escrita, como o Dr. Armitage recordou, por uma criança de três anos e meio que aparentava ser um rapaz de doze ou treze.

"Hoje aprendi o Aklo para o Sabaoth", dizia. "Não gostei, podia ser respondido da colina e não do ar. Aquele da parte de cima mais na minha frente que achei que estava, e não parece ter muito cérebro da Terra. Atirei no

Jack, o collie do Elam Hutchins, quando ele veio me morder, e Elam disse que me mataria se ele morresse. Acho que não vai. O avô me fez dizer a fórmula Dho ontem à noite, e acho que vi a cidade interna nos dois polos magnéticos. Eu irei àqueles polos quando a Terra for dizimada, se eu não conseguir irromper com a fórmula Dho-Hna, quando a praticar. Eles do ar me disseram no Sabbath que passarão anos até que eu possa dizimar a Terra, e acho que o avô estará morto até lá, então vou ter que aprender todos os ângulos dos planos e todas as fórmulas entre o Yr e o Nhhngr. Eles de fora ajudarão, mas não podem ganhar corpo sem sangue humano. O da parte de cima parece que terá a forma certa. Posso vê-lo um pouco quando faço o sinal Voorish ou assopro o pó de Ibn Ghazi nele, e fica quase como eles na Véspera do 1º de Maio na colina. O outro rosto pode desaparecer um pouco. Queria saber como vou ser quando a Terra for dizimada e não houver mais seres terrestres nela. Ele que veio com o Aklo Sabaoth disse que posso ser transfigurado e que existe muito lá fora para ser trabalhado."

Ao amanhecer, o Dr. Armitage suava frio de terror e estava extremamente alerta e concentrado na leitura. Não havia largado o manuscrito a noite toda; passou a madrugada inteira sentado à mesa, sob a luz elétrica, virando página após página com mãos trêmulas para decifrar o texto críptico com a maior velocidade possível. Muito nervoso, havia ligado para a esposa, avisando que não iria para casa, e quando ela lhe trouxe o café da manhã, ele quase não comeu nada. Durante todo aquele dia, continuou lendo, parando às vezes em alvoroço, quando sentia que era necessário voltar e examinar o código novamente. Trouxeram-lhe o almoço e o jantar, mas ele comeu muito pouco em ambas as refeições. No meio da noite seguinte, cochilou na cadeira, mas logo acordou com um emaranhado de pesadelos quase tão aterradores quanto as verdades e ameaças à existência humana que havia descoberto.

Na manhã do dia 4 de setembro, o professor Rice e o Dr. Morgan insistiram em vê-lo um pouco, mas partiram de lá trêmulos e lívidos. Naquela noite, Armitage foi para a cama, mas seu sono foi muito atribulado. No dia seguinte, uma quarta-feira, voltou para o manuscrito e começou a fazer anotações copiosas das partes que ia lendo e das que já havia decifrado. Na madrugada daquela noite, dormiu um pouco em um divã do escritório, mas voltou ao manuscrito mais uma vez antes do amanhecer. Pouco antes do meio-dia, seu médico, o Dr. Hartwell, telefonou dizendo que queria vê-lo e insistiu que parasse de trabalhar. Recusou-se, alegando que era da mais vital importância concluir a leitura do diário com uma explicação a seu devido tempo. Na hora do crepúsculo, bem quando escureceu, terminou a terrível

leitura, e recostou-se exausto. A esposa, ao trazer-lhe o jantar, encontrou-o em um estado semicomatoso, mas ele ainda estava consciente o bastante para detê-la com um grito agudo quando viu os olhos da mulher vagarem por sobre suas anotações. Levantando-se com fraqueza, juntou os papéis rascunhados e lacrou-os em um grande envelope, que imediatamente colocou dentro do bolso interno de seu casaco. Teve força suficiente para chegar em casa, mas era tão evidente que precisava de ajuda médica que o Dr. Hartwell foi chamado de imediato. Assim que o médico o pôs na cama, ele só conseguiu murmurar repetidas vezes: “Mas o que, em nome de Deus, podemos fazer?”.

O Dr. Armitage dormiu, mas estava parcialmente delirante no dia seguinte. Não deu explicações a Hartwell, mas em seus momentos de calma, falava da necessidade imperativa de uma longa reunião com Rice e Morgan. Seus devaneios mais absurdos eram de fato muito alarmantes, incluindo apelos desesperados de que algo em uma casa de fazenda totalmente vedada fosse destruído e também referências fantásticas a um certo plano de extirpação de toda a humanidade e de toda a vida animal e vegetal da face da Terra por parte de uma terrível e mais antiga raça de seres de outra dimensão. Ele bradava que o mundo corria perigo, já que as Coisas Antigas desejavam devastá-lo e aniquilá-lo do sistema solar e do cosmos da matéria para outro plano ou fase de existência do qual um dia havia saído, milhares de trilhões de eras antes. Em outros momentos, requisitava o temível *Necronomicon* e o *Daemonolatreia*, de Remigius, nos quais parecia ter esperança de encontrar alguma fórmula para conter o perigo que conjurava.

— Detenha-os, detenha-os! — gritava. — Aqueles Whateley queriam deixá-los entrar, e o pior ainda está por vir! Digam a Rice e Morgan que devemos fazer alguma coisa; é o último recurso, mas sei como fazer o pó... Não foi alimentado desde o dia dois de agosto, quando Wilbur veio aqui para morrer, e a essa altura...

Mas apesar dos seus setenta e três anos, Armitage tinha um físico saudável e curou-se da indisposição após dormir aquela noite sem desenvolver mais nenhum estado febril. Acordou tarde na sexta, lúcido, embora demonstrando um medo corrosivo e um enorme senso de responsabilidade. Na tarde de sábado, sentiu-se apto para ir até a biblioteca e convocar Rice e Morgan para uma reunião, e, durante o resto do dia, os três homens quebraram a cabeça na mais desatinada especulação e desesperado debate. Livros estranhos e terríveis foram retirados aos montes das estantes da biblioteca e de lugares em que estavam guardados com segurança; diagramas e fórmulas foram copiados com pressa febril e em quantidade assustadora. De ceticismo, não havia nada.

Todos os três haviam visto o corpo de Wilbur Whateley prostrado no chão em uma sala daquele mesmo prédio e, depois disso, nenhum deles poderia sentir a menor inclinação a tratar o diário como o delírio de um louco.

As opiniões estavam divididas a respeito de notificar a polícia estadual de Massachusetts, porém a negativa finalmente venceu. Envolvia coisas sobre as quais as pessoas que não tinham visto nada simplesmente não podiam acreditar, como ficou claro nas investigações subsequentes. Tarde da noite, foi encerrada a reunião sem que houvessem elaborado um plano definitivo, mas, durante todo o domingo, Armitage comparou fórmulas e misturou substâncias químicas obtidas no laboratório da faculdade. Quanto mais refletia sobre o infernal diário, mais ficava inclinado a duvidar da eficácia de qualquer agente material para eliminar a entidade que Wilbur Whateley havia deixado para trás, a entidade que ameaçava a Terra que, desconhecida por ele, estava para irromper em poucas horas, tornando-se o memorável horror de Dunwich.

Segunda-feira foi uma repetição de domingo para o Dr. Armitage, pois a tarefa em mãos exigia uma infinidade de pesquisas e experimentos. Nova consultas ao diário monstruoso ocasionaram várias mudanças de planos, e ele sabia que mesmo no fim haveria ainda muita incerteza. Na terça-feira, já tinha uma linha definitiva de ação minuciosamente planejada e penava em ir a Dunwich dentro de uma semana. Então, na quarta-feira, veio o grande choque. Escondida em um canto do *Arkham Advertiser*, uma pequena nota zombeteira da *Associated Press* dizia que o uísque de contrabando de Dunwich havia criado um monstro que batia todos os recordes. Armitage, meio atordoado, só conseguiu telefonar para Rice e Morgan. Discutiram madrugada adentro e, no dia seguinte, todos se agitaram com os preparativos. Armitage sabia que estaria lidando com forças terríveis, mas estava ciente de que não havia outra forma de acabar com a mais profunda e maligna interferência que outros haviam realizado antes dele.

IX

Na sexta-feira de manhã, Armitage, Rice e Morgan partiram de carro para Dunwich, chegando à vila por volta da uma da tarde. O dia estava agradável, mas mesmo sob a clara luz do sol uma espécie de pavor agourento e silencioso parecia pairar por sobre as estranhas colinas arredondadas e as profundas e sombrias ravinas da região afetada. Por vezes, sobre um topo de montanha, podia-se vislumbrar no céu um lúgubre círculo de pedras. Pelo ar de pavor

silencioso presente na venda do Sr. Osborn, perceberam que algo horrível havia acontecido e logo ficaram sabendo da aniquilação da casa e da família de Elmer Frye. Durante toda a tarde, percorreram Dunwich de carro, questionando os nativos sobre tudo o que havia acontecido e observando, em crescente agonia, as sombrias ruínas dos Frye com traços remanescentes da substância preta e viscosa, as pegadas ímpias no pátio dos Frye, o gado ferido de Seth Bishop e as enormes trilhas de vegetação esmagada em vários lugares. A trilha que subia e descia a Sentinel Hill tinha para Armitage um significado quase cataclísmico, e ele ficou observando longamente a sinistra pedra em forma de altar no topo.

Por fim, os visitantes, informados sobre um grupo da polícia estadual que viera de Aylesbury naquela manhã, atendendo aos primeiros relatos telefônicos da tragédia dos Frye, decidiram procurar os policiais e comparar a viabilidade de suas impressões. Isso, contudo, foi mais fácil de planejar do que de realizar, pois não havia sinal do grupo em parte alguma. Eram cinco em um carro, que agora estava estacionado e vazio perto das ruínas no terreno dos Frye. Os moradores da região, que já tinham falado com os policiais, pareciam a princípio tão perplexos quanto Armitage e seus companheiros. Foi quando o velho Sam Hutchins pensou em algo que o fez empalidecer; cutucou Fred Farr e apontou para o buraco úmido e profundo que se escancarava ali perto.

— Deus do céu — disse, ofegante. — Eu falei pra eles não descerem a ravina, e eu nunca pensei que alguém fosse fazer isso com aquelas pegadas e aquele cheiro e os bacuraus todos berrando lá embaixo naquela escuridão do meio-dia...

Tanto os habitantes locais quanto os visitantes sentiram um calafrio percorrer o corpo, e todos os ouvidos aguçaram-se de forma instintiva e inconsciente. Armitage, que agora havia encontrado o horror e seu rastro de destruição, estremeceu diante do peso da responsabilidade que lhe era imposta. A noite cairia em breve, e seria nesse momento que a blasfêmia montanhosa iria se arrastar para cumprir o trajeto medonho. "Negotium Perambulans in tenebris", o velho bibliotecário recitou a fórmula que havia memorizado e apertou nas mãos o papel que continha a alternativa que não conseguia memorizar. Viu que sua lanterna elétrica estava funcionando bem. Rice, a seu lado, tirou de uma maleta um borrifador de metal, daqueles usados para combater insetos; ao passo que Morgan tirava da caixa a espingarda de caça em que confiava, apesar dos avisos dos colegas de que nenhuma arma material ajudaria.

Armitage, que havia lido o horrendo diário, estava dolorosamente ciente

de que tipo de manifestação esperar, mas não quis aumentar ainda mais o pavor das pessoas de Dunwich, oferecendo-lhes quaisquer referências ou pistas. Tinha esperança de que a coisa pudesse ser derrotada sem qualquer revelação ao mundo acerca da monstruosidade da qual havia escapado. À medida que escurecia, os habitantes locais começaram a se dispersar em direção a suas casas, ansiosos para ficarem trancados em seu interior, apesar da presente evidência de que todas as fechaduras e trancas humanas eram inúteis perante uma força que podia derrubar árvores e esmagar casas a seu bel-prazer. Eles meneavam a cabeça ao saber do plano dos visitantes, que consistia em ficar a postos nas ruínas dos Frye, perto da ravina; e foram embora sem expectativa alguma de voltar a vê-los algum dia.

Houve estrondos embaixo das colinas naquela noite, e os bacuraus piavam ameaçadoramente. De vez em quando, uma rajada de vento soprava por sobre a ravina da Fonte Fria e trazia um toque de inefável fedor para o ar pesado da noite; os três observadores já haviam sentido aquele odor fétido em outra ocasião, quando estiveram perto de uma coisa moribunda que havia passado quinze anos e meio como um ser humano. Mas o aguardado terror não apareceu. O que quer que estivesse lá embaixo no vale estava esperando o momento exato, e Armitage disse a seus colegas que seria suicídio tentar atacá-lo no escuro.

A manhã nasceu lívida, e os sons noturnos cessaram. Era um dia cinza e triste, com uma garoa intermitente; e nuvens cada vez mais carregadas pareciam acumular-se para além das colinas na direção noroeste. Os homens de Arkham estavam indecisos sobre o que fazer. Buscando abrigo contra a chuva, que aumentava, embaixo de uma das poucas construções que ainda restavam na propriedade dos Frye, discutiram a conveniência de esperar ou partir para a agressão, seguindo ravina abaixo em busca da inominável e monstruosa presa. O aguaceiro aumentou, e estrépitos de trovões soaram, vindos de horizontes distantes. Relâmpagos difusos tremeluziram, e então um raio bifurcado reluziu perto de onde estavam, como se tivesse descido para a própria ravina amaldiçoado. O céu ficou ainda mais escuro, e os observadores nutriam esperanças de que a tempestade fosse uma daquelas curtas e violentas que clareiam o céu depois que caem.

Ainda estava terrivelmente escuro quando, pouco mais de uma hora depois, um vozerio confuso soou lá embaixo na estrada. Em seguida, apareceu um grupo de mais de uma dúzia de homens, correndo, gritando e até mesmo soluçando histericamente. Alguém que vinha à frente começou a balbuciar alguma coisa, e os homens de Arkham sobressaltaram-se quando as palavras

começaram a fazer sentido.

— Pai do céu, pai do céu — a voz quase não saiu. — Tá vindo de novo, e agora de dia! Tá por aí, tá andando por aí agorinha mesmo, e só Deus sabe quando vai acabar com todo mundo!

Ofegante, o narrador se calou, mas outro continuou a história.

— Faz quase uma hora que o Zeb Whateley ouviu o telefone tocar e era a dona Corey, mulher do George, que mora pra baixo da encruzilhada. Ela falou que o Luther estava tocando o gado pra dentro depois que o raio caiu, quando viu que as árvores estavam envergando pra dentro, do outro lado do barranco, e sentiu o mesmo cheiro ruim que sentiu quando encontrou aquelas baita pegadas na segunda de manhã. E ela falou que ele disse que deu um assobio e um fez um barulho de água, que as árvores e o mato não podiam fazer sozinhos, e de repente as árvores do lado da estrada começaram a envergar de um lado só, e fizeram um barulho horrível de pisada forte espirrando barro. Mas vê só, o Luther não viu nadinha, só as árvores e o mato envergando.

"Depois, lá na frente onde o córrego dos Bishop passa por baixo da estrada, ele ouviu a ponte ranger e estalar, e dava pra ouvir direitinho o barulho da madeira rachando e quebrando. E ele não viu nadinha mesmo, só as árvores e o mato envergando. E quando a Sentinel Hill começou a estalar, o Luther teve coragem de subir até onde ele ouviu o primeiro estalo e olhou pro chão. Só tinha barro e água, e o céu tava escuro, e a chuva tava apagando as pegadas rapidinho; mas na boca da ravina, onde as árvores envergaram, ainda tinha umas pegadas bem grandes, iguais às de segunda de manhã."

Naquele momento, o primeiro senhor que tinha falado interrompeu, todo agitado.

— Mas o problema agora não é esse, não. Isso aí foi só o começo. O Zeb tava chamando o povo e todo mundo escutou quando ligaram do sítio do Seth Bishop. A Sally, a caseira lá, tava desesperada. Tinha acabado de ver as árvores envergando na beira da estrada, e falou que faziam um barulho igual ao de um elefante pisando forte e esmagando tudo no caminho pra casa. Daí, ela levantou e falou de repente de um cheiro horrível e disse que o fio dela, Chauncey, tava gritando que era o mesmo cheiro lá de cima nas ruínas dos Whateley na segunda de manhã. E os cães tavam tudo latindo e ganindo feio.

"Então ela deu um berro horrível e disse que o barracão lá embaixo na estrada tinha acabado de desmoronar, como se a tempestade tivesse passado por lá, só que o vento não era forte assim pra fazer aquilo. Todo mundo tava ouvindo e deu pra escutar a respiração forte de muita gente pelo telefone. De repente, a Sally gritou de novo e disse que a cerca da frente da casa tinha

acabado de cair inteira, mas não tinha sinal do que tinha feito aquilo. Daí, todo mundo no telefone conseguiu ouvir o Chauncey e o Seth Bishop gritando também, e a Sally tava berrando que alguma coisa pesada tinha batido na casa, não era raio, era alguma coisa pesada forçando a frente, que ficava se jogando e forçando, forçando, mas não dava pra ver nada das janelas da frente. E então... e então...”

Marcas de pavor realçaram-se em todos as faces; e Armitage, abalado, mal conseguia motivar o senhor a continuar falando.

— Então a Sally gritou “socorro, a casa tá desmoronando”,. e pelo telefone a gente ouviu um barulhão assustador e uma gritaria... igual quando o sítio do Elmer Frye sumiu, só que pior...

O homem fez uma pausa, e o outro acrescentou:

— Foi só isso mesmo, nenhum barulho nem chiado no telefone depois daquilo. Só silêncio. A gente, que ouviu, saiu correndo com nossos carros e carroças pra conseguir juntar um monte de homens lá nos Corey e vir aqui pra ver o que ocês achavam melhor fazer. O que eu acho mesmo é que é o julgamento de Deus por causa dos nossos pecados, que nenhum de nós pode escapar.

Armitage viu que havia chegado o momento para uma ação verdadeira e falou com firmeza para o hesitante grupo de camponeses assustados.

— Devemos seguir essa coisa, rapazes — disse, usando o tom mais seguro que podia. — Acredito que existe uma chance de fazer com que pare. Vocês sabem que aqueles Whateley eram bruxos. Pois bem, isso é uma coisa de feitiçaria e deve ser derrotada pelos mesmos meios. Vi o diário de Wilbur Whateley e li alguns dos estranhos livros antigos que ele costumava ler; e acho que sei o tipo certo de encantamento. Não se pode ter certeza, mas temos que tentar. É invisível, eu sabia que seria, mas há um pó neste borrifador de longa distância que pode fazer com que apareça por um segundo. Mais tarde, vamos usá-lo. É uma coisa pavorosa demais para que possamos deixá-la viva, mas não é tão má quanto teria sido se Wilbur Whateley tivesse vivido mais tempo. Vocês nunca saberão do que o mundo escapou. Agora só temos essa única coisa para combater, e ela não pode se multiplicar. Ainda pode, contudo, causar muito mal; então não devemos hesitar em livrar a comunidade dela.

“É preciso segui-la, e a forma de começar isso é indo até o lugar que acabou de ser destruído. Que alguém vá na frente; não conheço suas estradas muito bem, mas imagino que deva haver uma espécie de atalho pela mata. O que vocês acham?”

Os homens hesitaram um pouco, e então Earl Sawyer falou calmamente,

apontando com um dedo encardido diante da chuva que diminuía aos poucos.

— Acho que ocê pode chegar até o sítio do Seth Bishop mais depressa se cortar pelo mato mais baixo aqui, passando pela parte rasa do córrego e subindo pelo terreno do Carrier e depois pela mata. O sítio aparece na beira da parte alta da estrada, do outro lado.

Armitage, Rice e Morgan começaram a caminhar na direção indicada; e a maioria dos habitantes locais os seguiu devagar. O céu estava ficando mais limpo, e havia indícios de que a tempestade estava se afastando. Quando Armitage inadvertidamente pegou a direção errada, Joe Osborn passou a andar na frente para indicar o caminho. A coragem e a confiança estavam crescendo, embora o crepúsculo na floresta colocasse essas qualidades à prova o tempo todo, pois cobria a colina quase perpendicular localizada no fim do atalho, e era preciso escalar as fantásticas árvores antigas como se estivessem subindo uma escada.

Enfim chegaram a uma estrada lamacenta, bem no momento em que o sol se punha. Estavam um pouco além da propriedade de Seth Bishop, mas as árvores envergadas e as horrendas e inconfundíveis pegadas mostravam o que havia acontecido ali. Levaram alguns minutos examinando as ruínas à beira do abismo. Foi exatamente como no incidente dos Frye, e nada vivo ou morto foi encontrado em nenhuma das fachadas desmoronadas que haviam sido a casa e o celeiro dos Bishop. Ninguém queria permanecer ali, em meio ao mau cheiro e à substância preta e viscosa, mas todos se viraram instintivamente para a trilha de pegadas horríveis que se dirigia para a casa destruída dos Whateley e para as encostas coroadas de altares da Sentinel Hill.

Ao passar pelo local em que Wilbur Whateley havia morado, os homens estremeceram visivelmente e pareciam mesclar hesitação a seu entusiasmo uma vez mais. Não era brincadeira seguir o rastro de algo tão grande quanto uma casa e que não se podia ver, mas aquilo tinha toda a malevolência destrutiva de um demônio. Do lado oposto do sopé da Sentinel Hill, a trilha deixava a estrada, e avistava-se mais a vegetação retorcida e emaranhada ao longo da extensa faixa que marcava a primeira trilha do monstro indo e voltando ao topo.

Armitage pegou um binóculo com considerável capacidade de aumento e esquadrinhou a encosta verde e íngreme ao lado da colina. Então, passou o instrumento para Morgan, cuja visão era melhor. Após um momento de atenta observação, Morgan soltou um grito agudo, passando o binóculo para Earl Sawyer e indicando com o dedo um certo ponto na encosta. Sawyer, tão desajeitado quanto a maioria dos que não usam instrumentos óticos,

atrapalhou-se um pouco, mas enfim conseguiu ajustar as lentes com a ajuda de Armitage. Assim que localizou o ponto, seu grito foi menos contido que o de Morgan.

— Deus todo poderoso, o capim e os arbustos tão se mexendo! A coisa tá subindo, bem devagarinho, se arrastando lá pra cima agora mesmo, só Deus sabe pra fazer o quê!

Então, a onda de pânico pareceu se alastrar por todo o grupo. Uma coisa era perseguir o ser inominável, outra era encontrá-lo. Os encantamentos podiam estar corretos, mas e se não estivessem? Vozes começaram a questionar Armitage acerca de seu conhecimento sobre a coisa, e nenhuma resposta parecia ser realmente satisfatória. Todos pareciam se sentir muito próximos das fases da Natureza e da existência totalmente proibidas e externas à sã experiência da humanidade.

X

Por fim, os três homens de Arkham — o velho de barba branca, Dr. Armitage, o atarracado e grisalho professor Rice, e o magricela e de aparência jovem, Dr. Morgan — subiram a montanha sozinhos. Depois de orientar com muita paciência sobre o ajuste do foco do binóculo, deixaram-no com o amedrontado grupo que permanecia na estrada; e, enquanto subiam, o instrumento era passado de mão em mão para que pudessem ser observados de perto. Era um trajeto difícil, e Armitage teve que ser ajudado em algumas ocasiões. Bem acima do esforçado grupo, a grande faixa pisoteada tremia quando o ser infernal passava de novo por ela com a lentidão de uma lesma. Desse modo, ficou evidente que os perseguidores estavam ganhando terreno.

Curtis Whateley, do clã não decadente, era quem estava com o binóculo quando o grupo de Arkham desviou-se radicalmente da faixa pisoteada. Ele disse à multidão que os homens estavam evidentemente tentando chegar a um pico secundário que tivesse um ângulo de visão para a faixa em um ponto bem à frente de onde a vegetação era esmagada. E era mesmo verdade, pois o grupo foi visto alcançando a elevação menor um pouco depois de a blasfêmia invisível ter passado por lá.

Então, Wesley Corey, que havia pegado o binóculo, gritou que Armitage estava arrumando o borrifador que Rice segurava e que algo estava prestes a acontecer. Os homens inquietaram-se e estavam apreensivos, lembrando que o borrifador poderia tornar visível o horror que não conseguiam ver. Dois ou três

homens fecharam os olhos, mas Curtis Whateley pegou o binóculo de volta e ajustou o campo de visão ao máximo. Viu que Rice, do ponto em que o grupo estava, com uma visão privilegiada acima e atrás do ser, tinha uma chance excelente de borrifar o poderoso pó, obtendo ótimo resultado.

Os demais, sem o binóculo, viram apenas por um instante uma nuvem cinzenta, do tamanho de um edifício moderadamente alto, perto do topo da montanha. Curtis, que ainda estava com o binóculo, derrubou-o na lama funda da estrada e soltou um grito estridente. Cambaleou e teria caído no chão se dois ou três de seus companheiros não o tivessem segurado. Tudo o que pôde fazer foi balbuciar algo quase inaudível.

— Ai, ai, Deus todo poderoso... aquilo... aquilo...

Houve um pandemônio de perguntas, e somente Henry Wheeler pensou em resgatar o binóculo caído na lama e limpá-lo. Curtis havia perdido os sentidos e mesmo respostas isoladas eram demais para ele.

— Maior que um celeiro... todo feito de corda retorcida... parece um ovo de galinha maior que tudo, com mais de uma dúzia de patas como barris que se fecham enquanto pisa... não tem nada de sólido, parece gelatina de cordas retorcidas e apertadas... olhos grandes e saltados pra todo lado... dez ou vinte bocas ou trombas ao redor dos flancos, do tamanho de uma chaminé de fogão, e tudo se mexendo e abrindo e fechando... tudo cinza, com umas argolas azuis ou roxas.... e Pai do céu, aquela metade de rosto lá no alto!

A última lembrança, o que quer que ela fosse, foi demais para o pobre Curtis; e ele desmaiou completamente antes que pudesse dizer qualquer outra coisa. Fred Farr e Will Hutchins carregaram-no para a beira da estrada e o deitaram na grama úmida. Henry Wheeler, trêmulo, virou o binóculo resgatado para a montanha para ver o que estava acontecendo. Pelas lentes, pôde ver três figuras minúsculas correndo em direção ao topo o mais depressa que o íngreme aclive permitia. Só isso, nada mais. Então, todos notaram um barulho estranho e despropositado no vale profundo atrás deles, e até na vegetação rasteira da própria Sentinel Hill. Era o piar de inúmeros bacuraus, e, no coro estridente, parecia estar escondida uma nota de tensa e maligna expectativa.

Earl Sawyer, então, pegou o binóculo e relatou que as três figuras estavam no ponto mais alto, praticamente no mesmo nível do altar de pedra, mas a uma distância considerável dele. Um deles parecia estar levantado as mãos acima da cabeça, a intervalos ritmados; e, enquanto Sawyer descrevia a cena, o grupo parecia ouvir à distância um som vago e com certa musicalidade, como se um cântico alto acompanhasse os gestos. A bizarra silhueta no alto do pico

remoto parecia um espetáculo infinitamente grotesco e impressionante, mas nenhum observador estava disposto a uma apreciação estética.

— Acho que ele tá falando as palavras mágicas — sussurrou Wheeler, pegando o binóculo de volta. Os bacuraus piavam furiosamente e em um ritmo singularmente curioso e irregular, bem diferente do ritual visível.

Subitamente, o brilho do sol pareceu diminuir sem a intervenção de qualquer nuvem. Era um fenômeno muito peculiar e todos notaram. Um ribombo de trovão parecia estar se formando embaixo das colinas, em estranha concordância com um estrondo que vinha claramente do céu. Um raio lampejou no alto, e o grupo, abismado, procurou em vão por sinais de tempestade. O cântico dos homens de Arkham agora era nítido, e Wheeler viu pelas lentes do binóculo que eles levantavam os braços ao ritmo do encantamento. De alguma casa ao longe, chegaram frenéticos latidos de cães.

A mudança nas tonalidades da luz do sol aumentava, e o grupo contemplava o horizonte com admiração. Uma escuridão arroxeada, provocada por um aprofundamento espectral do azul do céu, abateu-se sobre as colinas trovejantes. Depois, relampejou novamente, de forma mais brilhante que antes, e o grupo imaginou que havia uma certa neblina ao redor do altar de pedra na crista distante. Naquele momento, porém, ninguém estava com o binóculo. Os bacuraus continuaram com a vibração irregular, e os homens de Dunwich ficavam de sobreaviso, em meio à grande tensão, contra a ameaça imponderável que parecia sobrecarregar a atmosfera.

Sem aviso prévio, chegaram os sons vocais profundos, dissonantes e roucos que nunca sairão da memória do estarrecido grupo que os ouviu. Não saíram de nenhuma garganta humana, pois os órgãos dos homens não podem produzir tais perversões acústicas. É mais provável dizer que eles provinham do próprio abismo, se não fosse tão inconfundível que sua fonte se tratava do altar de pedra no topo. De qualquer modo, é quase um equívoco chamá-los de sons, já que muito de seu horripilante e infragrave timbre falava a camadas sombrias de consciência e terror muito mais sutis do que o ouvido. No entanto, algo os produzia forçosamente, já que sua forma era, de forma incontestável, ainda que vaga, a de palavras semiarticuladas. Eram altos, tão altos quanto os estrondos e o trovão sobre os quais ecoavam, mas não eram emitidos por nenhum ser visível. E como a imaginação pode servir de fonte hipotética para o mundo dos seres não visíveis, o grupo aglomerado no pé da montanha estreitou-se ainda mais e se encolheu, como se estivesse à espera de um desastre.

— Ygnaiih... ygnaiih... thflthkh 'ngha... Yog-Sothoth... — soou o

horripilante grasnido do espaço. — Y'bthnk... h'ehye... n'grkdl'lh...

Naquele momento, o impulso da fala parecia ter-se perdido, como se uma terrível luta psíquica estivesse sendo travada. Henry Wheeler voltou a olhar com o binóculo, mas só viu as grotescas silhuetas das três figuras humanas no topo, todas mexendo os braços furiosamente com gestos estranhos, como se o encantamento estivesse próximo ao ápice. De quais poços obscuros de medo ou sentimento aquerôntico, de quais abismos insondados de consciência extracósmica ou herança obscura há muito latente, foram trazidos aqueles semiarticulados grasnidos estrondosos? Naquele momento, começaram a adquirir força e coerência renovadas enquanto aumentava o ímpeto de sua última e definitiva exaltação.

— Eh-ya-ya-ya-yahaah — e 'yayayayaaaa... ngh 'aaaaa.... ngh 'aaa... h 'yuh... hyuh... SOCORRO! SOCORRO!... ff-ff-ff-PAI! PAI! YOG-SOTHOTH!...

Mas foi só isso. O pálido grupo que estava na estrada, ainda abalado com as sílabas indiscutivelmente em língua inglesa que haviam fluído de forma densa e ameaçadora do enfurecido espaço vazio ao lado do estarrecedor altar de pedra, nunca mais ouviria tais sílabas. Em seguida, sobressaltaram-se violentamente com o terrível estrondo que parecia destroçar as colinas; o ensurdecedor e cataclísmico estrépito cuja origem, fosse o interior da Terra ou o céu, nenhum ouvinte foi capaz de afirmar. Um único raio caiu do zênite púrpura e atingiu o altar de pedra, e uma gigantesca onda de invisível força e indescritível mau cheiro, vinda da colina, espalhou-se por toda a região. As árvores, o mato e a vegetação rasteira foram arrancados pela fúria, e o amedrontado grupo no pé da montanha, enfraquecido pelo fedor letal que parecia estar prestes a asfixiar a todos, foi quase arremessado do chão onde pisava. Cães uivavam à distância; a mata e as folhagens murcharam, passando de verde a um curioso e pálido cinza-amarelado, e sobre o campo e a floresta espalharam-se os corpos dos bacuraus mortos.

O mau cheiro passou rapidamente, mas a vegetação nunca mais voltou a ser a mesma. Até hoje há algo estranho e ímpio na vegetação que cresce na temível colina ou a seu redor. Curtis Whateley mal havia voltado a si quando os homens de Arkham, sob os raios de sol agora mais brilhantes e límpidos, desceram lentamente a montanha. Estavam sérios e calados e pareciam atordoados por lembranças e reflexões ainda mais terríveis das que haviam reduzido o grupo de habitantes locais a um estado de desalento e temor. Em resposta a um turbilhão de perguntas, eles apenas menearam a cabeça, reafirmando um fato de vital importância.

— A coisa se foi para sempre — declarou Armitage. — Foi decomposta,

transformando-se naquilo que era originalmente e não pode existir outra vez. Era uma impossibilidade em um mundo normal. Somente uma fração minúscula era mesmo matéria em qualquer sentido que conhecemos. Era como seu pai, e a maior parte dela voltou para ele em algum vago domínio ou dimensão exterior ao nosso universo material, em algum vago abismo do qual somente os mais perversos ritos de blasfêmia humana poderiam tê-la chamado por um momento nas colinas.

Houve um breve silêncio, e naquela pausa os sentidos dispersos do pobre Curtis Whateley começaram a se unir de volta em uma espécie de continuidade, e, então, ele levou as mãos à cabeça, soltando um gemido. A memória parecia retomar do momento em que havia parado, e o horror da visão que o havia deixado prostrado arrebatou-o uma vez mais.

— Ai, ai, Deus meu, aquela metade de rosto, aquela metade de rosto lá no alto... aquele rosto com os olhos vermelhos e o cabelo branco enrolado, e sem queixo, igual aos Whateley... Era um polvo, uma centopeia, parecia uma aranha, mas a metade do rosto era de homem no alto, e parecia o bruxo Whateley, só que era muito, muito maior...

Exausto, fez uma pausa, enquanto todo o grupo de habitantes locais olhava-o em um estado de perplexidade não totalmente cristalizada em novo terror. Apenas o velho Zebulon Whateley, que vagamente se lembrava de coisas antigas, mas que ficara quieto até então, falou em voz alta:

— Faz quinze anos — disse — que ouvi o velho Whateley dizer que um dia a gente ia ouvir o fio da Lavinia gritar o nome do pai dele lá no alto da Sentinel Hill...

Mas Joe Osborn interrompeu-o para voltar a fazer perguntas aos homens de Arkham.

— O que era aquilo, então? E como é que o jovem bruxo Whateley chamou ele lá de onde ele veio?

Armitage escolheu suas palavras com muito cuidado.

— Era, bem, era sobretudo uma espécie de força que não pertence à nossa parte do espaço; um tipo de força que age, cresce e toma forma por outras leis, diferentes das do nosso tipo de natureza. Não devemos invocar essas coisas do exterior, e somente pessoas muito perversas e cultos muito perversos é que tentam fazê-lo. Havia alguma coisa dela no próprio Wilbur Whateley, suficiente para torná-lo um demônio e um monstro precoce e fazer de sua morte uma cena terrível aos olhos. Vou queimar seu maldito diário; e se vocês forem homens sensatos, dinamitem aquele altar de pedra lá no alto e derrubem todos os círculos de pedras verticais das outras colinas. Coisas como

essas trouxeram os seres de que os Whateley gostavam tanto, os seres a que eles iam dar forma terrestre para exterminar a humanidade e arrastar a Terra para algum lugar inominável por alguma razão inominável.

"Mas no que se refere a essa coisa que nós acabamos de mandar de volta, os Whateley a criaram para desempenhar um papel terrível nos feitos que estavam por vir. Cresceu rápido e ficou grande pela mesma razão que Wilbur cresceu rápido e ficou grande, mas o superou porque tinha uma porção maior de exterioridade nele. Vocês não precisam perguntar como Wilbur o chamou do espaço. Ele não o chamou. Era seu irmão gêmeo, mas era mais parecido com o pai do que ele."

Os Deuses
Anciãos

> "Eles desceram dos espaços estelares para esta Terra, para que pudessem fazer um julgamento severo e pesado sobre seus antigos servos; e Eles iam e vinham sobre a Terra, terríveis em Sua ira, como as poderosas Torres de Chama que andavam como Homens. Sim, e em verdade isso foi escrito na antiguidade: Terríveis sejam os deuses anciãos na ira deles na hora da vinda deles."
>
> Citações de *Necronomicon*.

Não seria exagero dizer que, de todas as entidades dos Mitos, nenhuma é mais enigmática que os chamados *Elder Gods*, os Deuses Anciãos. Alguns dizem que são lendas, outros que eles existiram em um passado mais que remoto e se autoexilaram em outras realidades. Porém, é dito, em unanimidade, que são inimigos naturais dos Grandes Antigos, *Great Old Ones* — classe em que se enquadra o poderoso Cthulhu, por exemplo.

Os Grandes Antigos carregam, não à toa, a fama de malignos e inimigos da humanidade, mas nem por isso os Deuses Anciãos são o oposto apenas por serem rivais. Na verdade, essas entidades pouco se interessam pelos humanos, e as raras interações resultaram em tragédias, caos e terror.

Algumas teorias afirmam que os Deuses Anciãos se exilaram na Terra dos Sonhos, e com isso influenciaram o surgimento de lendas sobre deuses, demônios e heróis da antiguidade. De fato, eles teriam sido a fonte para todas as divindades reverenciadas pelo homem. De acordo com esse mito, Nodens, o mais conhecido dos Deuses Anciãos, teria permanecido como guardião da entrada para a Terra dos Sonhos, zelando para que os demais deuses retornem quando os Grandes Antigos despertarem, retomando, assim, a guerra entre eles.

É possível afirmar que os Elder Gods obedecem apenas a seus propósitos e motivações, mas ainda que a humanidade não lhes seja relevante, eles não hesitariam em exterminá-la, se fossem ganhar algo com isso.

Hypnos

À medida que os deuses aparecem na ficção de Lovecraft, o deus grego do sono é provavelmente um dos menos aterrorizantes. Se comparado aos Deuses Exteriores, ou aos Grandes Antigos, Hypnos parece bobeira. Os demais deuses são seres que enlouquecem o homem que tenta compreendê-los.

No entanto, Hypnos não é considerado um Ancião à toa. Nos mitos gregos originais, a entidade é filha da noite (Nix) e das trevas e escuridão (Ébero). Não fosse o bastante, ainda é irmão gêmeo da morte (Tanatos), afinal de contas, o sono é o prelúdio da morte. Hypnos e seu irmão viviam no mundo dos mortos, os Campos Elísios, reino de Hades.

Onde há sono, há sonhos... E os sonhos em Lovecraft têm o hábito desagradável de ser mais do que o meandro noturno da mente, enquanto tenta trazer ordem ao caos do dia. Hypnos foi por muito tempo cultuado como Deus do Sono, mas igualmente conhecido como Lorde dos Pesadelos; enquanto os simples sonhos podem causar obsessão e devaneios, os pesadelos levam à completa insanidade.

Hypnos

"A propósito do sono, sinistra aventura de todas nossas noites, podemos dizer que todos os dias os homens vão para a cama com uma audácia que seria incompreensível se não soubéssemos que resulta da ignorância do perigo."

Baudelaire

Que os deuses misericordiosos, se é que existem, zelem por aquelas horas em que nem a vontade, nem a droga inventada pela astúcia do homem conseguem me manter afastado do abismo do sono. A morte é misericordiosa, pois dela não se retorna, mas aquele que volta das câmaras mais subterrâneas da noite, abatido e conhecedor, nunca mais encontra a paz. Fui tolo em mergulhar com tamanho furor não autorizado em mistérios que não deveriam ser penetrados por homem algum Tolo ou um deus, era ele? Meu único amigo, que me guiou e foi antes de mim, e que por fim enfrentou terrores que ainda podem ser meus.

Nós nos encontramos, lembro-me, em uma estação ferroviária, na qual ele estava rodeado por uma multidão de curiosos. Estava inconsciente, e entregue a uma espécie de convulsão que conferia uma rigidez estranha a seu corpo esguio e vestido de preto. Acho que beirava os quarenta anos de idade, pois o rosto era marcado por rugas profundas, e as bochechas eram pálidas e murchas, mas ovais e realmente bonitas; salpicos de cinza eram visíveis nos cabelos grossos e ondulados e na pequena barba cheia, que antes exibiam um tom tão negro quanto o de um corvo. A fronte era branca como o mármore de Pentélico, e ele era dotado de altura e largura quase divinas.

Eu disse a mim mesmo, com o entusiasmo de um escultor, que aquele homem era a estátua de um fauno da antiga Grécia, encontrada nas ruínas de um templo, e de alguma forma trazida à vida em nossa época sufocante, apenas para sentir o frio e a pressão dos anos devastadores. E quando ele abriu

seus imensos, afundados e intensamente luminosos olhos negros, eu sabia que dali em diante ele seria meu único amigo — o único amigo de alguém que nunca tivera um amigo antes —, pois vi que aqueles olhos deviam ter contemplado, em sua totalidade, a grandeza e o terror dos reinos além da consciência e da realidade normais; reinos que eu apreciava em sonhos, e em vão buscava. Então, enquanto eu afastava a multidão, disse-lhe que deveria voltar para casa comigo e ser meu professor e guia em mistérios insondáveis, e ele consentiu sem dizer uma palavra. Posteriormente, descobri que a voz dele era música — uma música profunda de violas da gamba e esferas cristalinas. Conversávamos com frequência à noite e durante o dia, quando eu esculpia bustos dele e entalhava em marfim cabeças em miniatura para imortalizar suas diferentes expressões.

É impossível falar sobre nossas pesquisas, visto que mantinham apenas uma ínfima ligação com qualquer coisa do mundo da forma que os homens vivos o concebem. Eram oriundas daquele universo mais vasto e mais espantoso de entidade e consciência sombrias, que é mais profundo que a matéria, o tempo e o espaço, e de cuja existência suspeitamos apenas em certas formas de sono — aqueles raros sonhos além dos sonhos que nunca chegam a homens comuns, e uma ou duas vezes na vida atingem os homens de imaginação. O cosmos do nosso conhecimento desperto, que brota de um universo do mesmo modo que uma bolha brota do cachimbo de um bobo da corte, e nele resvala apenas como a bolha pode tocar sua fonte sardônica ao ser sugada pelo capricho deste bobo. Homens eruditos têm uma leve suspeita de sua existência, mas no geral o ignoram. Homens sábios interpretaram os sonhos, e os deuses zombaram. Um homem com olhos orientais disse que todo tempo e espaço são relativos, e os homens riram. Mas mesmo aquele homem de olhos orientais não fez mais do que suspeitar. Desejei e tentei fazer mais do que suspeitar, e meu amigo tentou e conseguiu parcialmente. Então, no escritório do velho solar no condado de Kent, nós dois tentamos juntos, e com drogas exóticas atraímos sonhos terríveis e proibidos.

Entre as agonias desses dias posteriores, eis o tormento principal: a impossibilidade de me exprimir. O que aprendi e vi naquelas horas de exploração ímpia jamais pode ser narrado — por falta de símbolos ou sugestões em qualquer idioma. Digo isso porque, do começo ao fim, nossas descobertas se limitaram à natureza das sensações; sensações que o sistema nervoso do homem não é capaz de receber. Eram sensações, mas nelas estavam contidos elementos inacreditáveis de tempo e espaço — coisas que no fundo não possuem existência distinta e definida. E a elocução humana pode

transmitir o caráter geral de nossas experiências de uma forma mais satisfatória chamando-as de mergulhos ou subidas; pois em qualquer período de revelação, parte de nossa mente se afastava, de forma corajosa, de tudo que é real e presente, seguindo em meio ao ar por abismos chocantes, sombrios e assombrados pelo medo, e vez ou outra trespassando certos obstáculos típicos e bem delimitados, descritos apenas como nuvens ou vapores viscosos e grosseiros. Nesses voos negros e incorpóreos, às vezes estávamos sozinhos e, às vezes, juntos. Quando estávamos juntos, meu amigo sempre ficava muito à frente. Compreendia sua presença, apesar da ausência de forma, por uma espécie de memória pictórica, na qual seu rosto aparecia para mim, banhado em dourado por uma luz estranha, e assustador com sua beleza excêntrica, as bochechas anomalamente jovens, os olhos faiscantes, a fronte olimpiana, os cabelos sombreados e a barba crescida.

Não mantivemos registros do passar do tempo, pois para nós o tempo se tornou uma mera ilusão. Sei apenas que deve ter havido algo muito singular a esse respeito, visto que chegamos a nos perguntar por que não envelhecíamos mais. Nosso discurso era ímpio e sempre terrivelmente ambicioso — nenhum deus ou demônio poderia ter almejado descobertas e conquistas como aquelas que planejávamos aos sussurros. Estremeço ao falar delas, e não me atrevo a ser explícito; embora eu diga que, certa vez, meu amigo anotou no papel um desejo que não se atreveu a pronunciar em voz alta, o que me fez queimar o papel e lançar um olhar assustado através da janela em direção ao estrelado céu noturno. Vou sugerir — apenas sugerir — que seus desígnios envolviam governar o universo visível e muito mais; desígnios pelos quais a terra e as estrelas se moveriam sob seu comando, e os destinos de todos os seres vivos pertenceriam a ele. Afirmo — juro — que não participei desses anseios exacerbados. Qualquer coisa que meu amigo possa ter dito ou escrito que contrarie isso está errada, pois não tenho força para arriscar participar da guerra não mencionável em esferas não mencionáveis, pelas quais alguém sozinho pode obter sucesso.

Houve uma noite em que ventos de espaços desconhecidos nos levaram, irresistivelmente e aos rodopios, a um vácuo ilimitado além de todos pensamentos e entidades. As percepções de natureza mais enlouquecedora e intransmissível nos arrebataram; percepções do infinito, que à época nos encheram de alegria, mas que agora estão em parte perdidas em minha memória e em parte incapazes de serem reveladas aos outros. Obstáculos viscosos foram ultrapassados em rápida sucessão, e finalmente senti que havíamos sido levados a reinos mais remotos do que qualquer outro que

conhecíamos. Meu amigo estava muito à frente quando mergulhamos naquele maravilhoso oceano de éter virgem, e pude ver a exultação sinistra na imagem-lembrança de seu rosto flutuante, luminoso e demasiado jovem. De súbito, o semblante ficou pálido e desapareceu rapidamente, e logo me vi projetado contra um obstáculo que não conseguia atravessar. Era como os outros, mas incalculavelmente mais denso; uma massa pegajosa e grudenta, se esses termos puderem ser aplicados a qualidades análogas em uma esfera imaterial.

Senti que eu fora detido por uma barreira que meu amigo e guia havia transposto com sucesso. Esforçando-me outra vez, cheguei ao fim do sonho induzido pelas drogas e abri meus olhos verdadeiros para o escritório na torre, em cujo canto oposto reclinava a forma pálida e ainda inconsciente do meu companheiro de sonho, estranhamente abatido e extremamente belo quando a lua derramou sua luz esmeralda e dourada sobre seus traços de mármore. Então, depois de um breve intervalo, a figura no canto se mexeu; e que o céu piedoso proteja minha visão e audição de testemunhar novamente aquilo que se estendeu diante de mim. Não consigo descrever como berrou, ou as visões de infernos invisíveis que cintilaram por um segundo em seus olhos negros e ensandecidos de medo. Só me resta dizer que desmaiei e permaneci imóvel até que ele enfim se recuperou e me sacudiu em seu frenesi para ter alguém que afastasse o horror e a desolação que o inundavam.

Esse foi o fim de nossas explorações voluntárias nas cavernas dos sonhos. Impressionado, abalado e portentoso, meu amigo, que estivera além da barreira, alertou-me que jamais deveríamos voltar a nos aventurar por aqueles reinos. Não ousou me contar o que presenciou; mas, com sua sabedoria, disse que devemos dormir o mínimo possível, mesmo que seja necessário fazer uso de drogas para nos manter acordados. Por conta do medo indescritível que me assolava sempre que minha consciência esmorecia, logo descobri que ele estava certo. Depois de cada sono breve e inevitável, mais velho eu parecia, ao passo que meu amigo envelhecia com uma rapidez quase impressionante. É hediondo assistir a rugas se formando e cabelos embranquecendo. Naquele momento, nosso modo de vida estava totalmente alterado. Até então, meu amigo, que jamais me revelara seu nome e origem, vivera como um recluso; e agora estava frenético por temer a solidão. Não ficava sozinho à noite, e permanecer na companhia de poucas pessoas não o acalmava. Só conseguia obter alívio em meio à folia do tipo mais comum e barulhento; de modo que poucos encontros de jovens alegres eram desconhecidos por nós. Nossa aparência e idade pareciam, em muitos casos, despertar um senso de ridículo do qual eu me ressentia, mas meu amigo o considerava preferível à solidão.

Em particular, ele temia ficar sozinho ao ar livre quando as estrelas já estavam brilhando, e se forçado a essa condição, lançava constantes olhares furtivos para o céu, como se estivesse sendo caçado por alguma coisa monstruosa. Nem sempre olhava para o mesmo ponto da abóbada celeste — parecia um lugar diferente em momentos diferentes. Nas noites primaveris, era em um ponto baixo a nordeste. No verão, quase acima. No outono, a noroeste. No inverno, a leste, mas principalmente nas primeiras horas da manhã. As noites no meio do inverno pareciam ser as menos terríveis para ele. Foi só depois de dois anos que relacionei esse medo a algo em particular; mas então comecei a ver que ele devia estar fitando um local específico da superfície celeste, cuja posição em diferentes momentos correspondia à direção de seu olhar — um local parcamente delimitado pela constelação Corona Borealis.

Agora tínhamos um estúdio em Londres, e nunca nos separávamos, e nunca discutíamos sobre os dias em que havíamos procurado sondar os mistérios do mundo irreal. Estávamos envelhecidos e enfraquecidos devido às drogas, dissipações e nervosismo em excesso, e os cabelos e barba ralos de meu amigo haviam se tornado brancos como a neve. Nossa privação de longos períodos de sono era surpreendente, pois raramente sucumbíamos por mais de uma ou duas horas à sombra que havia se tornado uma ameaça tão assustadora. Então o mês de janeiro chegou com nevoeiros e chuvas, e o dinheiro findou e o acesso às drogas foi dificultado. Já tinha vendido todas as minhas estátuas e bustos de marfim, e não tinha meios de comprar novos materiais, nem energia para moldá-los, mesmo que os tivesse. Passamos por um sofrimento terrível e, certa noite, meu amigo caiu em um sono profundo, do qual não consegui despertá-lo. Agora consigo me lembrar da cena — o escritório desolado e escuro no sótão, com a chuva martelando o telhado; o tique-taque do relógio solitário; o tique-taque imaginário dos nossos relógios que repousavam na penteadeira; o rangido de uma persiana oscilando em uma parte remota da casa; certos barulhos distantes da cidade, abafados pela neblina e pela distância; e o pior de tudo: a respiração profunda, estável e sinistra do meu amigo no sofá — uma respiração rítmica que parecia mensurar os momentos de medo e agonia de um espírito que vagava em esferas proibidas, inimagináveis e terrivelmente remotas.

A tensão da minha vigília tornou-se opressiva, e um receptáculo selvagem de impressões e associações triviais invadiu minha mente quase transtornada. Ouvi um relógio badalar em algum canto — não o nosso, pois não era um relógio carrilhão — e minha imaginação mórbida encontrou nisso um novo ponto de partida para devaneios ociosos. Relógios — tempo — espaço —

infinito — e então minha imaginação retornou ao lugar além do teto, da neblina, da chuva e da atmosfera no qual, ao refletir, mesmo agora, a Corona Borealis estava se elevando a nordeste. Corona Borealis, que meu amigo parecia temer, e cujo semicírculo cintilante de estrelas deve agora estar brilhando sem ser visto pelos abismos incomensuráveis do éter. De súbito, meus ouvidos demasiado sensíveis pareciam detectar um componente novo e totalmente distinto no amálgama suave de sons potencializados pelas drogas — um lamento baixo e extremamente insistente vindo de um ponto muito distante; zumbindo, clamando, zombando, chamando, a partir do nordeste.

Mas não foi aquele lamento distante que surrupiou minhas faculdades mentais e colocou em minha alma um lacre de medo que jamais poderá ser removido; não foi o que provocou os gritos e suscitou as convulsões que fizeram os inquilinos e a polícia arrombarem a porta. Não foi o que ouvi, mas o que vi; pois naquele cômodo escuro, trancado, fechado e coberto por cortinas, surgia do escurecido canto nordeste um facho de uma horrível luz vermelha e dourada — um facho que não trazia consigo nenhum brilho para dispersar a escuridão, apenas fluía sobre a cabeça reclinada do homem adormecido e perturbado, trazendo uma reprodução hedionda do rosto da imagem-lembrança, luminoso e estranhamente jovem como eu o conhecera em sonhos de espaço abismal e tempo desprendido, quando meu amigo atravessou a barreira para aquelas secretas, proibidas e profundas cavernas de pesadelo.

E enquanto olhava, vi a cabeça subir, os olhos negros, líquidos e afundados se abrirem em terror, e os lábios finos e sombreados se entreabrirem como em um grito demasiado assustador para ser emitido. Naquele rosto medonho e maleável, que brilhava incorpóreo, luminoso e rejuvenescido na escuridão, habitava um medo mais severo, fervilhante e aniquilador de cérebros do que todo o resto do céu e da terra já me revelou. Nenhuma palavra foi pronunciada em meio ao som distante que chegava cada vez mais perto, mas quando segui o olhar ensandecido do rosto da imagem-lembrança ao longo daquele raio amaldiçoado de luz até avistar sua fonte, de onde também vinha o lamento, por um instante também vi o que ele viu, e sobreveio-me o ataque de gritos e epilepsia que atraiu os inquilinos e a polícia. Nunca consegui contar, por mais que tentasse, o que realmente vi; nem o rosto imóvel poderia fazê-lo, pois, embora deva ter visto mais que eu, jamais voltará a falar. Mas sempre me protegerei do zombador e insaciável Hypnos, senhor do sono, e do céu noturno e das loucas ambições do conhecimento e da filosofia.

Não se sabe o que aconteceu, pois, além de minha mente ter se inquietado

por conta da coisa estranha e hedionda, outros foram contaminados por um esquecimento que só pode significar a loucura. Disseram, não sei por que razão, que nunca tive um amigo, mas que a arte, a filosofia e a loucura haviam preenchido a minha trágica vida por completo. Naquela noite, a polícia e os inquilinos me tranquilizaram, e o médico administrou um calmante, e ninguém se deu conta do evento dos pesadelos que havia transcorrido. Meu amigo afligido não lhes despertou comoção, mas o que encontraram no sofá do escritório fez com que se pusessem a me louvar, deixando-me enjoado, e deram-me uma fama que eu desprezo, em desespero, enquanto passo horas sentado, careca, de barba grisalha, enrugado, inerte, entorpecido por drogas e alquebrado, adorando e orando pelo objeto que encontraram.

Pois negaram que eu tivesse vendido o último item da minha estatuária, e apontaram extasiados para aquilo que o facho de luz brilhante tornou frio, petrificado e silente. É tudo que resta do meu amigo; o amigo que me guiou à loucura e à ruína; uma cabeça divina de mármore como só a antiga Grécia seria capaz de produzir, repleta da jovialidade que escapa ao tempo e com o bonito rosto barbudo, lábios curvados e sorridentes, fronte olimpiana e mechas frondosas e onduladas coroadas de papoulas. Dizem que esse rosto assustador é modelado a partir do meu, como era aos vinte e cinco anos. Mas na base de mármore está entalhado um único nome nas letras de Ática: υπνοσ[1].

Nodens,
o Senhor do Abismo

Nodens aparece como um homem idoso, com cabelos e barba brancos, mas ainda vital e forte. Ele costuma andar de carruagem formada por uma enorme concha puxada por grandes bestas, também tem como serviçais os Night-gaunts.

Acredita-se que Nodens teria recebido dos outros Deuses Anciãos a incumbência de guardar a Prisão dos Grandes Antigos — o Abismo em que os Grandes Antigos foram aprisionados em sono eterno. Caberia a Nodens o papel de vigiá-los, encarregando-se de invocar seus irmãos quando o alinhamento fatal dos astros estiver próximo e convocá-los para a guerra. A vigilância de Nodens, entretanto, não seria infalível e em determinados momentos, através da ação de Cultos, como o Culto ao Cthulhu, por exemplo, os Grandes Antigos podem despertar por breves períodos. Se os poderes de Nodens já não estão impedindo completamente o despertar dos Antigos, isso pode significar que o momento da grande batalha entre eles esteja mais próximo do que se imagina. Isso certamente levará ao fim de tudo o que se conhece.

A estranha casa suspensa na névoa

De manhã, a névoa vem do mar, através das falésias além de Kingsport. Alva e emplumada, surge das profundezas e se eleva em direção a suas irmãs, as nuvens, repleta de sonhos de pastos úmidos e cavernas de leviatã. E posteriormente, nas calmas chuvas veranis sobre os íngremes telhados dos poetas, as nuvens espalham fragmentos desses sonhos, de que os homens não vão viver sem rumores de estranhos e antigos segredos e maravilhas sobre os quais os planetas conversam durante a noite. Quando as histórias alçam um voo pesado nas grutas dos tritões, e as conchas nas cidades de algas marinhas tocam as canções selvagens que aprenderam com os Antigos, a grandiosa névoa se eleva ao céu carregada de sabedoria, e os olhos que fitam o oceano a partir das rochas veem apenas uma brancura mística, como se a borda da falésia fosse a borda de toda a Terra, e os solenes sinos das boias soam livremente no éter feérico.

Ao norte da arcaica Kingsport, as escarpas se elevam, altivas e curiosas, de socalco a socalco, até que ao extremo norte pairem no céu como uma nuvem cinzenta e petrificada. Sozinho, é um ponto sombrio que se projeta no espaço ilimitado, pois a costa se estreita no ponto em que o grande Miskatonic escoa para fora das planícies, além de Arkham, trazendo lendas da floresta e pequenas lembranças curiosas das colinas da Nova Inglaterra. Em Kingsport, o povo do mar fita aquele penhasco como outros povos do mar fitam a estrela polar, e mensuram a noite pelo modo como ele encobre ou revela a Ursa Maior, a Cassiopeia e o Dragão. Para eles, o penhasco se confunde com a abóbada celeste e, de fato, oculta-se deles quando a névoa esconde as estrelas ou o sol. Alguns dos penhascos são amados por eles, como aquele cuja silhueta grotesca eles chamam de Pai Netuno, ou aquele cujos degraus em forma de pilares chamam de A Calçada; mas a este temem, pois está demasiado perto do céu. Os marinheiros portugueses que ali aportam fazem o sinal da cruz quando o avistam pela primeira vez, e os velhos ianques acreditavam que aqueles que o escalassem, se isso fosse possível, encontrariam um destino mais grave que a morte. Não obstante, há uma antiga casa naquele penhasco e, à

noite, os homens avistam luzes em suas pequenas janelas.

A antiga casa sempre esteve lá, e as pessoas dizem que nela mora Alguém que conversa com a névoa que emerge das profundezas na manhã, e que talvez veja coisas singulares ao fitar o oceano naqueles momentos em que a borda do penhasco se torna a borda de toda a Terra, e as boias solenes soam livremente no feérico éter branco. Dizem isso com base em boatos, pois o penhasco proibido jamais é visitado, e os nativos não gostam de observá-lo com lunetas. É verdade que os veranistas o analisaram com binóculos, mas não viram mais do que o primitivo telhado cinza, pontiagudo e coberto de telhas, cujos beirais quase tocam as fundações acinzentadas, e a fraca luz amarela das janelinhas que, sob os beirais, espreitam o crepúsculo. Os veranistas não acreditam que alguém tenha morado na antiga casa por centenas de anos, mas não são capazes de provar sua heresia para nenhum nativo de Kingsport. Até o Velho Terrível, que conversa com pêndulos de chumbo dentro de garrafas, compra mantimentos com ouro espanhol centenário e mantém estátuas de pedra no quintal de sua cabana antediluviana em Water Street, só pode dizer que as coisas eram iguais na época em que seu avô era criança, e que isso teria sido inconcebível eras atrás, quando Belcher, Shirley, Pownall ou Bernard governavam a província de Sua Majestade, na baía de Massachusetts.

Então, certo verão, um filósofo chegou a Kingsport. Chamava-se Thomas Olney, e lecionava coisas enfadonhas em uma faculdade na baía de Narragansett. Chegou com a esposa robusta e os filhos travessos, e seus olhos estavam cansados de passar anos vendo as mesmas coisas, e de ter os mesmos pensamentos disciplinados. Fitou a névoa a partir do diadema do Pai Netuno e tentou adentrar o mundo branco de mistério galgando os degraus titânicos da Calçada. Todas as manhãs, deitava-se nos penhascos e olhava além da borda do mundo, para o éter críptico do outro lado, ouvindo os sinos espectrais e os gritos selvagens que poderiam advir das gaivotas. Então, quando a névoa se elevava e o mar se destacava prosaicamente com a fumaça dos vapores, ele suspirava e descia para a cidade, onde adorava percorrer as antigas ruas estreitas, subindo e descendo a colina, e estudar as instáveis empenas e estranhos portais em pilares que haviam abrigado tantas gerações do robusto povo do mar. Conversava até mesmo com o Velho Terrível, que não gostava de estranhos, e foi convidado a visitar sua cabana assustadoramente arcaica, na qual tetos baixos e painéis de madeira escutavam ecos de solilóquios inquietantes nas escuras primeiras horas da madrugada.

É claro que era inevitável que Olney notasse a cinzenta e inexplorada cabana no céu, naquele penhasco sinistro ao norte, envolto na névoa e na

abóbada celeste. Sempre se debruçava sobre Kingsport, e seu mistério sempre soava em sussurros pelos becos tortuosos da cidade. Em meio a arquejos, o Velho Terrível discorreu sobre uma história que seu pai lhe contara, a respeito de um raio que, certa noite, se atirou daquela cabana pontiaguda em direção às nuvens do céu elevado; e Granny Orne, cuja casinha com telhados de duas águas na Ship Street está toda coberta de musgo e hera, resmungou sobre algo que sua avó escutara em segunda mão, sobre silhuetas que se adejavam na névoa do leste em direção à estreita e única porta daquele lugar inacessível — pois a porta está localizada perto da borda do penhasco, virada para o oceano, e só pode ser observada a partir de navios no mar.

Por fim, estando ávido por coisas novas e estranhas e sem se deixar refrear pelo medo dos nativos de Kingsport, nem pela indolência habitual dos veranistas, Olney tomou uma terrível decisão. Apesar de sua formação conservadora — ou talvez por esse motivo, pois uma vida monótona suscita anseios melancólicos pelo desconhecido —, ele jurou que escalaria aquele evitado penhasco ao norte e visitaria a antiga casa cinza próxima ao céu. De forma muito plausível, a parte mais prudente dele argumentou que o local deveria ser habitado por pessoas que chegavam até ali a partir do continente, subindo a cordilheira mais fácil ao lado do estuário do Miskatonic. Provavelmente faziam negócios em Arkham, sabendo como sua habitação desagradava aos moradores de Kingsport, ou talvez por não conseguirem descer o penhasco pelo lado de Kingsport. Olney caminhou ao longo dos penhascos menores até o ponto em que a grande escarpa avultava-se de forma insolente para se juntar a coisas celestiais, e tornou-se claro que nenhum pé humano poderia escalá-lo nem descer pela saliente ladeira do lado sul. A leste e norte, elevava-se verticalmente a milhares de pés de forma perpendicular à água; desse modo, restava apenas o lado oeste, voltado para o continente e em direção a Arkham.

Em uma manhã de agosto, Olney partiu em busca de um caminho até o pináculo inacessível. Seguiu em direção ao noroeste por agradáveis estradas secundárias, passando pela Lagoa de Hooper e pela antiga casa de pólvora, feita de tijolos, onde as pastagens estendiam-se até a cordilheira acima do Miskatonic, oferecendo uma vista encantadora dos alvos campanários georgianos de Arkham em meio a léguas de rio e pradaria. Ali ele encontrou uma estrada umbrosa para Arkham, mas nenhuma trilha na direção marítima, como desejava. Bosques e campos se amontoavam até a margem da foz do rio e não havia sinal de presença humana; nem mesmo um muro de pedra ou uma vaca perdida, apenas a grama alta, as árvores gigantes e os emaranhados de

arbustos espinhosos que devem ter sido avistados pelo primeiro dos indígenas. Ao subir lentamente em direção ao leste, cada vez mais alto em relação ao estuário à esquerda, cada vez mais perto do mar, percebeu que o caminho ficava mais difícil. Então, perguntou-se como os moradores daquele lugar repudiado conseguiam chegar ao mundo exterior, e se era frequente que fossem até Arkham para comercializar.

Então as árvores rarearam e, bem abaixo, à direita, ele avistou as colinas e os antigos telhados e pináculos de Kingsport. Até mesmo Central Hill parecia diminuta àquela altura, e ele mal conseguia divisar o antigo cemitério perto do Hospital Congregacional, que encimava, segundo boatos, tenebrosas tocas e cavernas. À frente, estendia-se um gramado esparso com arbustos de mirtilo, e além deles a rocha desnuda do penhasco e o pico delgado da temida cabana cinza. Então a cordilheira ficou mais estreita e Olney sentiu-se tonto por estar sozinho em meio ao céu. Ao sul, o terrível precipício acima de Kingsport; ao norte, a queda vertical de quase um quilômetro até a foz do rio. De súbito, uma grande fenda se abriu diante dele, com três metros de profundidade, de modo que teve que descer com o auxílio das mãos e deslizar por um piso inclinado, e depois se arrastar perigosamente por um desfiladeiro na parede oposta. Então era assim que os habitantes da estranha casa viajavam entre a terra e o céu!

Quando saiu da fenda, a névoa matutina começava a se agrupar, mas ele conseguiu ver com clareza a ímpia e elevada cabana à frente; paredes tão cinzentas quanto a rocha e o alto pico elevando-se de forma altiva contra o branco leitoso dos vapores marítimos. Percebeu que não havia porta no lado voltado para a terra, apenas duas janelas de treliça com vidros ovais esquálidos chumbados ao estilo do século XVII. Ao redor de Olney havia nuvens e caos, e tudo que ele podia avistar abaixo era a brancura do espaço ilimitado. Estava sozinho no céu com aquela casa estranha e demasiadamente perturbadora; e quando se aproximou da parte frontal e viu que a parede estava nivelada com a beira do penhasco, de modo que a única porta estreita não pudesse ser alcançada, exceto pelo éter vazio, sentiu um terror distinto que não se limitava à altitude. E era muito estranho que telhas tão roídas por vermes pudessem sobreviver, ou que tijolos tão esmigalhados ainda formassem uma chaminé.

À medida que a névoa ficava mais espessa, Olney rastejou até as janelas nos lados norte, oeste e sul, tentando abri-las, mas descobriu que todas estavam trancadas. Ficou vagamente feliz com a descoberta, porque quanto mais via a casa, menos desejava adentrá-la. Então um som o fez hesitar. Ouviu o ruído de uma fechadura, e um longo rangido como se uma porta pesada

estivesse sendo aberta de forma lenta e cautelosa. Vinha do lado voltado para o oceano, que ele não podia ver, onde o estreito portal se abria sobre o espaço em branco a milhares de pé de altura, acima das ondas e em meio ao céu enevoado.

Depois, houve o ressoar de passos pesados e deliberados no interior da casa, e Olney ouviu as janelas se abrindo, primeiro ao norte, o lado oposto àquele em que estava, e depois a oeste, adjacente ao dele. Em seguida, vinham as janelas ao sul, sob os grandes beirais baixos da lateral em que ele estava; e deve-se dizer que estava deveras desconfortável com a ideia de ter a odiosa casa de um lado e, do outro, o vazio das alturas. Ao ouvir um ruído nos caixilhos mais próximos, arrastou-se em direção a oeste novamente, achatando-se contra a parede ao lado das janelas, que agora estavam abertas. Era evidente que o proprietário havia retornado à casa; mas não tinha vindo pela terra, nem por meio de qualquer balão ou dirigível que se pudesse imaginar. Os passos soaram mais uma vez, e Olney contornou a casa em direção ao norte; mas antes que conseguisse buscar refúgio, uma voz chamou suavemente, e ele soube que devia confrontar seu anfitrião.

Projetando-se de uma janela a oeste, havia um grande rosto com barba negra, cujos olhos emanavam um brilho fosforescente e evocavam a impressão de paisagens inéditas. A voz, porém, era suave, de caráter singular e antigo, de modo que Olney não estremeceu quando uma mão bronzeada lhe foi estendida para ajudá-lo a se encarapitar no peitoril e adentrar o cômodo baixo com lambris de carvalho negro e móveis esculpidos no estilo Tudor. O homem trajava roupas muito antigas, e dele emanava uma aura incognoscível de histórias do mar e sonhos de altos galeões. Olney não se lembra de muitas das maravilhas que o homem contou, nem mesmo quem ele era; mas diz que era estranho e gentil, e repleto da magia de vazios insondáveis de tempo e espaço. O pequeno cômodo parecia esverdeado naquela fraca luz aquosa, e Olney viu que as janelas mais afastadas a leste não estavam abertas, e sim firmemente cerradas contra o éter enevoado com painéis grossos e opacos como o fundo de garrafas velhas.

O anfitrião barbudo parecia jovem, ainda que seus olhos fossem impregnados dos mistérios mais antigos; e com base nos relatos sobre coisas antigas e maravilhosas que fez, pode-se supor que o povo da vila estava certo ao dizer que ele havia comungado com as névoas do mar e as nuvens do céu desde que ali se instalara um vilarejo que, a partir da planície inferior, pudesse fitar sua taciturna moradia. E o dia passou e Olney continuava ouvindo rumores de tempos remotos e lugares distantes, e escutava como os reis da

Atlântida lutaram contra as blasfêmias pérfidas que se esgueiravam das fendas no leito do oceano, e como o templo de Poseidon, com suas colunas cobertas de algas, ainda pode ser visto à meia-noite por navios perdidos, que, ao avistá-lo, reconhecem que de fato estão perdidos. As eras dos Titãs foram relembradas, mas o anfitrião ficou tímido ao discorrer sobre a obscura primeira era do caos, antes de os deuses ou até mesmo os Antigos nascerem, quando apenas os outros deuses iam dançar no pico de Hatheg-Kla, no deserto rochoso nas proximidades de Ulthar, além do rio Skai.

Foi nesse momento que houve uma batida na porta; aquela antiga porta de carvalho cravejada de pregos além da qual se estendia apenas o abismo de nuvens alvas. Olney ficou sobressaltado, mas o homem barbudo fez sinal para que ficasse quieto e, na ponta dos pés, foi até a porta para espiar através de um buraquinho na madeira. Não gostou do que viu, então pressionou os dedos contra os lábios e, ainda na ponta dos pés, tratou de fechar e trancar todas as janelas antes de voltar a se postar ao lado de seu convidado. Então, nos quadrados translúcidos de cada uma das janelas opacas, Olney viu uma silhueta preta e esquisita enquanto o interlocutor se movia de forma inquisitiva antes de ir embora; e sentiu-se satisfeito por seu anfitrião não ter respondido às batidas. Pois existem objetos estranhos no grande abismo, e o buscador de sonhos deve tomar cuidado para não incitar ou encontrar os errados.

Então as sombras começaram a se reunir; primeiro, diminutas e furtivas embaixo da mesa, e as mais ousadas nos cantos escuros dos painéis. E o homem barbudo fez gestos enigmáticos de súplica, e acendeu velas compridas em castiçais com curiosos entalhes de latão. Voltava-se para fitar a porta com frequência, como se esperasse alguém, e por fim seu olhar pareceu ser respondido por uma batida singular, que devia conter algum código muito antigo e secreto. Dessa vez, nem espiou pelo buraquinho, apenas ergueu a grande barra de carvalho e destravou a tranca, destrancando a pesada porta e escancarando-a para as estrelas e a névoa.

E então, ao som de harmonias obscuras, entraram flutuando naquele cômodo das profundezas todos os sonhos e memórias dos desaparecidos Poderosos da Terra. E chamas douradas dançaram ao redor de suas cabeleiras cobertas de algas, de modo que Olney ficou deslumbrado ao prestar-lhes reverência. Netuno estava lá, empunhando seu tridente, bem como tritões galhofeiros e nereidas fantásticas, e equilibrada no dorso dos golfinhos estava uma vasta concha serrilhada sobre a qual montava a figura cinzenta e terrível do primordial Nodens, Senhor do Grande Abismo. E das conchas dos tritões desprendiam-se explosões estranhas, e as nereidas produziam sons esquisitos

ao bater nas grotescas e ressonantes conchas de desconhecidos moradores de umbrosas cavernas marinhas. Depois, o respeitável Nodens estendeu a mão enrugada e ajudou Olney e seu anfitrião a subirem na vasta concha, e os gongos e conchas menores deram início a um clamor selvagem e impressionante. E, saindo em direção ao éter ilimitado, titubeava aquele séquito fabuloso, cujo barulho se perdia em meio aos ecos dos trovões.

Durante toda a noite, os moradores de Kingsport tiveram vislumbres daquele penhasco imponente quando a tempestade e a névoa permitiam; e quando, durante as primeiras horas da manhã, as janelinhas ficaram escuras, puseram-se a sussurrar sobre medo e desastre. E os filhos e a esposa robusta de Olney rezaram para o benevolente deus dos batistas e torceram para que o viajante pegasse um guarda-chuva e galochas emprestados caso a chuva não tivesse parado pela manhã. Então o amanhecer emergiu do mar, gotejante e envolto em névoa, e as boias soaram solenemente em redemoinhos de éter branco. E ao meio-dia cornetas encantadas soaram por sobre o oceano enquanto Olney, seco e ligeiro, descia os penhascos e seguia até a antiga Kingsport, com vestígios de lugares distantes estampados em seus olhos. Não conseguia se lembrar do que havia sonhado na casa encarapitada no céu, nem daquele tranquilo eremita desconhecido, nem dizer como conseguira descer aquele penhasco, até então intocado por outros pés. Tampouco poderia falar sobre esses assuntos, exceto com o Velho Terrível, que posteriormente passou a murmurar coisas estranhas através de sua longa barba branca; jurando que o homem que descera daquele penhasco não era exatamente o mesmo que subira, e que em algum lugar sob o pontiagudo telhado cinza, ou em meio àquela inconcebível e sinistra névoa branca, pairava o espírito perdido daquele que costumava ser Thomas Olney.

E desde aquele momento, no decorrer de arrastados e sombrios anos de pequenez e monotonia, o filósofo trabalhou e comeu e dormiu e cumpriu de forma resignada as devidas obrigações de um cidadão. Não mais deseja a magia das colinas mais afastadas, nem anseia por segredos que espreitam como os recifes esverdeados de um mar insondável. A mesmice de sua rotina já não o entristece, e pensamentos disciplinados tornaram-se suficientes para sua imaginação. A esposa bondosa fica cada vez mais robusta, e seus filhos, cada vez mais velhos, mais banais e mais úteis, e ele nunca deixa de sorrir com orgulho quando a ocasião exige. Em seu olhar, não há luz de inquietação, e se ouve sinos solenes ou cornetas encantadas distantes, é apenas à noite, quando os velhos sonhos estão a vagar. Nunca mais visitou Kingsport, pois sua família não gostava das casas antigas e curiosas e reclamava do estado precário dos

esgotos. Agora, eles têm um bangalô em Bristol Highlands, onde não há penhascos imponentes e os vizinhos são urbanos e modernos.

Mas em Kingsport propagam-se estranhas histórias, e até o Velho Terrível admite algo que não foi relatado por seu avô. Pois agora, quando o vento sopra de forma tempestuosa a partir do norte, passando pela elevada casa antiga que mescla-se à abóbada celeste, enfim se quebra aquele silêncio inquietante e ameaçador, que antecede a desgraça dos camponeses marítimos de Kingsport. E os mais velhos comentam sobre vozes agradáveis que cantam e riem e de lá se elevam, repletas de alegrias superiores às alegrias terrestres; e dizem que à noite as janelinhas baixas ficam mais iluminadas do que antigamente. Dizem também que a ardente aurora chega com mais frequência àquele lugar, reluzindo em azul no norte com visões de mundos congelados, enquanto o penhasco e a casa ganham uma aparência escurecida e fantástica contra as coruscações intensas. E a névoa do amanhecer é mais espessa, e os marinheiros não têm tanta certeza de que todos os ruídos abafados que vêm do mar sejam das boias solenes.

O pior de tudo, no entanto, são os velhos medos definhando no coração dos jovens de Kingsport, que ficam suscetíveis a ouvir, à noite, os sons fracos e distantes do vento norte. Juram que nenhum mal ou sofrimento pode habitar aquela casa elevada, pois a alegria ressoa nas novas vozes e, com elas, o tilintar de riso e música. Quais histórias as névoas do mar podem levar àquele pináculo assombrado ao norte, eles não sabem, mas anseiam por extrair algum indício das maravilhas que batem à porta do penhasco quando as nuvens estão mais espessas. E os patriarcas temem que um dia eles partam, um a um, em direção àquele pico inacessível no céu, e descubram o que os segredos centenários escondem sob o íngreme telhado que faz parte das rochas, das estrelas e dos antigos medos de Kingsport. Que esses jovens aventureiros voltarão, eles não duvidam, mas acham que uma luz poderá ter se apagado de seus olhos e uma vontade de seu coração. E não desejam que a pitoresca Kingsport, com suas rotas íngremes e empenas arcaicas, arraste-se de forma apática ao longo dos anos enquanto, voz por voz, o coro risonho se torna mais forte e mais selvagem naquele ponto elevado, desconhecido e terrível, onde a névoa e os sonhos de névoa param para descansar em meio ao seu trajeto do mar para o céu.

Não desejam que a alma de seus jovens deixe os agradáveis lares e as tabernas com telhado de duas águas da antiga Kingsport, nem que o riso e a música naquele lugar elevado e rochoso se tornem mais altos. Pois assim como a voz que veio trouxe novas névoas do mar e novas luzes ao norte, dizem que

outras vozes trarão mais névoas e mais luzes, até que, talvez, os antigos deuses (cuja existência eles sugerem apenas aos sussurros, temendo que o pároco da Congregação os escute) possam sair das profundezas e da desconhecida Kadath no ermo gélido e fazer daquele penhasco — maldosamente apropriado e tão próximo das colinas e vales dos pescadores simples e tranquilos — sua morada. Isso eles não desejam, pois, para pessoas comuns, coisas que não são da terra são indesejadas. Além disso, o Velho Terrível frequentemente se lembra do que Olney disse sobre uma batida à porta que o morador solitário temia, e sobre a silhueta negra e inquisitiva que tinha visto contra a névoa através daquelas estranhas janelas ovais e translúcidas.

Todas essas coisas, porém, apenas os Antigos podem decidir. Enquanto isso, a névoa matutina ainda sobe em direção àquele pico vertiginoso e solitário encimado pela casa antiga e pontiaguda; aquela casa cinzenta de beirais baixos, onde nada é visto, mas na qual a noite traz luzes furtivas enquanto o vento norte anuncia estranhos prazeres. Alva e emplumada, surge das profundezas e se eleva em direção a suas irmãs, as nuvens, repleta de sonhos de pastos úmidos e cavernas de leviatã. E quando as histórias alçam um voo pesado nas grutas dos tritões, e as conchas nas cidades de algas marinhas tocam as canções selvagens que aprenderam com os Antigos, a grandiosa névoa se eleva ao céu carregada de sabedoria; e Kingsport, aninhada de forma inquieta em seus penhascos menores abaixo daquela imponente sentinela de rocha que assoma sobre ela, vê no oceano apenas uma brancura mística, como se a borda da falésia fosse a borda de toda a Terra, e os solenes sinos das boias soam livremente no éter feérico.

A história sobre o Necronomicon

O título original era *Al-Azif*. Azif era o termo utilizado pelos árabes para designar o ruído noturno (produzido pelos insetos) que se supunha ser o murmúrio dos demônios. Foi escrito por Abdul Alhazred, um poeta louco de Sanaá, no Iêmen, que prosperou na época dos califas Olmeias, por volta do ano de 700. Ele visitou as ruínas da Babilônia e os segredos subterrâneos de Memphis e passou dez anos sozinho no grande deserto do sul da Arábia, o Roba el Khaliyeh — ou "espaço vazio" dos antigos — e o deserto "Dahna", ou "Carmesim" dos árabes modernos; considera-se que tais desertos sejam habitados por espíritos malignos protetores e monstros da morte. Muitas maravilhas estranhas e inacreditáveis a respeito desse deserto são contadas por aqueles que fingem ter penetrado nele.

Durante os últimos anos de sua vida, Al-Hazred viveu em Damasco, onde escreveu o *Necronomicon* (*Al-Azif*), e também por onde circulam terríveis e contraditórios boatos sobre a sua morte ou desaparecimento em 738. Ebn Khallikan, biógrafo do século XII, conta que Al-Hazred foi assassinado por um monstro invisível em pleno dia, sendo devorado na presença de um número expressivo de testemunhas aterrorizadas. São contadas muitas outras coisas acerca de sua loucura. Ele alegava ter visto a famosa Irem, a Cidade dos Pilares, e ter encontrado, sob as ruínas de uma cidade perdida do deserto, os anais secretos de uma raça mais antiga que a humanidade. Ele era um muçulmano não praticante que adorava entidades desconhecidas, as quais chamava de Yog-Sothoth e Cthulhu.

No ano de 950, o *Azif*, que havia circulado secretamente entre os filósofos da época, foi ocultamente traduzido pelo grego Theodorus Philetas, de Constantinopla, sob o título *Necronomicon*. Durante um século, impulsionou certos "experimentos" que suscitaram acontecimentos terríveis, até que foi proibido e queimado pelo patriarca Michael. Depois disso, não se teve mais que vagas referências ao livro, até que, em 1228, Olaus Wormius fez uma tradução para o latim que foi impressa duas vezes, uma no século XV, em letras góticas — evidentemente na Alemanha —, e outra no século XVII —

provavelmente na Espanha. Ambas as traduções não trazem marcas de identificação, de modo que somente pela tipografia interna é que se supõe a data e o local de impressão. A obra, tanto em sua versão grega quanto latina, foi proibida em 1232 pelo Papa Gregório IX, pouco depois de a tradução latina ter se convertido em um poderoso foco de atenção. A edição árabe original se perdeu na época de Wormius, conforme foi dito no prefácio, e não há rastro da versão grega, impressa na Itália, entre ١٥٠٠ e ١٥٥٠, depois do incêndio ocorrido na biblioteca de um certo homem de Salem, em 1692.

Uma tradução para o inglês feita pelo Dr. Dee nunca foi impressa e existe apenas em fragmentos recuperados do manuscrito original. Os textos latinos ainda subsistem; um — do século XV — está guardado no Museu Britânico; outro — do século XVII — encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris. Há uma edição do século XVII na Biblioteca Widener, em Harvard, e uma na biblioteca da Universidade Miskatonic, em Arkham. Também há uma edição na biblioteca da Universidade de Buenos Aires.

É possível que existam outras cópias mantidas em segredo; há boatos persistentes de que uma cópia do século XV foi parar na coleção de um célebre milionário americano. Outro boato assegura que uma cópia do texto grego do século XVI é propriedade da família Pickman, de Salem, mas é quase certo que essa cópia desapareceu, ao mesmo tempo em que o artista R. U. Pickman, em 1926.

A obra está veementemente proibida pelas autoridades e por todas as organizações legais inglesas. Sua leitura pode atrair consequências nefastas. Acredita-se que R. W. Chambers se baseou neste livro em sua obra *O rei de amarelo*.

Cronologia:

- Al-Azif é escrito em Damasco no ano de 730, por Abdul Alhazred.
- Tradução grega com o título de *Necronomicon*, por Theodorus Philetas, em 950.
- O patriarca Michael proíbe a edição grega no ano de 1050. O árabe se perdera.
- Em 1228, Olaus traduz o texto grego para o latim.
- As edições latina e grega são destruídas por Gregório IX em 1232.
- Em 14... (?), aparece uma edição em letras góticas na Alemanha.
- Em 15... (?), o texto grego é impresso na Itália.
- Em 16... (?), aparece a tradução espanhola do texto latino.

H. P. Lovecraft

OS GRANDES ANTIGOS

H.P. LOVECRAFT

Os Grandes Antigos

1ª edição

PandorgA

Sumário

Os Grandes Antigos

Sabe-se que classificar os Elder Gods (Deuses Anciões, como Nodens e Hypnos) não é uma tarefa fácil; por isso, se o topo da hierarquia do Mitos é ocupado pelos Outer Gods (Deuses Exteriores), logo abaixo se encontram os **Great Old Ones**, ou Os Grandes Antigos.

Como o próprio nome diz, são seres muito antigos em relação à Terra, dominam a tecnologia, o esotérico, magias e, o que pode ser catastrófico, a junção desses saberes. Poderosíssimos, mas possuem limitações, pois estão sujeitos às vontades dos Deuses Exteriores, que controlam as forças cósmicas; portanto, os Antigos têm de se adequar ao tempo, ao espaço, ao caos e à realidade à mercê dos que estão no topo da hierarquia. Sua vantagem, porém, é possuírem consciência, o que os torna mais complexos e muito mais perigosos.

A origem dos deuses e o porquê de muitos deles estarem adormecidos na própria Terra são desconhecidos. Os estudiosos dizem que muitos nasceram aqui, outros vieram de dimensões diversas, alguns de estrelas muito distantes. No entanto, por qual motivo estão espalhados pelo cosmos ainda é um mistério.

Durante milênios, os Grandes Deuses estiveram ativos, explorando os confins do Universo, guerreando entre si, construindo cidades e liderando civilizações. Não se sabe que força cósmica os enclausurou e colocou-os em Longo Sono. A hipótese mais coerente refere-se à rivalidade que possuem com os Deuses Anciãos, que em um conflito lançaram uma magia punitiva, aprisionando-os.

Segundo o dogma do Mitos, essa prisão não é eterna e os Grandes Antigos estão esperando pacientemente retornar para novamente desafiarem seus inimigos e voltarem a reinar como antigamente.

Afinal,

“Não está morto aquele que jaz na eternidade

E em incomuns éons, até a morte pode morrer.”

O poderoso Cthulhu

Cthulhu é o Grande Antigo mais famoso e poderoso que existe, acredita-se que dele tenha surgido outros grandes antigos. Por qual motivo escolheu a Terra para habitar? Não se sabe. Estabeleceu-se em um continente no Oceano Pacífico e seus servos construíram uma cidade gigantesca para seu trono, a qual deram o nome de R'lyeh.

Seu culto é e sempre foi o mais difundido e atuante no planeta. A representação clássica de Cthulhu advém das grotescas estatuetas criadas pelos seus cultistas, em uma tentativa de descrevê-lo. As primeiras foram construídas pelos que receberam as emanações telepáticas de Cthulhu e moldaram na pedra, ou na argila, a forma daquilo que viam em seus devaneios. Elas causam tão violenta reação emocional naqueles que as veem pela primeira vez, que alguns estudiosos consideram que o subconsciente humano, de alguma forma, está condicionado a reconhecer Cthulhu como uma suprema ameaça, e sua imagem, portanto, traz à tona uma sensação de medo irracional, implantada na mente do homem desde o início dos tempos.

Em decorrência do conflito com os Deuses Anciãos, que forçaram os Grandes Antigos a hibernar, R'lyeh submergiu nas profundezas do oceano e, nessas ruínas, Cthulhu aguarda pacientemente o dia em que acordará do Longo Sono e retornará triunfante. Certamente, será o fim de toda a existência humana.

O chamado de Cthulhu

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston)

> "No que tange a esses vastos poderes ou seres é possível conceber uma sobrevivência... uma sobrevivência de um período infinitamente remoto, em que... a consciência talvez se manifestasse através de linhas e formas desaparecidas há muito tempo ante a maré crescente da humanidade... formas das quais apenas a poesia e a lenda guardaram lembranças fugazes, chamando-as de deuses, monstros, criaturas míticas de todos os tipos e espécies..."
>
> Algernon Blackwood.

I.
O horror em argila

Não há no mundo graça maior, penso eu, do que a incapacidade humana de correlacionar tudo o que sabe. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a tenebrosos oceanos infindáveis nos quais não fomos feitos para navegar muito longe. As ciências, cada uma delas seguindo uma direção diferente, até agora nos prejudicaram pouco, mas, em algum momento, quando encaixarmos as peças separadas do conhecimento, teremos revelada uma aterrorizante visão da realidade e do pavoroso lugar que nela ocupamos, e, diante disso, ou enlouqueceremos, ou abandonaremos a luz para buscar abrigo na paz e na segurança da nova idade das trevas.

Teosofistas conjecturaram sobre a espetacular magnitude do ciclo cósmico, no qual nosso mundo e a raça humana representam apenas incidentes

passageiros. Eles sugeriram alguma forma estranha de sobrevivência, cuja descrição faria o sangue gelar, se não se apresentasse disfarçada por um brando otimismo. Mas os teosofistas não foram os responsáveis pelo singular relance de éons proibidos que me dá calafrios em pensamento e enlouquece-me no sonho. Esse vislumbre, como todos os temidos vislumbres da verdade, veio como um lampejo originado de uma casual união de peças isoladas — no caso, um artigo de um velho jornal e as anotações de um professor universitário já falecido. Espero que ninguém mais seja capaz de encaixar essas peças novamente; e, claro, se eu viver, nunca fornecerei uma pista sequer desse abominável encadeamento. Creio que o professor também pretendia manter em segredo o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não o tivesse levado de forma súbita.

Meu conhecimento sobre o assunto começou no inverno entre os anos de 1926 e 1927, com a morte de meu tio-avô George Gammell Angell, Professor Emérito de Línguas Semíticas na Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era notoriamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas, e a ele recorriam, com frequência, os diretores de renomados museus; não é de estranhar, portanto, que muitos ainda se recordem de sua morte, ocorrida aos noventa e dois anos de idade. Localmente, o interesse foi bastante intenso devido à obscuridade da causa do óbito. Quando o professor retornava no barco de Newport, caíra subitamente, como relataram as testemunhas, depois de ter sido empurrado por um homem negro que aparentava ser marinheiro e que vinha de uma das sinistras e estreitas ladeiras que eram usadas como passagem entre o cais e a casa do falecido, na Williams Street. Os médicos não foram capazes de identificar um distúrbio aparente. Contudo, após longo debate, concluíram que o vigoroso esforço físico empregado numa subida tão íngreme por um homem em idade tão avançada havia provocado uma obscura lesão no coração, que o levara a seu fim. Naquele momento, eu não via nenhuma razão para discordar da conclusão, porém há algum tempo sinto uma inclinação a questionar — e mais do que questionar — tal afirmação.

Como herdeiro e executor de meu tio-avô, homem viúvo e sem filhos, era de se esperar que eu examinasse seus papéis com certa minúcia; com esse fim, transferi todos os arquivos e caixas para minha residência, em Boston. Boa parte do material que organizei será publicada pela Sociedade Americana de Arqueologia, mas havia uma caixa que eu achara demasiadamente enigmática, cujo conteúdo sentia relutância em compartilhar com outros olhos. Ela estava trancada e eu não tinha encontrado a chave, até que me ocorreu examinar o

chaveiro pessoal que o professor carregava em seu bolso. Afinal consegui abri-la; contudo, ao fazê-lo, deparei-me com um obstáculo ainda maior e mais imperscrutável. Qual seria o significado do estranho baixo-relevo em argila, das desconexas anotações e dos recortes? Ter-se-ia meu tio, em seus últimos anos, tornado um crédulo dos mais superficiais embustes? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável pela aparente perturbação da paz de espírito do ancião.

O baixo-relevo era um retângulo tosco de quase dois centímetros e meio de espessura e cerca de quatorze por quinze centímetros de área, obviamente de origem moderna. Seus desenhos, entretanto, em nada sugeriam uma atmosfera moderna; pois, apesar de os caprichos do Cubismo e do Futurismo serem muitos e extravagantes, eles não reproduzem com frequência essa regularidade críptica que se insinua na escrita pré-histórica. Mas certamente aquele grupo de desenhos parecia revelar algum tipo de escrita, embora nada em minha memória levasse a associá-la aos papéis e itens da coleção de meu tio ou sugerisse uma correspondência com eles.

Acima desses aparentes hieróglifos, havia uma figura de evidente intenção pictórica, ainda que a execução impressionista impossibilitasse uma ideia clara de sua natureza. Parecia ser algum tipo de monstro ou um símbolo representativo de um monstro, cuja forma apenas uma mente perturbada poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um tanto extravagante divisava ao mesmo tempo a figura de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não estarei sendo infiel ao espírito da imagem. Uma polpuda cabeça cheia de tentáculos despontava de um corpo grotesco e escamoso dotado de asas rudimentares; mas era o contorno geral do conjunto que o tornava surpreendentemente assustador. O fundo atrás da figura mostrava indícios de arquitetura ciclópica.

Os registros que acompanhavam o estranho objeto, à parte os abundantes recortes de jornal, eram anotações recentes feitas de próprio punho pelo professor Angell e sem nenhuma pretensão literária. Aquele que parecia ser o documento mais importante tinha o título "O CULTO A CTHULHU" cuidadosamente escrito em letras maiúsculas para evitar uma leitura equivocada de palavra tão inusitada. Esse manuscrito estava dividido em duas seções: a primeira, intitulada "1925 — Sonho e Trabalho Onírico de H. A. Wilcox, 7 Thomas St., Providence, R.I.", e a segunda, "Relato do Inspetor John R. Legrasse, 121 Bienville St., Nova Orleans, La., Reunião da S. A. A. de 1908 — Notas do Mesmo & Relato do Prof. Webb". Outros manuscritos eram breves anotações, e algumas delas continham relatos de sonhos estranhos

de diferentes pessoas, outras tinham citações de revistas e de livros teosofistas (particularmente *Atlântida e a Lemúria Perdida* de W. Scott-Elliot), e as demais comentavam acerca da longa sobrevivência de sociedades secretas e cultos obscuros, com referências a passagens retiradas de compêndios de mitologia e antropologia como *O Ramo de Ouro*, de Frazer, e *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*, da senhorita Murray. A maioria dos recortes fazia referência a uma bizarra doença mental e a surtos de insanidade coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do principal manuscrito contava uma história muito particular. Parece que, no dia primeiro de março de 1925, um jovem magro, taciturno, de aspecto neurótico e agitado, fora ter com o professor Angell levando consigo o singular baixo-relevo em argila que, naquele momento, estava ainda muito úmido e fresco. Seu cartão exibia o nome Henry Anthony Wilcox, e meu tio reconhecera o rapaz como o filho caçula de uma excelente família que ele havia conhecido superficialmente, que estudava escultura na Escola de Desenho de Rhode Island e vivia sozinho no edifício Fleur-de-Lys, próximo à instituição. Wilcox era um jovem precoce, de talento inquestionável, porém de grande excentricidade, e desde a infância atraía a atenção com as histórias estranhas e sonhos curiosos que tinha o hábito de contar. Ele se autodenominava "psiquicamente hipersensível", mas os tradicionais moradores daquela antiga cidade comercial consideravam aquilo "pura esquisitice". Sem misturar-se com seus pares, ele fora gradualmente sumindo do convívio social até tornar-se conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Clube de Arte de Providence, apegado ao seu conservadorismo, considerara-o pouco promissor.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor, querendo beneficiar-se dos conhecimentos arqueológicos de seu anfitrião, pedira de maneira brusca que ele o ajudasse a identificar a origem dos hieróglifos do baixo-relevo. O jeito sonhador e pomposo de falar do rapaz sugeria alguma alienação; e meu tio demonstrara certo desdém ao responder, uma vez que o evidente frescor da tabuleta admitia parentesco com qualquer coisa, menos com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox impressionara tanto meu tio a ponto de fazê-lo recordar e registrar textualmente suas falas fantasticamente poéticas, aspecto que deve ter permeado toda a conversa e que, creio eu, era uma característica pessoal dele. Ele disse: "É nova, de fato, pois eu a fiz ontem à noite enquanto sonhava com cidades antigas; e os sonhos são mais antigos do que a inquieta Tiro, a contemplativa Esfinge ou os jardins suspensos da Babilônia".

Foi então que ele começara uma história desconexa que, subitamente, despertara uma memória adormecida de meu tio e prontamente conquistara seu interesse. Na noite anterior havia ocorrido um leve tremor sísmico, que ainda assim fora o mais intenso em toda a Nova Inglaterra por alguns anos; e a imaginação de Wilcox fora profundamente afetada. Depois de recolher-se, o escultor tivera um sonho sem precedentes de enormes cidades ciclópicas erguidas com blocos titânicos e monólitos altaneiros, tudo vertendo uma gosma verde e sinistra com horror latente. Hieróglifos cobriam os muros e pilastras, e de algum lugar lá embaixo vinha uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que apenas a fantasia seria capaz de transmutar em som, mas que Wilcox tentou capturar no quase impronunciável amontoado de letras “Cthulhu fhtagn”.

Essa mistura verbal fora a chave para a lembrança que entusiasmara e deixara inquieto o professor Angell. Ele interrogara o escultor com pormenores científicos e dedicara-se intensamente ao estudo do baixo-relevo em que o jovem se dera conta de estar trabalhando, de pijama e passando frio, quando despertara desnorteado do sono. Meu tio culpava a velhice, disse Wilcox posteriormente, por sua lentidão em reconhecer tanto os hieróglifos quanto a imagem pictórica. Muitas das suas perguntas pareciam totalmente fora de propósito para o visitante, especialmente aquelas que tentavam estabelecer sua conexão com sociedades ou cultos estranhos; e Wilcox não podia entender as insistentes promessas de segredo que o professor lhe fazia caso ele confessasse fazer parte de alguma difundida seita religiosa mística ou pagã. Quando o professor Angell enfim se convencera de que o escultor realmente ignorava qualquer culto ou doutrina de sociedade secreta, assediara o visitante com pedidos de relatos caso viesse a ter novos sonhos no futuro. Isso rendera frutos, pois, após a primeira entrevista, os manuscritos registram visitas diárias do jovem, nas quais ele relatava fragmentos de surpreendentes devaneios noturnos, sempre carregados de algum tipo de visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, e uma voz ou inteligência subterrânea que proferia ritmadamente, sob a forma de enigmáticos impactos sensíveis, palavras incompreensíveis que não podem ser escritas. Os dois sons mais frequentemente repetidos eram aqueles produzidos pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

No dia 23 de março, continua o manuscrito, Wilcox não aparecera; e indagações na vizinhança revelaram que ele fora acometido por uma febre de causa desconhecida e levado à casa da família na Rua Waterman. Ele havia gritado durante a noite, acordando outros artistas no prédio, e, desde então,

vinha alternando manifestações de inconsciência e de delírio. Meu tio imediatamente telefonara para a família e, a partir de então, passara a acompanhar os fatos com extrema atenção; ia regularmente à Rua Thayer, onde ficava o consultório do Dr. Tobey, responsável pelo caso. A mente febril do jovem, aparentemente, ocupava-se de coisas estranhas, e o médico vez ou outra estremecia quando ouvia falar delas. Elas incluíam não só repetições do enredo dos sonhos de noites anteriores, como também mencionavam enfaticamente uma coisa gigante "infinitamente alta" que caminhava ou deslocava-se pesadamente. Em nenhum momento ele descrevera completamente a coisa, mas o emprego ocasional de algumas palavras desconexas repetidas pelo Dr. Tobey convencera o professor de que se tratava da mesma inominável monstruosidade que o jovem tentara reproduzir em sua escultura onírica. A menção desse objeto, acrescentara o médico, era um invariável prelúdio da precipitação do jovem no estado letárgico. Sua temperatura, curiosamente, não se elevava muito além do normal, mas sua condição como um todo sugeria mais um estado febril do que um distúrbio mental.

No dia dois de abril, aproximadamente às três da tarde, todos os vestígios da enfermidade de Wilcox repentinamente desapareceram. Ele sentara-se ereto na cama, atônito por estar em casa e completamente alheio àquilo que lhe havia acontecido em sonho ou em realidade desde a noite do dia vinte e dois de março. Tendo recebido alta do seu médico, voltara a seu alojamento depois de três dias; mas, para o professor Angell, ele não tinha mais serventia. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham sumido com a sua recuperação, e meu tio não registrara mais nenhum devaneio noturno após uma semana de sessões em que eram descritas apenas visões corriqueiras e sem relevância.

Aqui terminava a primeira parte do manuscrito, mas referências de algumas notas dispersas deram-me muito que pensar — tanto, de fato, que apenas o ceticismo que eu adotava como filosofia própria poderia justificar minha persistente desconfiança acerca do artista. As notas em questão eram aquelas que descreviam os sonhos de diversas pessoas durante o mesmo período em que o jovem Wilcox tivera as manifestações. Meu tio, ao que parece, havia instituído uma prodigiosa e vasta rede de investigações entre quase todos os amigos que ele podia interrogar sem fazer-se impertinente, pedindo-lhes relatórios noturnos de seus sonhos e perguntando as datas em que haviam tido alguma visão incomum no passado recente. A adesão a essa solicitação parece ter variado, mas ele deve ter recebido, no mínimo, mais respostas do que qualquer outro homem comum poderia ter tido sem o apoio

de uma secretária. As correspondências originais não foram preservadas, contudo suas notas formaram uma completa e realmente significativa compilação. Pessoas comuns da sociedade e dos negócios — o tradicional "sal da terra" da Nova Inglaterra — deram um resultado quase completamente negativo, embora alguns esparsos casos de impressões noturnas disformes e inquietantes tenham aparecido aqui e acolá, sempre entre os dias vinte e três de março e dois de abril — mesmo período do delírio de Wilcox. Homens ligados às ciências eram levemente mais afetados, posto que quatro casos davam uma vaga descrição que sugeria vislumbres de paisagens estranhas, e um caso fazia menção ao pavor de algo anormal.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e poetas, e eu sei que o pânico se teria instalado se eles tivessem podido comparar suas anotações. Da forma como estavam, na falta das cartas originais, cheguei a suspeitar que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou tivesse editado as respostas a fim de corroborar o que ele resolvera enxergar de forma latente. Foi por essa razão que continuei a sentir que Wilcox, ciente em certa proporção dos velhos dados que meu tio possuía, estivera tirando proveito do traquejado cientista. As respostas dos estetas contavam uma história perturbadora. Do dia 28 de fevereiro ao dia dois de abril, uma grande parte deles havia sonhado com coisas muito bizarras, sendo que a intensidade dos sonhos tornara-se imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto dos que relataram algo reportaram cenas e sons abafados que em nada diferiam daqueles descritos por Wilcox; e alguns dos sonhadores confessaram um medo agudo da inominada coisa gigante que viam no final. Um caso, que as anotações descreviam de modo enfático, era muito triste. O indivíduo, um reconhecido arquiteto com inclinação à teosofia e ao ocultismo, tornara-se violentamente insano na data em que o jovem Wilcox tivera seu ataque, e morrera alguns meses mais tarde após gritar incessantemente para ser salvo de algum habitante fugido do inferno. Se meu tio se tivesse referido a esses casos por nomes e não meramente por números, eu teria tentado fazer algumas confirmações e uma investigação pessoal; ainda assim, consegui rastrear uns poucos. Todos eles, entretanto, sustentavam plenamente as anotações. Tenho-me com frequência perguntado se todas as pessoas questionadas pelo professor sentiram-se tão perplexas quanto essa pequena fração. É bom que elas nunca recebam uma explicação.

Os recortes de jornais, como mencionei, traziam casos de pânico, manias e excentricidades durante o dado período. O professor Angell deve ter utilizado um serviço especializado em coleta de notícias, já que o número de recortes era

imenso e as fontes espalhavam-se por todo o globo. Num deles, há um suicídio noturno em Londres, em que um solitário homem adormecido salta da janela depois de um apavorante grito. Em outro, uma desconexa carta ao editor de um jornal da América do Sul, em que um fanático prevê um horrendo futuro a partir das visões que ele havia tido. Um boletim da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas trajando em massa túnicas brancas à espera da "plenitude gloriosa" que nunca chega, enquanto recortes da Índia falam cautelosamente de um sério tumulto nativo por volta do final de março. Orgias vodu multiplicam-se no Haiti, e destacamentos militares da África reportam murmúrios ameaçadores. Oficiais americanos nas Filipinas enfrentam a inquietação de certas tribos, e policiais de Nova York são atacados por levantinos histéricos na noite de 22 de março. O oeste da Irlanda também está repleto de rumores desvairados e de lendas, e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot expõe a blasfema obra "Paisagem de Sonho" na exposição da primavera de 1926, em Paris. E tantos são os registros de transtornos em manicômios, que apenas um milagre justifica o fato de a comunidade médica não ter notado esse estranho paralelismo e mistificado possíveis conclusões. Era uma estranha pilha de recortes, sem dúvida; hoje em dia, mal posso considerar o racionalismo frio com que os pus de lado. Mas, naquele momento, eu estava convencido de que o jovem Wilcox tivera conhecimento de questões mais antigas mencionadas pelo professor.

II.
O relato do inspetor Legrasse

As questões antigas que haviam tornado o sonho do escultor e o baixo-relevo tão importantes para o meu tio compunham o assunto da segunda metade do longo manuscrito. Aparentemente, uma vez, o professor Angell vira os contornos diabólicos da inominável monstruosidade, ficara intrigado diante dos hieróglifos desconhecidos e ouvira as abomináveis sílabas que só podiam ser interpretadas como "Cthulhu"; e tudo isso numa conexão tão provocadora e horripilante, que é fácil entender por que ele perseguia o jovem Wilcox com indagações e pedidos de dados.

A primeira experiência viera em 1908, dezessete anos antes, quando a Sociedade Americana de Arqueologia realizava seu encontro anual em St. Louis. O professor Angell, como condizia com alguém de seu talento e autoridade, tivera papel proeminente em todas as deliberações; e fora um dos

primeiros a ser abordado pelos inúmeros leigos que se aproveitavam da presença de peritos para fazer consultas e encontrar as respostas corretas para suas dúvidas.

O chefe desses forasteiros e, logo em seguida, centro das atenções da reunião, era um homem de meia-idade e aparência bastante comum que percorrera o longo caminho desde Nova Orleans em busca de uma certa informação especial, impossível de ser obtida com alguma fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse e ele trabalhava como Inspetor de Polícia. Ele trazia consigo a razão da sua visita: uma estatueta muito antiga de pedra, grotesca e repulsiva, cuja origem ele não tinha a menor ideia de como determinar. Não se deve fantasiar que o inspetor Legrasse tivesse alguma sincera curiosidade arqueológica. Pelo contrário, seu desejo por esclarecimentos era movido puramente por interesse profissional. A estatueta, ídolo, fetiche, ou o que quer que fosse, havia sido apreendida alguns meses antes nos impenetráveis pântanos ao sul de Nova Orleans, durante uma incursão em uma suposta cerimônia vodu; e tão particulares e hediondos eram os rituais conectados a ela, que a polícia imediatamente percebera que havia topado com um culto tenebroso que lhe era totalmente desconhecido e infinitamente mais diabólico do que o mais obscuro círculo africano vodu. Acerca de sua origem, afora as inconsistentes e esdrúxulas histórias arrancadas dos membros capturados, absolutamente nada fora descoberto; daí a ansiedade da polícia em buscar algum conhecimento sólido sobre antiguidades, que pudesse ajudar a situar a assustadora peça no tempo e assim rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava nada preparado para a impressão que sua questão causaria. Bastou uma rápida olhada no objeto para deixar em polvorosa aqueles homens de ciência ali reunidos, que instantaneamente cercaram o inspetor na tentativa de contemplar de perto a pequena figura completamente estranha, cujo aspecto de genuína e abismal antiguidade insinuava de modo bem convincente algum panorama arcaico ainda desconhecido. Nenhuma escola de escultura reconhecida havia inspirado aquele repugnante objeto, ainda assim centenas ou milhares de anos estavam registrados de alguma forma na superfície opaca e esverdeada daquela pedra não identificada.

A figura, que passara lentamente de mão em mão para minucioso exame, tinha entre dezoito e vinte centímetros de altura e era de primoroso cuidado artístico. Ela representava um monstro com contornos vagamente antropoides, porém com uma cabeça em formato de polvo, cujo rosto era uma massa de

tentáculos, um corpo escamoso com aparência elástica, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras, e asas longas e estreitas nas costas. Essa coisa, que parecia impregnada por uma malignidade anormal e assustadora, era de uma robustecida corpulência e estava agachada em pose diabólica sobre um bloco ou pedestal retangular coberto por caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a borda de trás do bloco e o corpo ocupava a parte central. Abaixo das pernas dobradas, as garras, apoiadas na borda dianteira, iam da quina até um quarto do caminho em direção à base do pedestal. A cabeça cefalópode inclinava-se para a frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais tocavam o dorso das gigantescas patas dianteiras, que abraçavam os joelhos elevados. O aspecto do conjunto era espantosamente vívido e ainda mais temível porque sua origem permanecia um mistério. Não havia como negar sua vasta, surpreendente e incalculável idade; porém não era possível estabelecer um vínculo com algum tipo de arte dos primórdios da civilização ou de qualquer outra época. O material em si, muito distinto, configurava um mistério à parte, pois a pedra lisa, preto-esverdeada com filamentos e partículas dourados e iridescentes não se assemelhava em nada com algo familiar à geologia ou à mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e embora no evento estivesse representada a metade do conhecimento mundial nesse campo, nenhum dos membros presentes podia formar uma conexão ou encontrar um remoto parentesco linguístico com eles. Tal como o tema e o material, esses caracteres pertenciam a algo horrivelmente remoto e distinto da humanidade como a conhecemos; algo assustadoramente sugestivo de antigos e profanos ciclos de vida dos quais nosso mundo e nossas concepções não faziam parte.

No entanto, enquanto os membros individualmente balançavam suas cabeças e admitiam sua derrota diante do enigma trazido pelo inspetor, havia um homem no grupo que sentira um toque de bizarra familiaridade na forma monstruosa e no escrito, e então compartilhara sem muita segurança o pouco que sabia sobre algo estranho. Essa pessoa era o já falecido William Channing Webb, professor de Antropologia na Universidade de Princeton e um explorador digno de nota. O professor Webb havia participado, quarenta e oito anos antes, de uma expedição à Groenlândia e à Islândia em busca de inscrições rúnicas que ele nunca conseguira encontrar; e, enquanto estava nas altitudes do oeste da Groenlândia, conhecera uma tribo, ou culto singular, de esquimós degenerados cuja religião, uma curiosa forma de adoração ao diabo, causara-lhe calafrios por sua deliberada sede de sangue e repugnância. Tratava-se de uma crença que outros esquimós pouco conheciam e cuja

simples menção os atemorizava. Diziam que vinha de remotos e horríveis éons anteriores à criação do mundo. Além de inomináveis ritos e sacrifícios humanos, havia alguns macabros rituais hereditários devotados a um supremo demônio ancestral, ou *tornasuk*; e o professor Webb fizera uma cuidadosa transcrição fonética que reproduzia o que um idoso *angekok*, ou sacerdote-bruxo, entoava, grafando os sons em caracteres romanos da melhor forma possível. Mas, naquele momento, o mais relevante era o fetiche que eles cultuavam e ao redor do qual dançavam quando a aurora surgia alta entre os penhascos gelados. Dizia o professor tratar-se de um baixo-relevo de pedra muito tosco, formado por uma imagem horrenda e algumas inscrições enigmáticas. Isso permitia, segundo ele, traçar um paralelo preliminar com as características essenciais do objeto bestial que estava sendo examinado na reunião.

Essas informações, recebidas com desconfiança e perplexidade pelo grupo de especialistas, deixaram ainda mais empolgado o inspetor Legrasse, e ele logo começara a importunar seus informantes com perguntas. Tendo transcrito e copiado um ritual de tradição oral entre os praticantes do culto do pântano que seus homens haviam prendido, ele implorara ao professor Webb que tentasse lembrar o melhor que pudesse as sílabas registradas entre os esquimós diabolistas. Seguira-se então uma exaustiva comparação de detalhes e um momento de assombroso silêncio quando o detetive e o cientista concordaram na evidente identidade da frase comum aos dois rituais diabólicos, separados por tantos mundos de distância. O que, em resumo, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes do pântano de Louisiana entoavam para seus ídolos semelhantes (as divisões das palavras acompanham as pausas tradicionais das frases enunciadas) era algo mais ou menos assim:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse estava um passo à frente do professor Webb, pois muitos dos seus prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o que os celebrantes mais velhos diziam que as palavras significavam. A tradução era algo como:

“Em sua casa em R’lyeh, Cthulhu, morto, espera sonhando.”

Naquele momento, atendendo às insistentes e gerais solicitações, o inspetor Legrasse narrara tão detalhadamente quanto possível sua experiência

com os idólatras do pântano, contando uma história à qual meu tio claramente atribuíra um profundo significado. Seu conteúdo tinha o sabor dos sonhos mais extraordinários dos mitômanos e teosofistas, e revelava um surpreendente grau de imaginação cósmica, um nível que não se esperava encontrar em meio a mestiços e marginais.

No dia primeiro de novembro de 1907, a polícia de Nova Orleans recebera chamados apreensivos vindos do pântano e da região das lagoas ao sul. Os posseiros de lá, em sua maioria primitivos, mas bem-intencionados descendentes dos homens de Lafitte, estavam tomados de completo terror por causa de uma coisa desconhecida que os havia espiado durante a noite. Era vodu, aparentemente, mas vodu do mais pernicioso tipo jamais visto; e algumas das mulheres e crianças haviam desaparecido desde que o malévolo tantã tinha começado seus incessantes batuques a distância, dentro dos bosques sombrios onde os moradores não se aventuravam. Havia gritos insanos e urros angustiantes, cânticos que faziam gelar a alma e chamas diabólicas dançantes; um desesperado mensageiro também viera de lá, dizendo que os habitantes não podiam mais suportar.

Então, um grupo de vinte policiais em duas carruagens e um automóvel partira no final da tarde, levando como guia o apavorado posseiro. No final da parte transitável da estrada, eles deixaram os veículos e embrenharam-se em silêncio, por milhas, pelos terríveis bosques de ciprestes onde nunca penetrava a luz do dia. Raízes disformes e as forcas de barba-de-velho que pendiam das árvores tornavam penosa a caminhada e, vez ou outra, pilhas de pedras úmidas ou fragmentos do que poderia ter sido uma mórbida habitação deixavam ainda mais depressivo o ambiente que as árvores malformadas e os montículos de fungos ajudavam a criar. Finalmente o lugarejo dos posseiros, um aglomerado de casebres, surgiu à frente; os moradores histéricos chegaram correndo e cercaram as pessoas de cujas lanternas nervosas saíam feixes de luz. O abafado batuque dos tantãs já era ligeiramente audível ao longe, bem ao longe; e um guincho pavoroso podia ser ouvido em intervalos regulares quando o vento mudava de direção. Um clarão avermelhado também parecia infiltrar-se através da pálida vegetação rasteira desde os mais distantes caminhos da noite na floresta. Com receio de serem deixados para trás, cada um dos amedrontados posseiros recusava-se a dar mais um passo em direção à cena do culto profano, então o inspetor Legrasse e seus dezenove companheiros avançaram às cegas pelas negras arcadas do horror que nenhum deles havia percorrido antes.

A região em que os policiais entravam agora era tradicionalmente de

reputação maligna, notadamente desconhecida e inexplorada por homens brancos. Havia lendas a respeito de um lago oculto nunca antes contemplado pelos olhos de um mortal, habitado por uma gigantesca coisa branca poliposa de olhos brilhantes; e os posseiros murmuravam que demônios com asas de morcego saíam das profundezas das cavernas à meia-noite para adorar a criatura. Eles diziam que ela já estava ali desde antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo dos saudáveis animais e pássaros da floresta. Era a própria encarnação de um pesadelo, e vê-la era o mesmo que morrer. Mas ela também os fazia sonhar, e isso era o bastante para lembrá-los de que deveriam manter distância. A orgia vodu em questão acontecia nos limites mais distantes dessa asquerosa área, mas o lugar em si era bastante ruim; talvez o próprio lugar do culto tivesse assustado mais os posseiros do que os sons e as circunstâncias chocantes que eles mencionavam.

Apenas a poesia ou a loucura poderiam reproduzir de forma fiel os ruídos ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto avançavam com dificuldade pelos lodaçais negros em direção ao clarão vermelho e aos abafados tantãs. Existem algumas qualidades vocais que são características dos homens e algumas que são peculiares às bestas; e é terrível ouvir uma quando da fonte deveria vir outra. A fúria animal e a licenciosidade orgíaca do local elevavam-se a níveis demoníacos por uivos e gritos arrebatadores que rasgavam a noite e reverberavam pela floresta densa como tempestades pestilentas oriundas das profundezas do inferno. Ocasionalmente os uivos mais desorganizados cessavam, e do que parecia ser um bem ensaiado coro de vozes roucas subia entoada como uma ladainha aquela horrível frase ou invocação:

"Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn."

Nesse ponto, tendo atingido uma área onde as árvores eram mais finas e esparsas, os homens puderam ter uma visão do espetáculo propriamente dito. Quatro deles cambalearam, um desmaiou e dois lançaram um grito histérico que afortunadamente a enlouquecida cacofonia da orgia encobriu. Legrasse derramou água do pântano no rosto do policial desmaiado e todos ficaram ali paralisados, tremendo, quase hipnotizados pelo horror.

Numa clareira natural do pântano, havia uma ilha recoberta de capim, com talvez um acre de extensão, desmatada e razoavelmente seca. Nesse lugar saltava e retorcia-se a mais indescritível horda de aberrações humanas que apenas um Sime ou um Angarola seria capaz de pintar. Despidas, essas crias híbridas vociferavam, berravam e debatiam-se ao redor de uma monstruosa

fogueira em formato de anel, em cujo centro, avistável por ocasionais aberturas na cortina de chamas, erguia-se um enorme monólito de granito de aproximadamente dois metros e meio de altura; em seu topo, revelava-se em sua pequenez a odiosa estatueta. De um amplo círculo de dez cadafalsos dispostos em intervalos regulares com o monólito cercado de chamas ao centro, pendiam, de cabeça para baixo, os corpos grotescamente mutilados dos indefesos posseiros que haviam desaparecido. Era dentro desse círculo que a roda de fanáticos saltava e bramia da esquerda para a direita num interminável bacanal entre o anel de cadáveres e o anel de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação ou podem ter sido ecos que induziram um dos homens, um irritável espanhol, a imaginar ter ouvido respostas antifônicas ao ritual, vindas de algum ponto longínquo e escuro no interior da floresta de antigas lendas e horrores. Esse homem, Joseph D. Galvez, eu encontrei mais tarde e questionei-o: ele demonstrou ter uma imaginação bastante fértil. Ele chegou a ponto de fazer alusão a um ligeiro bater de grandes asas, a um rápido vislumbre de olhos brilhantes e a um grande objeto branco além das árvores mais remotas — mas eu suponho que ele tenha ouvido muito sobre as superstições dos nativos.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens fora relativamente breve. O dever vinha em primeiro lugar; e, embora houvesse aproximadamente cem homens naquela multidão, a polícia confiara em suas armas e investira com determinação contra a nauseante choldra. Durante os cinco minutos que se seguiram, o rumor e o caos resultantes foram indescritíveis. Golpes violentos foram desferidos, tiros foram disparados e fugas ocorreram; mas, no final, Legrasse pudera somar uns quarenta e sete prisioneiros cabisbaixos, que ele obrigara rapidamente a vestir roupas e a posicionar-se em fila única entre duas colunas de policiais. Cinco dos participantes do culto estavam mortos, dois estavam gravemente feridos e foram carregados em macas improvisadas por seus comparsas prisioneiros. A imagem no monólito, é claro, fora cuidadosamente removida e transportada de volta por Legrasse.

Interrogados no quartel de polícia após uma intensa e extenuante viagem, os prisioneiros provaram todos ser mestiços ordinários e aberrações mentais. A maioria era de marinheiros, alguns negros e mulatos, em grande parte caribenhos ou portugueses de Cabo Verde, que davam ao culto heterogêneo os matizes do voduísmo. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficara evidente que algo muito mais profundo e antigo do que fetichismo negro estava envolvido. Degradadas e ignorantes como eram, as criaturas mantinham-se surpreendentemente firmes à ideia central de sua repugnante

fé.

Eles adoravam, segundo diziam, os Grandes Antigos que vieram dos céus eras antes da existência do homem, quando o mundo ainda era jovem. Esses anciãos já haviam perecido no interior da Terra e no fundo do mar; mas seus corpos sem vida haviam revelado seus segredos em sonhos aos primeiros homens, que geraram um culto que nunca morreu. Esse era o culto deles, e os prisioneiros disseram que ele sempre tinha existido e sempre existiria oculto, em terras desoladas e lugares sombrios por todo o mundo, até o momento em que o sumo sacerdote Cthulhu, de sua tenebrosa morada na poderosa cidade submersa de R'lyeh, se levantaria e colocaria a Terra novamente sob seu domínio. Um dia ele chamaria, quando as estrelas estivessem posicionadas, e o culto secreto estaria sempre à espera para libertá-lo.

Até lá, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem mesmo a tortura conseguiria extrair. A humanidade não estava totalmente sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os poucos crentes. Mas essas formas não eram os Anciãos, já que eles nunca foram vistos. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém podia dizer se os outros se pareciam ou não com ele. Ninguém mais conseguia ler a antiga inscrição, mas as mensagens ainda eram transmitidas por tradição oral. O cântico ritual não era o segredo — este não era dito em voz alta, apenas em sussurros. O cântico significava apenas isto: "Na sua casa em R'lyeh, Cthulhu, morto, espera sonhando".

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados suficientemente sãos para serem enforcados, e os outros foram internados em diversas instituições. Todos negaram participação nos rituais de morte e afirmaram que a matança havia sido cometida pelos Asas Negras, que tinham vindo a eles de seu antiquíssimo ponto de encontro na floresta assombrada. No entanto, a respeito desses misteriosos aliados jamais fora obtido um relato coerente. O que a polícia conseguira extrair viera em grande parte de um mestiço muito velho chamado Castro, que afirmava ter navegado até portos longínquos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro recordava-se de fragmentos de uma lenda medonha que ofuscava as especulações dos teosofistas e fazia o homem e o mundo parecerem realmente recentes e passageiros. Houve éons em que outros Seres reinavam sobre a Terra, e Eles tinham grandes cidades. Os vestígios Deles, de acordo com os chineses imortais, ainda podiam ser encontrados em pedras ciclópicas nas ilhas do Pacífico. Todos Eles haviam morrido em época ancestral, antes da chegada do homem, mas havia artes que podiam fazê-Los reviver quando as

estrelas voltassem à posição correta no ciclo da eternidade. Eles mesmos, na verdade, tinham-se transportado das estrelas e trazido consigo suas imagens.

Esses Grandes Antigos, continuou Castro, não eram feitos realmente de carne e osso. Eles tinham forma — pois não é o que provava a imagem em forma de estrela? —, mas a forma não era constituída de matéria. Quando as estrelas estavam certas, Eles podiam lançar-se de mundo a mundo através do céu; mas, quando as estrelas estavam erradas, Eles não conseguiam viver. Mas, mesmo que não estivessem mais vivos, Eles não morriam realmente. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos feitiços do poderoso Cthulhu para uma gloriosa ressurreição, quando as estrelas e a Terra estivessem novamente prontas para Eles. Nesse momento, uma força externa deveria ajudá-Los a libertar Seus corpos. Os feitiços que Os preservavam intactos também Os impediam de fazer o movimento inicial, e Eles podiam apenas ficar ali acordados, na escuridão, pensando enquanto milhões de anos passavam. Sabiam de tudo que acontecia no Universo, pois se comunicavam pelo pensamento. Mesmo agora Eles falavam em Suas tumbas. Quando após infindáveis tempos de caos surgira o homem, os Anciãos falaram com os mais sensitivos entre eles, modelando seus sonhos; pois essa era a única linguagem com a qual Eles poderiam atingir aquelas recém-formadas mentes dos mamíferos.

Então, murmurou Castro, esses primeiros homens formaram o culto ao redor de pequenos ídolos que os Anciãos lhes haviam mostrado; ídolos trazidos de remotas áreas da escuridão das estrelas. Aquele culto não morreria enquanto as estrelas não se posicionassem da maneira correta novamente, e os sacerdotes secretos removeriam o grande Cthulhu de Sua tumba para que Ele despertasse Seus súditos e retomasse Seu domínio sobre a Terra. Seria fácil reconhecer esse tempo, pois a humanidade seria agora como os Grandes Antigos; livres e desenfreados, além do bem e do mal, com todas as leis e preceitos morais descartados e com todos os homens gritando e matando, rejubilando-se de prazer. Assim, os libertos Anciãos poderiam ensinar-lhes novas formas de gritar e matar e de regozijar-se, e toda a Terra se inflamaria em um holocausto de êxtase e liberdade. Até lá, o culto e seus ritos manteriam viva a memória dos saberes ancestrais e revelariam a profecia de seu retorno.

Em épocas passadas, os homens escolhidos falavam com os Anciãos sepultos em sonhos, mas então algo acontecera. A grande cidade de pedra de R'lyeh, com seus monólitos e sepulcros, fora tragada pelas ondas; e a profundeza das águas, repleta do mistério primordial através do qual nem mesmo o pensamento pode passar, interrompeu a comunicação espectral.

Contudo, a memória nunca morreu e os sumos sacerdotes diziam que a cidade emergiria outra vez quando as estrelas se alinhassem corretamente. Em seguida, vieram espíritos negros da Terra, sombrios e embolorados, repletos de sons indistintos que traziam de cavernas esquecidas sob o fundo do mar. Mas o velho Castro não se atrevia a falar muito sobre eles. Desviara-se do assunto inesperadamente, e não houve contumácia ou sutileza que trouxesse mais conteúdo a esse respeito. Curiosamente, ele também se recusava a comentar o tamanho dos Anciãos. A respeito do culto, dissera acreditar que sua sede se encontrava no meio dos imperscrutáveis desertos da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intocada. Não tinha relação com os cultos de bruxaria europeus e era conhecido praticamente apenas por seus membros. Nenhum livro havia feito alguma menção direta acerca dele, embora os imortais chineses afirmassem que havia duplo sentido em Necronomicon, do árabe louco Abdul Alhazred, que os iniciados podiam ler como quisessem, em especial o polêmico dístico:

"Não está morto aquele que jaz na eternidade
E em incomuns éons, até a morte pode morrer."

Legrasse, profundamente impressionado e não pouco perplexo, havia investigado em vão as afiliações históricas do culto. Castro, aparentemente, havia dito a verdade ao afirmar que isso era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não tinham sido capazes de acrescentar novas informações, fosse sobre o culto, fosse sobre a imagem, e agora o detetive estava diante das maiores autoridades do país e tinha a oportunidade de conhecer nada menos que a história da expedição do professor Webb à Groenlândia.

O exaltado interesse despertado na reunião pelo relato de Legrasse, corroborado pela estatueta, persistira nas subsequentes correspondências trocadas entre os que estiveram presentes no evento, embora parcas menções tenham ocorrido em publicações formais da entidade. Cautela é a primeira preocupação daqueles que estão acostumados a encarar charlatães e impostores. Durante um período, Legrasse havia deixado a estatueta sob a tutela do professor Webb, mas, após a morte dele, a imagem retornou às suas mãos e permanece em sua posse, e, não muito tempo atrás, tive a oportunidade de vê-la. É de fato uma coisa medonha e evidentemente semelhante à escultura moldada em sonho pelo jovem Wilcox.

Não me causou surpresa a excitação de meu tio com a história do escultor,

pois quantos pensamentos não devem ter vindo à sua mente, reconhecendo as informações de Legrasse sobre o culto, ao ouvir o jovem sensitivo contar que sonhara não apenas com a imagem e os exatos hieróglifos da estatueta encontrada no pântano e no diabólico baixo-relevo da Groenlândia, como também ouvira nesses mesmos sonhos ao menos três palavras precisas das similares evocações dos diabólicos esquimós e dos mestiços de Louisiana? Era natural, portanto, que ele tivesse dado início imediato a uma criteriosa investigação; embora eu reservadamente suspeitasse que o jovem Wilcox tivesse tomado conhecimento indiretamente sobre o culto e tivesse inventado uma série de sonhos para fomentar e manter o mistério à custa de meu tio. Os relatos de sonhos e os recortes coletados pelo professor eram, obviamente, fortes comprovações; mas meu racionalismo e a extravagância do assunto como um todo levaram-me a adotar a conclusão que julguei ser a mais sensata. Portanto, após estudar exaustivamente o manuscrito outra vez e relacionar as anotações teosóficas e antropológicas com o relato de Legrasse sobre o culto, viajei para Providence para procurar o escultor e repreendê-lo de maneira apropriada pela forma impertinente com a qual havia tratado um homem culto e de avançada idade.

Wilcox ainda vivia sozinho no edifício Fleur-de-Lys, na Rua Thomas, uma desprezível imitação vitoriana da arquitetura bretã do século XVII que ostentava sua fachada de estuque em meio às adoráveis casas de estilo colonial na antiga colina e à sombra do exemplar de campanário georgiano mais esplêndido da América. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente constatei, a julgar pelas amostras espalhadas pelo cômodo, que seu caráter era realmente profundo e autêntico. Creio eu que um dia ele será aclamado como um dos grandes decadentistas; pois ele cristalizou na argila e um dia há de reproduzir em mármore aqueles pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa e Clark Ashton Smith torna visíveis em verso e pintura.

Sombrio, franzino e de aspecto um tanto desgrenhado, virou-se displicentemente quando bati à porta e, sem levantar-se, perguntou a razão da minha visita. Quando lhe disse quem eu era, demonstrou algum interesse, já que meu tio lhe instigara a curiosidade ao investigar seus estranhos sonhos, mesmo sem nunca ter explicado a razão de tamanha atenção. Eu tampouco me estendi sobre o assunto, mas tentei com alguma sutileza extrair algo dele. Logo me convenci de sua absoluta sinceridade, uma vez que ele falava dos sonhos com plena convicção. Os sonhos e suas reminiscências tinham influenciado profundamente sua arte, e ele mostrou-me uma mórbida estátua

com uma potente insinuação macabra e cujos contornos quase me fizeram estremecer. Ele não se lembrava de ter visto a imagem original a não ser em seu próprio baixo-relevo, mas os contornos haviam surgido de suas mãos sem que ele se desse conta disso. Era, sem sombra de dúvida, a forma gigante que ele havia mencionado em seu delírio. Ele logo deixou claro que nada sabia sobre o culto secreto, exceto pelos detalhes que o incessante interrogatório de meu tio deixara escapar; e novamente eu tentava imaginar de que modo ele poderia ter recebido aquelas misteriosas impressões.

Ele falava de seus sonhos de uma maneira estranhamente poética; fazendo-me ver com terrível nitidez a úmida cidade ciclópica com sua pedra verde cheia de limo — cuja geometria, disse estranhamente, era totalmente anormal — e ouvir com amedrontada expectativa o incessante chamado, parcialmente mental, subindo de um lugar profundo: "Cthulhu fhtagn", "Cthulhu fhtagn". Essas palavras faziam parte daquele temível ritual que narrava o sonho em vigília do morto Cthulhu em seu túmulo de pedra, em R'lyeh, e eu me senti fortemente impressionado, apesar de minhas crenças racionais. Wilcox, eu estava certo disso, tinha ouvido ao acaso algo sobre o culto, que logo teria esquecido em meio à enorme quantidade de leituras e devaneios. Mais tarde, por força da impressionabilidade, isso teria tomado forma em seu subconsciente através dos sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que eu agora observava; de modo que percebi que não houve intenção de enganar meu tio. O moço, de quem jamais pude gostar, era ao mesmo tempo um pouco afetado e um pouco mal-educado; mas já estava inclinado a reconhecer seu talento e sua honestidade. Despedi-me amigavelmente e desejei-lhe todo o sucesso que seu talento prometia.

A questão do culto ainda exercia um fascínio sobre mim, e em algumas ocasiões imaginava a fama que poderia conquistar com pesquisas sobre suas origens e conexões. Visitei Nova Orleans e falei com Legrasse e com outros que participaram daquele velho destacamento policial, vi a tenebrosa imagem e inclusive entrevistei alguns dos prisioneiros mestiços que ainda estavam vivos. Infelizmente, o velho Castro falecera havia alguns anos. O que ouvi a seguir de forma tão vívida e em primeira mão, apesar de não ser nada além de uma confirmação detalhada de o que meu tio já havia escrito, reativou meu interesse; pois eu tinha a certeza de estar na pista de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta me tornaria um antropólogo renomado. Minha atitude até então era de absoluto materialismo, como gostaria que ainda fosse, o que me fez desprezar com uma quase inexplicável teimosia a coincidência entre os relatos dos sonhos e os estranhos recortes

colecionados pelo professor Angell.

Uma coisa que eu comecei a suspeitar e que agora receio saber é que a morte de meu tio nada teve de natural. Ele caiu numa rua estreita que subia de um antigo cais fervilhante de mestiços estrangeiros, após ser golpeado por um marinheiro negro. Eu não esqueci o sangue misto e as ocupações navais dos membros do culto de Louisiana, e não ficaria surpreso em ouvir falar da existência de agulhas envenenadas e outros métodos secretos tão cruéis quanto os já conhecidos antigamente em ritos e crenças ocultos. É verdade que Legrasse e seus homens foram deixados em paz; mas, na Noruega, um certo marinheiro que via coisas morreu. Teriam as intensificadas indagações de meu tio, após o revelador encontro com o escultor, chegado a ouvidos sinistros? Acho que o professor Angell morreu porque sabia demais ou porque estava prestes a saber demais. Agora resta saber se me cabe o mesmo destino, pois eu também já sei demais.

III.
A loucura que veio do mar

Se algum dia o céu quiser conceder-me uma bênção, que esta seja remover de minha memória o resultado de uma casual olhada num pedaço de papel que recobria uma prateleira. Não era nada que naturalmente chamaria minha atenção na rotina diária, já que se tratava de um velho exemplar de um jornal australiano, o Sydney Bulletin, de dezoito de abril de 1925. Ele havia escapado até do serviço especializado em coleta de notícias que, à época da impressão, buscava avidamente material para a pesquisa de meu tio.

Já havia deixado de lado em grande parte minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava de “Culto a Cthulhu”, e estava visitando um douto amigo em Paterson, Nova Jersey, curador de um museu local e um renomado mineralogista. Certo dia, ao examinar as amostras sobressalentes amontoadas em prateleiras em uma sala no fundo do museu, minha atenção foi atraída por uma estranha imagem estampada em um dos jornais que estavam estendidos embaixo das pedras. Era o Sydney Bulletin que eu já havia mencionado, pois meu amigo tinha conexões em todos os países estrangeiros imagináveis; e a foto era um corte em preto e branco de uma temível imagem de pedra quase igual àquela que Legrasse encontrara no pântano.

Removi com impaciência o precioso material que cobria a folha de papel e examinei detalhadamente a notícia, que para minha decepção constatei ser

bem sucinta. O que ela sugeria, no entanto, era de extrema relevância para a minha titubeante busca, e eu rasguei a parte que a continha para imediatas providências. Dizia:

MISTÉRIO EM EMBARCAÇÃO ENCONTRADA NO MAR À DERIVA

O Vigilant atracou com um iate armado de bandeira neozelandesa a reboque. Um sobrevivente e uma vítima foram encontrados a bordo. Relato de uma batalha desesperada e de mortes em alto-mar. O marujo resgatado recusa-se a falar sobre o estranho acontecimento. Um estranho ídolo foi encontrado em sua posse. O caso será investigado.

O cargueiro Vigilant, da Morrison Co., ao retornar de Valparaíso, atracou essa manhã no cais de Darling Harbour, trazendo a reboque o iate armado Alert, de Dunedin, N.Z., avistado com avarias no dia 12 de abril na latitude Sul 34º 21', longitude Oeste 152º 17' , com um sobrevivente e uma vítima fatal a bordo.

O Vigilant deixou Valparaíso no dia 25 de março, e no dia 2 de abril teve a rota consideravelmente desviada em direção ao sul, devido a excepcionais tormentas e fortíssimas ondas. No dia 12 de abril, a embarcação à deriva foi avistada, e, embora parecesse abandonada, ainda carregava a bordo um sobrevivente em condição um tanto delirante e um homem morto evidentemente há pelo menos uma semana. O sobrevivente agarrava um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, medindo cerca de trinta centímetros, cuja natureza todas as autoridades da Universidade de Sydney, da Royal Society e do museu na College Street confessaram, constrangidas, desconhecer, e que o homem disse tê-lo encontrado na cabine do iate, num pequeno estojo entalhado de feitio comum.

Após recobrar os sentidos, esse homem contou uma história excessivamente estranha de pirataria e carnificina. Ele é Gustaf Johansen, um norueguês de certa cultura, o segundo-imediato da escuna de dois mastros Emma, de Auckland, que zarpara para Callao no dia 20 de fevereiro, guarnecida com onze homens. A Emma, disse ele, demorou-se em sua rota e desviou-se muito ao sul, devido à grande tormenta do dia 1º de março, e, no dia 22 de março, estando em 49º 51' de Latitude S. e 128º 34' de Longitude O., encontrou o Alert, ocupado por uma estranha e mal-encarada tripulação de canacas e outros mestiços. O capitão Collins não obedeceu à ordem terminante de voltar, ao que a estranha tripulação começou a disparar sem aviso e de forma brutal contra a escuna, com a peculiarmente pesada bateria de canhões de bronze que munia o iate. Os homens da Emma não fugiram do combate, disse o sobrevivente, e, apesar de a embarcação começar a afundar devido aos tiros que a atingiram abaixo da linha d'água, eles conseguiram abordar o inimigo e

travar uma luta corporal com a selvagem tripulação no convés do iate. Embora estivessem em número ligeiramente superior, sentiram-se forçados a matar todos eles, já que os homens lutavam de forma desmesuradamente feroz e desesperada, ainda que demonstrassem pouca habilidade.

Três dos homens do Emma, incluindo o capitão Collins e o primeiro-imediato Green, foram mortos; os oito homens restantes, sob o comando do segundo-imediato Johansen, prosseguiram viagem no iate capturado, rumando em sua direção original para verificar se havia de fato algum motivo para a ordem de retornar que tinham recebido. No dia seguinte, ao que parece, eles desembarcaram em uma pequena ilha desconhecida naquela parte do oceano; e seis dos homens morreram em terra, embora Johansen seja estranhamente reticente sobre o assunto e cite apenas a queda deles de um penhasco. Mais tarde, aparentemente, ele e um companheiro retornaram ao iate e tentaram retomar a viagem, mas foram atingidos pela tormenta do dia 2 de abril. Do período compreendido entre aquele dia e a data do resgate, 12 de abril, o homem se lembra de muito pouco e nem mesmo da morte de seu companheiro William Briden. A morte de Briden não revela causa aparente e ocorreu provavelmente devido ao desespero e às precárias condições a que estavam expostos. Mensagens telegráficas de Dunedin reportam que o Alert era muito conhecido como embarcação mercante e gozava de má reputação na zona portuária. O iate pertencia a um curioso grupo de mestiços, cujas frequentes reuniões e incursões noturnas nas florestas provocavam certa curiosidade; e havia zarpado de forma precipitada, logo após a tempestade e os tremores de 1º de março. Nosso correspondente de Auckland atribui à escuna Emma e sua tripulação uma excelente reputação, e Johansen é descrito como um homem sensato e honrado. A partir de amanhã, o almirantado instaurará um inquérito para investigar o caso, e mais esforços serão feitos para induzir Johansen a revelar as informações que aparentemente está retendo.

sso era tudo, sem contar a foto da medonha imagem; mas foi o suficiente para desencadear um turbilhão de ideias em minha mente! Ali estavam dados preciosos sobre o "Culto a Cthulhu" e evidências de que seus estranhos interesses infiltravam-se tanto na terra quanto no mar. Que motivo teria levado a tripulação mestiça a ordenar o retorno da Emma enquanto eles navegavam carregando seu odioso ídolo? Qual seria a desconhecida ilha na qual seis pessoas da tripulação da Emma morreram e sobre a qual o imediato Johansen mantinha tanta reserva? O que a investigação do vice-almirante revelara e o que se sabia sobre o macabro culto em Dunedin? E o mais incrível de tudo, que profundo e sobrenatural vínculo era esse entre as datas, que dava um inegável sentido maligno aos vários acontecimentos tão cuidadosamente

anotados por meu tio?

No primeiro dia de março — nosso dia 28 de fevereiro, segundo a Linha Internacional de Mudança de Data —, sobrevieram o terremoto e a tempestade. De Dunedin, o Alert e sua perversa tripulação zarparam impetuosamente, como se imperiosamente convocados, e, do outro lado do mundo, poetas e artistas começaram a sonhar com uma estranha e úmida cidade ciclópica enquanto um jovem escultor moldava durante o sono a forma do temível Cthulhu. No dia 23 de março, a tripulação da escuna Emma desembarcara numa ilha desconhecida e lá deixara seis mortos; nessa mesma data, os sonhos de homens sensitivos alcançaram uma assombrosa nitidez e tornaram-se sombrios com a perseguição de um gigante monstro maligno, um arquiteto enlouquecera e um escultor subitamente se rendera ao delírio! E o que dizer da tempestade do dia dois de abril — data em que todos os sonhos sobre a cidade úmida cessaram, e Wilcox ressurgira ileso da estranha febre que o mantinha aprisionado? Além de tudo isso, o que dizer das referências do velho Castro a Anciãos submersos vindos de distantes estrelas e preparando um novo reinado, a seu culto fervoroso e a seu poder sobre os sonhos? Estaria eu prestes a descobrir horrores cósmicos que o homem não tem poder de suportar? Se fosse assim, deveriam ser horrores da própria mente, pois o dia dois de abril, de alguma forma, pusera um fim a toda ameaça monstruosa que assolava as almas da humanidade.

Naquela noite, após um dia de mensagens telegráficas apressadas e preparativos, despedi-me de meu anfitrião e tomei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin, onde, entretanto, descobri que pouco se sabia a respeito dos estranhos membros do culto que frequentavam as velhas tavernas portuárias. A ralé do cais não merece nenhuma menção especial, embora aqui e ali se falasse sobre uma viagem por terra que os mestiços haviam feito, durante a qual sons abafados de tambores e chamas avermelhadas puderam ser notados nas montanhas distantes. Em Auckland, eu soube que o antes loiro Johansen voltara de Sydney com os cabelos totalmente brancos após interrogatório superficial e inconclusivo, e que depois vendera seu chalé na West Street e partira com a mulher para sua velha casa em Oslo. Sobre essa agitada experiência, ele não contara nada aos amigos além do que já havia revelado aos oficiais do almirantado, e tudo que fizeram por mim foi dar-me seu endereço em Oslo.

Em seguida, viajei a Sydney, onde tive conversas infrutíferas com marinheiros e membros do tribunal do almirantado. Vi o Alert, agora vendido e em uso comercial no Circular Quay, na enseada de Sydney, e nenhuma nova

informação foi agregada. A imagem agachada, com sua cabeça de molusco, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal com hieróglifos estava preservada no museu de Hyde Park, e eu a estudei minuciosamente, considerando-a um trabalho maligno artisticamente requintado e com o mesmo mistério, a assombrosa antiguidade e a estranheza alienígena do material, tal como eu observara no exemplar de menor tamanho de Legrasse. Os geólogos, disseram-me o curador, tinham-na achado um monstruoso enigma; pois eles juravam nunca terem visto pedra como aquela em algum outro lugar do mundo. Então estremeci ao lembrar o que Castro havia dito a Legrasse sobre os primordiais Grandes Antigos: "Eles mesmos, na verdade, tinham-se transportado das estrelas e trazido consigo suas imagens".

Estremecido com uma revolução mental nunca antes experimentada, resolvi visitar o imediato Johansen em Oslo. Chegando a Londres, reembarquei imediatamente rumo à capital da Noruega; e, num dia de outono, eu aportei em um dos bem cuidados cais à sombra do Egeberg. O endereço de Johansen, como descobri, ficava na Cidade Velha do rei Harald Hardrada, região que manteve vivo o nome de Oslo durante os séculos em que a cidade principal adotava o nome "Christiania". Fiz o curto trajeto de táxi e, com o coração acelerado, bati à porta daquele belo edifício com fachada de gesso. Uma mulher vestida de preto e de aspecto tristonho atendeu-me, e fui invadido pela decepção quando ela, num inglês hesitante, disse-me que Gustaf Johansen se fora.

Não havia sobrevivido muito após o regresso, disse a esposa, pois os afazeres no mar em 1925 haviam arruinado sua saúde. Ele não lhe dissera nada além do que já havia tornado público, mas deixara um longo manuscrito — sobre "assuntos técnicos", disse ela — escrito em inglês, evidentemente para salvaguardá-la caso pusesse inadvertidamente os olhos no documento. Durante uma caminhada por uma estreita rua perto das docas de Gotemburgo, fora derrubado por um fardo de papéis saído da janela de um sótão. Dois marujos indianos ajudaram-no imediatamente a levantar-se, mas, antes mesmo de a ambulância chegar, ele estava morto. Os médicos não encontraram uma causa específica para a morte, mas atribuíram-na a problemas cardíacos e saúde debilitada.

Nessa hora senti minhas entranhas serem corroídas pelo tenebroso pavor que jamais me deixará até que eu descanse; "acidentalmente" ou de outra forma. Após convencer a viúva de que minha conexão com os "assuntos técnicos" de seu marido fornecia suficientes credenciais para acessar o manuscrito, parti com o documento, e, no barco de volta para Londres,

comecei a lê-lo. Era algo simples e cheio de divagações — um esforço para fazer um diário *post factum* — que tentava reconstituir dia a dia a última terrível viagem. Não posso tentar transcrever seu conteúdo na íntegra com todas as redundâncias e pontos obscuros, mas vou ater-me à parte principal para mostrar por que o barulho da água batendo contra o casco do navio tornou-se tão insuportável para mim a ponto de fazer-me tapar os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo tendo visto a cidade e a Coisa, mas eu jamais voltarei a dormir calmamente enquanto pensar nos horrores que incessantemente nos espreitam por trás da vida no tempo e no espaço, e nas blasfêmias profanas das estrelas ancestrais que sonham no fundo do mar, conhecidas e reverenciadas por um culto de pesadelo que anseia por soltá-las no mundo tão logo outro terremoto reerga novamente sua cidade de pedra, revelando-a ao sol e ao ar.

A viagem de Johansen começara exatamente como ele havia contado ao vice-almirantado. A escuna Emma, com lastro, zarpara de Auckland no dia 20 de fevereiro e sentira toda a força da tempestade proveniente do terremoto, que deve ter elevado do fundo do oceano os horrores que invadiram os sonhos dos homens. Após recuperar o controle, a embarcação avançava normalmente, quando fora abordada pelo Alert no dia 22 de março, e nesse ponto pude sentir a tristeza do imediato ao descrever o bombardeio e o naufrágio. Dos satanistas do Alert ele fala com repulsa. Havia uma característica tão peculiarmente abominável neles que fazia parecer que a destruição era um dever, e Johansen demonstra sincera surpresa ante a acusação de crueldade dirigida contra seu grupo durante os procedimentos judiciais do inquérito. Em seguida, levados adiante pela curiosidade, e sob o comando de Johansen no iate capturado, os homens avistaram um grande pilar de pedra despontando do mar, e, em 47º 9’ de Latitude S. e 126º 43’ de Longitude O., chegaram a um litoral que misturava barro, limo e pedras ciclópicas cobertas de musgo que não poderiam significar outra coisa a não ser a substância palpável do supremo terror da terra — a cidade-cadáver dos pesadelos de R’lyeh, que fora construída incontáveis éons antes da História pelas formas repugnantes que penetraram através da escuridão das estrelas. Ali jazem o grande Cthulhu e suas hordas, escondidos em túmulos verdes cobertos de limo, enviando finalmente, após ciclos incalculáveis, os pensamentos que espalham o medo nos sonhos dos sensíveis e o chamado imperioso para que os fiéis partam numa peregrinação de libertação e restauração. Johansen nada suspeitava a esse respeito, mas Deus sabe que ele acabou vendo o bastante!

Suponho que o topo de apenas uma montanha, a horrenda cidadela coroada pelo monólito, onde o grande Cthulhu estava enterrado, tenha-se elevado para fora da água. Quando penso nas dimensões de tudo que pode estar-se preparando lá embaixo, quase tenho vontade de suicidar-me antes. Johansen e seus homens ficaram aterrorizados com a grandiosidade cósmica da Babilônia gotejante dos antigos demônios e devem ter deduzido, mesmo sem outros elementos, que não se travava de algo deste ou de algum outro planeta normal. O medo diante dos gigantescos blocos de pedra esverdeados, do monólito entalhado de assombrosa altura e a impressionante semelhança das estátuas e baixos-relevos colossais com a estranha imagem encontrada no estojo no Alert está evidente em cada passagem descrita pelo assustado imediato.

Sem saber o que era futurismo, Johansen aproximou-se muito disso quando falou sobre a cidade; pois, em vez de descrever estruturas ou construções separadamente, ateve-se apenas a impressões gerais de ângulos e superfícies — superfícies grandes demais para pertencerem a algo próprio ou característico deste mundo e impiamente carregadas de hieróglifos e imagens horríveis. Menciono a alusão dele a ângulos porque sugere algo que Wilcox dissera sobre seus atemorizantes sonhos. Ele dissera que a geometria do local onde o sonho se dava era anormal, não euclidiana, sinistramente repleta de esferas e dimensões que vão além das nossas. Agora um marinheiro iletrado sente a mesma coisa enquanto encara essa terrível realidade.

Johansen e seus homens desembarcaram em um banco de areia lamacento naquela monstruosa Acrópole e escalaram com dificuldade os escorregadios blocos titânicos cheios de musgos, que jamais serviriam de escada para um mortal. O próprio sol parecia distorcido quando visto através do miasma polarizador que jorrava da perversão encharcada de mar, e um misto de ameaça e suspense espreitava de esguelha esses enganosos ângulos de pedra talhada, que num primeiro olhar se mostravam côncavos e, no momento seguinte, convexos.

Algo semelhante ao medo já tinha tomado conta dos exploradores antes mesmo que avistassem qualquer coisa além de pedras, lodo e algas. Cada um deles teria fugido se não tivesse receado a zombaria dos outros, e foi com pouco ânimo que eles — em vão, comprovadamente — saíram em busca de *souvenirs* para levar consigo.

Foi Rodrigues, o português, que escalara o pé do monólito e gritara o que havia encontrado. Os demais o seguiram e olharam com curiosidade a imensa porta esculpida com o agora familiar baixo-relevo da lula-dragão. Era como

uma enorme porta de celeiro, disse Johansen; e todos sentiram que era uma porta por causa do lintel, da soleira e dos batentes que a guarneciam, ainda que não pudessem determinar se ela estava na horizontal, como um alçapão, ou inclinada como a porta externa de um porão. Como teria dito Wilcox, a geometria do lugar era toda errada. Se uma pessoa não consegue garantir que o mar e a terra estão na horizontal, a posição relativa de todo o resto lhe parecerá fantasticamente variável.

Briden forçara diversos pontos da pedra sem resultado. Em seguida, Donovan apalpara delicadamente as bordas, pressionando cada ponto separadamente enquanto prosseguia. Ele escalara interminavelmente a grotesca moldura de pedra — se é que se pode dizer escalar quando uma superfície está na horizontal — enquanto os homens se perguntavam como poderia existir uma porta tão grande no Universo. Depois, lenta e delicadamente, o topo do gigantesco painel deslocara-se em direção ao seu interior e eles viram que estava estável. Donovan deslizara ou de algum modo impulsionara-se para baixo ou ao longo do batente e reunira-se novamente com os companheiros, e todos juntos assistiram ao estranho recuo do monstruoso portal esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, o portal movera-se de modo anômalo em sentido diagonal, parecendo contrariar todas as regras de matéria e perspectiva. A abertura era negra, carregada de uma escuridão quase palpável.

Essa tenebrosidade de fato era uma qualidade positiva; pois ela escurecia partes das paredes internas que deveriam ser visíveis e liberava um tipo de fumaça que estava aprisionada havia longas eras e ocultava o sol à medida que se retirava em direção ao céu convexo como asas que batem. O odor exalado pelas profundezas das recém-abertas portas era insuportável, e depois de algum tempo Hawkins, que tinha uma audição prodigiosa, pensara ter ouvido um som vil e lamurioso vindo de baixo. Todos prestaram atenção e estavam ouvindo quando a coisa surgira gosmenta, espremendo sua imensidão gelatinosa e verde pela abertura negra, e alcançara o contaminado ar exterior da nefasta cidade da loucura.

A pobre caligrafia de Johansen perdeu o vigor quando ele escreveu isso. Dos seis homens que nunca retornaram ao navio, ele acredita que dois tenham morrido de puro medo naquele instante maldito. A Coisa não pode ser descrita, não há uma linguagem para tais abismos de tormento e loucura imemorial, tais contradições sobrenaturais de toda matéria, força e ordem cósmica. Uma montanha caminhava ou arrastava-se. Meu Deus! Será surpresa para alguém que em algum lugar do mundo um arquiteto tenha enlouquecido

e que o pobre Wilcox tenha delirado com febre naquele momento telepático? A Coisa dos ídolos, a criatura pegajosa e verde que viera das estrelas, despertara para reclamar o que lhe pertencia. As estrelas estavam novamente alinhadas e aquilo que um culto tão antigo não fora capaz de levar a cabo por seus próprios meios foi feito por acidente por um bando de marinheiros inocentes. Após vigintilhões de anos, o grande Cthulhu estava novamente livre e ávido por prazer.

Três homens foram varridos pelas frouxas garras antes mesmo que se virassem. Que descansem na paz de Deus, se é que há paz neste Universo. Eles eram Donovan, Guerrera e Ängstrom. Parker escorregara enquanto os outros três corriam desesperadamente pelos intermináveis cenários de pedras recobertas de limo verde em direção ao barco, e Johansen jura que fora engolido por um ângulo de pedra talhada que não deveria estar lá; um ângulo que era agudo, mas se comportava como obtuso. Assim, apenas Briden e Johansen alcançaram o bote e remaram desesperadamente para o Alert enquanto a gigantesca monstruosidade movia-se pesadamente sobre as pedras escorregadias e debatia-se hesitante à beira da água.

O vapor não estava completamente esgotado, apesar de nenhum homem ter ficado na embarcação; então, bastaram alguns instantes de intensos esforços entre o leme e os motores para pôr o Alert em movimento. Devagar, em meio aos distorcidos horrores daquela indescritível cena, ele começara a agitar aquelas águas mortais; enquanto, sobre as pedras talhadas daquela praia sepulcral que não era deste mundo, a Coisa titânica das estrelas babava e berrava como Polifemo ao amaldiçoar o barco de Odisseu. Então, mais ousado que o lendário ciclope, o grande Cthulhu escorregara lúbrico para a água e começara a perseguição, produzindo várias ondas com suas braçadas de potência cósmica. Briden olhara para trás e enlouquecera, gargalhando estridentemente em intervalos até que a morte viera buscá-lo na cabine, enquanto Johansen perambulava delirante pelo convés.

Mas Johansen ainda não tinha desistido. Sabendo que a Coisa poderia facilmente alcançar o Alert enquanto a pressão do vapor não atingisse o máximo, desesperado, tentara uma manobra arriscada; regulara o motor em velocidade máxima e correra pelo convés como um raio para reverter a roda do leme. Formara-se um turbilhão de espuma na água fétida, e, enquanto a pressão subia mais e mais, o bravo norueguês conduzia seu barco em rota de colisão com a aberração gelatinosa que o perseguia e erguia-se acima da espuma imunda como a popa de um galeão demoníaco. A terrível cabeça de polvo com os tentáculos retorcidos quase chegara ao gurupés do robusto iate,

mas Johansen prosseguira implacavelmente. Houvera um estrondo como o de um balão estourando, o escorrer de uma substância nojenta, como se um peixe-lua fosse eviscerado, um odor nauseabundo como o de mil covas abertas e um som que o cronista não se atreveu a registrar. Por um instante o iate fora envolvido por uma nuvem acre verde e cegante, e depois apenas uma maligna agitação à popa; onde — Deus do Céu! — a espalhada plasticidade daquela inominável criatura celeste estava nebulosamente se recombinando em sua forma original, enquanto se distanciava cada vez mais do Alert, que ganhara ímpeto com o aumento do vapor.

Isso foi tudo. Depois disso, Johansen limitara-se a refletir sobre o ídolo na cabine e prover a alimentação para si e para o maníaco gargalhante a seu lado. Ele não tentara navegar após a imprudente experiência naquela rota, pois a reação lhe havia arrancado algo da alma. Viera então a tempestade do dia dois de abril, e a quantidade de nuvens turvara sua consciência. Então, há uma sensação de vertigem espectral através de golfos líquidos de infinitude, de trajetos atordoantes através de oscilantes universos na cauda de um cometa, e de mergulhos histéricos das profundezas até a lua e da lua de volta às profundezas, tudo isso animado por um coro gargalhante daqueles disformes e hilários deuses ancestrais e os esverdeados diabos zombeteiros do Tártaro com asas de morcego.

Desse sonho veio o resgate — o Vigilant, o tribunal do vice-almirante, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta para a velha casa junto ao Egeberg. Ele não podia contar isso — eles o considerariam um louco. Escolheu escrever o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não deveria desconfiar. A morte em si seria uma bênção se ao menos apagasse as lembranças.

Esse foi o documento que li, e agora eu o depositei na caixa de latão ao lado do baixo-relevo e dos papéis do professor Angell. Juntarei meu relato a eles — prova da minha sanidade —, o qual correlaciona informações que espero jamais serem relacionadas novamente. Vi tudo que o Universo contém de horror, e mesmo os céus de primavera e as flores de verão podem ser um veneno para mim. Mas não creio que minha vida será longa. Assim como meu tio se foi, como o pobre Johansen se foi, eu também devo ir. Eu sei demais, e o culto ainda vive.

Cthulhu também vive, suponho, naquele precipício de pedra que o abrigava desde que o sol era jovem. Sua amaldiçoada cidade está novamente submersa, pois o Vigilant navegou aquelas águas novamente depois da tormenta de abril; mas seus sacerdotes na terra ainda gritam, pulam e matam ao redor de monólitos coroados de imagens em lugares isolados. Ele deve ter

ficado preso em seu abismo negro durante o naufrágio, do contrário o mundo estaria gritando de pavor e frenesi. Quem sabe o final? O que emergiu pode afundar e o que afundou pode emergir. A repugnância aguarda e sonha nas profundezas, e a decadência se espalha sobre as titubeantes cidades dos homens. O tempo virá — mas não devo nem posso pensar! Rezo para que, caso eu não sobreviva a este manuscrito, meus executores prefiram a cautela à ousadia e garantam que ninguém mais o veja.

Rhan-Tegoth

Medindo cerca de quatro metros e meio da cabeça aos pés, Rhan-Tegoth é uma criatura anfíbia com um tórax globular, três olhos e seis membros. Cada um desses membros termina em uma garra que se assemelha à de um caranguejo e é coberta pelo que, à primeira vista, parece ser cabelo, mas que é de fato uma multidão de tentáculos minúsculos.

Sua origem é em Yuggoth e passou seus primeiros anos vasculhando as profundezas do oceano daquele mundo frio. Viajou para a Terra há cerca de três milhões de anos e, por um tempo, fez de uma parte do Alasca seu lar, onde era adorado pelos canibais da tribo Gnophkeh, antes de cair em um torpor de milênios, no Longo Sono.

No ano de 1926, o corpo de Rhan-Tegoth foi encontrado por George Rogers, um museólogo especializado em esculturas, digamos, exóticas, que passou a exibir o corpo do grande antigo como uma de suas esculturas. Bem, as consequências foram trágicas.

Diz-se que é uma criatura de pouco poder, mas, se essa afirmação se basear nos imensos padrões dos Grandes Antigos, certamente Rhan-Tegoth ainda é muito mais poderoso do que qualquer humano pode imaginar.

O horror no museu

Foi lânguida curiosidade que levou Stephen Jones ao Museu Rogers pela primeira vez. Alguém lhe havia contado sobre o exótico local subterrâneo na Southwark Street, do outro lado do rio, onde criaturas enceradas, muito mais horripilantes que as piores efígies no Madame Tussauds, estavam expostas, e ele havia caminhado até lá em um dia de abril para ver o quanto acharia aquilo decepcionante. Estranhamente, não se decepcionou. Havia algo diferente e distinto ali, afinal. Decerto, os clichês típicos do horror estavam presentes — Landru, Dr. Crippen, Madame Demers, Rizzio, Lady Jane Grey, infinitas vítimas mutiladas de guerra e revolução, e monstros como Gilles de Rais e o Marquês de Sade. Mas havia outras coisas que deixaram sua respiração acelerada e o fizeram permanecer ali até ouvir o badalo do sino que indicava o horário de fechamento. O homem que havia organizado a coleção não poderia ser um charlatão qualquer. Havia imaginação — até uma forma doentia de genialidade — em algumas daquelas coisas.

Posteriormente, ele ficou sabendo sobre George Rogers. O homem havia integrado a equipe do Tussauds, mas acontecera algum problema que acarretara a sua demissão. Havia boatos maldosos a respeito de sua sanidade e histórias sobre suas loucas formas de veneração secreta; embora, por fim, o sucesso que atingiu com seu próprio museu no porão tenha acabado por enfraquecer algumas críticas e potencializar o ponto insidioso de outras. Teratologia e a iconografia do pesadelo eram seus hobbies, e até ele havia tido a prudência de alocar algumas de suas efígies em uma alcova especial, reservada apenas aos adultos. Foi essa alcova que tanto fascinou Jones. Havia coisas híbridas e disformes que apenas a fantasia poderia gerar, moldadas com habilidade diabólica e coloridas de uma forma aterrorizantemente realista.

Algumas eram figuras de mitos bem conhecidos — górgonas, quimeras, dragões, ciclopes e todos os seus congêneres arrepiantes. Outras eram inspiradas por ciclos de lendas subterrâneas mais obscuras e furtivamente sussurradas — o umbroso e disforme Tsathoggua, o tentacular Cthulhu, o proboscídeo Chaugnar Faugn e outras supostas blasfêmias de livros proibidos

como o *Necronomicon*, o *Livro de Eibon*, ou o *Unaussprechlichen Kulten*, de von Junzt. Mas as piores eram criações completamente originais de Rogers e representavam formas que nenhuma fábula da antiguidade jamais ousaria sugerir. Muitas eram paródias horrendas de formas da vida orgânica que conhecemos, enquanto outras pareciam removidas de sonhos febris de outros planetas e galáxias. As pinturas mais selvagens de Clark Ashton Smith podiam sugerir algumas — mas nada poderia sugerir o efeito de terror pungente e repugnante criado por suas enormes dimensões e artesanato de uma sagacidade demoníaca, e pelas diabolicamente adequadas condições de iluminação nas quais elas eram exibidas.

Stephen Jones, como um *connoisseur* casual do bizarro na arte, havia buscado o próprio Rogers no desbotado e escuro escritório atrás da câmara abobadada do museu — uma cripta de aparência maligna, parcamente iluminada por janelas empoeiradas dispostas em fendas horizontais na parede de tijolos, em um andar com o piso digno de um pátio oculto. Era ali que se fazia a restauração das imagens — e também onde algumas delas haviam sido criadas. Braços, pernas, cabeças e corpos de cera jaziam em um arranjo grotesco sobre vários bancos, enquanto perucas foscas, dentes de aparência agressiva e olhos de vidro se misturavam indiscriminadamente sobre prateleiras altas. Fantasias de todos os tipos pendiam de ganchos, e em uma alcova havia grandes pilhas de cera cor de carne e prateleiras cheias de latas de tinta e pincéis de todo tipo. No centro do cômodo, estava o grande forno de fusão usado para preparar a cera a ser moldada, a boca coberta por uma enorme caixa de ferro em dobradiças, com um bico que permitia despejar-se a cera derretida com o simples toque de um dedo.

Outras coisas na cripta funesta eram menos descritíveis — partes isoladas de entidades problemáticas cujas formas montadas eram fantasmas do delírio. Em um canto, havia uma porta de madeira maciça, trancada com um cadeado atipicamente grande, sobre a qual se via pintado um símbolo muito peculiar. Jones, que já tivera contato com o temido *Necronomicon* anteriormente, arrepiou-se de forma involuntária ao reconhecer o símbolo. Esse artista, ele refletiu, de fato deve ser alguém de posse de desconcertante conhecimento a respeito de assuntos dúbios e obscuros.

Nem a conversa com Rogers o desapontou. O homem era alto, esguio e consideravelmente maltrapilho, com grandes olhos negros que fitavam com um brilho de combustão em meio a uma face pálida e com barba falhada. Não se incomodou com a intrusão de Jones, parecendo até abraçar a oportunidade de se abrir com uma pessoa interessada. Sua voz era de singular profundidade

e ressonância, e mantinha certa intensidade reprimida que beirava o febril. Jones não estranhou que muitos o tivessem julgado como louco.

A cada novo encontro — e tais encontros tornaram-se um hábito conforme as semanas passavam —, Jones deparava-se com um Rogers mais comunicativo e dado às confidências. De início, tinha havido indícios de crenças e práticas estranhas por parte do artista, e posteriormente esses indícios se expandiram em histórias — apesar de algumas exóticas fotos corroborativas — cuja extravagância beirava o cômico. Foi em algum momento em junho, em uma noite em que Jones havia levado uma garrafa de um bom uísque e o havia oferecido ao seu anfitrião de forma livre, que as conversas realmente insanas apareceram pela primeira vez. Antes disso, haviam emergido histórias estapafúrdias — relatos de viagens misteriosas ao Tibete, ao interior africano, ao deserto da Arábia, ao vale do Amazonas, ao Alasca e a algumas ilhas pouco conhecidas do sul do Pacífico, além de alegações de ter lido livros monstruosos e fabulosos como os *Fragmentos Pnakóticos* e os cantos Dhol atribuídos ao maligno e inumano Leng —, mas nada nisso fora tão inconfundivelmente insano quanto o que despontou, sob o efeito do uísque, naquela noite de junho.

Para ser claro, Rogers começou a se gabar de supostos achados na natureza que ninguém havia encontrado antes, e de ter trazido à tona evidências tangíveis de suas descobertas. De acordo com seu discurso embriagado, ele havia ido mais longe que qualquer um em interpretar os obscuros e primais livros que estudara, e fora guiado por eles a certos locais remotos onde remanescentes estranhos estavam escondidos — remanescentes de eras e ciclos de vida anteriores à humanidade, e em alguns casos conectados com outras dimensões e outros mundos, com os quais a comunicação era frequente nos esquecidos dias pré-humanos. Jones maravilhou-se com a mente que podia conjurar tais noções e indagou-se sobre qual teria sido o histórico mental de Rogers. Teria sido o seu trabalho em meio às mórbidas aberrações do Madame Tussauds o princípio de seus voos imaginativos, ou tratava-se de uma tendência inata, de tal modo que sua escolha de ocupação fora apenas uma de suas manifestações? De qualquer maneira, o trabalho do homem estava muito intimamente conectado às suas noções. Mesmo agora não havia confusão nas sugestões que fazia sobre as monstruosidades horripilantes na censurada alcova "Restrita a adultos". Desconsiderando o ridículo, ele tentava insinuar que nem todas essas anormalidades demoníacas eram artificiais.

Foram o ceticismo e divertimento francos de Jones perante essas alegações irresponsáveis que quebraram a crescente cordialidade. Rogers, era evidente,

levava-se muito a sério; pois agora se havia tornado moroso e ressentido, continuando a tolerar Jones apenas por uma necessidade urgente de quebrar sua barreira de incredulidade complacente e urbana. Contos e sugestões insanas de ritos e sacrifícios aos inomináveis deuses antigos continuavam, e vez ou outra Rogers levava seu convidado para a alcova restrita para apontar, em uma de suas blasfêmias horrendas, características difíceis de reconciliar mesmo com o mais habilidoso artesanato humano. Jones continuou suas visitas por puro fascínio, mas sabia que não mais possuía a estima de seu anfitrião. Por vezes tentava acalmar Rogers com uma concordância fingida a alguma insinuação ou história delirante, mas o artista raramente se deixava enganar por tais táticas.

A tensão atingiu o ápice em setembro. Jones havia casualmente entrado no museu, certa tarde, e vagava pelos corredores mal iluminados, cujos horrores agora lhe eram tão familiares, quando ouviu um som muito peculiar vindo do escritório de Rogers. Outros ouviram, também, e sobressaltaram-se nervosamente enquanto os ecos reverberavam pelo grande porão abobadado. Os três atendentes trocaram olhares estranhos; e um deles, um moreno taciturno de aparência estrangeira que sempre servia a Rogers como um reparador e projetista assistente, sorriu de uma maneira que pareceu confundir seus colegas e que alarmou severamente algumas das sensibilidades de Jones. O ruído assemelhava-se ao ganido ou uivo de um cão, e era um som que só poderia ser reproduzido sob condições extremas de medo e agonia combinados. Seu furor pontual e angustiado era espantoso de se ouvir e, nesse local de grotesca anormalidade, soava duplamente horrível. Jones lembrou-se de que cachorros não eram permitidos no museu.

Estava prestes a caminhar rumo à porta que levava ao escritório quando o atendente de pele escura o deteve com uma palavra e um gesto. O Sr. Rogers — o homem disse em uma voz com sotaque, suave e ao mesmo tempo compungida e vagamente sardônica — estava fora, e havia ordens expressas para proibir qualquer outra pessoa de entrar em seu escritório durante sua ausência. Quanto ao ganido, indubitavelmente era algo no pátio lá fora, atrás do museu. A vizinhança era cheia de vira-latas, e suas brigas eram por vezes chocantemente barulhentas. Não havia cão algum no museu. Mas, se o Sr. Jones desejava ver o Sr. Rogers, poderia encontrá-lo pouco antes do horário de encerramento.

Depois disso, Jones ascendeu os velhos degraus de pedra em direção à rua e examinou a esquálida vizinhança com curiosidade. Os tortos e decrépitos edifícios — outrora residências, mas agora em sua maioria lojas e galpões —

eram muito antigos de fato. Alguns eram de um tipo gabletado que parecia remeter aos tempos dos Tudors, e um fraco odor miasmático pairava sutilmente por toda a região. Ao lado da sombria casa cujo porão hospedava o museu, havia uma baixa passagem em arco, atravessada por um beco de paralelepípedos escuros, e Jones nela adentrou em um vago anseio por encontrar o pátio atrás do escritório e acomodar a questão do cachorro de forma mais confortável em sua mente. O pátio, envolto pela penumbra do fim da tarde, era margeado por paredes ainda mais feias e intangivelmente ameaçadoras do que as fachadas decrépitas das velhas e malignas casas da rua. Nem um cão estava à vista, e Jones indagou sobre como o resultado de tão frenética turbulência poderia desaparecer tão rápido.

Apesar da declaração do assistente de que nenhum cão havia estado no museu, Jones fitou nervosamente as três janelinhas do escritório do porão — retângulos horizontais e estreitos próximos ao pavimento coberto de grama, com painéis encardidos que fitavam de forma repulsiva e indiferente como os olhos de um peixe morto. À esquerda deles, um gasto lance de escadas levava a uma porta opaca firmemente aferrolhada. Algum impulso o urgiu a agachar nas pedras úmidas e quebradas e espiar o interior, na esperança de que as grossas cortinas verdes, manipuladas por longos cordões que se dependuravam a uma altura alcançável, pudessem estar escancaradas. As superfícies externas apresentavam uma camada grossa de poeira, mas, enquanto as esfregava com seu lenço, viu que não havia cortina obscurecendo sua visão.

Tão escuro era o interior do porão que pouco se podia distinguir, mas a grotesca parafernália por vezes se destacava de modo espectral conforme Jones espiava por cada uma das janelas em sequência. Parecia evidente, em um primeiro momento, que não havia ninguém ali; mas, quando olhou pela janela mais à direita — a mais próxima do beco de entrada —, viu um brilho no canto mais distante do aposento que o fez pausar em perplexidade. Não havia razão para a presença de qualquer luz ali. Tratava-se do lado interno do cômodo, e ele não conseguia lembrar-se de nenhuma luminária elétrica ou a gás perto daquele canto. Outro olhar definiu o brilho como um grande retângulo vertical, e um pensamento ocorreu-lhe. Era naquela direção que ele sempre havia notado a porta de madeira maciça com o cadeado anormalmente grande — a porta que nunca era aberta e sobre a qual repousava cruamente o tenebroso símbolo críptico dos registros fragmentários de uma magia antiga e proibida. Devia estar aberta agora — e havia uma luz lá dentro. Todas as suas especulações prévias sobre o destino guardado pela porta, e o que jazia atrás dela, eram agora renovadas com inquietante e aguda intensidade.

Jones vagou sem rumo pelos entornos da localidade sinistra até próximo das seis da tarde, quando retornou ao museu para se encontrar com Rogers. Teria dificuldades para explicar por que tanto desejava ver o homem naquele momento, mas deve ter havido alguns receios subconscientes acerca daquele terrível e inquietante ganido canino da tarde, e acerca do brilho naquela perturbadora passagem interna, que costumava permanecer fechada com o cadeado pesado. Os funcionários estavam saindo quando ali chegou, e ele achou que Orabona — o homem com aparência estrangeira — o encarava com um quê de divertimento reprimido e astuto. Não apreciou aquele olhar — conquanto tivesse visto o jovem fitando o patrão daquele mesmo modo muitas vezes.

O cômodo de exibição abobadado parecia macabro em seu abandono, mas ele o atravessou com rapidez e bateu à porta do escritório e estúdio de criação. A resposta tardou, mas havia passos vindo de dentro. Finalmente, em resposta a uma segunda batida, a fechadura moveu-se, e o antigo portal de seis painéis rangeu relutantemente ao se abrir e revelar a figura curvada e de olhar febril de George Rogers. De início, ficou claro que o artista estava com um humor atípico. Havia um misto curioso de relutância e regozijo em suas boas-vindas, e seus assuntos imediatamente rumaram a extravagâncias do tipo mais incrível e horrendo.

Antigos deuses sobreviventes, sacrifícios inomináveis, a natureza mais que artificial de alguns dos horrores da alcova, todas as bravatas de sempre, mas declamadas em um tom de uma confiança peculiarmente crescente. Obviamente, Jones refletiu, a loucura do pobre homem estava ganhando dominância sobre ele. De tempos em tempos, Rogers lançava olhares furtivos na direção da trancada porta maciça no fim do cômodo, ou na direção de um grosseiro pedaço de aniagem estendido sobre o chão, não muito longe dela, sob o qual parecia haver algum objeto pequeno. Jones ficava mais nervoso a cada momento, e começou a sentir-se tão hesitante em mencionar as estranhezas daquela tarde quanto havia estado previamente ansioso por fazê-lo.

O tom grave, sepulcral e ressoante de Rogers quase se partiu sob a empolgação de suas incoerências febris.

— Você se lembra — gritou — do que lhe contei sobre aquela cidade arruinada na Indochina onde os tcho-tchos viviam? Você teve de admitir que estive lá quando viu as fotografias, mesmo que você tenha achado que fiz às escuras aquele nadador oblongo de cera. Se você o tivesse visto contorcendo-se nas piscinas subterrâneas como eu vi......

"Bem, esse é ainda maior. Eu nunca lhe contei sobre ele, porque queria ajustar as partes finais antes de anunciar qualquer coisa. Quando você vir as fotografias, perceberá que a geografia não poderia ter sido falsificada, e acho que tenho outra maneira de provar que Ela não é uma de minhas misturas de cera. Você nunca a viu, porque os experimentos não me permitiriam mantê-la em exposição."

O artista lançou um olhar estranho para a porta trancada.

— Tudo vem daquele longo ritual no oitavo fragmento Pnakótico. Quando eu o decifrei, vi que só podia ter um significado. Havia coisas no norte antes de a terra de Lomar — antes de a humanidade — existir, e essa era uma delas. Isso nos levou até o Alasca, e a subir o Noatak a partir do Forte Morton, mas a coisa estava lá, como sabíamos que estaria. Grandes ruínas ciclópicas, acres delas. Havia menos do que esperávamos, mas, depois de três milhões de anos, o que alguém poderia esperar? E não é que todas as lendas dos esquimós seguiam na direção certa? Não conseguimos levar um deles conosco, e tivemos de voltar de trenó até a cidade de Nome em busca de americanos. Orabona não prestava naquele clima, tornou-se rabugento e odioso.

"Mais tarde lhe contarei como nós encontramos. Quando retiramos o gelo dos pilones da ruína central, a escadaria era exatamente como achamos que seria. Alguns entalhes ainda estavam lá, e não foi difícil convencer os ianques a ficarem do lado de fora. Orabona tremia como uma folha — você jamais imaginaria vendo o maldito jeito insolente que ele ostenta por aqui. Ele sabia o suficiente a respeito das antigas lendas para estar devidamente apavorado. A luz eterna havia ido embora, mas nossas tochas revelavam o suficiente. Vimos os ossos de outros que haviam estado lá antes de nós — éons atrás, quando o clima era quente. Alguns desses ossos eram de coisas que você não poderia sequer imaginar. No terceiro andar subterrâneo, encontramos o trono de marfim, do qual os fragmentos tanto falavam — e já posso dizer-lhe que não estava vazio.

"A coisa naquele trono não se movia, e demo-nos conta de que Ela necessitava ser alimentada por um sacrifício. Mas não queríamos acordá-La ali. Melhor trazê-La a Londres primeiro. Orabona e eu fomos até a superfície pegar a grande caixa, mas, quando a embalamos, não conseguimos carregá-La pelos três lances de escadas acima. Esses degraus não foram feitos para seres humanos, e seu tamanho nos incomodava. De qualquer maneira, era diabolicamente pesada. Tivemos de fazer os americanos descerem para tirá-La de lá. Estavam relutantes em entrar, mas é claro que a pior coisa estava segura

dentro da caixa. Dissemos a eles que se tratava de uma porção de entalhes em marfim, materiais arqueológicos; e, depois de ver o trono entalhado, eles provavelmente acreditaram. É incrível que não tenham suspeitado de tesouros ocultos e demandado uma parcela. Devem ter contado histórias exóticas em Nome posteriormente; mas duvido de que tenham retornado àquelas ruínas, mesmo pelo trono de marfim."

Rogers fez uma pausa, tateou sua mesa e pegou um envelope de fotografias de bom tamanho. Extraindo uma e colocando-a virada para baixo à sua frente, entregou o resto para Jones. O conjunto era certamente estranho: montanhas cobertas de gelo, trenós puxados por cães, homens trajando peles e vastas ruínas tombadas contra um fundo de neve — ruínas cujos contornos bizarros e cujos enormes blocos de pedra mal poderiam ser explicados. Uma vista à luz da lanterna revelava uma incrível câmara interior com entalhes selvagens e um curioso trono cujas proporções não poderiam ter sido pensadas para um ocupante humano. Os entalhes na alvenaria gigantesca — paredes altas e uma peculiar abóbada elevada — eram primariamente simbólicos e envolviam tanto desenhos completamente desconhecidos quanto certos hieróglifos soturnamente citados em lendas obscenas. Sobre o trono jazia o mesmo símbolo horrendo que se encontrava pintado na parede acima da porta de madeira do escritório. Jones lançou um olhar nervoso ao portal fechado. Certamente, Rogers havia estado em lugares estranhos e visto coisas estranhas. Ainda assim, aquela insana fotografia do interior poderia muito bem ser uma fraude — tirada em um ambiente muito bem montado. Não se deve ser muito crédulo. Mas Rogers continuava:

— Bem, enviamos a caixa na cidade de Nome e voltamos a Londres sem nenhum problema. Essa era a primeira vez que trazíamos qualquer coisa que tivesse alguma chance de ganhar vida. Não A coloquei em exibição, porque havia coisas mais importantes a fazer por Ela. Precisava da nutrição fornecida por um sacrifício, visto que se tratava de um deus. É claro que eu não poderia oferecer-Lhe o tipo de sacrifícios que Ela costumava receber em sua época, pois tais coisas não existem hoje em dia. Mas havia outras coisas que poderiam servir. O sangue é a vida, você sabe. Mesmo os lêmures e os elementais mais velhos do que a Terra hão de vir quando o sangue de homens e bestas for oferecido nas condições certas.

A expressão no rosto do narrador tornava-se cada vez mais alarmante e repulsiva, tanto que Jones se inquietou involuntariamente em sua cadeira. Rogers pareceu notar o nervosismo de seu convidado e, com sorriso distintamente maligno, continuou:

— Foi no ano passado que A consegui, e desde então tenho tentado ritos e sacrifícios. Orabona não tem sido de grande ajuda, já que sempre foi contra a ideia de acordá-La. Ele A odeia, provavelmente porque teme o que Ela passará a significar. Carrega uma pistola a todo o tempo para se proteger — tolo, como se houvesse proteção humana contra Ela! Se em qualquer momento eu o vir sacar aquela pistola, vou estrangulá-lo. Ele queria que eu A matasse e fizesse uma efígie d'Ela. Mas mantive meus planos e estou saindo por cima, mesmo com todos os covardes como Orabona e os malditos céticos debochados como você, Jones! Entoei os ritos e fiz certos sacrifícios, e na semana passada a transição aconteceu. O sacrifício foi recebido e apreciado!

Rogers lambeu os lábios, enquanto Jones se mantinha desconfortavelmente rígido. O artista pausou e levantou-se, atravessando o cômodo em direção à aniagem que ele tanto encarava. Abaixando-se, segurou uma das pontas e tornou a falar:

— Você já riu o suficiente do meu trabalho e agora é hora de você entender alguns fatos. Orabona contou-me que você ouviu um cão ganindo por aqui esta tarde. Você sabe o que isso quer dizer?

Jones sobressaltou-se. Mesmo com toda a sua curiosidade, teria agradecido se pudesse ir embora sem receber nenhuma explicação sobre o acontecimento que tanto o deixara intrigado. Mas Rogers foi inexorável e começou a levantar o pedaço de aniagem. Sob ele, jazia uma massa esmagada e quase disforme que Jones demorou a classificar. Teria sido uma coisa outrora viva que algum agente achatou, cujo sangue sugou e a qual perfurou em mil lugares e torceu em uma grotesca e quebradiça pilha inerte? Depois de um momento, Jones compreendeu o que devia ser. Era o que havia sobrado de um cachorro — um cachorro, talvez de considerável tamanho e de cor esbranquiçada. A raça já não era reconhecível, pois a distorção havia acontecido de formas horrendas e impronunciáveis. A maior parte do pelo havia sido queimada como se por algum ácido pungente, e a pele exposta e sem sangue estava repleta de inumeráveis ferimentos ou incisões circulares. A forma de tortura necessária para causar tais resultados estava além da imaginação.

Eletrificado com um puro desprezo que venceu seu nojo crescente, Jones levantou-se com um grito.

— Seu maldito sadista, seu louco, você faz uma coisa dessas e ousa falar com um homem decente!

Rogers largou o pano com maligno escárnio e encarou seu enraivecido convidado. Suas palavras retinham uma calma não natural:

— Ora, seu tolo, você acha que eu fiz isso? Permitamo-nos admitir que os

resultados não sejam belos perante nosso limitado ponto de vista humano. Qual o problema? Não é humana e não pretende ser. Sacrificar é meramente oferecer. Eu dei o cão a Ela. O que aconteceu é obra d'Ela, não minha. Ela precisava da nutrição da oferta e tomou-a à Sua própria maneira. Mas deixe-me mostrar a você com o que Ela se parece.

Enquanto Jones permanecia hesitante, o orador retornou à sua mesa e pegou a fotografia que havia deixado voltada para baixo. Agora, estendia-a com um olhar curioso. Jones tomou a foto e olhou-a de maneira quase mecânica. Depois de um momento, o olhar do visitante tornou-se mais firme e absorto, visto que a força profundamente satânica do objeto mostrado tinha um efeito quase hipnótico. Certamente, Rogers se havia excedido na modelagem do pesadelo horrendo que a câmera havia capturado. A coisa era um trabalho de pura e infernal genialidade, e Jones perguntou-se como o público reagiria quando ela fosse posta em exibição. Algo tão horrendo não tinha direito de existir — provavelmente a mera contemplação dela, após ter sido terminada, havia completado a destruição da mente de seu criador e o havia levado a venerá-la com sacrifícios brutais. Apenas uma sanidade firme poderia resistir à insidiosa sugestão de que a blasfêmia era — ou havia sido — uma forma mórbida e exótica de vida real.

A coisa na foto se agachava ou equilibrava no que parecia ser uma sagaz reprodução do trono monstruosamente entalhado do outro retrato peculiar. Descrevê-la com o vocabulário comum seria impossível, pois nada remotamente correspondente já existira na imaginação da humanidade sã. Representava algo talvez relacionado aos vertebrados deste planeta, mas era impossível ter certeza disso. Suas dimensões eram ciclópicas, e mesmo agachada tinha quase o dobro da altura de Orabona, que aparecia ao seu lado. Um olhar atento talvez traçasse uma aproximação à estrutura corporal dos vertebrados superiores.

Havia um torso quase globular, com seis longos e sinuosos membros terminando em garras como as de um caranguejo. Da extremidade superior, um globo subsidiário projetava-se como uma bolha; três olhos písceos dispostos em um arranjo trígono, uma evidentemente flexível probóscide de trinta centímetros e um sistema lateral distendido, semelhante a guelras, sugeriam que se tratava de uma cabeça. A maior parte do corpo estava coberta com o que, à primeira vista, pareciam ser pelos, mas que a um exame mais atento mostraram-se uma massa negra e densa de tentáculos delgados ou filamentos de sucção, cada um terminando em uma boca que sugeria a cabeça de uma áspide. Na cabeça e abaixo da probóscide, os tentáculos tendiam a ser

maiores e mais grossos, e marcados com listras espiraladas — sugerindo as tradicionais madeixas ofídias da Medusa. Dizer que tal criatura poderia ter uma expressão parece paradoxal; e ainda assim Jones sentia que aquele triângulo de olhos písceos abaulados e aquela probóscide disposta de forma oblíqua pressagiavam um misto de ódio, ganância e pura crueldade incompreensíveis para a humanidade, porquanto misturados com emoções estranhas a este mundo e a este sistema solar. Nessa anormalidade bestial, ele refletiu, Rogers devia ter derramado de uma só vez toda a sua insanidade malevolente e genial capacidade escultórica. A coisa era incrível — e, ainda assim, a fotografia provava sua existência.

Rogers interrompeu seus devaneios.

— Então, o que você acha d'Ela? Ainda tem dúvidas a respeito de o que esmagou o cão e o sorveu inteiro com um milhão de bocas? Ela precisava de nutrição — e vai precisar de mais. Ela é um deus, e eu sou o primeiro sacerdote de Sua mais recente hierarquia. Iä! Shub-Niggurath! A Cabra Com Mil Crias!

Jones baixou a fotografia, com nojo e pena.

— Veja bem, Rogers, não pode ser assim. Existem limites, você sabe. É um belo trabalho, mas não lhe está fazendo bem. Melhor não olhar mais para isso. Deixe Orabona destruí-la, e tente esquecê-la. E deixe-me rasgar esse retrato bestial, também.

Com um rosnado, Rogers apanhou a fotografia e devolveu-a à mesa.

— Idiota — você — e ainda acha que Ela é uma fraude! Ainda acha que eu A criei e que minhas figuras não passam de cera sem vida! Ora, maldito seja, você é mais estúpido que uma estátua de cera! Mas eu tenho provas desta vez, e você saberá! Não agora, pois Ela está descansando após o sacrifício, mas depois. Ah, sim, então você não duvidará do poder d'Ela.

Enquanto Rogers lançava olhares para a porta trancada, Jones apanhou seu chapéu e sua bengala de um banco próximo.

— Tudo bem, Rogers, deixemos para depois. Eu devo ir agora, mas o encontrarei amanhã à tarde. Pense no meu conselho e veja se não lhe soa razoável. Pergunte a opinião de Orabona, também.

Rogers mostrou os dentes como uma besta selvagem.

— Deve ir agora, hein? Com medo, afinal! Com medo, mesmo com todo o seu papo firme! Você diz que as efígies são apenas cera, e ainda assim corre quando começo a provar que não são. Você é como as pessoas que aceitam minha aposta de que não ousariam passar a noite no museu; elas vêm cheias de coragem, mas depois de uma hora berram e esmurram a porta para sair! Quer

que eu pergunte a Orabona, hein? Vocês dois... sempre contra mim! Vocês querem impedir o vindouro reino d'Ela!

Jones manteve a calma.

— Não, Rogers, não há ninguém contra você. E eu não tenho medo das suas figuras, também, visto que admiro muito sua habilidade. Mas estamos ambos um pouco nervosos esta noite, e creio que um descanso nos fará bem.

Novamente Rogers questionou a partida de seu hóspede.

— Não tem medo, é? Então por que está tão ansioso para partir? Olhe aqui, você tem ou não tem coragem de ficar aqui sozinho na escuridão? Para que tanta pressa, já que não acredita n'Ela?

Uma nova ideia parecia ter tomado Rogers, e Jones o encarou atentamente.

— Ora, eu não tenho nenhuma pressa em particular, mas de que adianta eu ficar aqui sozinho? O que isso provaria? Minha única objeção é que não seria muito confortável para dormir. Que bem isso faria a qualquer um de nós?

Desta vez, era Jones a ser acometido por uma ideia. Ele continuou em um tom conciliador:

— Está vendo, Rogers; eu acabo de lhe perguntar o que seria provado se eu ficasse, quando nós dois sabemos. Isso provaria que suas efígies são apenas efígies, e que você não deveria permitir que sua imaginação tomasse os caminhos que vem tomando recentemente. Suponha que eu fique, então. Se eu permanecer até a alvorada, você concordará em renovar sua perspectiva sobre as coisas, sairá de férias por uns três meses e deixará Orabona destruir essa sua coisa nova? Vamos lá, você não acha isso justo?

A expressão na face do artista era difícil de ler. Parecia óbvio que ele estava pensando depressa, e que, de diversas emoções conflitantes, o triunfo maligno estava vencendo. Sua voz soou levemente embargada ao responder:

— Justo! Se você ficar, eu seguirei seu conselho. Mas você deve ficar. Sairemos para jantar e depois retornaremos. Trancarei você na sala de exibições e irei para casa. Pela manhã, voltarei antes de Orabona — ele chega meia hora antes do resto — e verei como você está. Mas não tente, a menos que esteja muito convicto em seu ceticismo. Outros já se acovardaram; você tem essa oportunidade. E eu suponho que bater na porta de fora sempre atrairia um policial. Você pode não gostar tanto depois de um tempo, e estará no mesmo edifício, mas não no mesmo cômodo que Ela.

Ao saírem pela porta dos fundos em direção ao pátio sombrio, Rogers levou consigo o pedaço de aniagem — pesado com seu conteúdo grotesco. Próximo ao centro do pátio havia um bueiro, cuja tampa o artista ergueu

silenciosamente e com uma arrepiante sugestão de familiaridade. Aniagem e tudo, o fardo desceu ao suposto fim de um labirinto cloacal. Jones estremeceu e quase se encolheu perante a figura esquelética ao seu lado quando eles emergiram em direção à rua.

Em um tácito consentimento mútuo, eles não jantaram juntos, mas concordaram em se encontrar na frente do museu às onze.

Jones pegou um táxi e respirou mais aliviado quando cruzou a Ponte Waterloo e se aproximou da vibrantemente iluminada Strand. Ele jantou em um café silencioso e seguiu para sua casa em Portland Place para tomar um banho e buscar algumas coisas. Perguntou-se, de forma um tanto indolente, o que Rogers estaria fazendo. Ele havia ouvido que o homem possuía uma vasta e sinistra casa na Walworth Road, repleta de livros obscuros e proibidos, parafernália do oculto e imagens de cera que ele optava por não expor. Orabona, ao que Jones compreendia, vivia em aposentos separados nessa mesma casa.

Às onze, Jones encontrou Rogers a aguardá-lo em frente à porta do porão na Southwark Street. Trocaram poucas palavras, mas cada uma parecia retesada em uma tensão ameaçadora. Concordaram que apenas a sala de exibições abobadada deveria compor a cena da vigília, e Rogers não insistiu para que o outro se sentasse na alcova de horrores supremos reservada aos adultos. O artista, tendo apagado todas as luzes do escritório, trancou a porta daquela cripta com uma das chaves de seu molho abarrotado. Sem um aperto de mãos, atravessou a porta para a rua, trancou-a e galgou os gastos degraus em direção à calçada do lado de fora. Quando o som dos passos passou a esmorecer, Jones percebeu que a longa e tediosa vigília havia começado.

II.

Mais tarde, no breu total do grande porão arqueado, Jones amaldiçoou a inocência infantil que o havia levado ali. Durante a primeira meia hora, acendia e apagava sua lanterna de bolso intermitentemente, mas então o simples ato de sentar-se em um dos bancos para visitantes, em meio a plena escuridão, havia-se tornado algo mais enervante. Toda vez que o raio de luz se manifestava, iluminava algum mórbido e grotesco objeto — uma guilhotina, algum monstro híbrido inominável, uma face maligna com uma barba colada, ou um corpo com torrentes vermelhas fluindo de uma garganta cortada. Jones sabia que não havia uma realidade sinistra acoplada a essas coisas, mas, depois

dessa primeira meia hora, preferia não as ver.

Por que se sujeitara a fazer as vontades daquele louco, ele mal podia imaginar. Teria sido muito mais simples apenas o deixar em paz, ou ter chamado um especialista em assuntos da mente. Provavelmente, refletiu, fora movido pela empatia entre artistas. Havia tanta genialidade em Rogers que ele merecia todas as oportunidades possíveis de ser curado de sua crescente mania. Qualquer homem capaz de imaginar e construir as incríveis e vívidas coisas que ele produzia certamente não estaria longe da real grandeza. Ele tinha o tino de um Sime ou de um Doré aliado à minuciosa e científica perícia de um Blatschka. De fato, ele havia feito para o mundo dos pesadelos aquilo que os Blatschkas e seus estonteantemente acurados modelos de plantas, feitos com vidro finamente torcido e colorido, haviam feito pelo mundo da botânica.

À meia-noite, os badalos de um relógio distante atravessaram a escuridão, e Jones regozijou-se com a mensagem de um mundo exterior que permanecia vivo. A câmara abobadada do museu era como uma tumba — fantasmagórica em sua absoluta solidão. Mesmo um rato teria sido uma companhia animadora; Rogers, porém, havia-se previamente gabado por — devido a "certas razões", como colocado por ele — nenhum roedor ou mesmo insetos jamais entrarem no local. Isso era muito curioso, mas, ainda assim, parecia ser verdade. A morte e o silêncio eram praticamente totais. Se ao menos alguma coisa emitisse um som! Ele bateu os pés e os ecos repercutiram de forma espectral pela quietude absoluta. Tossiu, mas havia algo zombeteiro nas reverberações em *staccato*. Ele não podia, jurou, começar a falar consigo mesmo. Isso significaria uma desintegração nervosa. O tempo parecia passar com uma lentidão anormal e desconcertante. Ele teria jurado que horas inteiras haviam passado desde a última vez que acendera a lanterna, e, ainda assim, ali estava apenas o badalo da meia-noite.

Ele desejou que seus sentidos não fossem tão sobrenaturalmente aguçados. Algo na escuridão e quietude parecia tê-los aguçado, de modo que respondessem a sugestões tão sutis que sequer poderiam ser registradas como impressões verdadeiras. Seus ouvidos pareciam, por vezes, captar débeis e elusivos sussurros que não podiam ser perfeitamente identificados com o murmurar noturno das esquálidas ruas lá fora; e ele pensou em coisas vagas e irrelevantes, como a música das esferas e a desconhecida e inacessível vida de dimensões alienígenas pressionando a nossa. Rogers frequentemente especulava sobre tais coisas.

As partículas flutuantes de luz nos seus olhos afogados em escuridão pareciam inclinadas a formar curiosas simetrias de padrão e movimento. Ele

frequentemente se questionava sobre esses estranhos raios advindos do inexplorado abismo que cintila diante de nós na ausência de qualquer iluminação terrena, mas jamais havia conhecido algum que se comportasse como esses se comportavam. Faltava-lhes a descansada característica errante de partículas de luz ordinárias — sugerindo alguma vontade e propósito remotos a qualquer concepção terrestre.

Havia também a sugestão de agitações estranhas. Nada estava aberto, mas, mesmo com a ausência de corrente de ar, Jones sentia que a atmosfera não estava uniformemente quieta. Havia intangíveis variações na pressão — não firmes o suficiente para sugerir os abomináveis passos de elementais ocultos. Estava anormalmente frio, também. Ele não gostou de nada disso. O ar tinha um gosto salgado, como se houvesse sido misturado na salmoura de águas subterrâneas, e havia um toque sutil de algum odor de inefável mofo. À luz do dia, ele jamais havia notado que as figuras de cera possuíam um odor. Mesmo agora essa leve impressão não correspondia ao cheiro que uma figura de cera deveria ter. Era mais como o fraco odor de espécimes em um museu de história natural. Curioso, em vista das alegações de Rogers sobre suas figuras não serem artificiais em sua totalidade — de fato, era provável que tais afirmações poderiam ser responsabilizadas por fazer a imaginação conjurar a suspeita olfativa. Deve-se resguardar-se dos excessos da imaginação — não foram essas coisas que haviam enlouquecido o pobre Rogers?

Não obstante, a absoluta solidão do local era assustadora. Mesmo as badaladas mais distantes pareciam atravessar abismos cósmicos. Fazia Jones pensar no insano retrato que Rogers havia mostrado — a câmara entalhada de maneira selvagem com o trono críptico que o companheiro alegara pertencer a uma ruína de três milhões de anos localizada em ermos inacessíveis e temidos do Ártico. Talvez Rogers tivesse de fato estado no Alasca, mas a foto certamente não passava de uma encenação. Não havia como ser outra coisa, com todos aqueles entalhes e símbolos terríveis. E aquela forma monstruosa supostamente encontrada no trono — que alto voo sobre as nuvens da loucura! Jones perguntou-se o quanto de fato estaria distante da obra-prima em cera — provavelmente ela era mantida atrás daquela maciça porta trancada a cadeado, que levava a algum lugar fora do escritório. Mas jamais haveria de cismar-se sobre uma imagem de cera. Não estava aquele mesmo cômodo cheio de tais coisas, algumas das quais pouco menos horríveis que a tenebrosa “Ela”? E, atrás de uma fina lona à esquerda, estava a alcova “Restrita a adultos”, com seus inomináveis delírios fantasmagóricos.

A proximidade das incontáveis formas de cera começou a agitar os nervos

de Jones mais e mais, à medida que os minutos transcorriam. Ele conhecia o museu tão bem que não conseguia livrar-se de suas imagens, mesmo sob a escuridão total. Na verdade, a escuridão acabava por adicionar sobretons imaginativos e muito perturbadores às memórias das imagens. A guilhotina parecia ranger, e a face barbada de Landru — o algoz de suas cinquenta esposas — retorcia-se em expressões de monstruosa ameaça. Da rasgada garganta de Madame Demers parecia emanar um nefasto som borbulhante, enquanto uma vítima decapitada e sem pernas de um esquartejamento parecia tentar aproximar-se cada vez mais com seus cotocos ensanguentados. Jones começou a fechar os olhos na tentativa de esmaecer as imagens, mas não teve sucesso. Além disso, quando fechava os olhos, as estranhas e deliberadas partículas de luz se tornavam mais pronunciadas e perturbadoras.

Então, de súbito, ele começou a tentar guardar as imagens que previamente tentara banir. Tentava guardá-las, pois estavam dando lugar a novas ainda piores. Apesar de seus esforços e anseios, sua memória começou a reconstruir as blasfêmias desgraçadamente inumanas que espreitavam pelos cantos obscurecidos, e essas formações híbridas e disformes exsudavam e retorciam-se na direção dele como se o caçassem em círculo. A forma do negro Tsathoggua moldou-se, de uma gárgula batráquia, em uma longa e sinuosa linha com centenas de pés rudimentares, e um magro e flexível noctesguio abriu suas asas como se para avançar e sufocar o observador. Jones conteve-se para não gritar. Ele sabia que estava retrocedendo aos terrores tradicionais de sua infância e resolveu usar sua lógica adulta para manter os fantasmas afastados. Piscar a luz novamente ajudava um pouco, ele notou. Por mais assustadoras que fossem as imagens que ela mostrava, não eram tão ruins quanto as que ele conjecturava pela escuridão.

Mas havia reveses. Mesmo à luz da lanterna, ele não conseguia evitar a suspeita de um pequeno e furtivo estremecer na parte da lona que o separava da terrível alcova "Restrita a adultos". Sabia o que jazia além e foi tomado por um calafrio. A imaginação evocava a chocante forma do fabuloso Yog-Sothoth — apenas um amontoado de globos iridescentes, mas, ainda assim, estupendo em sua maligna sugestividade. O que seria a amaldiçoada massa flutuando lentamente em sua direção e colidindo com a partição que ficava no caminho? Uma pequena protuberância na lona à direita sugeria o chifre pontudo de Gnoph-keh, a criatura peluda e mitológica do gelo da Groenlândia, que por vezes andava sobre duas pernas, às vezes quatro e por outras seis. Para tirar essas coisas da cabeça, Jones seguiu corajosamente na direção da alcova infernal, com a lanterna acesa em firme combustão. É claro, nenhum de seus

temores se provou verdadeiro. Ainda assim, não estariam os longos tentáculos faciais do grande Cthulhu de fato se balançando, lenta e insidiosamente? Ele sabia que eram flexíveis, mas não havia percebido que a corrente causada por seu avanço seria o bastante para colocá-los em movimento.

Retornando ao seu assento prévio fora da alcova, fechou os olhos e deixou que as partículas simétricas de luz fizessem seu pior. O relógio distante soou uma única vez. Seria ainda uma da manhã? Acendeu a luz sobre seu relógio e viu que esse era precisamente o horário. De fato, seria difícil aguardar o amanhecer. Rogers chegaria por volta das oito, antes mesmo de Orabona. Haveria luz lá fora, no porão principal, muito antes disso, mas jamais penetraria ali. Todas as janelas nesse porão haviam sido vedadas, com exceção das três que miravam o pátio. Uma vigília bem ruim, considerando o todo.

Seus ouvidos captavam a maior parte das alucinações agora — pois ele poderia jurar que havia escutado passos furtivos e lentos no escritório, além da porta trancada. Não era de sua alçada pensar naquele horror oculto, ao qual Rogers se referia como "Ela". A coisa era uma contaminação — havia levado seu criador à loucura, e agora sua mera imagem conjurava terrores imaginários. Não poderia estar no escritório — encontrava-se, obviamente, atrás daquela porta de tábuas pesadas com cadeado. Aqueles passos certamente eram pura imaginação.

Então julgou ter ouvido a chave girar na porta do escritório. Acendendo sua lanterna, não viu nada além do antigo portal de seis painéis em sua posição costumeira. Novamente invocou a escuridão e fechou os olhos, mas então se seguiu uma horripilante ilusão de rangidos — não da guilhotina, desta vez, mas o lento e furtivo abrir-se da porta do escritório. Ele não gritaria. No momento que gritasse, estaria perdido. Havia uma espécie de caminhar audível agora, e estava lentamente avançando em sua direção. Precisava reter o comando sobre si mesmo. Não havia feito o mesmo quando as inomináveis formas em sua mente tentaram aproximar-se dele? As passadas arrastavam-se para mais perto, e sua resolução falhou. Ele não gritou, apenas balbuciou um desafio:

— Quem vem lá? Quem é você? O que você quer?

Não houve resposta, mas os passos continuaram. Jones não sabia o que mais temia fazer — acender a lanterna ou permanecer no escuro enquanto a coisa se aproximava dele. Essa coisa era diferente, ele podia sentir, dos outros terrores da noite. Seus dedos e garganta funcionavam espasmodicamente. O silêncio era impossível, e o suspense da absoluta escuridão começava a se mostrar a mais intolerável de todas as condições. Tornou a gritar

histericamente: “Pare! Quem vem lá?”, conforme acendia o revelador facho de sua lanterna. Então, paralisado pelo que viu, largou a lanterna e berrou — não uma, mas muitas vezes.

Arrastando-se na direção dele vinha a gigantesca e blasfema forma de uma coisa negra, não completamente símia nem completamente insectoide. Sua pele pendia folgadamente sobre o corpo, e seu rugoso rudimento de uma cabeça, com olhar morto, balançava-se de um lado para o outro. As patas dianteiras estavam estendidas, com garras abertas, e o corpo inteiro emanava uma malignidade assassina, apesar de sua total falta de expressão. Depois dos gritos e do retorno da escuridão, a criatura saltou, e em um momento tinha Jones preso ao chão. Não houve resistência, pois o observador havia desmaiado.

O desmaio de Jones não poderia ter durado mais do que um instante, pois a criatura inominável o estava arrastando pela escuridão em um gesto simiesco quando ele começou a recobrar a consciência. O que o despertou por completo foram os sons que a criatura emitia — ou melhor, a voz com a qual os emitia. Aquela voz era humana, e era familiar. Apenas uma criatura viva poderia estar por trás das roucas e febris tonicidades que entoavam cânticos a um horror desconhecido.

— Iä! Iä — uivava. — Eu estou indo, ó Rhan-Tegoth, levando a nutrição. Você aguardou muito e alimentou-se mal, mas agora terá o que lhe foi prometido. Aquilo e mais, pois, no lugar de Orabona, terá alguém de grau superior que duvidou de você. Vai esmagá-lo e drená-lo, com todas as suas dúvidas, e ficará mais forte com isso. E eternamente em meio aos homens ele será exposto como um monumento à sua glória. Rhan-Tegoth, infinita e invencível, sou seu servo e sumo sacerdote. Está faminta, e eu providencio alimento. Li o sinal e a guiei. Com sangue vou alimentá-La, e então você me alimentará com poder. Iä! Shub-Niggurath! A Cabra Com Mil Crias!

Em um instante, todos os terrores da noite soltaram-se de Jones como um manto que se despe. Ele era novamente mestre de sua mente, pois reconhecia o extremamente terreno e material perigo com o qual tinha de lidar. Não era um monstro de fábulas, mas um homem louco. Era Rogers, vestido em algum disfarce digno de pesadelos de seu próprio desígnio insano e prestes a realizar um apavorante sacrifício ao deus-demônio que ele havia moldado em cera. Claramente, ele devia ter entrado no escritório pelo pátio dos fundos, vestido em seu disfarce, e então avançado para capturar sua vítima comodamente presa e alquebrada pelo medo. Sua força era prodigiosa, e, se ele houvesse de ser impedido, teria de ser por ação rápida. Contando com a confiança do louco

em sua inconsciência, Jones decidiu tomá-lo de surpresa, quando seu aperto estivesse mais frouxo. O contato com uma soleira lhe informou que seguia em direção ao breu do escritório.

Com a força advinda do medo mortal, Jones deu um súbito salto da posição ligeiramente deitada na qual estava sendo arrastado. Por um instante, estava livre das mãos do maníaco estupefato, e em outro instante um golpe de sorte na escuridão havia posto suas próprias mãos na garganta oculta de seu apreensor. Simultaneamente, Rogers o segurou de novo, e sem maiores delongas os dois estavam presos em uma desesperada luta de vida e morte. O preparo atlético de Jones, sem dúvida, foi sua única salvação, pois seu louco agressor, livre de qualquer inibição de justiça, decência ou mesmo autopreservação, era uma máquina de destruição selvagem tão formidável quanto qualquer lobo ou pantera.

Gritos guturais ocasionalmente pungiam a violenta disputa na escuridão. Sangue jorrou, roupas se rasgaram, e Jones enfim sentiu, nas mãos, a garganta do maníaco, tosquiada de sua máscara espectral. Não disse uma palavra, depositando cada gota de sua energia na defesa de sua vida. Rogers chutou, mordeu, arranhou, cuspiu e bateu — e ainda encontrou força para ganir frases ocasionais. A maior parte de seu discurso era um jargão ritualístico cheio de referências a "Ela" ou "Rhan-Tegoth", e para os nervos desgastados de Jones era como se os gritos ecoassem de uma infinita distância de roncos e ameaças demoníacas. Em um último momento, estavam rolando no chão, derrubando bancos ou batendo contra as paredes e fundações de tijolo do forno de fusão central. Até o último momento, Jones não estava certo de que conseguiria salvar-se, mas o acaso finalmente interveio em seu favor. Um golpe de seu joelho contra o peito de Rogers produziu um relaxamento geral, e no momento seguinte ele sabia que havia ganhado.

Apesar de mal conseguir manter-se de pé, Jones levantou-se e cambaleou pelas paredes procurando o interruptor — pois sua lanterna havia-se perdido com a maior parte de suas vestimentas. Conforme se arrastava, trazia seu oponente inerte consigo, temendo um ataque súbito quando o louco recobrasse a confiança. Encontrando o interruptor, tateou até encontrar a alavanca certa. Então, assim que o escritório caótico e babélico irrompeu em súbito resplendor, ele começou a amarrar Rogers com quaisquer cordas e cintos que pudesse encontrar. O disfarce do louco — ou o que havia sobrado dele — parecia ser feito de um tipo estranhíssimo de couro. Por alguma razão, a pele de Jones arrepiou-se ao tocá-lo, e parecia haver um odor ferruginoso e forasteiro. Nas roupas normais sob ele estava o molho de chaves de Rogers,

que o vencedor exausto tomou como seu passaporte final para a liberdade. As cortinas nas pequenas janelas em fenda estavam todas seguramente fechadas, e ele as manteve assim.

Lavando o sangue da batalha em uma pia conveniente, Jones trajou as mais ordinárias e menos díspares roupas que conseguiu encontrar nos cabides com fantasias. Testando a porta para o pátio, encontrou-a fechada com uma trava de mola que não requeria uma chave pelo lado de dentro. Reteve o molho de chaves, no entanto, para usá-lo quando retornasse trazendo ajuda — pois, evidentemente, o melhor a ser feito era chamar um alienista. Não havia telefone no museu, mas não demoraria muito para encontrar um restaurante ou farmácia abertos à noite que tivessem um. Tinha quase aberto a porta para partir quando uma torrente de impropérios odiosos do outro lado do cômodo lhe informou que Rogers — cujos ferimentos visíveis estavam restringidos a um longo e profundo corte na bochecha esquerda — havia recobrado a consciência.

— Tolo! Prole de Noth-Yidik e eflúvio de K'thun! Filho dos cães que uivam no redemoinho de Azathoth! Você se teria tornado sacro e imortal, e agora está traindo a Ela e ao sacerdote d'Ela! Cuidado, pois Ela está faminta! Teria sido Orabona, aquele maldito cão traiçoeiro, pronto para se virar contra mim e contra Ela... mas eu lhe darei a honra em vez disso. Agora, vocês dois devem ter cuidado, pois Ela não é gentil sem o sacerdote d'Ela!

"Iä! Iä! A vingança está próxima! Você compreende que se teria tornado imortal? Olhe para o forno! Existe uma chama a ser acesa, e há cera na caldeira. Eu teria feito com você o que fiz com outras criaturas outrora vivas! Ei! Você, que jurou serem de cera todas as minhas efígies, ter-se-ia tornado uma efígie de cera também! O forno estava pronto! Quando Ela tivesse tido a parte d'Ela e você estivesse como aquele cão que lhe mostrei, eu teria tornado imortais seus restos achatados e perfurados. A cera o teria feito. Você não disse que eu sou um grande artista? Cera em cada poro... cera cobrindo cada centímetro de você... Iä! Iä! E eternamente o mundo teria olhado para sua carcaça mutilada e questionado como eu seria capaz de imaginar e produzir tal coisa! Ei! E Orabona teria sido o próximo, e outros depois dele... e assim minha família cérea teria crescido!

"Animal, você ainda acha que eu *fiz* todas as minhas efígies? Por que não dizer *preservei*? Você agora sabe dos locais estranhos em que estive, e as coisas estranhas que trouxe comigo. Covarde... você jamais seria capaz de encarar o andarilho dimensional cuja pele eu vesti para o assustar; o mero vislumbre dele vivo, ou até um pensamento desenvolvido sobre ele, matá-lo-ia

instantaneamente de pavor! Iä! Iä! Ela aguarda faminta pelo sangue que há na vida!”

Rogers, escorado contra a parede, balançava de um lado para o outro em suas amarras.

— Veja só, Jones, que tal isso: se eu o deixar ir, você me libertará? Ela precisa ser cuidada por Seu sumo sacerdote. Orabona será o suficiente para mantê-La viva, e, quando ele for consumido, imortalizarei seus fragmentos com cera para que o mundo veja. Poderia ter sido você, mas rejeitou a honra. Eu não o perturbarei de novo. Deixe-me ir, e eu dividirei com você o poder que Ela me trará. Iä! Iä! Grande é Rhan-Tegoth! Deixe-me ir! Deixe-me ir! Ela tem fome lá embaixo, além daquela porta, e, se Ela morrer, os Antigos nunca retornarão. Ei! Ei! Deixe-me ir!

Jones meramente balançou a cabeça, ainda que a repulsividade das conjecturas do artista o revoltasse. Rogers, agora encarando ensandecidamente a porta de tábuas trancada, bateu a cabeça contra a parede de tijolos várias e várias vezes e chutou com seus tornozelos firmemente atados. Jones temeu que ele se machucasse e avançou para atá-lo mais firmemente a algum objeto estacionário. Contorcendo-se, Rogers afastou-se dele e passou a emitir uma série de ululações frenéticas, cuja inumanidade absoluta e monstruosa era apavorante e cujo mero volume era quase inacreditável. Parecia impossível que qualquer garganta humana pudesse produzir sons tão altos e perfurantes, e Jones sentia que, se isso continuasse, não haveria necessidade de telefonar por ajuda. Não demoraria muito até que um policial viesse investigar, mesmo supondo não haver vizinhos audientes naquele distrito de galpões desertos.

— Wza-y’ei! Wza-y’ei! — uivou o homem louco. — Y’kaa haa bho — ii, Rhan-Tegoth — Cthulhu fhtagn — Ei! Ei! Ei! Ei! — Rhan-Tegoth, Rhan-Tegoth, Rhan-Tegoth!

Aquela criatura firmemente amarrada, que começara a atravessar a sala aos rastejos pelo chão sujo, agora alcançava a porta trancada e batia a cabeça vigorosamente contra ela. Jones receava atá-lo ainda mais forte e desejou não estar tão exausto da luta pregressa. Essa conclusão violenta lhe estava dando nos nervos, e ele começou a sentir o retorno dos receios que havia sentido no breu. Tudo acerca de Rogers e seu museu era tão infernalmente mórbido e sugestivo de vislumbres de escuridão além da vida! Era repugnante pensar na obra de arte anormalmente genial feita em cera, que naquele momento deveria estar à espreita, quase ao alcance dos dedos, na escuridão logo atrás da porta pesada e trancada com cadeado.

E então aconteceu algo que mandou um calafrio à espinha de Jones e fez

cada pelo de seu corpo — até os esparsos tufos nas costas das mãos — eriçar com um vago temor inclassificável. Rogers, subitamente, havia parado de gritar e bater a cabeça contra a robusta porta, e tentava assentar-se, a cabeça tombada para um lado como se ouvindo atentamente por algo. De uma só vez, um sorriso de triunfo diabólico tomou seu rosto, e ele começou a falar de um modo inteligível de novo — desta vez em um sussurro rouco que contrastava estranhamente com seu prévio uivo estentóreo.

— Escute, tolo! Escute bem! Ela me ouviu e está vindo. Você não consegue ouvi-La saindo de seu tanque lá no fim do canal? Eu cavei bem fundo, porque não havia nada bom o bastante para Ela. Trata-se de uma criatura anfíbia, sabe? Você viu as guelras no retrato. Ela veio para a terra a partir da plúmbea Yuggoth, onde as cidades se estendem pelo leito de um mar cálido. Ela não consegue ficar de pé ali, é alta demais; tem de sentar-se ou agachar-se. Entregue-me as chaves — nós temos de deixá-La sair e nos ajoelharmos diante d'Ela. Então sairemos à procura de um cão ou um gato — ou talvez de um bêbado — para dar a Ela a nutrição de que precisa.

Não foi o que o louco dissera, mas a forma como o dissera, que atingiu Jones tão gravemente. A total e insana confiança e sinceridade naquele sussurro tresloucado eram condenavelmente contagiosas. A imaginação, com tamanho estímulo, poderia encontrar uma ameaça ativa na diabólica figura de cera que jazia oculta logo atrás das tábuas pesadas. Fitando a porta em profano fascínio, Jones notou que ela possuía várias rachaduras distintas, mas nenhuma marca de tratamento violento era visível daquele lado. Ele perguntou-se quais seriam as dimensões do cômodo ou armário atrás dela, e de que forma a figura cérea estaria disposta. A ideia do maníaco de um tanque e um canal era tão sagaz quanto todos os outros frutos de sua imaginação.

Então, em um terrível instante, Jones perdeu por completo a capacidade de respirar. O cinto de couro que ele havia pegado para fortalecer as amarras de Rogers aluiu de suas mãos dormentes, e um espasmo de calafrios convulsionou-o da cabeça aos pés. Ele talvez soubesse que o lugar o levaria à loucura, como fizera com Rogers — e agora ele estava louco. Estava louco, pois agora nutria alucinações mais estranhas que qualquer uma das que o haviam perturbado mais cedo naquela noite. O louco convidava-o a ouvir o esparrinhar de um monstro mítico no tanque além da porta — e agora, que Deus o ajudasse, ele ouvia!

Rogers viu o espasmo de horror alcançar a face de Jones e transformá-la em uma máscara de medo. Ele chalreou:

— Enfim, tolo, você crê! Enfim você sabe! Ouve-A e Ela vem! Entregue-

me as chaves, tolo; devemos reverenciá-La e servi-La!

Mas Jones já não prestava atenção a quaisquer palavras humanas, loucas ou sãs. Uma paralisia fóbica retinha-o imóvel e semiconsciente, com imagens desvairadas correndo fantasmagoricamente por sua desamparada imaginação. Havia um esparrinhar. Havia um arrastar ou passar como que de grandes patas úmidas em uma superfície sólida. Algo se estava aproximando. Suas narinas foram invadidas por um nauseante fedor bestial, que se derramava das rachaduras naquela porta de pesadelos, ao mesmo tempo semelhante e distinto do odor que emana de qualquer jaula de mamíferos nos jardins zoológicos no Regent's Park.

Ele não sabia se agora Rogers estava falando ou estava em silêncio. Tudo de real havia evanescido, e ele era uma estátua obcecada por sonhos e alucinações tão sobrenaturais que se tornavam quase objetivas e remotas para ele. Pensou ter ouvido uma fungada ou um ronco vindo do golfo desconhecido além da porta, e, quando um súbito uivo, alto como um trompete, tomou seus ouvidos de assalto, ele não conseguia ter certeza de que viera do maníaco atado, cuja imagem cambaleava incerta em sua visão trêmula. A fotografia daquela amaldiçoada e oculta coisa de cera persistia flutuando em sua consciência. Tal coisa não tinha o direito de existir. Ela o teria deixado louco?

Mesmo durante essa reflexão, uma nova evidência de loucura veio até ele. Alguma coisa, ele achava, estava remexendo no trinco da pesada porta trancada. Estava apalpando e batendo e empurrando as tábuas. Havia um som de batida na madeira robusta, que se tornava cada vez mais alto. O fedor era horrível. E agora o assalto vindo de dentro daquela porta transformava-se em pancadas malignas e determinadas, como as investidas de um aríete. Houve um agourento estalido... um lascar... uma profusão de fedor... uma tábua caída... uma pata negra terminando em uma garra como a de um caranguejo...

— Socorro! Socorro! Deus me ajude!... Aaaaaaah!...

Com grande esforço, hoje em dia Jones é capaz de lembrar-se da súbita explosão de seu medo paralisante e sua transformação em uma enlouquecida e automática fuga. O que lhe sucedeu evidentemente assemelhava-se a uma daquelas fugas intensas e selvagens dos mais insanos pesadelos, pois deve ter atravessado a cripta bagunçada em quase um único salto, escancarado a porta de saída, que se fechou e se trancou atrás dele com um estalo, galgado os degraus gastos, subindo três de cada vez, e corrido de maneira frenética e desorientada para fora daquele pátio pavimentado e pelas esquálidas ruas de Southwark.

Aqui a memória acaba. Jones não sabe como chegou em casa, e não há

evidência de que tenha chamado um táxi. Provavelmente, correu o caminho inteiro guiado por puro instinto — sobre a ponte Waterloo, passando pela Strand e pela Charing Cross, e subindo a Haymarket e a Regent Street até chegar à sua vizinhança. Ele ainda vestia o exótico mistifório de fantasias do museu, quando se tornou consciente o bastante para ligar para o médico.

Uma semana depois, os especialistas em nervos permitiram que ele saísse da cama e caminhasse ao ar livre.

Mas ele não havia contado muito aos especialistas. Sobre toda a sua experiência, pendia uma mortalha de pesadelo e loucura, e ele sentia que o silêncio era o único caminho. Quando estava acordado, escaneava atentamente todos os papéis que se haviam acumulado desde aquela pavorosa noite, mas não encontrou nenhuma referência a nada estranho no museu. O quanto, afinal, havia sido realidade? Onde acabava a realidade e começava o sonho mórbido? Ter-se-ia sua mente esfacelado naquela escura câmara de exposição, e teria sido sua luta com Rogers uma alucinação febril? Tê-lo-ia ajudado a recompor-se se pudesse esclarecer alguns desses pontos enlouquecedores. Ele deve ter visto aquela maldita fotografia da imagem de cera denominada “Ela”, pois nenhum cérebro além do de Rogers poderia conceber tal blasfêmia.

Uma quinzena se passou antes de ele ousar entrar na Southwark Street novamente. Foi no meio de uma manhã, quando a maior quantidade de atividade sã ocorria no entorno das velhas lojas e galpões. A placa do museu ainda estava lá, e, ao se aproximar, ele viu que o local estava aberto. O porteiro acenou em um agradável reconhecimento enquanto ele conjurava a coragem de entrar, e na câmara abobadada lá embaixo um atendente tocou seu quepe alegremente. Talvez tudo tivesse sido apenas um sonho. Ousaria ele bater à porta do escritório e procurar por Rogers?

Então Orabona avançou para cumprimentá-lo. Havia uma pitada sardônica em sua face negra e lustrosa, mas Jones sentiu que ele não era inamistoso. O homem falou, com um resquício de sotaque:

— Bom dia, Sr. Jones. Faz algum tempo desde que o vimos por aqui. Está procurando o Sr. Rogers? Sinto muito, mas ele não está. Apareceram negócios na América e ele teve de ir. Sim, foi muito repentino. Eu estou no comando agora, aqui e na casa. Tento manter o alto padrão do Sr. Rogers até que ele retorne.

O estrangeiro sorriu — talvez por pura afabilidade. Jones mal sabia como responder, mas conseguiu balbuciar algumas perguntas sobre o dia seguinte à sua última visita. Orabona parecia altamente entretido pelas inquisições e teve considerável esmero ao formular suas respostas.

— Ah, sim, Sr. Jones, dia vinte e oito do mês passado. Lembro-me dele por várias razões. Pela manhã, antes de o Sr. Rogers chegar aqui, você entende?... Eu encontrei o escritório muito bagunçado. Havia muita... limpeza a ser feita. Havia tido... trabalho até tarde, entende. Um importante novo espécime em meio a seu segundo processo de fornada. Assumi toda a responsabilidade quando cheguei.

“Era um espécime difícil de preparar — mas é claro que o Sr. Rogers me ensinou muito. Ele é, como você sabe, um grande artista. Quando chegou, ajudou-me a completar o espécime — ajudou de forma muito material, eu lhe garanto —, mas saiu logo depois sem nem cumprimentar os homens. Como eu lhe disse, ele foi chamado subitamente. Havia importantes reações químicas envolvidas. Faziam barulhos altos — de fato, alguns trabalhadores no pátio lá fora pensaram ter ouvido vários tiros de pistola —, uma loucura muito engraçada!

“Quanto ao novo espécime — isso é um infortúnio. É uma grande obra de arte, idealizada e produzida, você sabe, pelo Sr. Rogers. Ele vai resolver quando retornar.”

Orabona sorriu novamente.

— A polícia, sabe? Nós o colocamos em exibição semana passada, e houve dois ou três desmaios. Um pobre coitado teve um ataque epilético diante dele. Entenda, é um pouco mais... forte que o resto. Maior, para começo de conversa. É claro, estava na alcova restrita aos adultos. No dia seguinte, alguns homens da Scotland Yard deram uma olhada e alegaram que era mórbido demais para ser exibido. Obrigaram-nos a removê-lo. Foi uma tremenda lástima... uma obra-prima daquelas! Mas eu não me senti confortável em apelar às autoridades na ausência do Sr. Rogers. Ele não gostaria de tanta publicidade com a polícia agora. Mas quando ele retornar... quando ele retornar...

Por alguma razão, Jones sentia uma onda crescente de desconforto e repulsa. Mas Orabona continuava:

— Você é um connoisseur, Sr. Jones. Estou certo de que não violo nenhuma lei ao lhe oferecer uma exibição particular. Pode ser que — em conformidade, é claro, com os desejos do Sr. Rogers — destruamos o espécime um dia, mas isso seria um crime.

Jones sentiu um forte ímpeto de recusar a exibição e fugir precipitadamente, mas Orabona, com o entusiasmo de um artista, já o guiava pelo braço. A alcova restrita aos adultos, apinhada de horrores inomináveis, estava livre de visitantes. No canto mais afastado, um largo nicho havia sido

tapado por uma cortina, e foi naquela direção que seguiu o risonho assistente.

— Você deve saber, Sr. Jones, que a esse espécime atribuíram o nome de "O Sacrifício a Rhan-Tegoth".

Jones sobressaltou-se violentamente, mas Orabona pareceu não notar.

— O deus amorfo e colossal figura algumas lendas obscuras estudadas pelo Sr. Rogers. Tudo balela, é claro, como você mesmo já assegurou ao Sr. Rogers tantas vezes. Supõe-se que tenha vindo do espaço sideral e vivido no Ártico três milhões de anos atrás. Tratava seus sacrifícios de forma bastante peculiar e horrível, como você bem verá. O Sr. Rogers produziu-o de forma extremamente realista, até mesmo a face da vítima.

Tremendo descontroladamente, Jones agarrou-se ao corrimão de bronze em frente ao nicho acortinado. Ao ver a cortina começar a ser aberta, quase fez menção de erguer a mão para deter Orabona, mas um ímpeto conflituoso o impediu. O estrangeiro sorriu de forma triunfante.

— Contemple!

Jones cambaleou, ainda que segurasse o corrimão com força.

— Meu Deus! Deus do céu!

Elevando-se a três metros de altura, apesar da compleição encurvada, rastejante e repleta de malignidade cósmica, uma monstruosidade de horror inacreditável pendia para a frente sobre um ciclópico trono de marfim coberto de entalhes grotescos. No par central de suas seis pernas, segurava uma coisa esmagada, achatada, distorcida e exangue, cravejada por um milhão de perfurações e queimada em alguns pontos como se corroída por um ácido pungente. Apenas a cabeça desfigurada da vítima, pendendo invertida em um dos lados, dava indícios de que se tratava de uma criatura outrora humana.

O monstro dispensaria qualquer apresentação para alguém que tivesse posto os olhos naquele retrato infernal. A maldita fotografia o retratara de forma extremamente fiel, ainda que não exprimisse todo o horror que residia na gigantesca forma real. O tronco globular... a sugestão de cabeça semelhante a uma bolha... os três olhos písceos... a probóscide de trinta centímetros... as guelras salientes... a monstruosa pilosidade das ventosas em formato de áspide... os seis membros sinuosos com patas negras e garras semelhantes às de caranguejo... céus! A familiaridade da pata negra que culminava em uma garra de caranguejo!...

O sorriso de Orabona era totalmente odioso. Jones engasgou e encarou a figura hedionda com um fascínio crescente que o deixou perturbado e perplexo. Que velado horror o prendia e o compelia a fitar demoradamente em busca de detalhes? Aquilo levara Rogers à loucura... Rogers, o artista

supremo... dissera que não eram artificiais.

Então ele identificou a coisa que capturava sua atenção. Era a cabeça pendente e esmagada da vítima de cera, e algo implícito nela. A cabeça não estava inteiramente destituída de uma face, e aquela face era familiar. Assemelhava-se ao semblante ensandecido do pobre Rogers. Jones fitou-a mais de perto, mal compreendendo o que o levava a tomar tal atitude. Não era comum que um louco egocêntrico moldasse as próprias feições em sua obra-prima? Haveria mais alguma coisa que a visão subconsciente houvesse capturado e omitido em absoluto horror?

A cera na face desfigurada havia sido moldada com destreza singular. Aquelas perfurações... como conseguiam reproduzir tão perfeitamente a miríade de ferimentos de algum modo infligidos àquele pobre cão! Mas havia mais alguma coisa. Na bochecha esquerda, estendia-se uma irregularidade que não parecia pertencer à intenção original — como se o escultor houvesse tentado cobrir um defeito de sua primeira modelagem. Quanto mais Jones a fitava, mais ela o enchia de um horror místico — então, de súbito, lembrou-se de uma circunstância que elevou seu horror ao ápice. Aquela noite hedionda, a luta, o louco atado e o longo e profundo corte na bochecha esquerda do verdadeiro Rogers...

Jones, afrouxando a força desesperada com que agarrava o corrimão, tombou em um desmaio esmorecido.

Orabona continuava a sorrir.

Bokrug

Nos dias da antiguidade, a lenda conta que as estranhas criaturas conhecidas como Thuum'ha desceram da lua com sua cidade, Ib, para descansar à beira de um grande lago na terra de Mnar. Lá, eles viveram em paz por muitos séculos, até que os homens vieram colonizar a região. Embora muito pouco se saiba sobre a cultura dos ibianos, sabemos que eles adoravam Bokrug, o grande lagarto aquático.

Bokrug é o deus que habita o lago dos semi-anfíbios Thuum'ha ("os que não têm voz") de Ib, na terra de Mnar. Quando os humanos de Sarnath massacraram cruelmente a população de Ib, a grande divindade se agitou e, no milésimo aniversário da destruição, Bokrug levantou-se e destruiu completamente a cidade de Sarnath, tão completamente que nem ruínas permaneceram. Depois, a raça Thuum'ha recolonizou Ib e, a partir de então, viveu imperturbável. Ele é um dos Grandes Antigos e seu poder é quase tão poderoso quanto o de Cthulhu, embora não seja agressivo; quando não provocado, não é um inimigo a temer.

A maldição de Sarnath

Na terra de Mnar, há um enorme lago de águas paradas que não é alimentado por nenhuma corrente e tampouco deságua em nenhuma outra. Há dez mil anos, erguia-se à sua margem a poderosa cidade de Sarnath, mas Sarnath não está mais lá.

Diz a lenda que em tempos imemoriais, quando o mundo era jovem, antes mesmo de os homens de Sarnath chegarem à terra de Mnar, havia outra cidade à beira do lago, a cidade de pedra cinzenta de Ib, tão antiga quanto o próprio lago e habitada por criaturas de aspecto nada agradável. Eram estranhas e feias, aliás, como a maioria das criaturas de um mundo ainda incipiente e grosseiramente organizado. Está escrito nos cilindros cor de tijolo de Kadatheron que as criaturas de Ib tinham a cor verde do lago e das brumas que sobre ele pairam; olhos saltados, lábios moles caídos e orelhas estranhas, e não possuíam voz. Está escrito também que desceram da Lua dentro de uma névoa. Elas, e o vasto lago parado, e a cidade de pedra cinzenta de Ib. De qualquer forma, é fato que adoravam um ídolo de pedra verde-marinho cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático, e diante dele dançavam grotescamente sob a luz da lua crescente. E está escrito no papiro de Ilarnek que, certa vez, elas descobriram o fogo e dali em diante acenderam fogueiras em várias cerimônias. Contudo, não há muita coisa escrita sobre essas criaturas, pois elas viveram em tempos muito ancestrais e o homem é jovem e pouco sabe dos seres muito antigos.

Depois dos tempos imemoriais, os homens chegaram à terra de Mnar; um escuro povo pastoril com seus rebanhos felpudos, que construiu Thraa, Ilarnek e Kadatheron às margens do sinuoso rio Ai. Algumas tribos, mais ousadas que as outras, alcançaram a orla do lago e construíram Sarnath, em um lugar em que metais preciosos eram encontrados na terra. Não longe da cidade cinzenta de Ib, as tribos errantes assentaram as primeiras pedras de Sarnath, maravilhando-se com as criaturas de Ib. Entretanto, havia ódio misturado com a admiração, pois não achavam certo que criaturas com tal aspecto pudessem circular pelo mundo dos homens ao crepúsculo. Também não gostavam das

estranhas esculturas sobre os monólitos cinzentos de Ib, pois ninguém saberia dizer por que aquelas esculturas haviam durado até a chegada dos homens; a menos que fosse porque a terra de Mnar era muito pacífica e distante da maioria dos outros mundos, fossem elas reais ou surreais.

Quanto mais os homens de Sarnath observavam as criaturas de Ib, mais aumentava seu ódio, que não diminuía quando perceberam que as criaturas eram fracas e tenras como geleia ao entrarem em contato com pedras, lanças e flechas. Assim, um dia, os jovens guerreiros, com fundas, lanças, arcos e flechas, marcharam contra Ib e exterminaram todos os seus habitantes, arremessando os corpos dissipados para o lago com longos piques, porque não desejavam tocá-los. Como não gostavam dos cinzelados monólitos cinzentos de Ib, atiraram-nos também ao lago, espantados com o grandioso trabalho que devia ter sido trazer as pedras de muito longe, como aquilo devia ter acontecido, pois não havia nada semelhante a elas na terra de Mnar ou nas terras próximas.

Assim, nada sobrou da antiga cidade de Ib, exceto o ídolo de pedra verde-marinho cinzelado à imagem de Bokrug, o lagarto d'água. Os jovens guerreiros levaram-no consigo como símbolo de conquista sobre os antigos deuses e criaturas de Ib, e como um totem de dominação sobre Mnar. Mas, na noite seguinte, após o terem levado para um templo, alguma coisa terrível deve ter acontecido, pois luzes estranhas foram vistas sobre o lago e, pela manhã, as pessoas descobriram que o ídolo havia sumido e que o sumo sacerdote Taran-Ish estava morto, aparentando ter experimentado um pavor indescritível. Antes de morrer, Taran-Ish havia rabiscado sobre o altar de crisólita, com traços rudimentares e tortuosos, a palavra MALDIÇÃO.

Depois de Taran-Ish, houve muitos sumos pontífices em Sarnath, mas o ídolo de pedra verde-marinho jamais foi encontrado. Muitos séculos passaram-se ao longo dos quais Sarnath prosperou de forma extraordinária, e somente os sacerdotes e as velhas senhoras recordavam-se da garatuja de Taran-Ish sobre o altar de crisólita. Entre Sarnath e a cidade de Ilarnek, instalou-se uma rota comercial, e os metais preciosos da região eram trocados por outros metais, trajes raros, joias, livros, ferramentas para os artífices e todas as coisas de luxo conhecidas pelo povo que mora à beira do sinuoso rio Ai e além. Foi assim que Sarnath tornou-se poderosa, instruída e bela, e enviou exércitos de conquista para dominar as cidades vizinhas. Com o tempo, os reis de todas as terras de Mnar e de muitas terras da região prostraram-se diante do trono de Sarnath.

Sarnath, a magnífica, era a maravilha do mundo e o orgulho de toda a

humanidade. Suas muralhas eram de mármore polido do deserto, com trezentos cúbitos de altura e setenta e cinco de largura, permitindo que as bigas cruzassem umas com as outras quando os homens as conduziam pela extensão do muro. Elas percorriam quarenta e nove milhas, abrindo-se somente na face virada para o lago, onde um quebra-mar de pedra verde continha as ondas que estranhamente surgiam uma vez por ano, no dia da celebração da destruição de Ib. Em Sarnath havia cinquenta ruas que iam do lago aos portões das caravanas, e outras cinquenta perpendiculares. Eram calçadas de ônix, exceto as percorridas por cavalos, camelos e elefantes, que eram cobertas de granito. E os portões de Sarnath estavam em todas as extremidades das ruas voltadas para a terra, todos de bronze e flanqueados por figuras de leões e elefantes esculpidas em algum tipo de pedra já então desconhecida entre os homens. As casas de Sarnath eram de tijolos esmaltados e calcedônia, cada uma com o jardim murado e açudes de cristal. Foram construídas por uma estranha arte, pois nenhuma outra cidade possuía casas como aquelas, e os visitantes de Thraa, Ilarnek e Kadatheron ficavam maravilhados com as cúpulas cintilantes que coroavam toda a sua extensão.

Mas ainda mais fabulosos eram os palácios e os templos, e os jardins construídos por Zokkar, o antigo rei. Havia muitos palácios; até os menores eram mais imponentes do que qualquer outro de Thraa, Ilarnek ou Kadatheron. Eram tão altos que aquele que estivesse em seu interior poderia imaginar-se apenas abaixo do céu. Entretanto, suas paredes mostravam gigantescas pinturas de reis e exércitos ao serem iluminadas por tochas embebidas em óleo de Dothur, assustando e inspirando instantaneamente o visitante com seu esplendor. Muitas eram as colunas dos palácios, todas de mármore pintado, entalhadas com ornamentos de insuperável beleza. Na maioria dos palácios, os pisos eram mosaicos de berilo, e lápis-lazúli, e sardônica, e carbúnculo, e outros materiais nobres de tal forma organizados que o espectador podia imaginar-se caminhando entre canteiros das mais raras flores. E havia também fontes que esguichavam águas aromáticas, adornados com uma arte suntuosa. O mais radiante de todos era o palácio dos reis de Mnar e das terras vizinhas. Sobre um par de leões de ouro agachados estava o trono, muitos degraus acima do piso resplandecente. Era entalhado em uma única peça de marfim, embora nenhuma criatura viva soubesse a procedência de uma peça tão imensa. Naquele palácio, havia também muitas galerias e muitos anfiteatros onde leões, homens e elefantes combatiam para a diversão dos reis. Ocasionalmente, os anfiteatros eram inundados com água desviada do lago por imponentes aquedutos, e ali, então, encenavam-se empolgantes

combates aquáticos entre nadadores e criaturas marinhas mortais.

Soberbos e assombrosos eram os dezessete templos em forma de torre, decorados com uma brilhante pedra multicolorida desconhecida em outros lugares. O maior deles erguia-se a mil cúbitos de altura e era habitado pelos sumos sacerdotes que viviam com magnificência não muito inferior à dos reis. No térreo, ficavam salões tão vastos e esplêndidos quanto os dos palácios em que as multidões se reuniam para adorar a Zo-Kalar, Tamash e a Lobon, os principais deuses de Sarnath, cujos relicários, envoltos em incenso, eram como os tronos dos monarcas. Os ícones de Zo-Kalar, Tamash e Lobon não eram como os de outros deuses, pois pareciam tão vivos que se poderia jurar que os próprios graciosos deuses barbados estavam sentados nos tronos de marfim. E, no final de intermináveis lances de degraus de zircão, ficava a câmara da torre de onde os sumos sacerdotes vigiavam a cidade, as planícies e o lago durante o dia; e a enigmática lua, os planetas e estrelas e seus reflexos no lago, à noite. Ali era praticado o secretíssimo e ancestral rito de execração de Bokrug, o lagarto d'água, e ali ficava o altar de crisólita que exibia a garatuja da maldição rabiscada por Taran-Ish.

Igualmente maravilhosos eram os jardins construídos por Zokkar, o velho rei. Eles ficavam no centro de Sarnath, em uma extensa área, e eram cercados por muros altos. Eram cobertos por uma imensa cúpula de vidro pela qual brilhavam, quando o céu estava límpido, o sol, a lua e os planetas, e da qual pendiam imagens refulgentes do sol, da lua e das estrelas quando não estava. No verão, os jardins eram refrescados por amenas brisas aromáticas habilmente sopradas por ventiladores, e no inverno eram aquecidos por fogueiras discretas, fazendo com que o ar primaveril perdurasse. Ali corriam pequenos riachos sobre pedregulhos lustrosos, dividindo campinas verdejantes e jardins de infinitos matizes, e cruzados por uma imensidão de pontes. Havia muitas cascatas em seus cursos, e muitas eram as lagoas ornadas de lírios das quais se expandiam. Sobre os riachos e lagoas deslizavam cisnes brancos, enquanto o canto de aves raras harmonizava-se com a melodia das águas. Em ordenados pátios se erguiam as verdejantes ribanceiras adornadas, aqui e ali, por caramanchões de trepadeiras e flores suaves, e bancos de mármore e pórfiro. E havia muitos santuários e templos pequenos em que se podia repousar e orar a deuses menores.

Todos os anos, celebrava-se em Sarnath a festa da destruição de Ib, em cuja ocasião o vinho era abundante, e as canções, as danças e as diversões eram de todos os tipos. Grandes homenagens eram prestadas aos que haviam aniquilado as estranhas criaturas antigas, e a memória daquelas criaturas e de

seus antigos deuses era escarnecida por dançarinos e alaudistas coroados com grinaldas de rosas dos jardins de Zokkar. E os reis olhavam na direção do lago e amaldiçoavam os ossos dos mortos que jaziam em suas profundezas.

De início, os sumos sacerdotes não gostavam dos festivais, pois corriam entre eles narrativas fantásticas de como o ídolo verde-marinho havia desaparecido e Taran-Ish morrera de medo deixando uma advertência. E diziam que, de sua alta torre, ocasionalmente avistavam luzes no interior das águas do lago. Mas, passados muitos anos sem calamidades, mesmo os sacerdotes riam, e maldiziam, e participavam das orgias da nobreza. De fato, eles mesmos não haviam realizado, tantas vezes, do alto de sua torre, o antiquíssimo e secreto rito de execração de Bokrug, o lagarto d'água? Assim, um milhão de anos de riquezas e prazeres transcorreu em Sarnath, maravilha do mundo e orgulho de toda a humanidade.

A festa do milésimo ano da destruição de Ib foi de uma suntuosidade inimaginável. Durante a década que a precedera, muito se falara sobre ela na terra de Mnar, e, quando o momento se aproximou, vieram a Sarnath, montados em cavalos, camelos e elefantes, homens de Thraa, Ilarneck e Kadatheron, e de todas as cidades de Mnar e de terras distantes. Diante das muralhas de mármore, na noite esperada, erguiam-se os pavilhões de príncipes e as tendas de viajantes. No interior do salão de banquete, reclinava-se Nargis-Hei, o rei, embriagado de vinho envelhecido das adegas da conquistada Pnath, rodeado pela nobreza desordeira e por escravos atarefados. Muitas guloseimas exóticas foram consumidas naquela festa; pavões das ilhas de Nariel no Oceano Médio, cabras das longínquas colinas de Implan, corcovas de camelos do deserto de Bnazic, nozes e especiarias dos bosques de Cydathrian, e pérolas da marítima Mtal, dissolvidas no vinagre de Thraa. Eram incontáveis os molhos, preparados pelos mais refinados cozinheiros de toda Mnar, agradáveis ao paladar de todos os convivas. Entretanto, a mais apreciada de todas as iguarias eram os grandes peixes do lago, enormes, servidos em travessas de ouro enfeitadas de rubis e diamantes.

Enquanto o rei e seus nobres festejavam dentro do palácio e admiravam o prato principal que os esperava nas travessas douradas, outros festejavam por toda parte. Na torre do grande templo, os sacerdotes aprazíam-se, e, nos pavilhões do lado de fora das muralhas, os príncipes de terras vizinhas divertiam-se. Foi o sumo pontífice Gnai-Kah o primeiro a avistar as sombras que desciam da lua crescente para o lago, e as perversas névoas esverdeadas que se erguiam do lago ao encontro da lua, envolvendo em um sinistro nevoeiro as torres e as cúpulas da condenada Sarnath. Em seguida, os que estavam nas

torres e fora das muralhas avistaram estranhas luzes sobre a água, e viram que a rocha cinzenta Akurion, que costumava elevar-se muito acima dela, perto da praia, estava quase submersa. E o medo foi crescendo vaga, mas rapidamente, até que os príncipes de Ilarneck e da distante Rokol desarmaram e dobraram suas tendas e pavilhões e partiram, embora mal soubessem o motivo de sua partida.

Então, perto da meia-noite, todos os portões de bronze de Sarnath escancararam-se e despejaram uma multidão frenética que enegreceu a planície, pois todos os viajantes e príncipes visitantes fugiram apavorados. Pois, nas faces dessa multidão, estava inscrita uma loucura nascida de um horror insuportável, e em suas línguas surgiam palavras tão terríveis que nenhum ouvinte parava para verificar. Homens, com os olhos arregalados de horror, uivavam sobre a visão do interior do salão de banquete do rei, onde, pelas janelas, não eram mais vistas as formas de Nargis-Hei e seus nobres e escravos, mas, sim, a de uma horda de indescritíveis criaturas verdes, sem voz, de olhos saltados, lábios amolecidos e caídos, e curiosas orelhas; criaturas que dançavam grotescamente, segurando com as patas as douradas travessas ornadas de rubis e diamantes que abrigavam misteriosas chamas. E os príncipes e viajantes, enquanto fugiam da condenada cidade de Sarnath sobre cavalos, camelos e elefantes, olharam novamente para o nevoeiro sobre o lago e viram a rocha cinzenta de Akurion quase submersa. Por toda a terra de Mnar e regiões adjacentes, espalharam-se as histórias dos que haviam fugido de Sarnath, e as caravanas não mais procuraram aquela cidade amaldiçoada e seus preciosos metais. Passou-se muito tempo até alguns viajantes voltarem lá e, mesmo assim, apenas os destemidos e aventureiros jovens de cabelos louros e olhos azuis, que não têm nenhum parentesco com a gente de Mnar. Esses homens foram realmente até o lago para observar Sarnath, mas, embora tivessem encontrado o enorme lago estagnado e a rocha cinzenta de Akurion, que se eleva ao seu lado perto da praia, não avistaram a maravilha do mundo e o orgulho da humanidade. Onde antes se erguiam muralhas de trezentos cúbitos e torres ainda mais altas, estendia-se agora apenas a pantanosa praia, e, onde antes viviam cinquenta milhões de pessoas, rastejava agora o odioso lagarto d'água. Nem mesmo as minas de metais preciosos existiam. A MALDIÇÃO chegara para Sarnath.

Porém vislumbrava-se, parcialmente enterrado nos juncais, um curioso ídolo verde, um ídolo extremamente antigo, cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto d'água. Dali em diante, aquele ídolo, mantido em um relicário no alto templo de Ilarneck, foi adorado sob a espreita da lua por toda a terra

de Mnar.

Ghatanothoa
O Deus das Trevas

Muito pouco se sabe sobre a biologia de Ghatanothoa. Uma das razões disso é o fato de a aproximação do humano com a entidade resultar em paralisia, seja por simplesmente olhar para ela ou pela toxina que envolve seu corpo. De todo modo, obter informações reais sobre essa entidade é extremamente difícil e perigoso, e o indivíduo pode se transformar em uma estátua com consciência: a vítima fica permanentemente imobilizada, seu corpo assume a consistência de couro, e seu cérebro permanece plenamente consciente.

É um dos Grandes Antigos e primogênito de Cthulhu, gerado por Idh-yaa, no planeta Xoth. Foi trazido para a Terra por uma raça alienígena antiga, possivelmente os Mi-go, que construiu uma fortaleza colossal no topo de Yaddith-Gho e selou Ghatanothoa dentro da montanha, sob um grande alçapão onde permanece até hoje, em Longo Sono.

Através dos éons

(Mensagem encontrada entre as posses do finado dr. Richard H. Johnson, curador do Museu Arqueológico de Cabot, Boston, Massachusetts.)

É muito improvável que alguém em Boston, ou qualquer leitor atento por aí, esqueça algum dia o estranho caso que ocorreu no Museu de Cabot. A publicidade acerca daquela múmia infernal dada pelo jornal, os boatos vagamente antigos e terríveis ligados a ela, a onda de interesse mórbido e do alvoroço das seitas em 1932, e o destino assombroso de dois invasores em 1º de dezembro daquele mesmo ano; tudo se combinou para formar um dos maiores mistérios que ficaria marcado no folclore por gerações e que se tornaria a origem de grandes e horríveis especulações.

Todos, também, pareciam notar que algo extremamente crucial e indescritivelmente tenebroso estava sendo escondido do grande público sobre os horrores culminantes. Os primeiros indícios inquietantes, como a condição dos dois corpos encontrados, foram logo descartados e ignorados de forma extremamente abrupta, assim como as alterações inusitadas na múmia devido ao falatório que esse tipo de notícia suscitaria. As pessoas também perceberam como bizarramente a múmia nunca era retornada a sua exibição. Naquela época, em que a taxidermia era de ponta, a desculpa de que a condição de deterioração da múmia tornava a sua exibição algo impraticável era, sinceramente, bem esfarrapada.

Como curador do museu, estou em cargo de revelar todos os fatos suprimidos, mas não o farei em vida. Há coisas neste mundo e Universo que é para o bem de todos não saber, e eu ainda não descartei a opinião em que todos nós — equipe do museu, médicos, jornalistas e policiais — concordamos sobre o período de horror que vivenciamos. Ao mesmo tempo, parece adequado que algo de extrema significância científica e histórica não fique completamente sem registros, por isso a necessidade deste relato que preparei

em prol de analistas sérios. Eu devo colocá-lo entre outros papéis a serem analisados após minha morte, deixando seu destino à discrição de meus procuradores. Algumas ameaças e eventos incomuns das últimas semanas levaram-me a crer que a minha vida, assim como a dos demais funcionários do museu, está em grande perigo devido à inimizade com diversas seitas secretas de asiáticos, polinésios e de alguns outros místicos devotos; portanto, é possível que o trabalho de meus procuradores não seja adiado por muito tempo. [Nota do procurador: dr. Johnson morreu de forma súbita e misteriosa, provocada por uma parada cardíaca em 22 de abril de 1933. Wentworth Moore, taxidermista do museu, desapareceu em meados do mês anterior. Em 18 de fevereiro do mesmo ano, dr. William Minot, que realizou a dissecação relacionada ao caso, foi esfaqueado nas costas e morreu no dia seguinte.]

O horror começara de verdade, suponho, em 1879 — bem antes de iniciar a minha curadoria —, quando o museu havia adquirido a múmia assombrosamente inexplicável da Companhia de Navegação do Oriente. A sua própria descoberta fora monstruosa e ameaçadora, oriunda de uma cripta de origem desconhecida e fabulosamente antiga surgida em um pedacinho de terra emersa das profundezas do Oceano Pacífico.

No dia 11 de maio de 1878, o Capitão Charles Weatherbee do cargueiro Eridanus, partindo de Wellington, Nova Zelândia, com destino a Valparaíso no Chile, avistara uma ilha nova que não se encontrava registrada em nenhum mapa, nem se devia a atividades vulcânicas. Ela projetava-se de forma audaciosa por sobre as águas com seu cone truncado. A equipe que desembarcara a mando do Capitão Weatherbee conseguira provas de que estava a muito submersa devido aos declives irregulares pelos quais subiram, e, ao chegar ao ponto mais alto, viram indícios de uma recente ruína, talvez provocada por um terremoto. Por entre os destroços espalhados, havia imensas pedras de formatos artificiais, e em uma breve investigação revelaram-se algumas construções ciclópicas da pré-história encontradas em algumas ilhas do Pacífico e que constituíam um eterno quebra-cabeça arqueológico.

Por fim, os marinheiros entraram na enorme cripta de pedra — o que eles concluíram ser parte de uma construção ainda maior e que originalmente era para ser subterrânea — e em um canto encontram a estranha múmia encurvada. Após um breve pânico, provocado principalmente por causa de certas inscrições nas paredes, os homens foram induzidos a carregar a múmia para o navio, embora só a tocassem relutantes e temerosos. Próximo ao corpo, que parecia ter sido vestido apressadamente, jazia um cilindro de um metal desconhecido, contendo um rolo fino com uma membrana branco-azulada de

natureza igualmente desconhecida, com inscrições em estranhos caracteres coloridos por um indeterminado pigmento acinzentado. No meio do grande salão de pedra, notaram a existência de um tipo de alçapão, mas a equipe presente não tinha os aparatos necessários para abri-lo.

O Museu Cabot, inaugurado havia pouco, vira os parcos relatórios sobre a descoberta e imediatamente tomara as medidas necessárias para adquirir a múmia e o cilindro. O curador Pickman inclusive fizera, pessoalmente, uma viagem a Valparaíso e provera-se de uma escuna para ir atrás da cripta onde encontraram a coisa, embora tenha falhado em encontrar algo. Segundo a posição registrada da ilha, nada além da vastidão do oceano poderia ser vista, e aqueles que a procuraram logo notaram que quaisquer forças sísmicas que haviam alçado a ilha também a haviam submergido para as profundezas escuras, onde ficara repousando por incontáveis éons. O segredo daquele alçapão, que ninguém conseguira abrir, jamais será revelado. A múmia e o cilindro, no entanto, permaneceram, sendo a primeira posta em exibição no começo de novembro de 1879 junto às demais múmias do museu.

O Museu Arqueológico de Cabot, especializado em resquícios de civilizações antigas e desconhecidas, conquanto não se encaixe no domínio artístico, é uma instituição pequena e pouco conhecida, embora seja uma das mais conceituadas em círculos científicos. Ele se encontra no centro de Boston, no distrito de Beacon Hill — na Rua Mt. Vernon, próximo à Rua Joy —, residindo em uma antiga mansão particular com um ala anexa na parte de trás, e era o orgulho dos seus vizinhos até os recentes e horríveis acontecimentos lhe trazerem uma notoriedade nem um pouco favorável.

O saguão das múmias no lado oeste da mansão original (projetada por Bulfinch e construída em 1819), no segundo andar, é estimado pelos historiadores e antropólogos como a maior coleção desse tipo nas Américas. Aqui se encontram exemplares típicos de embalsamento egípcio, dos primeiros espécimes Sacara até as últimas tentativas dos Coptas no século VIII; múmias de outras culturas, inclusive espécimes pré-históricos de indo-americanos encontrados recentemente nas Ilhas Aleutas; figuras agonizantes de Pompeia solidificadas pelas cinzas sufocantes do trágico evento; corpos naturalmente mumificados encontrados em minas e em outras escavações mundo afora — alguns surpreendidos por seu terrível desmoronamento em grotescas poses causadas por suas últimas, dilacerantes agonias antes da morte —; resumindo, tudo que se espera de uma coleção desse tipo. Em 1879, obviamente, era bem menor do que é agora; embora, mesmo naquele tempo, fosse formidável. Mas o mais impressionante era como aquela coisa, vinda da cripta ciclópica de uma

ilha que surgiu em um instante no meio do oceano, tornara-se a atração principal e o mistério mais imperscrutável que tínhamos.

A múmia tinha o tamanho de um homem mediano de uma raça desconhecida e possuía uma estranha postura agachada. O rosto, parcialmente protegido por mãos como garras, tinha seu maxilar inferior bem protuberante, enquanto as feições enrugadas mostravam uma expressão tão abominável que poucos visitantes a viam sem se abalarem. Os olhos estavam fechados, com pálpebras tão cerradas sobre seus olhos que estes pareciam saltar e esbugalhar. Alguns chumaços de cabelo e barba restaram, e a cor de todo o conjunto parecia um tom de cinza opaco. A textura da coisa lembrava um pouco couro e pedra, compondo o incrível enigma que os especialistas tentavam desvendar sobre como fora embalsamada. Em alguns lugares, parte da substância havia sido corroída pelo tempo e pela decomposição. Farrapos de um tecido estranho, indicando cortes desconhecidos, ainda estavam presos ao objeto.

O que a tornava algo infinitamente horrível e repugnante, ninguém conseguia dizer. Talvez fosse a sensação sutil e intrigante de algo extremamente antigo ou completamente alienígena que afetava alguém como se deparando com um abismo monstruoso de escuridão sem fim — mas, em geral, era devido à expressão de medo absurdo contido naquele rosto enrugado, prognata e parcialmente escondido. Tal símbolo de terror sem fim, inumano e cósmico, não poderia deixar de passar ao observador a emoção por trás do mistério inquietante e das vãs especulações que pairavam sobre si.

Entre os poucos que frequentavam o Museu Cabot, essa relíquia de um mundo antigo e havia muito esquecido logo adquirira uma popularidade profana, apesar da política reclusa e pacata da instituição em evitar que ela se tornasse uma sensação popular como o “Gigante de Cardiff”. No último século, a arte do sensacionalismo barato não tinha invadido o campo dos estudos de forma tão bem-sucedida como nos dias de hoje. Naturalmente, cientistas das mais diversas áreas tentaram o melhor que puderam categorizar o objeto aterrorizante, mas sem sucesso. Teorias sobre uma civilização havia tempo esquecida no Pacífico, da qual as estátuas da Ilha de Páscoa e as construções megalíticas de Pohnpei e Nan Madol são evidências aceitáveis, circulavam livremente entre os estudantes, e as revistas científicas publicavam várias e conflituosas especulações de um antigo continente cujos picos remanesceram como as inúmeras ilhas da Melanésia e da Polinésia. A divergência nas datas atribuídas à hipotética cultura desaparecida — ou continente — era por vezes surpreendente e pitoresca; ainda assim, algumas alusões surpreendentemente relevantes foram encontradas em certos mitos do

Taiti e de outras ilhas.

Enquanto isso, o estranho cilindro e seu confuso pergaminho com hieróglifos desconhecidos, cuidadosamente preservados na biblioteca do museu, receberam também sua quota de atenção. Não havia dúvidas em relação à ligação deles com a múmia; pois logo todos perceberiam que, ao desvendar o mistério por trás deles, o mistério do horror perscrutado na múmia também o seria. O cilindro de dez centímetros de comprimento e quase dois de diâmetro era de um metal iridescente que desafiava todas as análises químicas e parecia imune a qualquer reagente. Ele era vedado com uma tampa do mesmo material e possuía desenhos entalhados de natureza evidentemente decorativa ou possivelmente simbólica — desenhos comuns que pareciam seguir um sistema geométrico peculiarmente alienígena, paradoxal e duvidosamente descritivo.

Não era menos misterioso do que o pergaminho que continha um rolo simples de alguma membrana branco-azulada, impossível de analisar, preso a um bastão fino de metal como o do cilindro e medindo sessenta centímetros ao ser desenrolado. Os grandes e destacados hieróglifos estendiam-se em uma linha fina até o centro do pergaminho e foram escritos, ou desenhados, em um pigmento acinzentado que desafiava as análises, sem corresponder com nenhum sistema linguístico ou paleográfico existente, tampouco podia ser decifrado, apesar de ter suas fotocópias enviadas a todos os especialistas disponíveis na área.

É verdade que poucos estudiosos, além dos poucos versados na literatura do ocultismo e da magia, encontraram vagas semelhanças entre os hieróglifos e certos símbolos primitivos descritos, ou citados, em dois ou três textos esotéricos extremamente antigos e sombrios como os presentes no *Livro de Eibon*, tido como oriundo de Hiperbórea; os manuscritos Pnakóticos, supostamente pré-humanos; e o monstruoso e proibido *Necronomicon*, escrito pelo árabe Abdul Alhazred. Nenhuma dessas semelhanças, contudo, era incontestável; e, devido à baixa estima dos estudos ocultistas, nenhum esforço fora feito para enviar as fotocópias dos hieróglifos aos especialistas do misticismo. Se tal envio houvesse ocorrido no início, o final dessa história seria bem diferente; na verdade, uma olhada nos hieróglifos por qualquer leitor do horrível *Cultos Inomináveis* de von Junzt imediatamente faria a correlação. Naquele momento, no entanto, poucos eram os leitores daquela monstruosa blasfêmia; as cópias estavam incrivelmente escassas devido ao intervalo entre a retirada da edição original de Düsseldorf (1839), a tradução de Bridewell (1845) e a publicação da imaculada reimpressão pela Editora Golden Goblin

em 1909. Generalizando, nenhum ocultista ou estudante de tradições esotéricas primitivas se voltava ao pergaminho estranho até sua recente divulgação por jornais sensacionalistas, a qual precipitou o tenebroso clímax de nossa história.

II.

Tais assuntos prosseguiram no decorrer dos cinquenta anos desde a exposição da assombrosa múmia no museu. O objeto nojento tornara-se uma celebridade local entre os residentes de Boston, mas não mais que isso; enquanto a existência do cilindro e do pergaminho, após uma década de pesquisas em vão, era completamente esquecida. O Museu Cabot era tão pacato e conservador que nenhum repórter ou escritor alguma vez imaginara invadir seus recintos monótonos atrás de algum material excepcional.

O início do sensacionalismo começou na primavera de 1931, quando a aquisição de algo de natureza peculiar — alguns estranhos exemplares de corpos inexplicavelmente preservados em criptas, no subterrâneo das quase destruídas e maleficamente famosas ruínas do Château Faussesflammes, em Averoigne, na França — deu ao museu certa notoriedade entre as colunas jornalísticas. Fiel à sua política de "causar estardalhaço", o Boston Pillar enviou um colunista de domingo para cobrir o incidente e preenchê-lo com um relato exagerado da própria instituição; e esse jovem — Stuart Reynolds, o nome dele — encontrou na múmia sem nome um sucesso em potencial capaz de superar e muito as recentes aquisições que eram sua principal responsabilidade. Algumas noções de tradição teosófica e um apreço por especulações de escritores como Coronel Churchward e Lewis Spence sobre os continentes perdidos e civilizações primitivas há muito esquecidas fizeram Reynolds uma pessoa atenta a qualquer relíquia eônica, como a múmia desconhecida.

No museu, o repórter tornou-se um incômodo por constantes e nem sempre inteligíveis questionamentos e infindáveis solicitações para moverem os exemplares protegidos, a fim de conseguir fotografar dos mais diversos ângulos. Na biblioteca no porão, ele estudou meticulosamente o estranho cilindro de metal e seu pergaminho membranoso, fotografando-os de cada ângulo e assegurando-se de fotografar cada trecho do texto hieroglífico. Do mesmo modo, ele solicitou todos os livros que continham qualquer menção a culturas primitivas ou continentes afundados — sentava-se por três horas tomando anotações e partia apenas para correr até Cambridge para ver (se lhe

fosse permitido) o abominável e proibido *Necronomicon* na Biblioteca Widener.

No dia 5 de abril, o artigo foi publicado no Pillar de domingo, repleto de fotografias da múmia, do cilindro e do pergaminho e seus hieróglifos, e redigido de forma peculiarmente infantilizada para que beneficiasse o público imaturo que o Pillar afetava. Repleto de imprecisões, exageros e sensacionalismo, o artigo era justamente o tipo de coisa que mexeria com o interesse fútil e ignorante da massa — e, como resultado, o antes pacato museu começou a fervilhar com a multidão falando e encarando de modo tal que aqueles imponentes corredores jamais presenciaram.

Também havia visitantes estudados e inteligentes, apesar do imaturo artigo — pois as imagens falavam por si só —, e às vezes muitas pessoas bem versadas liam o Pillar casualmente. Eu lembro-me de uma pessoa estranha que apareceu em novembro — um homem moreno de turbante e barba bem densa, com uma voz forçada e feições curiosamente inexpressivas, mãos desajeitadas cobertas por absurdas luvas brancas, que deu um endereço qualquer na West End e chamava-se "Swami Chandraputra". Esse sujeito era, inacreditavelmente, um erudito em histórias ocultistas e parecia profundamente interessado e impressionado pelas semelhanças dos hieróglifos do pergaminho com os símbolos e ícones de um mundo antigo completamente esquecido, sobre o qual ele professava vasto conhecimento.

Em junho, a fama da múmia e do pergaminho foram além dos limites de Boston, e o museu passou a ser questionado, e as fotografias solicitadas por ocultistas e estudantes da arcana do mundo todo. De forma alguma isso agradava a nossa equipe, já que somos uma instituição científica sem empatia alguma por sonhadores fantásticos; ainda assim, nós respondemos a suas perguntas de modo civilizado. Um fruto de tais catequismos foi um artigo muito inteligente publicado no The Occult Review pelo famoso místico de Nova Orleans, Etienne-Laurent de Marigny, no qual ele assegurou identificar alguns dos desenhos geométricos no cilindro iridescente, e tantos outros hieróglifos no pergaminho membranoso, usando certos ideográficos de significados horríveis (transcritos de monólitos primitivos, ou oriundos de rituais secretos feitos por grupos reclusos de estudantes e devotos do esoterismo) reproduzidos no infernal e já recolhido *Livro Negro* ou *Cultos Inomináveis* de von Junzt.

De Marigny relembrou a morte terrível de von Junzt em 1840, um ano após a publicação do assombroso livro pela Düsseldorf, e mencionou suas fontes parcialmente suspeitas e de gelar o sangue. Sobretudo, ele enfatizou a

grande relevância dos contos que von Juzt correlacionara com a maioria dos ideogramas monstruosos que reproduzira. Não se podia negar que esses contos continham um notável indício de relação com as coisas que estavam no museu, nos quais um cilindro e um pergaminho foram expressamente mencionados; ainda assim, eles eram de uma extravagância tão assombrosa — envolviam inacreditáveis períodos de tempo e anomalias tão fantásticas de um antigo mundo já esquecido — que era mais fácil admirar do que acreditar.

E admirar foi o que o público com certeza fez, pois a imprensa toda o reproduzira. Artigos ilustrados apareceram por todo canto, contando, ou dando a entender, sobre as lendas no *Livro Negro*, discorrendo sobre o horror por trás da múmia, comparando os desenhos do cilindro e os hieróglifos do pergaminho com as imagens reproduzidas por von Junzt e alimentando as mais loucas, sensacionais e irracionais teorias e especulações. As visitas ao museu triplicaram, e a natureza do crescente interesse foi comprovada pela infinidade de cartas recebidas pelo museu sobre o assunto — muitas sem sentido e supérfluas. Aparentemente, a múmia e sua origem formaram — para as pessoas imaginativas — um tema tão importante que rivalizava até com a grande depressão de 1931 e 1932. Sinceramente, o principal efeito do furor foi fazer-me ler o monstruoso livro de von Junzt publicado pela Golden Goblin — uma leitura que me deixou desnorteado e nauseado, embora agradecido por não ter lido a infâmia toda do texto não censurado.

III.

Os suspiros arcaicos refletidos no *Livro Negro*, e ligados aos desenhos e símbolos tão parecidos aos contidos no misterioso pergaminho e cilindro, eram de fato suficientes para deixar alguém fascinado e um pouco impressionado. Saltando um incrível abismo temporal — antes mesmo de todas as civilizações, raças e terras que conhecemos —, eles associaram-se ao redor de uma nação desaparecida e em um continente perdido na neblina do fabuloso primórdio dos tempos... que segundo a lenda chamava-se Mu, e, conforme as velhas tabuletas na primitiva língua de Naacal, surgira há 200.000 anos, quando a Europa só possuía deidades híbridas, e a Hiperbórea perdida ainda conhecia a veneração inominável do amórfico Tsathoggua.

Havia menção de um reino ou de uma província chamada K'naa em uma terra muito antiga, onde os primeiros humanos encontraram monstruosas ruínas deixadas por aqueles que previamente a habitaram — vagas e

numerosas divindades desconhecidas oriundas das estrelas e que viveram por éons até serem esquecidas no nascer de um novo mundo. K'naa era um lugar sagrado, por entre os picos basálticos do Monte Yaddith-Gho que iam até os céus, uma fortaleza gigante de pedra ciclópica em seu cume, infinitamente mais velha do que a própria humanidade e construída pelos alienígenas do sombrio planeta Yuggoth, que colonizaram a Terra muito antes do surgimento da vida terrestre.

Os descendentes de Yuggoth pereceram éons atrás, mas nada sobrara além da monstruosa e terrível coisa que jamais poderia morrer — o deus infernal ou demônio padroeiro deles, Ghatanothoa, que se encolhera e aguardara por toda a eternidade, apesar de invisível nas criptas abaixo da fortaleza de Yaddith-Gho. Nenhuma criatura humana jamais escalara Yaddith-Gho ou vira a blasfema fortaleza, exceto como um contorno geometricamente anormal contra o céu; ainda assim, muitos concordaram que Ghatanothoa ainda estava por lá, escondendo-se, entrincheirando-se por baixo daquelas paredes megalíticas. Sempre existiram aqueles crentes de que sacrifícios deveriam ser feitos a Ghatanothoa, para que ele não se rastejasse para fora dos abismos obscuros e perambulasse cruelmente pelo mundo dos homens, como da vez que perambulara pelo mundo primitivo dos descendentes de Yuggoth.

As pessoas diziam que, se nenhuma vítima fosse oferecida, Ghatanothoa escaparia para a luz do dia e mover-se-ia ruidosamente pelos despenhadeiros basálticos de Yaddith-Gho, trazendo perdição a tudo e todos que encontrasse. Pois nenhuma viva criatura seria capaz de impedir Ghatanothoa, ou até mesmo uma imagem perfeita de Ghatanothoa, mesmo que pequena, sem sofrer algo tão horrível quanto a própria morte. Avistar o deus, ou a sua imagem, conforme todas as lendas dos descendentes de Yuggoth afirmavam, de certa forma, paralisava e petrificava alguém de medo, transformando sua vítima em pedra e couro em seu exterior, enquanto seu cérebro mantinha-se vivo por toda a eternidade — terrivelmente aprisionado e imóvel no decorrer dos séculos, e enlouquecidamente consciente da passagem de intermináveis épocas nesta inanição até o tempo e o acaso decomporem totalmente a casca petrificada e deixá-lo exposto para enfim morrer. A maioria dos cérebros, claro, enlouqueceriam bem antes de esse éon referido chegar. Diziam que nenhum olhar humano alguma vez contemplara Ghatanothoa, pois era tão perigoso hoje quanto o era para os descendentes dos Yuggoth.

Havia um culto em K'naa que venerava Ghatanothoa e todos os anos sacrificavam doze de seus jovens guerreiros e doze jovens donzelas. As vítimas eram oferecidas em altares flamejantes em um templo de mármore próximo à

base da montanha, pois ninguém se atrevia a escalar os picos basálticos de Yaddith-Gho ou aproximar-se da fortaleza ciclópica pré-humana em seu cume. Vastos eram os poderes dos sacerdotes de Ghatanothoa, já que deles apenas dependia a salvação de K'naa e de toda a terra de Mu da emergente petrificação, caso Ghatanothoa deixasse seu esconderijo sombrio.

Lá havia uns cem sacerdotes do Deus Sombrio, sob comando do Sumo Sacerdote Imash-Mo, que caminhavam perante o Rei Thabon no banquete de Nath e portavam-se orgulhosos ao verem o Rei ajoelhar-se no templo de Dhoric. Cada sacerdote tinha uma casa de mármore, duzentos escravos e umas cem concubinas, além de serem imunes às leis civis e controlarem o poder sobre a vida e a morte de qualquer um em K'naa, com exceção dos sacerdotes e do Rei. Apesar desses defensores, ainda havia um medo naquela terra desde a última vez que Ghatanothoa rastejara-se das profundezas e esgueirara-se montanha abaixo para trazer horror e petrificação a todos. Nos últimos anos, os sacerdotes proibiram qualquer um de adivinhar ou até perguntar como seria seu odioso aspecto.

Fora no ano da Lua Vermelha (cerca de 173.148 a.C., segundo von Junzt) que um ser humano pela primeira vez ousara desafiar Ghatanothoa e sua inominável ameaça. Esse herege corajoso era T'yog, Sumo Sacerdote de Shub-Niggurath e guardião do templo de bronze da Cabra com Mil Crias. T'yog ponderara por anos sobre os poderes dos mais diversos deuses e tinha sonhos e revelações estranhas tocantes à vida neste mundo e de outros anteriores a este. No fim, ele sentira-se seguro de que os deuses amistosos ao homem poderiam ser reunidos contra os deuses hostis, assim como acreditava que Shub-Niggurath, Nug e Yeb, assim como Yig, o Deus-Serpente, estavam prontos para aliarem-se aos humanos contra a tirania e presunção de Ghatanothoa.

Inspirado pela Deusa Mãe, T'yog escrevera uma estranha fórmula em Naacal no hierático de sua ordem, acreditando que quem o portasse seria imune ao poder petrificador do Deus Sombrio. Com essa proteção, seria possível a alguém corajoso escalar os perigosos penhascos basálticos e — o primeiro dos seres humanos — adentrar a fortaleza ciclópica acima de onde Ghatanothoa provavelmente se escondia. Se estivesse frente a frente com o deus e com o poder de Shub-Niggurath e de seus filhos ao seu lado, T'yog acreditava que seria capaz de encerrar tudo isso, poderia enfim livrar a humanidade dessa ameaça iminente. Com a humanidade liberta por seus esforços, não haveria limites às honrarias que poderia reivindicar. Todo o poder que os sacerdotes de Ghatanothoa detinham seria passado a ele; e até o reinado ou a divindade poderiam muito bem estar a seu alcance.

Então T'yog escrevera sua fórmula de proteção em um pergaminho feito de membrana pthagon (de acordo com von Junzt, a parte interna da derme do extinto lagarto de yakith) e guardara-o em um cilindro entalhado de metal lagh — um metal trazido pelos anciões de Yuggoth e encontrado em nenhuma mina na Terra. Esse amuleto, levado em seu robe, protegê-lo-ia da ameaça de Ghatanothoa — inclusive restauraria as vítimas petrificadas do Deus Sombrio se algum dia aquela monstruosa deidade emergisse e iniciasse sua devastação. Por isso, propusera-se a subir a montanha inexplorada e evitada por todos, invadir a cidadela geometricamente alienígena de pedra ciclópica e confrontar a espantosa divindade diabólica em seu covil. O que se sucederia, ninguém poderia adivinhar; mas a esperança em ser o salvador da humanidade dava-lhe forças para seguir com seu intuito.

Ele tinha-se, contudo, considerado imune à inveja e ao egocentrismo dos sacerdotes de Ghatanothoa. Eles, assim que souberam de seus planos, temendo perder o prestígio e seus privilégios caso o Deus Demoníaco fosse derrotado, orquestraram uma algazarra fanática contra o dito sacrilégio, pregando que nenhum homem jamais conseguiria enfrentar Ghatanothoa e que qualquer esforço para tal apenas provocaria um massacre infernal da raça humana que nenhum amuleto ou artifício sagrado poderia evitar. Com esses clamores, esperavam voltar a opinião pública contra T'yog; no entanto, sem resultado, pois era grande o desejo da população de se libertar de Ghatanothoa, bem como sua fé nas habilidades e no fervor de T'yog. Até o Rei, geralmente uma marionete dos sacerdotes, recusara-se a proibir a peregrinação ousada de T'yog.

Fora então que os sacerdotes de Ghatanothoa fizeram escondidos o que não podiam fazer abertamente. Em uma noite, Imash-Mo, o Sumo Sacerdote, adentrara a câmara no templo de T'yog e tirara o cilindro de metal da figura adormecida; silenciosamente retirara o poderoso pergaminho e substituíra-o por um outro de incrível semelhança, porém diferente o bastante para não ter poder algum contra qualquer deus ou demônio. Quando o cilindro fora recolocado na capa do homem adormecido, Imash-Mo irradiara alegria, pois sabia que T'yog dificilmente analisaria o conteúdo do cilindro novamente. Crendo estar protegido pelo pergaminho verdadeiro, o herege marcharia em direção à montanha proibida e à presença maligna — e Ghatanothoa, sem ser controlado por mágica alguma, encarregar-se-ia do resto.

Não seria mais necessária a prece dos sacerdotes de Ghatanothoa contra essa oposição. Deixaram T'yog seguir seu caminho e encontrar sua perdição. E, secretamente, os sacerdotes sempre resguardaram o pergaminho roubado, o

amuleto verdadeiro e poderoso, passando de um sumo sacerdote para outro, para usarem caso algum dia fosse preciso ir de encontro às vontades do Deus Demoníaco. Então, naquela noite, Imash-Mo dormira em paz, com o verdadeiro pergaminho protegido em um novo cilindro feito para tal.

Fora no amanhecer do Dia das Chamas do Firmamento (nomenclatura não definida por von Junzt) que T'yog, entre as orações e cânticos do povo e com a bênção do Rei Thabon, começara a subir a perigosa montanha com um cajado de madeira tlath em sua mão direita. Em seu robe estava o cilindro guardando o que ele achava ser o verdadeiro amuleto — pois de fato havia falhado em descobrir a farsa. Tampouco percebera a ironia nas preces que Imash-Mo e os demais sacerdotes de Ghatanothoa entoavam por sua segurança e sucesso.

Naquela manhã, as pessoas ficaram para acompanhar a figura minguante de T'yog, conforme ele se esforçava para subir a encosta basáltica até então jamais pisada, e muitos ficaram até mesmo depois de ele desaparecer por trás do rochedo circundando o lado escondido da montanha. Naquela noite, poucos sonhadores de sono leve pensaram ouvir um certo tremor vindo do odiado pico; no entanto, a maioria os ridicularizara por isso. No dia seguinte, uma vasta multidão observara a montanha e rezara, perguntando-se quanto tempo T'yog demoraria para regressar. E fora assim no dia seguinte e nos demais. Por semanas eles torceram e aguardaram, e então choraram. Ninguém mais vira T'yog, que teria salvado a humanidade de seus medos.

Depois disso, os homens aterrorizaram-se com a presunção de T'yog e tentaram não pensar na punição que sua irreverência lhe trouxera. E os sacerdotes de Ghatanothoa sorriram para aqueles que ressentiam as vontades do deus ou desafiavam seu direito aos sacrifícios. Nos últimos anos, o ardil de Imash-Mo tornara-se público; embora saber tal coisa não tenha mudado o sentimento universal de que era melhor não se meter com Ghatanothoa. Ninguém jamais o desafiara de novo. E, assim, as eras se passaram, rei após Rei, e sumo sacerdote após sumo sacerdote, e nações surgindo e decaindo, e terras emergindo do mar e outras submergindo. E, após vários milênios, a ruína chegara a K'naa — até que, por fim, em um dia horrível de tempestade e trovões, um tremor aterrorizante e ondas mais altas que montanhas, toda a terra de Mu afundara no mar para sempre.

Porém, no decorrer dos éons, fluxos parcos de segredos antigos escaparam. Em terras longínquas se encontravam alguns fugitivos de rostos acinzentados, que sobreviveram à fúria do mar diabólico e dos céus estranhos que absorveram a fumaça dos altares construídos para deuses e demônios

desaparecidos. Embora ninguém soubesse em que profundezas sem fim o pico sagrado e a fortaleza ciclópica de Ghatanothoa se teriam afundado, ainda havia alguns poucos que murmuravam seu nome e ofereciam inomináveis sacrifícios para que ele não borbulhasse por léguas oceânicas e caminhasse entre os homens espalhando horror e petrificação.

Ao redor desses dispersos sacerdotes cresceram seitas secretas e sombrias — secretas porque as pessoas da nova terra já possuíam outros deuses e demônios e achavam que todos os deuses antigos e alienígenas fosse maléficos — e, dentro desses cultos, muitas coisas abomináveis foram feitas e muitos objetos estranhos foram cultuados. Sussurravam por aí que uma certa linhagem de sacerdotes ainda guardava o amuleto genuíno contra Ghatanothoa que Imash-Mo roubara do adormecido T'yog; embora não houvesse mais ninguém que soubesse ler ou entender as sílabas enigmáticas, ou que pudesse ao menos adivinhar em que parte do mundo a perdida K'naa, o pico temido de Yaddith-Gho e a fortaleza titânica do Deus Demoníaco jaziam.

Embora tenha florescido principalmente nas regiões do Pacífico, onde Mu um dia se estendera, havia lá boatos de um odiado e escondido culto a Ghatanothoa na malfadada Atlântida e na abominável chapada de Leng. Von Junzt sugeriu sua presença no fantasioso reino subterrâneo de K'n-yan e comprovou que também havia sido introduzido no Egito, na Caldeia, na Pérsia, na China e nos esquecidos impérios semitas na África, e no México e no Peru no Novo Mundo. E ele mais que sugeriu que também havia forte correlação com a bruxaria presente na Europa, contra a qual as bulas papais se direcionavam. O Ocidente, contudo, nunca fora favorável para tal crescimento; e a indignação do povo — agravada por vislumbres dos horríveis ritos e inomináveis sacrifícios — eliminara completamente muitos dos seus ramos. No fim, ele tornara-se um assunto perseguido e destinado à clandestinidade — ainda que suas origens jamais tenham sido completamente extintas. Ele sempre sobrevivia de alguma maneira, principalmente no Oriente e nas ilhas do Pacífico, onde seus ensinamentos mesclaram-se às tradições esotéricas dos polinésios Areoi.

Von Junzt deu indícios sutis e inquietantes de que tinha tido contato direto com o culto; e, conforme eu leio, estremeço em pensar sobre os rumores acerca de sua morte. Ele mencionou o crescimento de certas ideias relacionadas à aparência do Deus Demoníaco — uma criatura que nenhum ser humano jamais tinha visto (a menos que fosse o audacioso T'yog, que nunca mais regressara) — e contrastou esse costume especulativo com o tabu

predominante na antiga Mu sobre qualquer tentativa de imaginar como o horror se pareceria. Havia um certo temor nos sussurros fascinados e maravilhados dos devotos sobre o assunto — sussurros carregados de curiosidade mórbida acerca da natureza exata que T'yog, provavelmente, confrontara naquela construção pré-humana, nas montanhas temidas e agora submersas, antes de seu fim (se realmente foi seu fim) chegar —, e eu me senti estranhamente perturbado pelas referências oblíquas e pérfidas a esse tópico descritas pelo estudioso alemão.

Um pouco menos perturbadoras foram as conjecturas de von Juntz sobre o paradeiro do pergaminho roubado com os artifícios contra Ghatanothoa e os propósitos em que esse pergaminho poderia ser usado. Apesar de crer veementemente que esse assunto é puramente mítico, eu não pude deixar de me sobressaltar com a ideia da ascensão, no fim dos tempos, de um deus monstruoso, e na imagem de uma humanidade subitamente transformada em estátuas anormais, com seus cérebros vivos e amaldiçoados a ficarem conscientes e impotentes por inimagináveis éons. O velho erudito de Düsseldorf tinha um jeito venenoso de sugerir mais do que escrevia, e eu pude compreender por que seu maldito livro fora censurado em diversos países como blasfemo, perigoso e vil.

Sobressaltei-me com a repulsa, mas a coisa exercia um fascínio profano; e eu não consegui abaixar o livro até terminá-lo. As supostas reproduções dos desenhos e ideogramas de Mu eram maravilhosa e assombrosamente parecidas com as marcações no estranho cilindro e com os caracteres no pergaminho, e, como tudo, apresentavam detalhes com indícios vagos e irritantes de semelhança a coisas relacionadas à múmia. O cilindro e o pergaminho; o Oceano Pacífico; a constante convicção do velho Capitão Weatherbee de que a cripta ciclópica onde encontraram a múmia fazia parte de um edifício muito maior... Enfim, de certa forma, fiquei feliz por aquela ilha vulcânica ter-se afundado antes que pudessem abrir aquele alçapão altamente sugestível.

IV.

O que eu li no *Livro Negro* deixou-me diabolicamente preparado para os novos espécimes e os últimos acontecimentos que me acometeram na primavera de 1932. Eu mal consigo lembrar-me de quando as crescentes ações policiais contra as seitas religiosas estranhas e fantásticas no Oriente e em outros lugares começaram a me impressionar; mas, lá para maio ou junho,

percebi que havia, no mundo todo, um aumento impressionante e inédito nas atividades relacionadas a organizações em parte bizarras, furtivas e místicas, geralmente inativas e pouco conhecidas.

Seria improvável que eu fosse capaz de relacionar esses relatos com os indícios de von Junzt ou com o furor popular da múmia e do cilindro no museu, mas devido a certas palavras significativas e semelhanças persistentes — que foram plantadas de forma sensacionalista pela imprensa — nos ritos e discursos de diversos cerimonialistas secretos que vieram a público. Desse modo, não pude deixar de reparar com inquietação a frequente reincidência de um nome — nas mais corruptas formas — que parecia constituir um ponto de convergência em todos os cultos de veneração e que, obviamente, era encarado com uma mistura única de reverência e horror. Algumas das formas encontradas foram: G'tanta, Tanotah, Than-Tha, Gatan e Ktan-Tah — e não era preciso solicitar a meus inúmeros correspondentes ocultistas para ver que nessas variáveis havia uma similaridade horripilante com o nome monstruoso descrito por von Junzt como Ghatanothoa.

Havia também outras características inquietantes. Repetidas vezes os relatórios citavam referências vagas e impressionantes sobre um "pergaminho genuíno" — algo do qual tremendas consequências pareciam depender e o qual mencionavam estar sob custódia de um certo "Nagob", quem quer que ele fosse. Do mesmo modo, havia uma repetição contínua de um nome que soava como Tog, Tiok, Yog, Zob ou Yob, e que a minha cada vez mais animada consciência involuntariamente correlacionava com o nome do infeliz herege T'yog, segundo o *Livro Negro*. Esse nome, geralmente, era associado a frases enigmáticas como "Não é outro senão ele", "Ele olhou em seu rosto", "Ele sabe tudo, embora não possa ver ou sentir", "Ele que trouxe o conhecimento através dos éons", "O pergaminho genuíno o salvará", "Nagob tem o pergaminho genuíno", "Ele pode dizer onde o encontrar".

Algo muito estranho sem dúvidas pairava no ar, e eu nem me surpreendi quando os meus correspondentes ocultistas, assim como os jornais sensacionalistas de domingo, começaram a relacionar as últimas movimentações anormais com as lendas de Mu por um lado e com a recente análise sobre a múmia assombrosa por outro. A difusão dos artigos na primeira onda de publicações da imprensa, com sua insistente correlação da múmia, do cilindro e do pergaminho com a história no *Livro Negro* e suas especulações loucas e fantásticas sobre o assunto, pode ter colaborado para o crescente fanatismo latente naquelas centenas de grupos reclusos de exóticos devotos que abundam em nosso mundo complexo. Tampouco os jornais pararam de

jogar lenha na fogueira — pois as histórias sobre as seitas eram ainda mais loucas do que as primeiras publicadas.

Conforme o verão se aproximava, a equipe do museu notou um curioso novo elemento entre os inúmeros visitantes que — após a calmaria depois da primeira onda de publicações — eram atraídos de novo ao museu por um segundo furor. Cada vez mais pessoas de aspectos estranhos e exóticos — homens asiáticos com cabelos longos e indefiníveis, com barbas castanhas e que não pareciam acostumados com roupas europeias — que, vez ou outra, perguntavam pelo saguão das múmias e logo em seguida eram vistos encarando o horrendo espécime encontrado no Pacífico, extasiados pela fascinação. Algo sinistro nessa frequente enxurrada de estrangeiros excêntricos parecia impressionar todos os guardas, e eu mesmo estava longe de estar tranquilo. Eu não podia deixar de pensar no alvoroço das seitas predominantes entre tipos tão exóticos como esses — e na conexão desses movimentos com os mitos tão semelhantes à assombrosa múmia e seu cilindro com pergaminho.

Por vezes, vi-me tentado a retirar a múmia de exibição — principalmente quando alguém da equipe me contava que tinha visto, diversas vezes, estranhos fazendo reverências inusitadas a ela, ou que tinha ouvido sussurros cantarolados que soavam como cânticos ou rituais direcionados a ela nos momentos em que se rareavam as visitas ao museu. Um dos guardas desenvolveu uma alucinação nervosa sobre o horror petrificado no seu solitário mostruário envidraçado, alegando que ele podia ver, dia após dia, mudanças sutis, vagas e bem ínfimas na flexão das garras ossudas e na expressão de completo horror de seu coriáceo rosto. Ele não conseguia livrar-se da repugnante ideia de que aqueles horríveis olhos arregalados se abririam de uma hora para outra.

Foi no começo de setembro, quando as multidões curiosas começaram a diminuir e o saguão das múmias às vezes esvaziava, que tentaram roubar a múmia cortando o vidro de seu mostruário. O culpado, um polinésio, foi descoberto a tempo por um guarda e foi subjugado antes que causasse qualquer dano. Durante a investigação, descobriu-se que o sujeito era um havaiano conhecido em certos cultos religiosos secretos e que possuía uma extensa ficha criminal em relação a depravados e inumanos ritos e sacrifícios. Alguns dos papéis encontrados em seu quarto eram complexamente enigmáticos e perturbadores, incluindo diversas folhas com hieróglifos que se assemelhavam aos contidos no pergaminho do museu e com os do *Livro Negro* de von Junzt; mas sobre essas coisas ele não foi persuadido a falar.

Quase uma semana após esse incidente, outra tentativa de roubo à múmia

ocorreu — dessa vez ao arrombarem o cadeado de seu mostruário —, o que resultou em uma nova apreensão. O culpado, um cingalês, possuía registros em atividades tão vastas e repugnantes em cultos quanto o havaiano e, como ele, demonstrou relutância em falar com a polícia. O que tornava esse caso cada vez mais interessante e sombrio era que um guarda havia notado esse homem diversas vezes antes e o tinha ouvido dirigir-se à múmia com um canto peculiar contendo repetições inconfundíveis da palavra T'yog. Como resultado, dupliquei a vigilância no saguão das múmias e mandei que jamais tirassem os olhos da agora notória múmia, nem mesmo por um segundo.

Como se pode imaginar, a imprensa deleitou-se com os dois incidentes, revendo seus relatos da fabulosa e primitiva Mu e alegando audaciosamente que a odiosa múmia era ninguém mais ninguém menos do que o ousado herege T'yog, petrificado por algo que vira na cidadela pré-humana ao invadi-la e que se mantivera intacto por 175.000 anos da história turbulenta de nosso planeta. Também enfatizaram e reiteraram, da forma mais sensacional possível, que os estranhos devotos representavam as seitas provindas de Mu e que eles veneravam a múmia — ou talvez até tentavam despertá-la para a vida com feitiços e encantamentos.

Escritores exploraram a fixação das lendas antigas com o fato de que os cérebros das vítimas petrificadas de Ghatanothoa permaneciam conscientes e sem sequelas — algo que servia como base para as mais loucas e improváveis suposições. A menção ao "pergaminho genuíno" também recebeu a devida atenção — sendo essa a teoria mais predominante, de que o feitiço roubado de T'yog contra Ghatanothoa estava por aí e que os membros do culto estavam tentando levá-lo para o próprio T'yog, por motivos que só eles conheciam. Um resultado dessa exploração foi uma terceira onda de visitantes abismados invadindo o museu e encarando a múmia infernal, o princípio de toda essa situação estranha e perturbadora.

Foi por entre essa onda de espectadores — muitos dos quais visitavam novamente — que a conversa sobre as vagas mudanças na aparência da múmia começou a se espalhar. Eu acho que — apesar da noção perturbadora do guarda alguns meses atrás — os funcionários do museu estavam tão acostumados à constante visão das formas estranhas que não prestavam atenção nos detalhes; de qualquer forma, foram os murmúrios excitados dos visitantes que despertaram a atenção dos guardas para as sutis mudanças que estavam aparentemente ocorrendo. A imprensa descobriu isso quase que simultaneamente — já dá para imaginar os resultados surpreendentes que teve.

Naturalmente, eu me debrucei sobre o assunto com a mais profunda

cautela e, em meados de outubro, concluí que a múmia estava sob um processo de desintegração definitiva. Através de influências químicas e físicas do ar, as fibras, parte pedra e parte couro, pareciam aos poucos se dissolver, provocando mudanças distintas nos ângulos de seus membros e em certos detalhes de sua expressão facial contorcida pelo medo. Após meio século de perfeita preservação, essa era uma descoberta bem desconcertante, por isso chamei o taxidermista do museu, dr. Moore, para analisar várias vezes, de forma cuidadosa, o exemplar nojento. Ele relatou que ocorria um relaxamento e amolecimento nas fibras da múmia e aplicou duas ou três borrifadas de adstringente, mas não se atreveu a fazer nada mais drástico para não acelerar o estado de deterioração e decomposição.

O efeito disso sobre as multidões abismadas foi curioso. Até então, cada novidade lançada pela imprensa trazia novas ondas de visitantes encarando e sussurrando, mas agora — mesmo com os jornais anunciando incessantemente as mudanças da múmia — o público parecia ter adquirido um certo medo que superava até a mórbida curiosidade deles. As pessoas pareciam sentir a aura sinistra pairar sobre o museu, e as visitas despencaram drasticamente. Essa baixa na visitação destacou ainda mais o fluxo de estrangeiros estranhos que continuava a infestar o local e cujos números não pareciam diminuir.

No dia 18 de novembro, um peruano de ascendência indígena sofreu uma convulsão histérica, ou epiléptica, em frente à múmia, depois gritou em seu leito de hospital:

— Ela tentou abrir os olhos! T'yog tentou abrir os olhos e olhar para mim!

Naquele momento, eu estava prestes a tirar a múmia de exibição, mas acabei aceitando a decisão tomada por nossos diretores extremamente conservadores em uma reunião. Contudo, eu podia notar que o museu começava a adquirir uma reputação profana em sua vizinhança austera e pacata. Após esse incidente, instruí que ninguém ficasse mais do que alguns minutos observando a monstruosa relíquia do Pacífico.

Foi no dia 24 de novembro, após o fechamento do museu às cinco da tarde, que um dos guardas percebeu uma leve abertura dos olhos da múmia. O fenômeno foi bem sutil — nada além de uma fina parte da córnea visível em cada olho —, mas foi, no entanto, bem impressionante. O dr. Moore, convocado às pressas, estava prestes a estudar as partes expostas do globo ocular com a sua lupa, quando, ao manusear a múmia, as pálpebras de couro se fecharam completamente de novo. Todos os esforços cuidadosos para abrir as pálpebras foram em vão, e o taxidermista não se atreveu a tomar nenhuma medida mais drástica. Quando ele me avisou sobre tudo isso por telefone,

senti um medo crescente difícil de conciliar com o evento aparentemente simples em questão. Por um momento, pude compartilhar da impressão popular de que havia alguma praga maligna e amorfa oriunda das profundezas abissais do tempo e do espaço pairando obscura e ameaçadoramente sobre o museu.

Duas noites depois, um filipino obstinado tentou invadir o museu na hora que estava fechando. Preso e levado à delegacia, ele recusou-se a informar seu nome e ficou detido como suspeito. Enquanto isso, a vigilância estrita sobre a múmia parecia desencorajar as hordas inusitadas de estrangeiros que frequentavam o local. Ao menos, o número de visitantes exóticos caíra perceptivelmente após a imposição do "vamos andando".

Foi durante as primeiras horas da manhã do dia 1º de dezembro, uma quinta-feira, que o terrível clímax se desenvolveu. Por volta da uma da manhã, gritos horripilantes de agonia e medo mortal foram ouvidos de dentro do museu, e uma série de telefonemas da vizinhança trouxe à cena um esquadrão da polícia e diversos funcionários do museu, inclusive eu. Alguns policiais cercaram o edifício enquanto outros, junto dos funcionários, entraram cautelosamente no museu. No corredor principal, encontramos um vigia noturno estrangulado até a morte — havia vestígios de cânhamo do leste indiano em seu pescoço — e percebemos que, apesar de todas as precauções tomadas, algum intruso ou intrusos mal-intencionados conseguiram acessar o lugar. Agora, contudo, um silêncio sepulcral havia tomado o lugar e nós quase temíamos subir as escadas e chegar até a ala fatídica onde sabíamos que a origem do problema estaria à espreita. Após iluminarmos o prédio mexendo nos disjuntores principais no corredor, sentimo-nos um pouco mais tranquilos para prosseguirmos, ainda que relutantes, pela escadaria curvada e pelo imponente arco que levava ao saguão das múmias.

V.

É deste momento em diante que censuramos os relatos sobre o abominável caso — pois todos nós concordamos que não faria bem algum às pessoas saberem sobre as condições mundanas inferidas pelos seguintes desdobramentos. Eu disse antes que inundamos todo o prédio com suas luzes antes de subirmos. Agora, sob os fachos refletindo nos mostruários brilhantes e os seus conteúdos nojentos, nós vimos a propagação de um horror emudecido cujos detalhes desconcertantes evidenciavam que os

acontecimentos estavam além de nossa total compreensão. Lá havia dois intrusos — os quais, concordamos depois, haviam-se escondido no prédio antes de ele fechar —, mas jamais seriam punidos pela morte do vigia. Pois eles já haviam sido sentenciados.

Um era birmanês, e o outro das ilhas Fiji — ambos com extensas fichas criminais por suas participações em atividades assustadoras e repulsivas em seitas macabras. Eles estavam mortos, e, quanto mais examinávamos os corpos, mais percebíamos que a morte deles foi extremamente monstruosa e inominável. Em seus rostos, estampava-se um pavor inumano e inquietante, que até mesmo o mais velho dos policiais jamais presenciara; ainda assim, havia diferenças profundas e significativas no estado dos dois corpos.

O birmanês jazia no chão próximo ao mostruário envidraçado da inominável múmia, cujo vidro estava perfeitamente cortado em um quadrado. Em sua mão direita estava um pergaminho de membrana azulada, que percebi estar coberto de hieróglifos acinzentados — praticamente uma duplicata do pergaminho contido no estranho cilindro guardado na biblioteca lá embaixo, que após análises mostrou diferenças bem sutis. Não havia marcas de violência no corpo e, observando mais atentamente a expressão de desespero e agonia naquele rosto contorcido, só podíamos concluir que aquele homem morrera devido ao medo absoluto que sentira.

Foi o fijiano próximo ao lado, porém, que nos causou o mais profundo espanto. Um dos policiais foi o primeiro a se aproximar, e o seu grito de horror alimentou o medo da vizinhança naquela noite impiedosa. Nós devíamos ter notado, por aquele tom acinzentado, antes negro, o rosto contorcido de medo e as mãos ossudas — uma das quais ainda segurava uma lanterna — que algo estava horripilantemente errado; e, ainda assim, nenhum de nós estava preparado para o que o toque hesitante do policial desencadearia. Mesmo agora, só consigo vislumbrar o acontecido como o cúmulo do horror e da repugnância. Para ser breve — o pobre invasor, que até uma hora atrás era um melanésio saudável e inclinado a maldades desconhecidas, era agora uma figura acinzentada, rígida como pedra, em uma petrificação coriácea em cada mínimo detalhe, assemelhando-se à blasfêmia que atravessara éons encurvada e que estava naquele mostruário violado.

E isso não era o pior. O estado em que se encontrava a múmia arrematava a nossa noite de horrores e, de fato, ficamos estupefatos antes de voltar nossa atenção aos corpos no chão. Não se podia mais chamar de vagas e sutis as mudanças pelas quais passou, pois eram evidentes as alterações drásticas em sua postura. Sua postura havia relaxado e cedido com uma surpreendente

perda de sua rigidez; suas garras ossudas afundaram-se a ponto de não cobrir mais o rosto coriáceo contorcido pelo medo; e — que Deus nos ajudasse! — seus malditos olhos esbugalhados tinham-se aberto e pareciam encarar diretamente os dois intrusos que haviam morrido de medo ou de algo pior.

Aquele olhar morto e lívido era hipnotizante e assustador, e ele nos assombrou por todo instante enquanto analisávamos os corpos dos invasores. Seu efeito sobre nós era terrivelmente estranho, pois sentíamos de alguma maneira como se uma rigidez se esgueirasse por nossos corpos, atrapalhando até mesmo os movimentos mais ordinários — uma rigidez que parecia sumir subitamente quando passávamos o pergaminho de mão em mão para examiná-lo. De vez em quando, sentia meu olhar atraído para aqueles olhos esbugalhados no mostruário e, quando voltei para estudá-los após ver os corpos, pensei ter detectado algo bem peculiar sobre a superfície vítrea daquelas pupilas escuras e surpreendentemente bem preservadas. Quanto mais eu olhava, mais fascinado ficava; até que fui ao meu escritório — apesar da estranha rijeza em meus membros — e trouxe comigo uma potente lupa multifuncional. Com ela, comecei a estudar detalhada e cuidadosamente a superfície daquelas inacreditáveis pupilas, enquanto os demais reuniram-se apreensivos à minha volta.

Eu sempre fui bem cético em relação à teoria de que cenas e objetos ficavam gravados na retina, em alguns casos de morte ou coma; ainda assim, olhando pelas lentes, logo notei a presença de um tipo de imagem, diferente do reflexo do saguão, naquele olhar vítreo e esbugalhado nesse inominável produto dos éons. Com certeza, havia uma cena delineada na superfície daquela retina antiga e, sem dúvidas, ela se formara com a última coisa que aqueles olhos viram em vida — milhares de anos atrás. Parecia estar-se esvaindo, e eu me atrapalhei um pouco com a lupa para posicionar a outra lente. Embora infinitamente pequena, a imagem deveria estar incrivelmente precisa e bem definida quando — reagindo a algum feitiço ou ato maligno ligado aos visitantes — confrontou os intrusos que morreram de medo. Com as lentes adicionais, consegui identificar muitos detalhes antes imperceptíveis, e o grupo maravilhado ao meu redor atentava-se à profusão de palavras que usei para tentar descrever o que via.

Pois aqui, no ano de 1932, um homem na cidade de Boston estava vendo algo que pertencia a um mundo completamente alienígena e desconhecido — um mundo que desaparecera da existência e da memória éons atrás. Havia uma área ampla — uma câmara ciclópica de alvenaria —, e parecia que eu observava de algum dos cantos. Nas paredes, havia marcações tão horrendas

que, até mesmo por essa imagem imperfeita, senti a bestialidade e blasfêmia contida nelas atingir-me. Era impossível de acreditar que quem fizera tais gravuras fosse humano ou tivesse alguma vez visto um ser humano antes de entalhar os terríveis contornos que zombavam de quem olhasse para elas. No centro da câmara, estava um enorme alçapão de pedra, aberto para permitir a ascensão de algum objeto das profundezas. O objeto devia estar perfeitamente visível — de fato, devia estar quando os olhos se abriram diante dos intrusos aterrorizados —, conquanto pelas minhas lentes fosse nada mais do que um borrão monstruoso.

Por um acaso, eu estava examinando o olho direito quando decidi usar a lente de aumento da lupa. Logo depois, desejei ardentemente que minha busca se tivesse encerrado ali. Contudo, o fulgor pela descoberta e pela verdade consumiu-me e eu passei minha lente aumentada por sobre o olho esquerdo da múmia, na esperança de encontrar uma imagem menos esvanecida naquela retina. Minhas mãos, tremendo com a excitação e inusitadamente rijas por algo além de minha compreensão, estavam aos poucos posicionando a lupa, mas, logo em seguida, percebi que a imagem estava menos esvanecida do que a do outro olho. E vi, em um relance brevemente mórbido, algo indistinto brotando por aquele alçapão na inesquecível e arcaica cripta ciclópica de um mundo já perdido — e desmaiei gritando horrorizado, do que não me envergonho nem um pouco.

Quando recuperei a consciência, não havia mais qualquer vestígio da imagem em nenhum dos olhos da monstruosa múmia. O sargento Keefe, da polícia, olhou usando minha lupa, pois eu não me atrevia a encarar aquela deidade sobrenatural de novo. E agradeci a todos os poderes cósmicos do Universo por eu não ter olhado antes. Foram necessárias todas as minhas forças, e muita persuasão, para conseguir relatar o que vislumbrei naquele odioso momento de descoberta. De fato, eu não consegui falar, até todos nos reunirmos em meu escritório, longe daquela coisa demoníaca que nem deveria existir. Pois comecei a nutrir a mais terrível e fantástica convicção sobre a múmia e aqueles olhos vidrados e esbugalhados — de certa forma possuíam uma maldita consciência, vendo tudo que ocorria diante de si e tentando em vão comunicar alguma mensagem assustadora dos confins do próprio tempo. Isso era loucura — mas ao menos achei que seria melhor contar apenas um pouco do que parcialmente vislumbrei.

Afinal, não havia muito a contar. Esgueirando-se e emergindo por aquele alçapão aberto na cripta ciclópica, eu vi uma monstruosidade tão inacreditável e gigantesca, que jamais duvidaria de seu poder de matar alguém só com um

mero olhar. Mesmo agora, eu não consigo descrever o que vi com palavra alguma ao meu dispor. Eu posso chamá-la de gigantesca; tentaculada; proboscídea; com olhos de polvo; semiamorfa; plástica; parcialmente escamosa e parcialmente rugosa — eca! Mas nada que eu pudesse dizer faria jus ao horror repugnante, profano, inumano e extragaláctico, ou àquele ódio e mal inevitável daquela cria proibida oriunda do caos sombrio de noites intermináveis. Conforme escrevo estas palavras, a imagem que associo mentalmente deixa-me levemente enjoado e a ponto de esmorecer. Ao contar o que vi para os homens em meu escritório, tive de me esforçar para manter a consciência que havia recobrado.

Meus ouvintes tampouco ficaram imunes. Nenhum homem disse um murmúrio sequer por quase quinze minutos, e então se ouviram referências surpresas e meio furtivas ao conto aterrorizante no Livro Negro e às recentes publicações jornalísticas relacionando os alvoroços dos cultos com os acontecimentos sinistros no museu. Ghatanothoa... Até mesmo uma minúscula e perfeita imagem dele conseguiria petrificar: T'yog... o falso pergaminho... ele jamais retornara... o pergaminho genuíno que poderia reverter completa ou parcialmente a petrificação... será que sobreviveu?... os cultos infernais... as frases ouvidas por aí... "Não é outro senão ele"... "Ele olhou em seu rosto"... "Ele sabe tudo, embora não possa ver ou sentir"... "Ele que trouxe o conhecimento através dos éons"... "O pergaminho genuíno o salvará"... "Nagob tem o pergaminho genuíno"... "Ele pode dizer onde o encontrar". Somente os primeiros raios cinzentos do amanhecer nos trouxeram de volta à sanidade; uma sanidade que encerrava o assunto sobre o que havíamos visto — algo que não se deveria mais explicar ou mesmo pensar.

Nós divulgamos apenas relatos parciais à imprensa e depois cooperamos com os jornais para impor outras censuras. Por exemplo, evitamos que começassem um novo furor, quando a necrópsia mostrou que tanto o cérebro quanto os órgãos internos do fijiano petrificado ainda pareciam vivos e sem sinais de petrificação, apesar de encerrados hermeticamente pela carapaça de carne petrificada — uma anomalia sobre a qual os médicos ainda debatiam perplexos e desconfiados. Nós sabíamos muito bem o que os jornalecos fariam se relatassem o que fora dito sobre o estado do cérebro intacto e ainda consciente das vítimas empedradas e coriáceas de Ghatanothoa.

Do jeito que estavam as coisas, os jornais indicavam que o homem que segurava o pergaminho de hieróglifos — e que, com certeza, o havia jogado para a múmia através da abertura no mostruário envidraçado — não estava petrificado, enquanto o homem, que não o havia segurado, estava. Quando

exigiram novos experimentos — colocando o pergaminho tanto no corpo de pedra e couro do fijiano, quanto no da própria múmia —, nós nos recusamos veementemente a ceder para tais superstições. Claro que a múmia havia sido retirada da exposição pública e fora transferida para o laboratório do museu a fim de aguardar uma análise genuinamente científica perante uma autoridade médica mais adequada. Relembrando os últimos acontecimentos, nós a mantivemos sob estrita vigilância, mas, ainda assim, uma nova tentativa de invasão ao museu ocorreu às 2h25 da madrugada do dia 5 de dezembro. O imediato soar do alarme antifurto frustrou os planos, embora infelizmente ninguém tenha sido apreendido.

Eu estou profundamente agradecido por nenhum outro indício ter vazado para o público. E desejo, fervorosamente, que não tenha nada mais a se saber. Haverá, claro, alguns vazamentos, e, se alguma coisa me acontecer, não sei o que meus procuradores farão com esse manuscrito; mas, ao menos, o caso não estará mais tão fresco na memória das pessoas quando a verdade for revelada. Além disso, ninguém acredita nos fatos quando eles finalmente vêm à tona. Isso que é o mais curioso nas pessoas. Quando seus jornalecos publicam algum indício, elas estão prontas para acreditar em tudo, mas, quando se deparam com a verdade absurda e estupenda, elas riem e dispensam-na como uma mentira qualquer. E, pela sanidade de todos, espero mesmo que seja assim.

Eu comentei antes sobre a análise científica que planejávamos fazer na horrível múmia. Ela aconteceu no dia 8 de dezembro, exatamente uma semana após a convergência dos assombrosos acontecimentos, e foi conduzida pelo estimado dr. William Minot, junto do taxidermista do museu, o especialista Wentworth Moore. O dr. Minot testemunhara a necrópsia do fijiano petrificado na semana anterior. Também estavam presentes os senhores Lawrence Cabot e Dudley Saltonstall, representando a administração do museu; os doutores Mason, Wells e Carver da equipe do museu; dois representantes da imprensa e eu mesmo. Durante a semana, a condição do exemplar tenebroso não sofreu nenhuma alteração visível, apesar de o relaxamento das fibras provocar o movimento leve naqueles olhos vidrados e arregalados de vez em quando. Todos os funcionários temiam olhar para aquela coisa — pois a insinuação de que estava observando quieta e consciente tornava-a algo insuportável —, e apenas me esforçando enormemente consegui participar da análise que se seguiria.

Dr. Minot chegou logo após a uma da tarde e, em poucos minutos, começou a investigar a múmia. Uma notável deterioração ocorreu sob seu toque, e em vista disso — e do que contamos em relação ao crescente

relaxamento do exemplar desde o dia primeiro de outubro — ele resolveu dissecá-la completamente, antes que o espécime sofresse qualquer outro dano. Com os instrumentos adequados entre os equipamentos do laboratório, ele enfim começou, exclamando alto ao analisar a natureza estranha e fibrosa da substância cinzenta e mumificada.

Ainda seguia exclamando em voz alta, conforme fazia a primeira incisão, pois daquele corte escorreu um denso fluxo de líquido escarlate, cuja natureza — apesar das infinitas eras separando o presente da época em que ela fora mumificada — era completamente inconfundível. Outras incisões mais precisas revelaram que vários órgãos estavam em surpreendentes estágios de preservação, sem petrificação — todos, na verdade, intactos, com exceção das poucas lesões que o exterior petrificado provocara com uma certa malformação ou deterioração. A semelhança com as condições encontradas durante a necrópsia do fijiano morto de medo era tão palpável, que o estimado médico sobressaltou-se perplexo. A perfeição daqueles assombrosos olhos arregalados era indescritível, e era difícil determinar com precisão o estado deles em relação à petrificação.

Às 3h30 da tarde, a caixa craniana foi aberta — e, dez minutos depois, o nosso atordoado grupo jurou sigilo, o que nem os documentos salvaguardados como este manuscrito poderão um dia mudar. Até mesmo os dois repórteres ficaram felizes em concordar. Pois da abertura revelou-se um cérebro vivo e pulsante.

Yig
O pai das serpentes

No Universo dos Mitos de Cthulhu, Yig é um dos Grandes Antigos mais atuantes. Interpretado por muitas civilizações ancestrais, ele assume a forma dos dragões chineses; da serpente emplumada; do deus da cura, cultuado pelos nativos americanos; de Set, o deus egípcio do mal; está presente também no mito haitiano da Serpente do Arco-íris e é personagem chave na fábula do Éden, em que se acredita ser a serpente que seduz Eva e leva à queda do Paraíso.

A serpente é a personificação da Besta, e, quando Yig adentrou a nossa realidade e teve de decidir qual forma assumir em nosso planeta, ele buscou aquela que inspirava maior terror na humanidade. O Grande Antigo é conhecido em várias partes do nosso planeta, visto como um deus extremamente enigmático, às vezes uma divindade sábia e benigna, outras vezes como um ser perverso, que exerce influência sobre todas as cobras e usa-as para espalhar a morte, o caos e sua implacável vingança.

A maldição de Yig

Em 1925, fui a Oklahoma em busca de conhecimento sobre serpentes, e saí de lá com um terror por tais répteis que me acompanhará pelo resto da vida. Admito que é uma tolice, visto que existem explicações naturais para tudo que vi e ouvi, mas ainda assim sou dominado pelo sentimento. Se fossem só as velhas histórias, eu não teria ficado tão abalado. Meu trabalho como etnólogo da cultura indígena americana tornou-me resistente a todo tipo de lendas extravagantes, e sei que homens brancos ultrapassam os peles-vermelhas no que diz respeito a criar invenções fantasiosas. Mas não consigo esquecer o que vi com meus próprios olhos no manicômio de Guthrie.

Visitei o manicômio porque alguns dos colonos mais antigos disseram-me que eu encontraria algo importante por lá. Nem os indígenas nem os homens brancos falavam a respeito das lendas do deus-serpente que eu tentava rastrear. Os recém-chegados operários do petróleo, é claro, nada sabiam sobre isso, e os indígenas e velhos pioneiros ficaram evidentemente assustados quando toquei no assunto. Não mais que seis ou sete pessoas mencionaram o manicômio, e as que o fizeram tiveram o cuidado de falar aos sussurros. Mas aqueles que sussurravam disseram que o Dr. McNeill poderia mostrar-me uma relíquia deveras terrível e contar-me tudo o que eu queria saber. Ele poderia explicar por que Yig, o pai meio-humano das serpentes, é tão evitado e temido em Oklahoma, e por que os antigos colonos estremecem com os festivais secretos dos indígenas, que tornam medonhos os dias e as noites de outono com o incessante batuque dos tantãs em lugares solitários.

Foi com o faro de um cão de caça seguindo a trilha que parti para Guthrie, pois havia passado muitos anos coletando dados sobre a evolução do culto às serpentes entre os indígenas. Sempre tive a percepção, a partir de indícios tirados de lendas e arqueologia, de que o grande Quetzalcoatl — o benigno deus das serpentes dos mexicanos — tinha um arquétipo mais antigo e mais sombrio; e durante os últimos meses eu quase provei minhas suspeitas com uma série de pesquisas que vão da Guatemala até as planícies de Oklahoma. Mas tudo era tão fascinante quanto incompleto, pois acima da fronteira o

culto à serpente era furtivo e coberto de medo.

Agora parecia que uma nova e abundante fonte de dados estava prestes a aparecer, e procurei o diretor do manicômio com uma empolgação que não tentei esconder. O Dr. McNeill era um homem pequeno e com a barba aparada, de idade um tanto quanto avançada, e imediatamente notei em seu jeito de falar e de se portar que era um estudioso sem realizações significativas em muitos ramos fora de sua profissão. Sério e duvidoso quando revelei minha missão, seu rosto logo ficou pensativo ao examinar com minúcia minhas credenciais e a carta de apresentação que um gentil ex-agente indígena me havia dado.

— Então você anda estudando a lenda de Yig, hein? — refletiu sentenciosamente. — Eu sei que muitos etnólogos de Oklahoma tentaram associá-lo ao Quetzalcoatl, mas acho que nenhum deles trilhou as etapas intermediárias tão bem. Você fez um trabalho notável para um homem que aparenta ser tão jovem, e certamente merece todos os dados que podemos fornecer.

“Suponho que nem o velho Major Moore nem os outros lhe tenham dito o que tenho aqui. Eles não gostam de falar sobre isso, e eu também não. É muito trágico e terrível, e só. Recuso-me a considerar como algo sobrenatural. Há uma história acerca disso, e a contarei depois que você tiver visto — uma história diabólica e triste, mas não a chamarei de mágica. Apenas mostra a influência que a crença exerce sobre algumas pessoas. Admito que existem momentos em que sinto um arrepio que ultrapassa a esfera física, mas à luz do dia atribuo tudo isso ao nervosismo. Ai de mim! Não sou mais um jovem!

“Indo direto ao ponto: o que tenho aqui é o que você pode chamar de vítima da maldição de Yig — uma vítima fisicamente viva. Não deixamos que a maioria das enfermeiras a veja, embora saibam que está aqui. Há apenas dois camaradas durões a quem confio a alimentação e a limpeza dos aposentos da vítima — costumavam ser três, mas o bom e velho Stevens faleceu há alguns anos. Suponho que precisarei encontrar um novo grupo em breve, pois a coisa não parece envelhecer ou sofrer grandes mudanças, e nós, velhotes, não duraremos para sempre. Talvez a ética de um futuro próximo nos permita uma soltura misericordiosa, mas é difícil dizer.

“Quando subiu a escada, você viu aquela janela solitária de vidro fosco no porão na ala leste? É ali que ela fica. Vou levá-lo até lá agora. Você não precisa tecer nenhum comentário. Basta olhar pelo painel móvel na porta e agradecer aos céus por a luz não ser mais intensa. Depois, contarei a história — ou o máximo dela que consegui reunir.”

Descemos as escadas de forma muito silenciosa, e não conversamos enquanto atravessávamos os corredores do porão aparentemente deserto. Dr. McNeill destrancou uma porta de aço pintada de cinza, mas era apenas uma divisória que levava a um trecho adicional do corredor. Por fim, parou diante de uma porta marcada como “B 116”, abriu um pequeno painel de observação, pelo qual ele só podia espiar se ficasse na ponta dos pés, e bateu várias vezes no metal pintado, como se quisesse despertar o ocupante, qualquer que fosse.

Um fedor fraco emanou da abertura quando o médico a escancarou, e imagino que suas batidas tenham provocado uma espécie de resposta baixa e sibilante. Por fim, ele fez um sinal para que eu tomasse seu lugar no painel de observação, e eu o fiz com um crescente tremor. A janela de vidro fosco, perto do piso do lado de fora, permitia a entrada de uma palidez fraca e incerta; e tive de fitar o covil fétido por alguns segundos antes de avistar o que rastejava e contorcia-se no chão coberto de palha, e que vez ou outra emitia um silvo fraco e inexpressivo. Então os contornos sombreados começaram a tomar forma, e percebi que a entidade contorcida apresentava uma semelhança remota com uma forma humana deitada de bruços. Agarrei a maçaneta da porta em busca de apoio enquanto tentava não desmaiar.

A criatura em movimento tinha quase o tamanho humano e estava totalmente desprovida de roupas. Não tinha pelos, e as costas fulvas pareciam sutilmente escamosas à luz fraca e macabra. Em volta dos ombros, era castanha e repleta de salpicos, com a cabeça curiosamente plana. Quando olhou para mim, vi que os olhinhos pretos e redondos eram terrivelmente antropoides, mas não consegui fitá-los por muito tempo. Prenderam-se em mim com uma persistência horrível, de modo que fechei o painel aos ofegos e deixei a criatura continuar seu movimento sinuoso em meio à palha emaranhada e ao crepúsculo espectral. Devo ter cambaleado, pois notei que o médico segurava gentilmente meu braço enquanto me guiava para longe. Gaguejei repetidas vezes: “M-mas, pelo amor de Deus, o que é isso?”.

O Dr. McNeill contou-me a história em seu consultório particular, quando me esparramei em frente a ele em uma poltrona. O ouro e o carmesim do fim da tarde transformaram-se no violeta do crepúsculo, mas eu ainda estava sentado, imóvel e estupefato. Ressentia-me com cada toque do telefone e zumbido da campainha, e poderia ter amaldiçoado as enfermeiras e ajudantes que vez ou outra batiam à porta e convocavam o médico brevemente para fora do escritório. A noite caiu e alegrei-me por meu anfitrião acender todas as luzes. Ainda que fosse um cientista, meu zelo pela pesquisa foi parcialmente deixado de lado em meio aos arroubos ofegantes de pavor como

os que um garotinho sentiria ao ouvir histórias de bruxas sendo sussurradas em frente à lareira.

Parece que Yig, o deus-serpente das tribos das planícies centrais — presumivelmente a fonte primordial do Quetzalcoatl ou do Kukulcan, mais ao sul — era um demônio estranho, semiantropomórfico, de natureza altamente arbitrária e caprichosa. Ele não era totalmente mau e costumava agir com boa vontade para com aqueles que davam o devido respeito a ele e a seus filhos, as serpentes; mas no outono ele ficava anormalmente faminto e tinha de ser afugentado por meio de ritos adequados. Era por isso que, no território dos indígenas Pawnee, Wichita e Caddo, os tantãs batiam incessantemente semana após semana em agosto, setembro e outubro; e era o motivo pelo qual os curandeiros faziam barulhos estranhos com chocalhos e apitos curiosamente semelhantes aos dos astecas e maias.

A principal característica de Yig era a devoção implacável a seus filhos — uma devoção tão grande que os peles-vermelhas quase temiam proteger-se das cascavéis peçonhentas que assolavam a região. Histórias terríveis sugeriam sua vingança contra os mortais que o desrespeitavam ou faziam mal às suas crias rastejantes; seu modo de agir consistia em transformar a vítima, após as torturas cabíveis, em uma cobra pintada.

Nos velhos tempos dos territórios indígenas, o doutor continuou a contar, não havia tanto sigilo a respeito de Yig. As tribos das planícies, menos cautelosas que os nômades do deserto e que os *pueblos*, conversavam abertamente sobre suas lendas e cerimônias outonais com os primeiros agentes indígenas, e deixavam que uma parte considerável do conhecimento se espalhasse pelas regiões vizinhas e assentamentos dos homens brancos. O grande medo teve início na época da corrida por terras, em 1889, quando houve boatos de alguns incidentes extraordinários, e tais boatos eram apoiados pelo que pareciam ser provas terrivelmente tangíveis. Os indígenas alegavam que os novos homens brancos não sabiam lidar com Yig, e depois os colonos passaram a acreditar nisso de olhos fechados. Agora, nenhum veterano da região central de Oklahoma, de pele branca ou vermelha, poderia ser induzido a comentar sobre o deus-serpente, exceto por algumas sugestões vagas. Afinal, o médico acrescentou com uma ênfase quase desnecessária, o único horror autêntico de que se tinha notícia tratava-se de uma tragédia lamentável, sem ser fruto de feitiçaria. Foi tudo muito material e cruel — até a última fase, que causou tanto alvoroço.

O Dr. McNeill fez uma pausa e pigarreou antes de começar sua história especial, e senti uma sensação de formigamento como a de quando a cortina

do teatro é aberta.

Tudo começara quando Walker Davis e a esposa Audrey saíram do Arkansas para se estabelecerem nas novas terras abertas ao público na primavera de 1889, e acabara no território dos Wichitas — ao norte do rio Wichita, no que atualmente é o Condado de Caddo. Agora há uma pequena vila chamada Binger por lá, e a ferrovia a atravessa; fora isso, o local é menos alterado que outras partes de Oklahoma. Ainda é uma área de fazendas e ranchos — bastante produtiva nos dias de hoje, já que os grandes campos de petróleo não ficam tão perto dali.

Walker e Audrey vieram do Condado de Franklin, em Ozarks, com uma carroça coberta de lona, duas mulas, um cachorro velho e inútil chamado "Lobo" e todos os utensílios domésticos. Eram pessoas típicas das colinas, jovens e talvez um pouco mais ambiciosos que a maioria, e ansiavam por uma vida com ganhos melhores por seu trabalho árduo do que aquela que tinham no Arkansas. Ambos eram indivíduos esguios e esqueléticos; o homem era alto, com cabelo cor de areia e olhos cinzentos, e a mulher era baixa e tinha pele morena, com cabelos lisos e negros que sugeriam ascendência indígena.

Em geral, havia pouca coisa digna de nota sobre eles e, exceto por uma particularidade, suas histórias talvez não fossem diferentes das de milhares de outros pioneiros que afluíram para o novo território naquela época. Essa particularidade era o medo quase epilético que Walker tinha de cobras, que alguns atribuíam a uma causa pré-natal, e outros diziam advir de uma profecia sombria com a qual uma velha indígena tentara assombrá-lo na infância. Qualquer que fosse a causa, o efeito era evidente; pois, apesar de dotado de uma grande coragem no geral, a simples menção a uma cobra deixava-o pálido e enfraquecido, e avistar até mesmo um espécime minúsculo provocaria um choque que por vezes beirava a convulsão.

Os Davis deixaram seu lar no início do ano, na esperança de estar em suas novas terras para a lavoura da primavera. A viagem fora lenta, pois as estradas no Arkansas eram ruins, e nos territórios indígenas havia grandes trechos de colinas onduladas e terrenos estéreis de areia vermelha, sem estrada alguma. À medida que o terreno ficava mais plano, a distância de suas montanhas nativas deixava-os mais deprimidos, talvez mais do que imaginavam; mas encontraram pessoas muito afáveis nas agências indígenas do governo, e a maioria dos indígenas estabelecidos parecia amigável e civilizada. De vez em quando, encontravam outro pioneiro, com quem geralmente trocavam gentilezas grosseiras e expressões de rivalidade amigável.

Por conta da estação do ano, não havia muitas cobras visíveis, então

Walker não fora acometido por sua peculiar fraqueza temperamental. Além disso, nos estágios iniciais da jornada, não havia lendas indígenas de serpentes para incomodá-lo; pois as tribos estabelecidas ali, no sudeste, não compartilhavam as crenças mais selvagens de seus vizinhos a oeste. E quisera o destino que um homem branco em Okmulgee, no território de Creek, fornecesse aos Davis o primeiro indício das crenças relativas a Yig; um indício que exercera um efeito curiosamente fascinante sobre Walker e levara-o a fazer inúmeras perguntas depois disso.

Em pouco tempo, o fascínio de Walker transformara-se em um caso severo de medo. Passara a tomar as precauções mais extraordinárias em cada um dos acampamentos noturnos, sempre arrancando a vegetação que encontrava e evitando lugares rochosos sempre que podia. Cada arbusto ressequido e cada fenda nas grandes rochas, semelhantes a lajes, pareciam-lhe esconder serpentes malévolas, e toda figura humana que evidentemente não integrava um assentamento ou grupo de emigrantes parecia-lhe um potencial deus-serpente até que a proximidade provasse o contrário. Felizmente, nesse estágio não houve encontros problemáticos que abalassem ainda mais seus nervos.

Ao se aproximarem das terras de Kickapoo, ficara cada vez mais difícil montar acampamento longe das rochas. Por fim, não era mais possível evitá-las, e o pobre Walker fora compelido a realizar a tarefa pueril de entoar alguns dos rústicos encantamentos contra serpentes que havia aprendido na infância. Duas ou três vezes chegara a avistar uma cobra, e essas ocasiões atrapalharam os esforços do pobre homem em manter a compostura.

Na vigésima segunda noite da jornada, um vento selvagem tornara imperativo, para o bem das mulas, que procurassem o local mais protegido possível para montar acampamento; e Audrey convencera o marido a aproveitar um penhasco que se avultava de forma notavelmente elevada sobre o leito seco de um antigo afluente do rio Canadian. O homem não gostara do aspecto rochoso do lugar, mas dera-se por vencido dessa vez. Carrancudo, guiara os animais até a encosta que forneceria proteção, cuja natureza do solo não permitiria que a carroça se aproximasse.

Ao examinar as rochas perto da carroça, Audrey notara que o cão débil e fraco farejava algo de forma singular. Pegando uma espingarda, ela seguira o animal e agradecera aos céus por ter feito aquela descoberta antes de Walker. Pois ali, aninhado confortavelmente na fenda entre duas pedras, estava algo que o homem não se sentiria bem em ver. Apenas um complicado emaranhado era visível, mas talvez se tratasse de até três ou quatro espécimes separados. O

aglomerado de contorções preguiçosas que não podiam ser outra coisa que não uma ninhada de cascavéis recém-chocadas.

Ansiosa para salvar Walker de um choque, Audrey não hesitara em agir, mas segurara o cano da arma com firmeza e golpeara repetidamente as criaturas que se contorciam. A repugnância que sentia era grande, mas não chegava a ser um medo. Por fim, vira que sua tarefa estava concluída e virara-se para limpar o porrete improvisado na areia vermelha e na grama seca e morta ali perto. Precisava, refletira, cobrir o ninho antes que Walker terminasse de amarrar as mulas e retornasse. O velho Lobo, aquela relíquia cambaleante que era uma mistura de pastor e coiote, havia desaparecido, e ela temia que ele tivesse ido buscar o dono.

Então, surgiram passos e seu medo fora comprovado. Um segundo a mais e Walker presenciaria tudo. Audrey fizera menção de pegá-lo caso o homem desmaiasse, mas ele apenas cambaleara. Então a expressão de puro medo em seu rosto lívido lentamente se transformara em uma mistura de reverência e raiva, e ele começara a censurar a esposa em uma voz trêmula.

— Pelo amor de Deus, Aud, mas por que você fez isso? Você não ouviu tudo que disseram sobre esse demônio-serpente Yig? Você deveria ter-me contado, e a gente iria embora. Não sabe que ele é um deus demoníaco que se vinga de quem machuca sua prole? Por que você acha que os Injuns dançam e tocam tambores no outono? Esta terra está amaldiçoada, eu lhe digo... Quase todas as almas com quem conversamos disseram a mesma coisa. Yig governa aqui, e ele sai todo outono para pegar suas vítimas e transformá-las em cobras. Minha nossa, Aud, nem mesmo os Injuns ou os Canayjin matam uma cobra! Nem por amor nem por dinheiro!

“Deus sabe o que você causou a si mesma, mulher, abatendo uma ninhada inteira da prole de Yig. Ele vai pegar você, sem sombra de dúvidas, mais cedo ou mais tarde, a menos que eu compre um amuleto com algum dos curandeiros Injun. Ele vai pegar você, Aud, certo como há um Deus no céu... Ele virá durante a noite e a transformará em uma cobra sinuosa e pintada!”

Durante todo o resto da jornada, Walker continuara com as assustadoras repreensões e profecias. Atravessaram o rio Canadian perto de Newcastle, e logo depois se depararam com os primeiros indígenas das planícies daquela jornada — um grupo de Wichitas enrolados em mantas, cujo líder falava abertamente sob o efeito do uísque oferecido a ele e ensinara ao pobre Walker um longo encantamento de proteção contra Yig em troca de um quarto da garrafa daquele líquido que o levara a falar. No fim da semana, chegaram ao local escolhido no território dos Wichita, e os Davis apressaram-se em

delimitar as fronteiras de seu terreno e realizar a lavoura de primavera antes mesmo de começar a construir uma cabana.

A região era plana, terrivelmente assolada pelo vento e com vegetação esparsa, mas prometia grande fertilidade no cultivo. Afloramentos ocasionais de granito diversificavam o solo de arenito vermelho, e aqui e ali uma grande rocha plana se estendia ao longo da superfície do solo como um piso feito pelo homem. Parecia haver pouquíssimas cobras, ou possíveis tocas para elas; então Audrey enfim convencera Walker a construir a cabana de um cômodo sobre uma vasta e lisa camada de pedra exposta. Com esse piso e uma lareira de bom tamanho, seria possível resistir ao clima mais úmido — embora logo tenha ficado evidente que a umidade não era uma característica notável da região. Troncos eram carregados na carroça, oriundos dos bosques mais próximos, por muitos quilômetros na direção das montanhas Wichita.

Walker construíra a cabana, dotada de chaminé larga e um celeiro rústico, com a ajuda de alguns dos outros colonos, embora o mais próximo estivesse a mais de um quilômetro de distância. Por sua vez, ele prestara auxílio a seus ajudantes em construções semelhantes, de modo que muitos laços de amizade surgiram entre os novos vizinhos. Não havia vilarejo notável entre aquele ponto e El Reno, na estrada de ferro que ficava cinquenta quilômetros a nordeste; e, antes que se passassem muitas semanas, as pessoas da região tornaram-se próximas, apesar da distância que as separava. Os indígenas que haviam começado a se estabelecer em fazendas eram em grande parte inofensivos, embora um tanto brigões quando estimulados pela bebida que, apesar de todas as proibições do governo, chegava até eles.

De todos os vizinhos, os Davis acharam que Joe e Sally Compton, também vindos do Arkansas, eram os mais prestativos e agradáveis. Sally ainda está viva, e agora é conhecida como Vovó Compton; e o filho Clyde, à época um bebê de colo, tornou-se um dos homens mais notáveis do estado. Sally e Audrey costumavam visitar-se com frequência, pois suas cabanas ficavam a apenas três quilômetros de distância; e nas longas tardes de primavera e verão trocavam muitas histórias sobre o velho Arkansas e especulavam sobre aquela nova terra.

Sally fora muito compreensiva com o temor que Walker sentia em relação às cobras, mas isso talvez tenha servido mais para agravar do que curar o nervosismo paralelo que Audrey estava adquirindo por conta das incessantes orações e profecias sobre a maldição de Yig. Ela conhecia uma quantidade notável de histórias horríveis sobre cobras, e causara uma impressão demasiado intensa com a melhor delas — a história de um homem no Condado de Scott

que havia sido picado por uma horda inteira de cascavéis ao mesmo tempo e ficara tão inchado devido ao veneno que o corpo acabara por explodir com um estalo. Nem é preciso dizer que Audrey não repetira essa anedota para o marido e implorara aos Compton que tomassem cuidado para não espalhá-la nas redondezas. É um mérito de Joe e Sally o fato de terem atendido a esse apelo prontamente.

Walker fizera o plantio do milho cedo e, no meio do verão, fizera uma colheita razoável do feno nativo da região. Com a ajuda de Joe Compton, cavara um poço que fornecia um suprimento moderado de uma água muito boa, embora planejasse perfurar um poço artesiano posteriormente. Não enfrentara muitos episódios sérios de sustos com cobras e deixara seu terreno o mais inóspito possível para os visitantes rastejantes. De vez em quando, cavalgava até o aglomerado de cabanas cônicas de colmo que consistia no principal vilarejo dos Wichitas e travava longas conversas com os velhos e xamãs sobre o deus-serpente e como aplacar sua ira. Os encantamentos eram sempre oferecidos em troca de uísque, mas muitas das informações que recebia estavam longe de ser tranquilizadoras.

Yig era um deus poderoso. Ele era um remédio amargo. Não se esquecia de nada. No outono, seus filhos ficavam famintos e selvagens, e Yig ficava faminto e selvagem também. Todas as tribos tomavam providências contra Yig quando a colheita do milho chegava. Ofereciam-lhe um pouco de milho e, usando os trajes adequados, dançavam ao som de apitos, chocalhos e tambores. Continuavam a batucar nos tambores para manter Yig afastado e pediam a ajuda de Tiráwa, de quem todos os homens são filhos, assim como as cobras são prole de Yig. Não era nada bom que a mulher Davis tivesse matado as crias de Yig. Os Davis deveriam entoar os encantamentos muitas vezes quando a colheita do milho chegasse. Yig é Yig. Yig é um deus poderoso.

Quando a colheita de milho chegara, Walker havia conseguido deixar a esposa em um estado de nervos deplorável. As rezas e encantamentos que havia aprendido passaram a ser um incômodo; e, quando os ritos de outono dos indígenas começaram, o vento trazia a batida contínua e distante dos tantãs para agravar a sensação sinistra. Era enlouquecedor ter o barulho abafado sempre percorrendo as vastas planícies vermelhas. Por que não parava nunca? Dia e noite, semana após semana, continuava em uma onda inesgotável, tão persistente quanto os ventos empoeirados e vermelhos que o carregavam. Audrey detestava o som mais do que o marido o odiava, pois Walker via no barulho um elemento compensador de proteção. Fora com essa

sensação de estar protegido por um poderoso baluarte intangível contra o mal que ele fizera a colheita de milho e preparara a cabana e o estábulo para o inverno seguinte.

O outono estava anormalmente quente, e, afora o uso para fazer comidas simples, os Davis pouco usaram a lareira de pedra que Walker construíra com tanto cuidado. Algo na anormalidade das nuvens quentes de poeira perturbava os nervos de todos os colonos, especialmente os de Audrey e Walker. A ideia de uma maldição das cobras pairando e o ritmo estranho e interminável dos tambores indígenas a distância formavam uma combinação maligna, e qualquer elemento bizarro adicional bastaria para torná-la totalmente insuportável.

Não obstante essa tensão, várias festividades foram realizadas em algumas das cabanas após o fim das colheitas, mantendo ingenuamente vivos, àquela época, os curiosos ritos de celebração da colheita que são tão antigos quanto a própria agricultura. Lafayette Smith, que viera do sul de Missouri e tinha uma cabana a cerca de cinco quilômetros a leste da de Walker, era um rabequeiro razoável; e suas músicas serviram para que as pessoas esquecessem o batuque monótono dos distantes tantãs. Então o Halloween se aproximava e os colonos planejaram outro divertimento — dessa vez, sem que tivessem conhecimento, de uma linhagem mais antiga que a agricultura; o pavoroso Sabá das Bruxas dos arianos primitivos, que se manteve vivo durante eras na escuridão da meia-noite em bosques secretos, e que ainda hoje sugere terrores vagos sob sua máscara de comédia e leveza. O Halloween cairia em uma quinta-feira, e os vizinhos concordaram em se reunir para a primeira festa, que aconteceria na cabana dos Davis.

Fora no dia 31 de outubro que a onda de calor chegara ao fim. A manhã estava cinzenta e chuvosa, e ao meio-dia os ventos incessantes haviam passado de tórridos para álgidos. As pessoas tremiam ainda mais por não estarem preparadas para o frio, e o velho cachorro de Walker Davis, Lobo, arrastara-se de forma exaurida para o interior da cabana e postara-se ao lado da lareira. Mas os tambores distantes ainda retumbavam, e os homens brancos continuavam decididos a seguir os ritos escolhidos. Às quatro da tarde, as carroças começaram a chegar à cabana de Walker; e à noite, depois de um churrasco memorável, a rabeca de Lafayette Smith inspirara um grupo considerável a realizar grotescos passos de dança em uma sala que, apesar de ter bom tamanho, estava apinhada de gente. Os mais jovens se entregavam às amáveis inanidades próprias da época e, de vez em quando, o velho Lobo uivava com uma tristeza ominosa de causar arrepios para algumas notas

especialmente espectrais da rabeca estridente de Lafayette — um instrumento que ele nunca tinha ouvido antes. Na maior parte da festividade, porém, o pobre e velho cão dormia alegremente; pois tinha passado da idade de se interessar ativamente e vivia em grande parte em seus sonhos. Tom e Gemine Rigby haviam trazido seu cachorro da raça collie, Zeke, mas os cães não se deram bem. Zeke parecia estranhamente desconfortável com alguma coisa e passara a noite toda vasculhando o local com curiosidade.

Audrey e Walker formavam uma bela dupla na pista de dança, e Vovó Compton ainda se lembra da impressão que eles causaram ao dançar naquela noite. Pareciam ter esquecido as preocupações momentaneamente, e Walker estava com a barba aparada e arrumado de um jeito surpreendente. Às dez horas, todos estavam saudavelmente cansados e os convidados começaram a partir, uma família atrás da outra, com muitos apertos de mão e comentários sobre as horas agradáveis que passaram juntos. Tom e Jennie pensaram que os uivos estranhos de Zeke, que os seguia até a carroça, eram de tristeza por ter de ir para casa; embora Audrey tenha dito que deviam ser os longínquos tantãs que o estavam incomodando, pois o estrondo distante parecia ainda mais assustador depois dos sons alegres da festa.

A noite era marcada por um frio mordaz e, pela primeira vez, Walker colocara uma grande tora na lareira e a envolvera com cinzas para mantê-la fumegante até a manhã seguinte. O velho Lobo arrastara-se para perto do brilho avermelhado e caíra em seu costumeiro sono pesado. Audrey e Walker, cansados demais para pensar em encantamentos ou maldições, jogaram-se na cama rústica de pinho e já tinham caído no sono antes que três minutos tivessem passado no despertador barato sobre a cornija da lareira. E, a distância, as batidas rítmicas daqueles tantãs infernais ainda pulsavam no vento gélido da noite.

O Dr. McNeill fez uma pausa nesse ponto e tirou os óculos, como se um borrão do mundo real pudesse tornar a visão remanescente mais clara.

— Você logo perceberá — disse ele — que tive muita dificuldade para desvendar tudo o que aconteceu depois que os convidados foram embora. Houve momentos, porém, em que pude tentar inferir.

Depois de um momento de silêncio, ele deu seguimento à história.

Audrey tivera pesadelos terríveis com Yig, que aparecera para ela disfarçado de Satanás, como representado em gravuras baratas que ela já tinha visto. Fora, de fato, com esse êxtase absoluto de pesadelo que ela despertara de repente e encontrara Walker já consciente e sentado na cama. Parecia estar ouvindo atentamente alguma coisa e a silenciara com um sussurro quando ela

começara a perguntar o que o havia despertado.

— Escute, Aud! — murmurara. — Você não ouve algo cantando, zumbindo e farfalhando? Será que são os grilos do outono?

De fato era possível distinguir um som no interior da cabana, exatamente como ele havia descrito. Audrey tentara analisá-lo e ficara impressionada com algum elemento ao mesmo tempo horrível e familiar que rondava as cercanias de sua memória. Ademais, despertando um pensamento hediondo, o ribombar monótono dos tantãs longínquos ecoava de modo incessante pelas planícies negras sobre as quais uma meia-lua nublada se havia postado.

— Walker... e se for... a... a maldição de Yig?

Ela podia senti-lo tremer.

— Não, mulher, eu não acho que aparece desse jeito. Ele tem a forma de um homem, a não ser que você o veja de perto. É o que o cacique Águia Cinzenta disse. Isso deve ser algum animalzinho que entrou para escapar do frio. Não grilos, imagino, mas algo do tipo. Eu deveria sair da cama e afastá-los antes que avancem ou cheguem ao armário.

Ele levantara-se, procurara o lampião que estava ao seu alcance e sacudira a caixa de fósforos de lata pregada na parede ao lado. Audrey sentara-se na cama e fitara a chama do fósforo tornar-se o brilho constante do lampião. Então, quando seus olhos foram capazes de observar todo o cômodo, as vigas rústicas tremeram com a intensidade dos gritos dos dois. Pois no piso plano e rochoso, iluminado pelo lampião recém-aceso, havia uma massa fervilhante e marrom de cascavéis sinuosas, deslizando em direção à lareira, e naquele instante viravam as cabeças repugnantes para ameaçar o portador do lampião.

Fora apenas por um instante que Audrey vira as criaturas. Os répteis eram de todos os tamanhos, de quantia inestimável e aparentemente de tipos diversos; e, enquanto ela olhava, duas ou três serpentes ergueram a cabeça como se fossem atacar Walker. Ela não desmaiara — fora a queda de Walker no chão que apagara o lampião e a mergulhara na escuridão total. Ele não gritara uma segunda vez — o medo o paralisara e ele caíra como se houvesse sido atingido por uma flecha silenciosa disparada por um arco irreal. Para Audrey, o mundo inteiro parecia girar de maneira fantástica, misturando-se ao pesadelo do qual ela havia acordado.

Era impossível fazer qualquer movimento voluntário, pois a vontade e o senso de realidade a haviam abandonado. Ela recostara-se inerte no travesseiro, torcendo para que logo acordasse. Nenhum senso real do que tinha acontecido invadira sua mente por algum tempo. Então, pouco a pouco, a suspeita de que estava de fato acordada começara a assomá-la; e ela vira-se em

uma mistura crescente de pânico e horror, que a levara a gritar, apesar do medo inibidor que a mantinha em silêncio.

Walker se fora e ela não tinha sido capaz de ajudá-lo. Fora morto por cobras, exatamente como a velha bruxa havia previsto quando ele era pequeno. O pobre Lobo também não fora capaz de ajudar — provavelmente nem sequer havia despertado de seu estupor senil. E naquele momento as criaturas rastejantes deviam estar indo atrás dela, contorcendo-se e aproximando-se cada vez mais no escuro, talvez se entrelaçando de forma escorregadia na cabeceira da cama e deslizando sobre os cobertores de lã grossa. Inconscientemente, ela se encolhera por baixo das roupas e tremera.

Devia ser a maldição de Yig. Ele havia mandado os filhos monstruosos na véspera do Dia de Todos os Santos, e eles pegaram Walker primeiro. Por quê? Ele não era inocente? Por que não foram atrás dela? Afinal, não fora ela quem matara aqueles filhotes de cascavel sozinha? Então ela pensara na maldição, como contada pelos indígenas. Ela não seria morta — apenas se transformaria em uma cobra pintada. Argh! Então ela seria como aquelas criaturas que vislumbrara no chão — aquelas criaturas que Yig havia enviado para buscá-la e fazê-la juntar-se a elas! Tentara murmurar uma reza que Walker lhe havia ensinado, mas descobrira que não conseguia emitir um único som.

O tiquetaquear do relógio se sobrepunha à batida enlouquecedora dos distantes tantãs. As cobras estavam demorando muito — será que era intenção das criaturas protelar para brincar com os nervos dela? Vez ou outra, ela julgava ter sentido uma pressão constante e insidiosa sobre as roupas de cama, mas todas se provaram ser apenas as contrações automáticas de seus nervos exauridos. O relógio tiquetaqueava no escuro, e uma mudança ocorrera lentamente em seus pensamentos.

Aquelas cobras *não poderiam* demorar tanto! Poderiam não ser as mensageiras de Yig, afinal, mas apenas cascavéis normais que estavam aninhadas sob a rocha e foram atraídas para superfície pelo fogo. Não estavam indo atrás dela, talvez... talvez se tivessem saciado com o pobre Walker. Onde estavam agora? Tinham ido embora? Estavam enroladas junto ao fogo? Ainda rastejavam sobre o cadáver prostrado de sua vítima? O relógio tiquetaqueava e os tambores distantes continuavam a ribombar.

Ao pensar no corpo do marido estirado naquela escuridão abismal, uma sensação puramente física de horror percorrera o corpo de Audrey. A história de Sally Compton sobre o homem do Condado de Scott! Ele também fora picado por um monte de cascavéis, e o que havia acontecido com ele? O veneno apodrecera a carne e inchara o cadáver, e no fim a coisa inturgescida

sofrera uma horrível explosão — uma explosão horrível com um detestável estalo. Era isso que estava acontecendo com Walker no chão de pedra? Instintivamente, ela sentira que começara a ouvir algo terrível demais para admitir até para si mesma.

O relógio tiquetaqueava, mantendo uma espécie de ritmo sarcástico e zombeteiro com o ribombar longínquo que o vento noturno trazia. Ela desejara que fosse um relógio carrilhão, pois assim saberia quanto tempo duraria essa vigília sobrenatural. Amaldiçoara a resistência de fibra mental que a impedia de desmaiar e perguntara-se que tipo de alívio o amanhecer poderia trazer, no fim das contas. Provavelmente os vizinhos apareceriam — sem dúvida alguém visitaria; será que eles a encontrariam ainda sã? Será que, naquele momento, ela ainda estava sã?

Ouvindo com uma atenção mórbida, Audrey tornara-se ciente de algo em que tivera de empregar todo o seu esforço mental antes que pudesse acreditar; algo que, uma vez identificado, ela não sabia se devia temer ou receber de bom grado. O ribombar distante dos tantãs indígenas havia cessado. Eles sempre a haviam tirado do sério — mas Walker não os considerava um baluarte contra o mal inominável de outro universo? O que fora mesmo que ele repetira para ela aos sussurros depois de conversar com Águia Cinzenta e os curandeiros Wichitas?

Ela não apreciava esse novo e repentino silêncio, afinal! Havia algo de sinistro nele. O tiquetaquear do relógio parecia anormal em sua nova solidão. Enfim capaz de movimentar-se de forma consciente, ela afastara as cobertas do rosto e fitara a escuridão em direção à janela. Deve ter clareado depois que a lua se pusera, pois ela vira a abertura quadrada destacar-se contra o fundo estrelado.

Então, sem aviso, viera aquele som chocante e indescritível — argh! Aquele estalo enfadonho e pútrido de pele que se fendia e veneno que escapava em meio à escuridão. Deus! A história de Sally. Aquele fedor obsceno e esse silêncio arrebatador e mordaz! Fora demais para aguentar. Os laços de mudez romperam-se, e na noite escura reverberaram os gritos frenéticos e desenfreados de Audrey.

A consciência não fora embora com o choque. Como teria sido misericordioso se tivesse ido! Em meio aos ecos de sua gritaria, Audrey ainda fitava o recorte quadrado da janela salpicado de estrelas à frente e ouvia o tiquetaquear agourento daquele relógio assustador. Ouvira outro som? O recorte da janela ainda era um quadrado perfeito? Ela não estava em condições de avaliar a veracidade de seus sentidos ou distinguir entre fato e alucinação.

Não — a janela não era mais um quadrado perfeito. Algo havia obstruído a borda inferior. Tampouco o tique-taque do relógio era o único som no cômodo. Havia, sem dúvida, uma respiração pesada, que não pertencia nem a ela nem ao Lobo. O cão sempre dormia de forma muito silenciosa, e o som chiado que emitia quando estava acordado era inconfundível. Então, contra as estrelas, Audrey vira a silhueta negra e demoníaca de algo antropoide — a massa ondulante de uma cabeça e ombros gigantescos seguindo lentamente em sua direção.

— Aaaaah! Aaaaaah! Vá embora! Vá embora! Vá embora, demônio-serpente! Vá embora, Yig! Eu não pretendia matá-las. Só tive medo de que ele ficasse assustado com elas. Yig, não! Eu não tive a intenção de machucar suas crias. Não chegue perto de mim! Não me transforme em uma cobra!

Mas a cabeça e os ombros quase amorfos apenas avançavam em direção à cama, muito silenciosamente.

Tudo estalara de uma só vez na mente de Audrey, e em um segundo ela passara de uma criança encolhida a uma louca furiosa. Sabia onde estava o machado — pendurado na parede, naquelas estacas perto do lampião. Estava ao seu alcance, e ela conseguiria tateá-lo no escuro. Antes que tivesse pensado em qualquer outra coisa, o machado já estava em suas mãos, e ela rastejava em direção aos pés da cama — em direção à cabeça e aos ombros monstruosos que se aproximavam cada vez mais. Se houvesse alguma luz, não teria sido agradável fitar a expressão no rosto dela.

— Tome isso, você! E isso, e isso, e mais isso!

Gargalhava de forma estridente agora, e suas risadas intensificaram-se ao ver que a luz das estrelas além da janela dava lugar a um turvo e pálido amanhecer.

O Dr. McNeill enxugou o suor da testa e colocou os óculos novamente. Esperei que ele voltasse a falar, mas, como permaneceu calado, perguntei baixinho:

— Ela sobreviveu? Foi encontrada? Isso já foi explicado?

O médico pigarreou.

— Sim, ela sobreviveu, de certa forma. E foi explicado. Eu lhe disse que não havia nada sobrenatural, apenas um horror cruel, lamentável e material.

Fora Sally Compton quem a encontrara. Na tarde seguinte, fora até a cabana dos Davis para conversar sobre a festa com Audrey e não vira fumaça na chaminé. Era algo estranho. O clima já estava mais cálido àquela altura, mas Audrey costumava cozinhar naquele horário. As mulas zurravam como se estivessem famintas no celeiro, e o velho Lobo não estava estirado sob o sol

em seu lugar costumeiro junto à porta.

Sally não gostara da aparência do lugar, por isso estava muito hesitante quando desmontara e batera à porta. Não teve resposta, mas esperara um pouco antes de tentar abrir a porta rústica de madeira. A fechadura, ao que parecia, estava destrancada; e ela lentamente entrara. Então, percebendo o que havia lá dentro, recuara, ofegara e agarrara-se ao batente para manter o equilíbrio.

Um odor terrível jorrara quando ela abrira a porta, mas não fora isso que a surpreendera. Fora a visão que tivera. Pois dentro daquela cabana sombria havia acontecido algo monstruoso, e três coisas chocantes permaneciam no chão para atemorizar e confundir quem as via.

Perto da lareira apagada estava o grande cão — a pele, desprovida de pelos por conta da sarna e da velhice, exibia uma podridão púrpura, e toda a carcaça havia explodido pelo inchaço causado pelo veneno de cascavel. Devia ter sido picado por uma verdadeira legião de répteis.

À direita da porta estavam os restos do que fora um homem, vestido com um camisão de dormir e com um lampião quebrado preso firmemente em uma das mãos. Não havia nenhum sinal de picada de cobra em seu corpo. Perto dele estava o machado coberto de sangue, descuidadamente descartado.

E contorcendo-se no chão estava uma coisa repugnante e de olhar vazio que outrora fora uma mulher, mas agora era apenas uma criatura muda e louca. Tudo o que a coisa conseguia fazer era sibilar, sibilar e sibilar.

A essa altura, tanto o médico quanto eu estávamos enxugando as frias gotículas de suor da testa. Ele serviu o conteúdo de um frasco que estava sob a mesa, tomou um gole e entregou outro copo para mim. Só me restou, de forma trêmula e estúpida, sugerir:

— Então Walker tinha apenas desmaiado a princípio... e os gritos o despertaram e o machado fez o resto?

— Isso mesmo. — A voz do Dr. McNeill adquiriu um tom baixo. — Mas ele acabou sendo morto por cobras da mesma forma. O medo que tinha delas agiu duplamente: fê-lo desmaiar e fê-lo encher a esposa com as histórias selvagens que a levaram a atacar quando ela pensou ter visto o demônio-serpente.

Refleti por um momento.

— E Audrey... Não é estranho como a maldição de Yig pareceu ter agido sobre ela? Suponho que as serpentes sibilantes tenham bastado para causar uma impressão e tanto.

— Sim. Houve momentos lúcidos no começo, mas ficaram cada vez mais

escassos. Seus cabelos ficaram brancos nas raízes à medida que cresceram e depois começaram a cair. A pele ficou manchada, e, quando ela morreu...

Eu o interrompi com um sobressalto.

— Morreu? Então o que era aquilo... aquela coisa lá embaixo?

McNeill respondeu de forma solene:

— Aquilo é o que nasceu dela três quartos de ano depois. Havia mais três deles... dois ainda piores, mas esse foi o único que sobreviveu.

Dagon
O Senhor dos Deep Ones

Dagon foi um deus semítico, uma entidade citada no Velho Testamento, devotada ao plantio e à agricultura, de particular importância para o povo conhecido como filisteus. É claro, Dagon assumiu uma face bem mais sinistra de acordo com a mitologia de Lovecraft. Ele é o Senhor dos Deep Ones, uma raça de criaturas meio-homem, meio-peixe, que venera o Grande Cthulhu, habita as profundezas dos mares e tem o incômodo hábito de sequestrar humanos e submeter mulheres à miscigenação.

Em "Dagon", Lovecraft não deixa claro se o monstro é realmente a entidade semítica venerada pelos filisteus. Não há alusão alguma nesse sentido, além da coincidência dos nomes. Lovecraft jamais deixou clara a origem de Dagon ou qual seria a sua intenção ao nomear a criatura com um homônimo da divindade semítica. Como muito de sua obra, os Mitos, em mais de um aspecto, permanecem como um mistério.

Dagon

Escrevo sob uma considerável tensão mental, já que esta noite posso não mais existir. Paupérrimo e no final da provisão da droga que serve como único alento em minha vida, não posso mais suportar a tortura; e lançar-me-ei por esta janela de sótão para a rua esquálida lá embaixo. Não pense você que por conta da minha escravidão à morfina sou um fraco ou um degenerado. Depois de ler estas páginas rabiscadas às pressas, você será capaz de estimar — sem jamais compreender totalmente — por que é que preciso tanto do esquecimento ou da morte.

Foi em uma das partes mais abertas e menos frequentadas do Pacífico que o paquete no qual eu era conferente de carga fez-se vítima do navio de guerra alemão. A grande guerra estava, então, bem no início, e as forças marítimas dos bárbaros ainda não tinham sucumbido à degradação final; de modo que nossa embarcação foi tomada como prêmio legítimo, embora tenhamos sido tratados pela tripulação com toda a justiça e consideração que nos cabia como prisioneiros de guerra. Tão liberal, na verdade, era a disciplina de nossos capturadores, que, cinco dias depois de sermos apanhados, consegui escapar sozinho em um pequeno barco, com água e provisões para um bom período de tempo.

Quando finalmente me vi à deriva e livre, tinha pouquíssima ideia de onde estava. Como nunca fora um navegador competente, eu podia apenas imaginar vagamente, pelo sol e pelas estrelas, que estava em algum lugar ao sul do Equador. Não tinha a menor ideia da longitude, e não havia nenhuma ilha ou litoral à vista. O clima permanecia ameno, e por incontáveis dias flutuei sem rumo debaixo do sol escaldante, esperando ser resgatado por um navio ou ser lançado na costa de alguma terra habitada. Mas nenhum navio ou terra aparecia, e comecei a entrar em desespero em minha solidão sobre a vastidão ondulante do azul interminável.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Os detalhes eu nunca saberei; porque meu sono, embora agitado e infestado de sonhos, era contínuo. Quando por fim acordei, descobri ter sido parcialmente tragado pela vastidão

lamacenta de um atoleiro negro e infernal. O lodo estendia-se ao meu redor em ondulações monótonas até onde minha vista podia alcançar, e nele, a alguma distância, estava encalhado meu barco.

Embora alguém possa muito bem imaginar que minha primeira sensação seria de espanto com uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, eu na verdade estava mais horrorizado do que espantado, pois havia no ar e no solo putrefato algo de sinistro que me arrepiava até o fundo de meu ser. A região fedia com as carcaças de peixes em decomposição e outras coisas menos descritíveis que eu via saltar da lama nojenta da interminável planície. Talvez eu não devesse nutrir esperança de expressar em meras palavras o indizível horror que pode existir em um silêncio absoluto e em uma imensidão estéril. Não havia nada ao alcance do ouvido e nada a ser visto, a não ser uma imensa extensão de lodo negro; mesmo assim, o caráter absoluto da imobilidade e a homogeneidade da paisagem oprimiam-me com um medo repugnante. O sol era escaldante em um céu sem nuvens que me parecia quase negro em sua crueldade, como que refletindo o pântano escuro que havia embaixo de meus pés. Enquanto me arrastava para dentro do barco encalhado, pensava que apenas uma teoria poderia explicar minha situação. Por algum tipo de erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do leito do oceano devia ter sido lançada para a superfície, expondo regiões que durante incontáveis milhões de anos permaneceram escondidas debaixo de profundezas aquáticas insondáveis. Tão grande era a extensão da nova terra que surgia embaixo de mim que eu não conseguia detectar o mais tênue ruído do oceano ondulante, por mais que forçasse os ouvidos. Também não havia nenhuma ave marinha para rapinar os animais mortos.

Por várias horas, fiquei pensando e ruminando sentado no barco que, tombado de lado, proporcionava-me um pouco de sombra à medida que o sol movia-se pelo céu. Com o avanço do dia, o chão foi ficando menos pegajoso e parecia provável que ficasse seco o bastante para que se pudesse andar sobre ele dentro de pouco tempo. Naquela noite dormi muito pouco, e no dia seguinte preparei um farnel com água e comida para uma jornada por terra em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, vi que o solo estava seco o bastante para que pudesse caminhar sobre ele sem dificuldade alguma. O cheiro de peixe era enlouquecedor; mas eu estava preocupado demais com coisas mais sérias para me importar com desgraça tão pequena, e parti com coragem para um destino incerto. Caminhei decidido para o oeste durante todo o dia, guiado por uma colina distante que era mais alta que qualquer outra elevação no deserto

ondulado. Acampei naquela noite, e no dia seguinte continuei minha jornada em direção à colina, embora esta não parecesse estar mais perto do que quando a avistei pela primeira vez. Na quarta noite, cheguei ao sopé da colina, que se mostrou muito mais alta do que parecia a distância. Um vale interposto encarregava-se de separar seu relevo escarpado da superfície em geral. Exausto demais para subir, dormi à sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas, antes que a lua no quarto minguante se erguesse alta no lado leste da planície, acordei suando frio e decidido a não dormir mais. Não conseguiria suportar outra vez visões como aquelas que experimentei nos sonhos. E, sob o brilho do luar, vi o quanto fui insensato em viajar durante o dia. Sem o calor intenso do sol escaldante, minha jornada ter-me-ia custado menos energia. De fato, eu agora me sentia capaz de levar a cabo a escalada que me havia desencorajado no crepúsculo. Peguei o farnel e parti para o cume da elevação.

Eu havia dito que a monotonia ininterrupta da planície ondulada era uma fonte de um horror indefinido para mim; mas creio que meu horror foi maior quando alcancei o cume do monte e olhei para baixo, do outro lado, para um imenso vale ou cânion cujos recessos negros a lua ainda não se havia erguido o suficiente para iluminar. Senti-me na beirada do mundo; olhando, por sobre a borda, para um caos impenetrável de escuridão eterna. Em meio a meu terror, perpassaram curiosas reminiscências do Paraíso Perdido, de Milton, e da tenebrosa ascensão de Satã pelos amorfos reinos das trevas.

À medida que a Lua se erguia no céu, comecei a notar que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginara. As saliências e protuberâncias das rochas forneciam bons apoios para uma descida e, além do mais, uns trinta metros abaixo, o declive tornava-se bastante ameno. Impelido por um impulso que não consigo analisar com clareza, desci com dificuldade pelas rochas até chegar à parte menos íngreme, e então olhei para as profundezas infernais onde nenhuma luz havia penetrado ainda.

De repente, minha atenção foi atraída por um objeto enorme e singular na encosta do outro lado, erguendo-se íngreme a cerca de cem metros à minha frente; o objeto reluzia com um brilho esbranquiçado sob os novos raios que a lua que se elevava concedia. De início imaginei que fosse apenas uma rocha gigantesca; mas de alguma forma tive a clara impressão de que o contorno e a posição do objeto não eram simplesmente uma obra da natureza. Um exame mais atento encheu-me de sensações que não consigo expressar, pois, apesar do tamanho e da posição em um abismo que se abrira no fundo do mar desde a juventude do mundo, percebi sem nenhuma dúvida que o estranho objeto

era um monólito bem moldado cujo volume maciço havia sido trabalhado e, talvez, adorado por criaturas vivas e pensantes.

Atordoado e assustado, mas com a empolgação dos cientistas ou dos arqueólogos, examinei os arredores com mais atenção. A lua, agora perto do zênite, brilhava de forma estranha e forte sobre os penhascos altaneiros que cercavam o abismo, revelando o fato de que um extenso curso d'água corria lá no fundo, serpenteando até se perder de vista em ambas as direções, e quase tocava meus pés enquanto eu permanecia de pé na encosta. Do outro lado do precipício, as ondulações da água lavavam a base do monólito colossal em cuja superfície eu agora podia identificar inscrições e esculturas inacabadas. A escrita fora feita em um sistema de hieróglifos que eu não conhecia e era diferente de tudo que eu já vira em livros; na maior parte, consistia em símbolos aquáticos convencionais, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e coisas do gênero. Diversos símbolos representavam coisas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície surgida do oceano.

Foram os entalhes pictóricos, no entanto, o que mais me deixou fascinado. Bem visível sobre a água interposta, graças ao tamanho gigantesco, havia uma coleção de baixos-relevos cuja temática teria provocado a inveja de Doré[1]. Imagino que aquelas coisas tinham o objetivo de representar pessoas — ou, pelo menos, um certo tipo de pessoas, embora as criaturas fossem mostradas divertindo-se, como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou homenageando algum santuário monolítico que também parecia estar sob as ondas. De seus rostos e formas não ouso falar com detalhes, pois a simples lembrança deixa-me aturdido. As criaturas, de um grotesco além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, eram infernalmente humanas nos contornos em geral, apesar das mãos e pés com membranas natatórias, dos lábios chocantemente largos e flácidos, dos olhos vidrados e salientes, e outras características ainda menos agradáveis de recordar. Curiosamente, as figuras pareciam ter sido entalhadas de forma desproporcional com relação ao cenário de fundo, pois uma das criaturas aparecia matando uma baleia que estava representada com um tamanho só um pouco maior que o dela. Como já disse, notei bem a monstruosidade e o estranho tamanho, mas no mesmo instante decidi que eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou de navegantes; alguma tribo cujo último descendente tinha perecido muitas eras antes do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou do Homem de Neandertal ter nascido. Impressionado diante daquele inesperado vislumbre de um passado além do que o mais ousado antropólogo

poderia conceber, fiquei ali contemplando em silêncio enquanto a lua lançava reflexos estranhos no canal silencioso diante de mim.

Então, de repente, eu vi. Com uma leve agitação para indicar sua subida à superfície, a Coisa deslizou para fora das águas escuras. Enorme e repulsiva como um Polifemo[2], disparou como um monstro assombroso surgido de um pesadelo em direção ao monólito, ao redor do qual atirou os gigantescos braços escamosos enquanto inclinava a cabeça medonha e dava vazão a alguns sons cadenciados. Acho que foi então que enlouqueci.

Pouco me recordo de minha subida frenética da encosta e do penhasco, de minha delirante viagem de volta ao barco encalhado. Creio que cantei bastante e que gargalhei de uma forma muito peculiar quando não conseguia mais cantar. Tenho vagas recordações de uma grande tempestade algum tempo depois de ter chegado ao barco. De qualquer forma, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros sons que a natureza exterioriza somente em seus humores mais terríveis.

Quando saí da escuridão, estava em um hospital de São Francisco, para onde tinha sido levado pelo capitão de um navio americano que recolhera meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, falei demais, mas descobri que não deram muita atenção às minhas palavras. Meus salvadores não sabiam nada a respeito de alguma terra que tivesse aflorado no Pacífico, e nem eu julguei necessário insistir em algo em que sabia que eles não poderiam acreditar. Certa vez procurei um famoso etnólogo e o diverti com perguntas estranhas acerca da antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-Peixe[3]; mas, percebendo logo que ele era extremamente tradicionalista, não insisti nas perguntas.

É durante a noite, especialmente quando a lua está em quarto crescente, que eu vejo a coisa. Tentei a morfina, mas a droga deu-me apenas um alívio temporário e arrastou-me para suas garras como um escravo sem esperança. Por isso vou acabar com tudo, deixando escrito um relato completo para a informação ou a diversão e o deboche de meus semelhantes. Muitas vezes me pergunto se tudo isso não poderia ter sido pura ilusão — um simples surto febril enquanto eu jazia, castigado pelo sol e delirando, naquele barco descoberto depois de minha fuga do navio de guerra alemão. Isso eu me pergunto, mas sempre me vem uma visão terrivelmente real em resposta. Não consigo pensar no mar profundo sem estremecer com as coisas inomináveis que podem, neste exato momento, estar-se arrastando e debatendo-se em seu leito lamacento, adorando seus antigos ídolos de pedra e entalhando sua própria e detestável semelhança nos obeliscos submarinos de granito encharcado. Sonho com o dia em que elas poderão elevar-se acima dos

vagalhões para arrastar para o fundo, com suas garras fétidas, os remanescentes dessa humanidade decrépita, devastada pela guerra — o dia em que a terra há de afundar, e o escuro leito do oceano erguer-se-á em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo escorregadio se movesse contra ela. Ela vai encontrar-me. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

1 Gustave Doré foi um dos mais populares e bem-sucedidos ilustradores de sua época. Ilustrou o "Paraíso Perdido", de Milton, e idealizou várias das criaturas de Lovecraft.

2 Polifemo é o filho gigante de Poseidon e Teosa na mitologia grega e um dos ciclopes descritos na Odisseia de Homero.

3 Dagon era um deus venerado pelos filisteus. Seu nome pode provir de dag, que significa peixe. Assim, ele é representado como um ser que é metade peixe e metade homem.

SERVIÇAIS E
RAÇAS INDEPENDENTES

PandorgA

H.P. LOVECRAFT

Serviçais e Raças Independentes

1ª edição

PandorgA

Direção editorial
Silvia Vasconcelos
Produção editorial
Equipe Pandorga
Preparação e edição
Jéssica Gasparini Martins
Revisão
Gabriela Peres
Tradução
Gabriela Peres
Fátima Pinho
Marsely de Marco
Diagramação
Marina Reinhold Timm
Composição de capa
Lumiar Design
Ilustrações de capa
Raphael Motta
Ilustrações internas
Lorde Jimmy
Conversão para e-Book
Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L897s

Lovecraft, H. P.

Serviçais e raças independentes / H. P. Lovecraft ; traduzido por Gabriela Peres, Fátima Pinho, Marsely de Marco ; ilustrado por Raphael Motta, Lorde Jimmy. - Cotia, SP : Editora Pandorga, 2020.
112 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-65-5579-043-6

Sumário

Serviçais e raças independentes

É de se imaginar que seres tão poderosos, que criam ou destroem o que existe, vão colecionar adoradores e, também, opositores.

Várias das entidades que compõem os Grandes Antigos possuem relações com outras raças menores. Essas espécies, diversas demais para serem catalogadas satisfatoriamente, agem como cultistas, como escravos, como serviçais e, acredite se quiser, como rebeldes.

Os chamados serviçais prestam homenagens e realizam trabalhos para os deuses, escolhem por conta própria se converter em servos fiéis das divindades. Por outro lado, há raças independentes que enfrentam o poder superior e não se sujeitam a ele, mas, que cedo ou tarde, terminam sendo aniquiladas pelas divindades. As que ainda restam, incapazes de fazer frente a eles, acabam lançadas no esquecimento.

Byakhee

Entre as raças serviçais, os byakhees talvez sejam aqueles que possuam o elo mais inquebrantável com seu superior. Servos de Hastur, um Grande Antigo - a Entropia Viva e, sobretudo, o Rei Amarelo -, os byakhees são tão vinculados a essa entidade que em suas aparições é quase impossível não haver vários deles presentes. Quando invocado em seus templos, Hastur é escoltado por hordas inteiras de byakhees que voam frenérticamente, rodopiando ao redor de seu mestre. Nas ocasiões em que o Rei Amarelo é chamado para assumir sua posição régia no trono, por vezes os byakhees são igualmente convocados, postando-se ao lado do trono, exercendo a função de defender seu amo. Mesmo quando agindo solitariamente, os byakhees estão de alguma forma associados a Hastur, seja descendo dos céus para proteger um templo da presença de profanadores ou para capturar sacrifícios como parte de algum ritual.

O festival

"*Efficiunt Daemones, ut quae non sunt, sic tamen quasi sint, conspicienda hominibus exhibeant.*"[1]

Lactantius

Eu estava longe de casa, e o feitiço do mar oriental havia recaído sobre mim. Ao crepúsculo, eu o ouvia batendo nas rochas e sabia que ele ficava logo depois da colina em que os salgueiros se remexiam diante do céu claro e as primeiras estrelas da noite. E como meus pais haviam me convidado para a velha cidade mais adiante, atravessei a neve rasa que havia acabado de cair ao longo da estrada que subia até onde Aldebarã dançava por entre as árvores; na direção da cidade muito antiga, que eu nunca tinha visto, mas com a qual várias vezes sonhara.

Era o Yuletide, que os homens conhecem como Natal, embora saibam, em seus corações, que é mais antigo que Belém e a Babilônia, mais velho que Mênfis e a própria Humanidade. Era o Yuletide, e eu havia finalmente chegado à antiga cidade costeira em que meu povo havia habitado e mantido a festividade mesmo nos velhos tempos, quando ela era proibida; ali eles também haviam orientado seus filhos a manterem o festival uma vez a cada século. Dessa forma, a memória dos segredos primais não seria esquecida. Meu povo era antigo, e já era antigo mesmo quando a terra foi colonizada, três séculos atrás. E eram tipos estranhos, porque tinham vindo como um povo furtivo e obscuro dos jardins de papoulas narcóticas do sul, e falavam outra língua antes de aprenderem a língua dos pescadores de olhos azuis. E estavam dispersos, e compartilhavam apenas os rituais de mistérios que nenhum ser vivente poderia entender. Naquela noite, eu era o único que tinha voltado à velha cidade pesqueira, como dizia a lenda, pois apenas os pobres e solitários lembravam.

Então, além do cume da colina, vi Kingsport com seus moinhos e

campanários, telhados e chaminés, portos e pequenas pontes, salgueiros e cemitérios; intermináveis labirintos de ruas íngremes, estreitas e cheias de curvas, e vertiginosas torres de igrejas que o tempo não ousou tocar; uma confusão incessante de casas coloniais, amontoadas e espalhadas em todos os ângulos e níveis, como os blocos de montar das brincadeiras de uma criança; antiguidades pairando com asas cinzentas abertas em telhados duplos, embranquecidos pelo inverno; janelas cobertas por cortinas, uma a uma piscando na escuridão fria para se juntar a Órion e às estrelas arcaicas. E o mar batia com força contra os cais apodrecidos; o mar do qual as pessoas tinham vindo nos tempos antigos mantinha-se imemorial e cheio de segredos.

Ao lado do alto da rua, uma elevação ainda maior começava, sombria e dominada pelo vento, e vi que era um cemitério, onde lápides negras fincavam-se fantasmagoricamente por toda a neve, como as unhas apodrecidas do cadáver de um gigante. A rua era vazia e solitária, e às vezes parecia que estava a ouvir, no vento, um horrível e distante gemido, como um enforcamento. Eles haviam enforcado quatro parentes meus por bruxaria em 1692, mas eu não sabia exatamente o local.

Na encruzilhada da rua com a ladeira voltada para o mar, procurei atentar-me aos sons alegres de um entardecer de aldeia, mas não os ouvi. Então lembrei em que época estávamos, e achei que fosse bem provável que aquele velho povo puritano tivesse costumes natalinos estranhos a mim, cheios de orações silenciosas. Então, depois que eu não ouvi sons alegres nem vi peregrinos, fiquei observando as casas silenciosamente iluminadas, e os muros sombrios de pedras, com as placas das velhas lojas e tavernas batendo contra a brisa salgada, e as campainhas de ferro grotescas penduradas nas portas cintilavam ao longo das ruas sem pavimento, à luz de pequenas janelas acortinadas.

Eu tinha visto mapas da cidade, e sabia onde encontrar a casa do meu povo. Disseram-me que eu seria reconhecido e bem-vindo, pois velhas tradições da aldeia têm vida longa; então apressei-me pela Back Street até a Cicle Court, e atravessei a neve fresca sobre todo o pavimento que cobria a cidade, até onde a Green Lane levava aos fundos da Market House. Os velhos mapas ainda eram precisos, e não tive problema algum; a não ser em Arkham, pois não era verdade que passavam bondes por ali, já que não vi um único fio no alto dos postes. Mas, de qualquer forma, a neve teria coberto os trilhos. Estava satisfeito por ter decidido caminhar, pois a aldeia branca parecia muito bonita da colina; e agora eu estava ansioso por bater à porta do meu povo, a sétima casa à esquerda na Green Lane, com um antigo telhado pontiagudo e

um segundo andar saliente, tudo construído antes de 1650.

Havia luzes dentro da casa quando me aproximei, e vi pelas vidraças entrelaçadas que deveria estar muito próxima de seu estado antigo. A parte superior elevava-se pela rua estreita coberta de grama, e quase se deparava com a varanda da casa em frente, de forma que eu parecia estar dentro de um túnel, com o degrau de pedra da porta totalmente coberto pela neve. Não havia calçada, mas muitas casas tinham portas altas com soleiras de degraus duplos e corrimãos de ferro. Era uma cena estranha, e, como eu não conhecia a Nova Inglaterra, nunca havia visto algo assim antes. Embora aquilo tivesse me agradado, eu teria saboreado melhor se houvesse pegadas na neve, pessoas nas ruas e algumas janelas descortinadas.

Quando bati a aldrava de ferro, fiquei com um pouco de medo. Sentia o medo crescendo dentro de mim, talvez por causa do estranhamento da minha herança, da falta de movimento e do silêncio bizarro da manhã naquela velha cidade de costumes intrigantes. E quando minha batida foi respondida, o pavor tomou conta de mim, pois não havia ouvido passo algum antes de a porta abrir com um rangido. Mas não fiquei com medo por muito tempo, pois o velho senhor de pijama e chinelos na entrada tinha um rosto sereno que me tranquilizou; e, apesar de ter feito sinais de que era surdo, escreveu uma curiosa e antiga saudação com o estilete e a tabuleta de cera que carregava.

Acenou para que eu o seguise até uma sala de pé-direito baixo, iluminada por velas, com caibros expostos e móveis escuros, formais e esparsos, do século XVII. O passado estava vivo ali, nenhum atributo tinha sido perdido. Havia uma lareira cavernosa e uma máquina de fiar próxima na qual uma mulher idosa, usando um manto e uma touca comprida, estava sentada fiando silenciosamente, apesar da época festiva. Uma angústia indefinida parecia pairar sobre o recinto, e fiquei admirado pelo fogo não estar aceso. O quarto em frente às janelas acortinadas parecia estar ocupado, embora não fosse possível ter certeza.

Não gostei de tudo o que vi, e senti o temor surgir novamente. O medo ficou mais forte do que estava antes de ser abrandado. Quanto mais olhava para o rosto sereno do velho, mais o seu excesso de serenidade aterrorizava-me. Os olhos nunca se moviam, e a pele assemelhava-se à cera. Finalmente convenci-me de que não era realmente um rosto, e sim uma habilidosa máscara demoníaca. Suas mãos fantásticas, curiosamente cobertas por luvas, escreveram na tabuleta com impressionante habilidade e disseram-me que eu deveria esperar um pouco para ser levado ao local da festividade.

Indicando uma cadeira, uma mesa e uma pilha de livros, o velho deixou a

sala; e quando me sentei para ler, vi que os livros estavam esbranquiçados e cheios de bolor, e que entre eles havia o velho *Maravilhas da Ciência*, de Morryster, o terrível *Saducismus Triumphatus*, de Joseph Glanvill, publicado em 1681, o chocante *Daemonolatreia*, de Remigius, publicado em 1681, em Lyon, e o pior de todos, o impronunciável *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Al Hazred, na tradução latina proibida de Olaus Wormius; um livro que eu nunca tinha visto, mas do qual ouvira sussurrarem coisas monstruosas.

Ninguém falou comigo, mas dava para ouvir o bater das placas ao vento no lado de fora, e o zumbido da roca enquanto a velha de touca continuava silenciosamente a fiar e fiar. Achei a sala, os livros e as pessoas, muito mórbidos e inquietantes, mas, por causa da velha tradição de festividades estranhas a qual meus pais tinham me convocado, pressupus que coisas esquisitas fariam parte. Então tentei ler, e logo comecei a tremer, absorvido por algo que descobri ser o malfadado *Necronomicon*, um pensamento e uma lenda muito hedionda para qualquer pessoa sã ou consciente, mas me distraí quando supus ouvir o fechar de uma das janelas que ficava em frente à lareira, como se ela tivesse sido aberta furtivamente. Pareceu seguir-se um zumbido que não vinha da máquina de fiar da velha. Não pude ouvir bem, no entanto, pois a velha estava fiando com vigor, e o relógio antigo badalava. Depois disso, perdi a sensação de que havia pessoas no local, e estava lendo intensa e tremulante quando o velho voltou, usando botas e uma roupa folgada antiga, e sentou-se no mesmo banco, de forma que eu não podia vê-lo.

Era certamente uma espera nervosa, e o livro blasfemo nas minhas mãos a tornava duas vezes maior. Contudo, ao soar das onze badaladas, o velho se levantou, foi até uma arca sólida esculpida que estava em um canto, e pegou dois mantos encapuzados; um dos quais colocou, e com o outro cobriu a velha, que tinha parado seu fiar monótono. Os dois se dirigiram à porta externa; a mulher arrastou-se, mancando, e o velho, depois de pegar o mesmo livro que eu estava lendo, acenou para mim enquanto colocava o capuz sobre o rosto – ou máscara – imóvel.

Saímos para as ruas sinuosas e escuras daquela cidade incrivelmente antiga; saímos enquanto as luzes nas janelas acortinadas desapareciam uma a uma, e a Estrela do Cão espreitava a multidão de figuras cobertas e encapuzadas que saíam silenciosamente de cada porta e formavam uma procissão monstruosa rua acima, passando pelas placas barulhentas, pelos frontões arcaicos, pelos telhados de palha e pelas janelas entrelaçadas; atravessando ruas íngremes, em que casas decadentes sobrepunham-se e amontoavam-se, deslizando por pátios abertos e cemitérios de igrejas, onde

postes de luz faziam as constelações parecerem assustadoramente bêbadas.

Em meio à multidão, segui meus guias silenciosos; empurrado por cotovelos que pareciam extraordinariamente macios, e pressionado por peitorais e barrigas que pareciam estranhamente felpudos; mas sem nunca ver um rosto e nunca ouvir sequer uma palavra. Em frente, as colunas sinistras arrastavam-se, e vi que todos os peregrinos convergiam a uma espécie de foco de becos loucos no topo de uma colina alta no centro da cidade; de lá elevava-se uma grande igreja branca. Já a tinha visto do alto da estrada quando observei a noite caindo em Kingsport, e estremeci ao avistá-la, pois, por um momento, parecia que Aldebarã estava se balançando na torre fantasmagórica.

Havia um campo aberto ao redor da igreja; uma parte era um cemitério com lápides espectrais, e a outra era uma praça semipavimentada, e o vento havia praticamente retirado toda a neve de lá. Ao redor da praça havia casas antigas e malconservadas, com telhados pontiagudos e varandas salientes. Fogos-fátuos dançavam sobre as tumbas, revelando alamedas repugnantes, embora estranhamente não fizessem sombra. Depois do cemitério, onde não havia casas, podia-se ver acima do cume da colina e observar o cintilar das estrelas no porto, pois a cidade era invisível no escuro. De vez em quando, uma lanterna meneava horrivelmente pelos becos tortuosos em seu caminho para juntar-se à multidão, que agora entrava furtiva e silenciosamente na igreja. Esperei até que a multidão tivesse penetrado pela porta negra, e até que todos os que ali se acotovelavam tivessem passado. O velho puxava minha manga, mas eu estava determinado a ser o último. Atravessando a soleira em direção ao templo da escuridão desconhecida, que estava cheio como uma colmeia, virei-me uma vez para olhar o mundo exterior, onde uma fosforescência vinda do cemitério exibia um brilho doentio no pavimento da colina, e no mesmo instante estremeci. Pois, embora o vento não houvesse deixado muita neve, ainda havia um pouco perto da porta e, ao olhar para trás, pareceu aos meus olhos confusos que não havia nenhuma marca de pegadas, nem mesmo as minhas.

A igreja estava parcamente iluminada por todas as lanternas trazidas pelos fiéis, e a maior parte da multidão já havia desaparecido. Eles tinham afluído para a nave entre os bancos altos e os alçapões das criptas, que se abriram repugnantemente, logo depois do púlpito, e estavam se contorcendo silenciosamente. Em silêncio, subi os degraus gastos em direção à cripta escura e sufocante. A fila silenciosa em marcha noturna dava uma impressão horrível, e vê-los contorcendo-se para entrar em uma tumba de veneração causava-me uma impressão ainda mais horrível. Então notei que o chão da tumba tinha

uma fresta pela qual a multidão deslizava, e, em seguida, todos nós estávamos descendo uma escadaria agourenta talhada em pedra bruta; uma escadaria helicoidal estreita, úmida e peculiarmente perfumada, que parecia não ter fim, e penetrava em direção às entranhas da colina, passando por paredes monótonas de blocos de pedras gotejantes e argamassa desmoronada. A descida foi traumatizante e silenciosa, e, depois de um intervalo horrível, percebi que as paredes e degraus estavam mudando sua natureza, como se tivessem sido escavadas na rocha sólida. O que mais me perturbou foi que as miríades de passos não emitiam sons e nem produziam ecos. Depois de uma descida que parecia durar uma eternidade, vi algumas passagens laterais ou refúgios, que levavam de recantos desconhecidos da escuridão àquela trilha de mistério noturno. Em instantes, tornaram-se inúmeras, como catacumbas ímpias de ameaças inomináveis; e o odor pungente de decadência aumentava e beirava o insuportável. Eu sabia que devíamos ter atravessado a montanha e estávamos agora abaixo da própria Kingsport, e estremeci ao pensar que uma cidade poderia ser tão velha a ponto de possuir subterrâneos tão diabólicos.

Então vi o bruxulear lívido de uma luz pálida, e ouvi o marulho insidioso de águas escuras. Novamente estremeci, pois não havia gostado das coisas que a noite tinha trazido, e desejava amargamente que nenhum antepassado tivesse me obrigado àquele rito primitivo. À medida que os degraus e a passagem ficavam mais largos, ouvi outro som, o lamento agudo de uma flauta débil; e de súbito surgiu à minha frente a paisagem ampla de um mundo interior: uma vasta costa coberta por fungos, iluminada por uma coluna que vomitava uma doentia chama esverdeada, e banhada por um largo rio oleoso que fluía dos abismos assustadores e desconhecidos para se juntar à baía negra do oceano arcaico.

Ofegando, a ponto de desmaiar, olhei para o jardim profano de imensos cogumelos, para o fogo leproso e a água viscosa, e vi a multidão vestindo túnicas, formando um semicírculo ao redor do pilar em chamas Era o rito do Yule, mais antigo do que o homem, e fadado a sobreviver a ele; o rito primitivo do solstício e a promessa de primavera após a neve; o rito do fogo e das plantações, da luz e da música. E nas grutas estígias, eu os vi realizar o ritual, e idolatrar o pilar doentio de chamas, atirando na água punhados da vegetação que reluziam verdes ao brilho clorótico. Vi aquilo tudo e algo agachado de forma amorfa, distante da luz, tocando ruidosamente uma flauta; e enquanto a coisa tocava, pensei ouvir sibilos nocivos e abafados na escuridão fétida em que eu nada via. Contudo, o que mais me aterrorizou foi a coluna de chamas; brotando, como se fosse um vulcão, das profundezas inconcebíveis,

sem produzir sombra alguma, como as chamas em geral produzem, e cobrindo a rocha nitrosa com um tom de verde sórdido e venenoso. Toda aquela combustão fervilhante não produzia calor algum, mas apenas umidade de morte e decomposição.

O homem que tinha sido meu guia até ali contorceu-se até chegar a um ponto diretamente ao lado da chama odiosa, e fez movimentos cerimoniais rígidos para o semicírculo à sua frente. Em certos estágios do ritual, faziam reverências em que tinham de se agachar, especialmente no momento em que o homem segurou acima de sua cabeça aquele detestável *Necronomicon* que trouxera consigo; e eu compartilhei todas as reverências, porque tinha sido convocado ao festival pelos pergaminhos dos meus ancestrais. Então, o velho fez um sinal ao flautista semioculto nas trevas, cujo toque passou de um zumbido fraco para um zumbido escasso mais alto em outra escala, precipitando um horror inimaginável e inesperado. Com tal horror, quase afundei na terra coberta de liquens, trespassado por um temor que não pertencia a este ou a nenhum outro mundo, mas apenas aos espaços enlouquecedores entre as estrelas.

Vindas da inimaginável escuridão além do brilho gangrenoso da chama fria, das léguas tartáricas pelas quais o rio oleoso corria sobrenatural, oculta e obscuramente surgiu uma horda de seres alados e híbridos domesticados, que nenhum olho prudente jamais poderia captar e nenhum cérebro normal jamais poderia recordar. Não eram propriamente nem corvos, nem toupeiras, nem abutres, nem formigas, nem morcegos vampiros, nem seres humanos decompostos. Eram algo que não posso e não devo recordar. Eles sacudiam um pouco os pés, cobertos de teias, e as asas membranosas; e, quando alcançaram a multidão de celebrantes, as figuras encapuzadas as pegaram e montaram-nas, e saíram, uma a uma, cavalgando ao longo da extensão daquele rio mal iluminado, em direção a poços e galerias de pânico onde nascentes venenosas mantinham cataratas ocultas.

A velha fiandeira tinha ido com a multidão, e o velho só ficara porque eu tinha recusado quando ele tentou me motivar a pegar um animal e cavalgá-lo como o resto. Eu vi, quando cambaleei sobre meus pés, que o flautista amorfo havia desaparecido, mas os dois monstros esperavam pacientemente. Quando recuperei o equilíbrio, o velho tirou o estilete e a tabuleta e escreveu que ele era o representante dos meus ancestrais que tinham fundado o culto do Yule naquele local antigo; que tinha sido decretado que eu voltaria, e que os mistérios mais secretos ainda estavam para ser apresentados. Ele escreveu aquilo com caligrafia muito antiga, e, como eu ainda hesitava, tirou da túnica

folgada um anel e um relógio, ambos com os símbolos da minha família, para provar que ele era o que dizia ser. Mas era uma prova revoltante, pois eu sabia por manuscritos antigos que o relógio tinha sido enterrado com meu tatatataravô em 1698.

Em seguida, o velho tirou o capuz e apontou para a semelhança da família em seu rosto, mas eu apenas estremeci, porque estava certo de que aquele rosto era apenas uma máscara demoníaca. Os animais alados estavam agora arranhando impacientemente os liquens, e eu vi que o velho também estava perdendo a paciência. Quando uma das criaturas começou a se mexer para ir embora, ele se virou rapidamente para detê-la; o movimento repentino desalojou a máscara de cera do que outrora deve ter sido sua cabeça. E então, porque aquela posição de pesadelo impedia-me de voltar à escada de pedra de onde viéramos, joguei-me no rio oleoso que borbulhava de algum lugar das cavernas até o mar; joguei-me naquele suco putrefato dos horrores do interior da Terra, antes que a loucura de meus gritos trouxesse toda aquela legião mortuária que os abismos pestilentos ocultavam.

No hospital, disseram-me que eu havia sido encontrado semicongelado no porto de Kingsport ao amanhecer, agarrado ao tronco flutuante que o acaso mandou para me salvar. Disseram-me que eu havia entrado na bifurcação errada na estrada da colina na noite anterior e caído dos penhascos em Orange Point, algo que deduziram a partir das pegadas encontradas na neve. Não havia nada que eu pudesse dizer, porque tudo estava errado. Tudo estava errado, com as janelas largas mostrando um mar de telhados nos quais apenas um em cinco era antigo, e o som de bondes e motores nas ruas abaixo. Eles insistiram que ali era Kingsport, e eu não podia negar. Ao ouvir que o hospital ficava perto do velho cemitério da igreja na colina central, comecei a delirar e eles me transferiram para o St. Mary's Hospital, em Arkham, onde eu receberia um tratamento mais adequado. Gostei de lá, pois os médicos tinham mentes abertas, e até usaram sua influência para obter a cópia cuidadosamente guardada do condenável *Necronomicon*, de Al Hazred, da biblioteca da Universidade de Miskatonic. Disseram-me algo sobre uma "psicose", e concordei que deveria tirar todas as obsessões mórbidas de minha mente.

Lendo o capítulo assustador, estremeci duplamente porque não era algo novo para mim. Eu o tinha visto antes, que as pegadas sejam minhas testemunhas; e seria melhor esquecer onde o tinha visto. Não havia ninguém – durante o dia – que pudesse me lembrar daquilo; mas meus sonhos eram cheios de terror, devido a expressões que não devo citar. Ouso citar apenas um parágrafo, traduzido para nossa língua da melhor forma que consegui do

estranho baixo-latim.

“As cavernas mais inferiores”, escreveu o árabe louco, “não são para a compreensão dos olhos que veem; pois suas maravilhas são estranhas e terríveis. Amaldiçoado é o chão onde pensamentos mortos vivem em novos e estranhos corpos, e maligna é a mente que não se mantém por cabeça alguma. Como Ibn Schabao sabiamente disse, feliz é a tumba onde nenhum mago foi sepultado, e feliz é a cidade onde, à noite, todos os seus magos são cinzas. Pois há um velho boato que diz que a alma dos levados pelo demônio não se precipita dos restos de sua carne, mas engorda e instrui o próprio verme que o mastiga; até que, da decomposição, surge uma vida horrenda, e os estúpidos escavadores da cera da terra astutamente mobilizam-se para criar monstros para nos afligir. Grandes buracos são cavados secretamente onde os poros da Terra deveriam bastar e as coisas que deviam rastejar aprendem a andar.”

1 Os demônios trabalham de forma que coisas que não são reais aos homens apresentem-se como verdadeiras.

Night-Gaunts

> "Eles nunca falavam ou riam, e nunca sorriam porque não tinham faces com as quais sorrir, mas apenas uma escuridão sugestiva onde um rosto deveria existir. Tudo o que faziam era agarrar e voar e fazer cócegas; esse era o jeito dos Night-gaunts."
>
> — H. P. Lovecraft

O *Necronomicon* menciona os night-gaunts como companheiros fiéis de feiticeiros, quase como parte da família. Contudo, eles não são meros animais de estimação, e menos ainda escravos dos caprichos daqueles os invocam para companhia. Muitos feiticeiros cometeram o erro fatal de acreditar que invocar um night-gaunt era suficiente para lhes impingir os grilhões da servidão. Nem mesmo o famoso Livro dos Mortos fornece o ritual para dominar e compelir essas criaturas e quando elas decidem atender às ordens de um bruxo é porque têm seus próprios motivos ocultos. Em contrapartida, se o taumaturgo for sábio e poderoso o suficiente, conseguirá comandar não apenas um, mas uma legião de night-gaunts. Como isso pode ser possível não se sabe, permanece um mistério.

XX. Night-Gaunts[2]

Out of what crypt they crawl, I cannot tell,
But every night I see the rubbery things,
Black, horned, and slender, with membraneous wings,
And tails that bear the bifid barb of hell.

They come in legions on the north wind's swell,
With obscene clutch that titillates and stings,
Snatching me off on monstrous voyagings
To grey worlds hidden deep in nightmare's well.

Over the jagged peaks of Thok they sweep,
Heedless of all the cries I try to make,
And down the nether pits to that foul lake

Where the puffed shoggoths splash in doubtful sleep.
But oh! If only they would make some sound,
Or wear a face where faces should be found!

2 Da coletânea de poemas *Fungi from Yuggoth*.

Noitesguios

De que cripta eles rastejam, não sei dizer,
Mas toda noite eu vejo esses seres borrachudos,
Pretos, com chifres e esbeltos, com asas membranosas,
E caudas que carregam a farpa bífida do inferno.

Eles vêm em legiões no vento do norte,
Com garras obscenas que tilitam e picam,
Me arrebatar em viagens monstruosas
Para mundos cinzentos escondidos nas profundezas do pesadelo.

Sobre os picos irregulares de Thok eles varrem,
Ignorando todos os gritos que tento fazer,
E abaixo dos poços inferiores àquele lago imundo

Onde os shoggoths inchados dormem em sono duvidoso.
Mas oh! Se ao menos eles fizessem algum som,
Ou usassem um rosto onde os rostos devem ser encontrados!

Ghoul

> "Pois um ghoul é um ghoul, e na melhor das hipóteses um companheiro desagradável para um homem".
>
> The Dream Quest of Unknown Kadath

Dentre as raças independentes, os Ghouls são os mais famosos e mais presentes na Terra. A documentação mais antiga do carniçal vem da civilização mesopotâmica, onde essas criaturas foram originalmente chamadas de "Gallu" e descritas como algum tipo de demônio.

Ghouls são geralmente descritos como criaturas humanoides, com focinhos caninos longos, orelhas pontudas e pés com garras que quase se tornaram cascos. Eles habitam redes de túneis subterrâneos e criptas e comem os cadáveres de humanos mortos.

Parecem ser uma espécie separada dos humanos, criando e vivendo como sua própria sociedade, mas também parece que alguns humanos podem se tornar lentamente ghouls.

Ao contrário do que muitos supõem, ghouls não são feras destituídas de inteligência. Pelo contrário, embora possam parecer animais irracionais, eles possuem um nível de inteligência que os coloca no mesmo patamar dos humanos. É preciso tomar cuidado extremo ao lidar com ghouls, pois na mitologia existem poucas criaturas mais implacáveis e astutas.

O modelo de Pickman

Você não precisa achar que sou louco, Eliot. Muitas pessoas têm superstições mais extravagantes do que essa. Por que você não zomba do avô do Oliver, por exemplo, que nunca entrou em um carro? Se eu não suporto aquele maldito metrô, é problema meu; e, de qualquer maneira, chegamos muito mais depressa de táxi. Se tivéssemos vindo de metrô, teríamos que subir a ladeira da Park Street a pé.

Confesso que estou mais nervoso do que quando você me viu no ano passado, mas não acho que isso seja motivo suficiente para que me recomende uma clínica. Deus sabe bem que tenho muitos motivos para isso, e acho que tenho muita sorte de ter mantido a lucidez até agora. Por que o interrogatório? Você não era tão inquisitivo.

Bem, se você quer saber, não vejo razão para não contar. Talvez você tenha mesmo o direito de saber, já que foi o único a escrever para mim, como se fosse um pai aflito, quando soube que eu não frequentava mais o Clube de Arte e que me afastei de Pickman. Agora que ele desapareceu, vou ao clube de vez em quando, mas meus nervos já não são o que eram antes.

Não, não sei o que aconteceu com Pickman e também não gosto de me render a conjecturas. Você deve ter imaginado que eu sabia de algo importante quando me distanciei dele – e é por isso que me recuso a pensar sobre aonde ele foi. Deixe a polícia investigar o que puder. Não acho que vão descobrir muita coisa, visto que até agora ainda não sabem nada sobre a casa que, sob o nome de Peters, ele alugou em North End. Também não tenho certeza de que eu mesmo poderia encontrá-la de novo – e nem *penso* em tentar encontrá-la, mesmo em plena luz do dia. Sim, acho que sei, ou *imagino saber* por que ele a alugou. Sobre isso eu posso falar. Assim você vai entender, muito antes de eu terminar, por que não vou à polícia. Eles me forçariam a levá-los até lá, mas a verdade é que eu não poderia voltar àquela casa mesmo que soubesse o caminho. Havia algo lá. Bem, é por isso que não consigo mais andar de metrô (e você pode rir disso também) nem entrar em porões.

Achei que você saberia que o meu distanciamento de Pickman não se

devia às mesmas razões estúpidas que produziram a mesma reação em mulheres como a Dra. Reid, ou Joe Minot, ou Rosworth. A arte que lida com o mórbido não me choca, e, quando alguém tem o gênio que Pickman tinha, sinto que é uma honra conhecê-lo, não importa que direção tome seu trabalho. Boston nunca teve um pintor tão notável quanto Richard Upton Pickman. Eu disse isso desde o começo e continuo afirmando; e também não desviei nenhum centímetro quando ele apresentou aquela tela *Ghoul se alimentando*. Você deve lembrar, foi depois desse trabalho que Minot parou de cumprimentá-lo.

Você sabe, para produzir trabalhos como os de Pickman é necessário um profundo domínio da arte e uma percepção não menos profunda das entranhas da natureza. Qualquer ilustrador de capa de revistas é capaz de espalhar a tinta de um jeito qualquer no papel e dar àquilo o nome de pesadelo, de sabá das bruxas ou de retrato do diabo. Mas somente um grande artista pode alcançar um resultado que realmente nos impressione como plausível e nos aterrorize. Isso porque somente um verdadeiro artista reconhece a verdadeira anatomia do terror e a fisiologia do medo: o tipo exato de linhas e proporções que se conectam aos instintos latentes ou memórias hereditárias do medo, e os contrastes precisos de cor e efeitos da luz que estimulam no observador o sentido latente de estranheza. Não preciso explicar a você por que um Fuseli provoca calafrios, enquanto a capa de uma revista de terror só nos faz rir. Existe algo que esses seres excepcionais capturam, algo que está além da vida, e que eles são capazes de transmitir para nós, mesmo que por apenas alguns segundos. É o que distingue Gustave Doré. Ou Sime. Angarola, de Chicago, também. E Pickman o fazia como ninguém antes dele tinha feito e – como espero em Deus – ninguém mais fará.

Não me pergunte o que esses homens veem. Você sabe, na prática artística percebe-se uma grande diferença entre as obras vivas, que captam esses seres extraídos da natureza ou de modelos e os produtos artificiais que são fabricados em um ateliê precário. Em suma, devo dizer que o artista que é verdadeiramente fantástico é dotado de um tipo de visão que o capacita a perceber os motivos genuínos do mundo espectral em que vive. De qualquer forma, este artista consegue produzir resultados que diferem dos sonhos alucinados de um impostor, quase da mesma maneira que as obras de um pintor da natureza se distanciam dos pastiches de alguém que aprendeu a desenhar por correspondência. Se eu tivesse visto o que Pickman via! Mas não. Escute, vamos tomar uma bebida antes de nos envolvermos nesse assunto. Por Deus! Eu não estaria vivo hoje se tivesse visto o que aquele homem – se é que

era homem – via.

Você se lembra, o forte de Pickman eram os rostos. Acho que ninguém desde Goya foi capaz de representar o inferno em um rosto ou em um conjunto de características ou expressões distorcidas; e, antes de Goya, seria necessário procurar nos artistas medievais anônimos que criaram as gárgulas ou as quimeras de Notre-Dame ou Mont Saint-Michel. Eles acreditavam em todo tipo de coisas – e talvez também tenham *visto* todo tipo de coisas, especialmente se você lembrar que a Idade Média teve algumas fases muito curiosas. Lembro perfeitamente que em uma ocasião, um ano antes de partir, você perguntou a Pickman de onde diabos ele tirava aquelas ideias e visões. Não foi desagradável a gargalhada que ele deu em resposta? Em parte, foi por causa daquela risada que Reid se afastou dele. Reid tinha acabado de se formar em Patologia Comparada e era repleto de ideias pomposas sobre o significado biológico ou evolutivo deste e daquele sintoma mental ou físico. Ele dizia que Pickman lhe causava cada vez mais repulsa e que nos últimos tempos o deixava à beira do terror. Dizia que a expressão de Pickman e até mesmo suas características estavam se transformando de uma forma de que ele não gostava, de uma forma que não era humana. Falou muito sobre alimentação e disse que Pickman devia ser anormal e excêntrico ao extremo. Se você se correspondeu com Reid, suponho que tenha dito a ele que as pinturas de Pickman abalavam seus nervos ou atormentavam sua imaginação. Foi o que eu mesmo disse a ele na época.

Você pode ter certeza de que não me distanciei de Pickman por nenhuma dessas coisas. Pelo contrário, minha admiração por ele continuou crescendo, já que não havia dúvida de que aquela tela do *Ghoul se alimentando* era uma obra-prima. Como você sabe, o Clube se recusou a exibi-la e o Museu de Belas-Artes não a aceitou sequer como presente; e posso acrescentar que ninguém quis comprá-la também, então a pintura ficou na casa de Pickman até o dia em que ele desapareceu. Agora está nas mãos do pai dele, na casa da família em Salém. Você sabe, Pickman vem de uma família antiga de Salém e um de seus antepassados foi enforcado por bruxaria em 1692.

Eu me habituei a visitar Pickman com certa frequência, especialmente depois que comecei a procurar material para uma monografia sobre arte fantástica. Foi provavelmente o trabalho dele que plantou essa ideia na minha cabeça. De qualquer forma, devo confessar que o trabalho de Pickman foi uma verdadeira mina, rica de sugestões e informações para esse projeto. Ele me deu acesso a todas as suas obras, a todas as pinturas e desenhos que tinha com ele, incluindo alguns esboços à tinta que teriam lhe acarretado uma expulsão

imediata do Clube se muitos dos sócios os tivessem visto. Em pouco tempo, eu havia me transformado em uma espécie de seguidor que passava horas ouvindo como um garoto aquelas teorias artísticas e especulações filosóficas tão insanas que, sozinhas, justificariam uma internação de Pickman no hospício de Danvers. A admiração que eu demonstrava, e também o fato de que quase todas as pessoas tinham começado a se afastar dele, fez com que Pickman me confidenciasse muitas coisas. E, em certa noite, ele deu a entender que, se tivesse certeza da minha discrição e da minha integridade, me mostraria algo diferente do que eu estava acostumado a ver, algo consideravelmente mais incomum e mais perturbador do que qualquer uma das peças que ele tinha em sua casa.

"Certas coisas", confidenciou-me ele, "não são toleráveis para a Newbury Street; aqui elas estariam fora de lugar e nem poderiam ser concebidas. Minha missão é capturar as sutilezas da alma e isso é claramente impossível de conseguir em um conjunto de ruas de construção recente em um aterro. Back Bay não é Boston – ainda não é nada, porque não teve tempo suficiente para reunir memórias e atrair espíritos locais. Se existem fantasmas aqui, são os fantasmas mansos, de pântanos salgados ou de uma pequena caverna. Mas eu preciso de fantasmas humanos, fantasmas de seres fortes o suficiente para terem resistido a um vislumbre do inferno e retornado com o significado do que viram."

"O melhor lugar para um artista viver", continuou ele, "é o North End. Se fosse coerente e sincero consigo mesmo e com seu trabalho, o artista viveria apenas nos bairros pobres, onde as tradições se acumulam. Meu Deus, você percebe que esses lugares não foram apenas *construídos*, mas que se *desenvolveram*? Geração após geração, eles viveram, sofreram e morreram ali, em tempos em que as pessoas não tinham medo de viver, de sofrer e de morrer. Você tem ideia de que em 1632 havia um moinho em Copp's Hill e que a metade das ruas atuais já existia por volta de 1650? Posso mostrar a você casas que estão em pé há mais de dois séculos e meio, casas que presenciaram coisas que reduziriam as casas modernas a pó. O que as pessoas hoje em dia sabem sobre a vida e as forças que a movem? Hoje você diz que as feitiçarias de Salém são mera fantasia, mas aposto que a avó da minha avó teria muita coisa para contar. Ela foi enforcada em Gallows Hill, sob o olhar de Cotton Mather. O maldito Mather sempre teve medo de que alguém conseguisse fugir daquela prisão demoníaca de monotonia. Pena que não lançaram nele um feitiço nem sugaram seu sangue durante a noite!"

"Eu posso mostrar a você uma das casas onde ele morou", continuou

Pickman, "e também posso levá-lo a outra casa em que ele tinha medo de entrar, apesar de suas muitas bravatas. Ele sabia de coisas que não se atreveu a descrever naquela desafortunada *Magnalia* ou nas fantasias infantis das *Maravilhas do mundo invisível*. A propósito, você sabia que houve um tempo em que todo o North End era atravessado por uma rede de túneis que permitia que as pessoas se comunicassem com as de outras casas, com o cemitério e com o mar? Os caçadores de bruxas podiam procurar e perseguir o que estava acima do solo. As coisas aconteciam todos os dias e eles não conseguiam ter acesso a elas. As vozes riam à noite e eles não sabiam de onde!

"Meu caro, de dez casas construídas antes de 1700, aposto que em oito delas posso mostrar-lhe algo estranho no porão. Você não passa um mês sem ler nos jornais que um grupo de trabalhadores, ao demolir construções antigas, descobriu passagens em arco e poços subterrâneos que não levam a lugar nenhum. No ano passado, dava para ver uma casa assim quando o trem passava pela Henchman Street. Havia bruxas e a invocação de seus feitiços, piratas e o que eles saqueavam no mar, contrabandistas, corsários. Posso assegurar-lhe que em outros tempos as pessoas sabiam como viver e como expandir as fronteiras da vida. Aliás, esse não era o único mundo que um homem com imaginação e coragem poderia conhecer. Argh! E pensar nos dias de hoje, com intelectos tão apagados que até mesmo um clube de supostos artistas sente calafrios e convulsões se uma pintura ofende a sensibilidade de uma mesa de chá na Beacon Street!

"O único aspecto positivo do presente é que ele é estúpido demais para fazer perguntas detalhadas acerca do passado. O que os mapas e registros e guias de viagem nos informam a respeito do North End? Raios! Eu garanto que vou levá-lo a trinta ou quarenta vielas e emaranhados de vielas ao norte da Prince Street que não são conhecidos por mais de dez pessoas além dos estrangeiros que se amontoam por lá. E o que aqueles galegos entendem disso? Nada, Thurber, esses lugares antigos estão repletos de maravilhas, de terror e de portas para fugir para lugares diferentes. Mas nem assim aparece uma vivalma que os compreenda ou se beneficie deles. Ou melhor, existe apenas uma alma – afinal, não estive revirando o passado a troco de nada!

"Quem diria que você se interessaria por esse tipo de coisa. Bem, o que você diria se eu lhe contasse que tenho outro estúdio nessa área, no qual posso capturar o espírito sombrio de horrores passados e pintar coisas que nunca teriam chegado à minha imaginação na Newbury Street? É claro que eu não faria essa revelação para as velhinhas estúpidas do Clube – começando com Reid, a maldita, sempre sussurrando como se eu fosse uma espécie de monstro

descendo o tobogã da involução. Você pode acreditar em mim, Thurber, há muito tempo eu decidi que, assim como a beleza, também se deve pintar o terror a partir da observação, então explorei alguns lugares onde eu tinha motivos para acreditar que o terror habitava."

"Eu encontrei um lugar", murmurou Pickman, "que apenas três homens nórdicos viram, além de mim. Não está muito longe do elevado, mas está a séculos de distância em relação ao espírito. Decidi alugar a casa por causa do velho poço com paredes de tijolo no porão. O prédio está quase em ruínas, então ninguém pensaria em morar lá. Eu teria vergonha de confessar o que pago por ela. Cobri as janelas com tábuas, já que não preciso da luz do sol para o meu trabalho, e instalei a oficina no porão, onde a inspiração se torna mais intensa, mas também tenho outras salas com móveis no andar térreo. O edifício pertence a um siciliano, e para alugar a casa usei o nome de Peters."

"Se você quiser", concluiu Pickman, "posso levá-lo lá hoje à noite. Tenho certeza de que você vai gostar muito das pinturas, já que nelas deixei a imaginação correr solta. Nós não teremos que andar muito. Faço o trajeto sempre a pé para não atrair a atenção com um táxi em um lugar como aquele. Vamos pegar o metrô na South Station em direção à Battery Street. E de lá é só uma caminhada curta."

Bem, Eliot, você vai concordar se eu lhe disser que, depois de uma conversa dessas, precisei conter a vontade de sair correndo e pegar o primeiro táxi livre que aparecesse à nossa frente. Nós pegamos o metrô na South Station e por volta do meio-dia estávamos na Battery Street, caminhando ao longo do velho cais de Constitution Wharf. Não prestei atenção nas ruas transversais e não saberia dizer em qual delas entramos, mas sei que não foi em Greenough Lane.

Depois subimos todo o comprimento de um beco deserto que era o mais antigo e o mais imundo que já vi em toda a minha vida, cheio de casas que pareciam prestes a desmoronar, com tetos quebrados, janelas estilhaçadas e chaminés surradas e meio desintegradas, que, no entanto, ainda permaneciam de pé contra o céu enluarado. Tive a impressão de que todas as casas que vi já existiam no tempo de Cotton Mather. E tenho certeza de que vi pelo menos duas casas com beirais, e lá pelas tantas tive também a impressão de ver um telhado de duas águas anterior às mansardas, embora os antiquários digam que não restou nenhuma casa assim em Boston.

Quando saímos desse beco pouco iluminado, dobramos à esquerda e pegamos uma viela ainda mais estreita e igualmente silenciosa, mas sem luz alguma. Em seguida, no escuro, fizemos o que eu acredito ter sido uma curva

em ângulo obtuso à direita. De repente paramos, e Pickman tirou uma lanterna de dentro das roupas e projetou um raio de luz contra uma porta de madeira antediluviana que parecia estar devastada pelos cupins. Pickman abriu a porta e convidou-me a entrar por um corredor vazio que ainda conservava os vestígios do que um dia foi um magnífico teto de lambris de carvalho. Era um detalhe simples, claro, mas que fazia lembrar do tempo de Andros, Phipps e de feitiçaria. Então ele me conduziu por uma porta à esquerda, acendeu uma lamparina a óleo e me disse para ficar à vontade, como se estivesse em minha própria casa.

Eliot, você sabe que eu sou o tipo de sujeito que as pessoas costumam chamar de durão, mas devo confessar que a visão do que estava nas paredes daquela casa perturbou minha alma. Eram pinturas de Pickman – aquelas que ele não conseguia pintar, quanto mais exibir na Newbury Street –, e ele tinha toda a razão quando disse que havia deixado a imaginação "correr solta". Vamos, tome outra bebida. Eu, pelo menos, preciso de mais uma!

É inútil tentar descrever esses quadros para você, porque o horror mais terrível e herético e a decadência moral mais repulsiva vinham por meio de simples pinceladas de cor que as palavras não podem descrever. Nesses trabalhos não havia nada da técnica sofisticada vista em Sidney Sime, nem mesmo as paisagens ou a vegetação cósmica que Clark Ashton Smith usa para congelar o sangue. Os cenários de fundo eram geralmente de antigos cemitérios, florestas escuras, penhascos à beira do mar, túneis forrados com tijolos, antigos quartos laminados ou simples criptas de alvenaria. O cemitério de Copp's Hill, que certamente não ficava longe de onde estávamos, era o cenário predileto.

A loucura e a monstruosidade ficavam evidentes nas figuras de primeiro plano, já que a arte mórbida de Pickman consistia acima de tudo em retratos demoníacos. As figuras não eram inteiramente humanas; em vez disso, tentavam se aproximar da humanidade em graus variados. A maioria dos corpos, que mal eram bípedes, curvavam-se para a frente e tinham um ar canino. A textura parecia borracha e era bastante desagradável. Ugh! Parece que as estou vendo nesse instante! Não me peça tantos detalhes sobre suas ocupações. Em maior parte, estavam se alimentando; não vou lhe dizer do que se alimentavam. Às vezes apareciam em bandos em cemitérios ou passagens subterrâneas e, ocasionalmente, pareciam disputar uma presa ou, melhor dizendo, seus preciosos saques. E, acima de tudo, aquela maldita expressividade que Pickman dava aos rostos parados daquela carniça macabra. Em algumas pinturas, as criaturas pulavam através de uma janela aberta para o

coração da noite ou aninhavam-se no peito de algum ser adormecido para se entreterem com a garganta. Uma das pinturas mostrava uma matilha daquelas criaturas repugnantes uivando ao redor de uma bruxa enforcada em Gallows Hill, cuja fisionomia cadavérica tinha uma impressionante semelhança com a dos seres.

No entanto, não pense que foram esses cenários tétricos que me fizeram fraquejar. Não sou criança e, a propósito, já vi muita coisa semelhante antes. Foram os rostos, Eliot, aqueles malditos rostos com sorrisos de escárnio e babando, que pareciam escapar da tela movidos por um sopro de vida. Eu poderia jurar que eles estavam vivos! Aquele mago hediondo tinha despertado os fogos do inferno com seus pigmentos, e o pincel dele conjurou terríveis pesadelos. Passe-me a garrafa, Eliot.

Eu me lembro de uma tela chamada *A Lição*. Deus tenha misericórdia de mim por ter visto aquilo! Você pode imaginar um grupo desses seres caninos agachados em um semicírculo em um cemitério e dedicados à tarefa de ensinar uma criança a se alimentar como eles? Suponho que seriam os termos de uma troca. Certamente você conhece a velha lenda sobre as terríveis substituições que os seres sobrenaturais praticam, deixando seus próprios filhos nos berços e levando as crianças que dormem neles. As pinturas de Pickman mostravam o que acontece com essas crianças roubadas, como elas se desenvolvem, e a partir desse momento comecei a notar uma semelhança assustadora entre os rostos das figuras humanas e não humanas. Pickman se dedicou a estabelecer, com todos os possíveis graus de morbidade, um sinistro elo evolutivo entre o totalmente humano e o degradadamente desumano. A origem dos seres caninos eram os seres humanos!

Eu mal havia me perguntado o que aconteceria às crias daqueles seres que eram deixadas ao cuidado de humanos como objeto da troca quando meus olhos caíram sobre um quadro que encarnava esse mesmo pensamento. A tela representava os interiores de uma casa puritana em um cômodo cheio de vigas e gelosias, adornado com mobílias esquisitas do século XVII, onde toda a família se reunia em volta do pai, que lia uma passagem da Bíblia. Todas as faces, com exceção de uma, tinham uma expressão de nobreza e reverência; mas aquela refletia a mais repugnante zombaria. Era o rosto de um jovem, sem dúvida o suposto filho daquele pai devoto, mas que na verdade tinha parentesco com os seres impuros. Era o produto de uma daquelas permutas. E, em um impulso de suprema ironia, Pickman conferira às feições do jovem uma semelhança chocante às suas próprias feições.

Nesse momento, Pickman já havia acendido uma lâmpada na sala ao lado,

segurava a porta aberta e me convidava a entrar, perguntando se eu gostaria de ver seus “estudos modernos”. Eu ainda não tinha aberto minha boca para comunicar minhas impressões sobre o que vira, pois o terror e a repulsa me deixaram sem palavras. Mas acho que ele entendeu perfeitamente e, sem dúvida, ficou lisonjeado. Agora, Eliot, quero reforçar mais uma vez que não sou nenhum fracote que se põe a gritar quando se vê diante de qualquer coisa que se afaste do que chamamos de normal. Tenho idade suficiente e sou um homem sofisticado, e acho que você viu o bastante de mim na França para saber que não me impressiono com facilidade. Também não esqueça que eu mal havia recuperado o fôlego e me acostumado àquelas figuras pavorosas que transformavam a Nova Inglaterra colonial em uma espécie de anexo do inferno. Bem, apesar de tudo isso, o que vi naquela sala me forçou a soltar um grito e precisei me agarrar ao batente da porta para não cair. O primeiro dos cômodos era o reino de um número de vampiros e bruxas que povoavam o mundo de nossos ancestrais, mas essa sala trazia o horror para a nossa vida cotidiana!

Meu Deus, como aquele homem pintava! Havia um esboço chamado *Acidente no Metrô*, no qual era possível ver um grupo de seres malignos brotando de uma enorme catacumba desconhecida através de uma rachadura no piso da estação na Boston Street e atacando a multidão de pessoas que esperava na plataforma. Outro mostrava um baile entre os túmulos de Copp’s Hill, com uma paisagem contemporânea ao fundo. Havia também várias cenas em porões, com monstros saindo de buracos e rachaduras na alvenaria, fazendo gestos sinistros e rindo agachados atrás de barris ou fornalhas enquanto esperavam a primeira vítima descer as escadas.

Uma tela repugnante parecia se concentrar em uma vasta área de Beacon Hill tomada por densos exércitos de monstros mefíticos que pareciam formigas e que brotavam e se espremiam de milhares de tocas que cobriam o chão, conferindo-lhe um aspecto de favos de mel. Havia também muitos trabalhos com danças nos cemitérios atuais, mas o que mais me perturbou foi uma cena em uma cripta desconhecida, na qual uma multidão de pequenas criaturas amontoava-se em torno de outra, que trazia nas mãos um conhecido guia de Boston, que lia evidentemente em voz alta. Todas as criaturas apontavam para a mesma passagem e cada um daqueles rostos estava tão contorcido com uma risada epilética e reverberante que eu quase parecia ouvir os ecos demoníacos. O título da obra era *Holmes, Lowell e Longfellow estão enterrados em Mount Auburn*.

Enquanto recuperava um pouco de equilíbrio e serenidade, enquanto me

adaptava àquela segunda sala diabólica e mórbida, comecei a analisar algumas características da minha repulsa. Em primeiro lugar, eu dizia a mim mesmo, tudo aquilo era repugnante porque evidenciava a falta de humanidade e a crueldade impiedosa que se revelava existir em Pickman. Sem dúvida, ele devia ser um inimigo incansável da humanidade para se deleitar daquela maneira com a tortura do espírito e da carne e com a degradação do invólucro mortal. Em segundo lugar, todas aquelas pinturas eram aterrorizantes devido à sua própria grandeza. A arte dele era persuasiva: ao olhar para suas pinturas, é possível ver os demônios pessoalmente e, é claro, eles inspiram medo. E o mais curioso de tudo era que Pickman não obtinha esse efeito com requintes fantásticos ou bizarros. Ele não usava truques como desfocar a luz ou distorcer a realidade: os contornos eram nítidos e realistas e os detalhes definidos e executados com uma perfeição dolorosa. E o que dizer sobre os rostos!

O que se via nas pinturas era mais do que a simples interpretação de um artista; era o próprio pandemônio, claro como um cristal e revertido com a maior fidelidade imaginável. Céus, era exatamente isso! Aquele homem não era um romântico ou um fantasista! Ele sequer tentou representar o caráter inquieto, prismático e transitório dos sonhos; em vez disso, seu trabalho se limitou a refletir de forma fria e sardônica um mundo terrível que ele via de forma cristalina, com brilhantismo, objetividade e decisão. Só Deus pode saber que mundo era aquele e onde ele havia vislumbrado as formas heréticas que andavam, corriam e se arrastavam nas pinturas. Mas qualquer que fosse a origem assombrosa de suas imagens, uma coisa era mais do que evidente: em termos de concepção e execução, Pickman era um pintor realista, esmerado e quase científico.

Depois disso, meu anfitrião me conduziu ao porão, onde ficava o estúdio, e eu me preparei para os efeitos infernais que poderia ver nas telas inacabadas. Quando chegamos ao fim da escadaria úmida, Pickman concentrou o facho de sua lanterna em um canto do espaço amplo à nossa frente, onde havia um círculo de tijolos que evidentemente marcava um grande poço escavado no chão. Ao nos aproximarmos, percebi que o buraco tinha cerca de um metro e meio de diâmetro, com paredes de uns trinta centímetros de espessura e projetava-se cerca de quinze centímetros acima do nível do solo. Tinha a aparência de ser uma daquelas obras sólidas do século XVII. Aquilo, Pickman me explicou, era o tipo de coisa sobre as quais ele vinha comentando: um acesso para se conectar à rede de túneis que havia nas entranhas da colina. Notei que o poço não estava fechado, e que estava coberto por um disco sólido de madeira. Ao pensar sobre os lugares onde aquele poço deveria levar, se as

revelações de Pickman tivessem alguma verdade, um arrepio percorreu meu corpo. No entanto, continuamos a avançar. Segui meu anfitrião, subimos um degrau, atravessamos uma porta estreita que conduzia a uma sala bastante ampla com piso de madeira e devidamente equipada como um estúdio. Uma instalação de gás acetileno fornecia a luz necessária para o trabalho.

As pinturas inacabadas, colocadas em cavaletes ou simplesmente encostadas na parede, eram tão macabras quanto as do andar de cima e mais uma vez atestavam a técnica meticulosa que caracterizava o artista. As cenas eram esboçadas com muito cuidado e as linhas a lápis revelavam o cuidado com que Pickman tentava seguir a perspectiva e as proporções precisas. Ele era um grande pintor, e posso continuar dizendo isso agora, apesar de tudo que sei. Uma enorme câmera que estava sobre uma mesa chamou minha atenção, e Pickman explicou-me que a usava para fotografar paisagens que mais tarde usaria como cenário em suas telas; com esse método, ele não precisava carregar todo o material de um lugar para outro até encontrar uma paisagem adequada. Ele argumentou que uma fotografia era tão boa quanto uma paisagem ou um modelo real, e era por isso que ele as usava regularmente.

Havia algo de perturbador nos esboços repulsivos e nas monstruosidades inacabadas que se agachavam em todos os cantos do estúdio. Mas, quando Pickman de repente expôs um enorme quadro colocado em um cavalete no lado mais afastado da luz, não pude conter um novo grito de horror – o segundo daquela noite. O grito ecoou pelas abóbadas escuras daquele porão úmido e nitroso e o esforço que fiz para me segurar e não explodir em uma gargalhada histérica foi enorme. Meu Deus, Eliot! Ainda hoje não sei o quanto era realidade e o quanto era delírio. Não me parece possível que a Terra abrigue um sonho como aquele!

A imagem mostrava uma blasfêmia colossal e indescritível, com olhos vermelhos e flamejantes, que segurava em suas garras afiadas e ossudas um ser que fora um homem um dia, cuja cabeça ele roía com o mesmo deleite com que uma criança lambe uma guloseima. A criatura estava meio agachada e, quando olhei para ela, tive a sensação atroz de que a qualquer momento ela poderia largar sua presa e saltar dali em busca de alguma refeição mais saborosa.

Apesar de tudo, não era o tema demoníaco o que fazia daquela pintura uma fonte imortal de terror – nem era aquele rosto canino com orelhas pontudas, nem seus olhos incrustados de sangue, nem o nariz deformado, nem as mandíbulas, de onde pingava uma baba rosada. Nem mesmo as garras escamadas, nem o mofo, certamente repulsivo, que cobria-lhe o corpo, nem os

pés com cascos, embora qualquer uma dessas características pudesse ter levado um homem impressionável à loucura.

O que impressionava, Eliot, era a técnica, a maldita técnica implacável e sobrenatural. Assim como estou vivo, até aquela noite, em nenhuma outra ocasião vi o sopro da vida tão presente em uma tela. O monstro estava lá – estava olhando com raiva e roendo, roendo e olhando com raiva – e eu entendi que apenas uma suspensão nas leis da natureza poderia permitir que um homem pintasse uma coisa daquelas sem um modelo e sem ter frequentado esse mundo subumano que nenhum mortal que não tenha vendido a alma ao diabo conseguiu vislumbrar.

Preso com um percevejo a uma parte vazia da tela havia um pedaço de papel todo enrolado; no começo, pensei que fosse uma das fotografias que Pickman usava para pintar algum cenário de fundo tão assustador quanto o motivo central da pintura. Estendi a mão para desenrolá-lo e observá-lo com mais cuidado quando, de repente, Pickman deu um sobressalto tão grande como se tivesse levado um tiro. Notei que, desde que meu grito despertara ecos incomuns no porão sombrio, meu anfitrião vinha prestando muita atenção a possíveis ruídos no ambiente. Agora ele também pareceu levar um susto que, embora pequeno em relação ao meu, era de natureza muito mais física do que espiritual. Ele tirou um revólver do bolso e, com um sinal, recomendou que eu ficasse em silêncio e caminhou em direção ao porão principal, fechou a porta atrás de si e me deixou sozinho no estúdio.

Acho que fiquei paralisado por algum tempo. Prestei atenção aos sons como Pickman, e imaginei ter ouvido um ruído sutil de passos apressados em algum lugar, e depois muitos grunhidos e golpes em uma direção que eu não conseguia determinar. Pensei em ratos enormes e estremeci. Então um novo ruído me deu calafrios: um som furtivo, incerto, embora eu não saiba como explicar em palavras. Era como um barulho de madeira pesada caindo sobre alguma pedra ou tijolos. Madeira ou tijolos? Em que essa combinação me fez pensar?

Novamente o ruído voltou, agora com maior intensidade. Houve uma vibração como se a madeira tivesse caído mais longe do que na primeira vez. Logo depois ouvi um rangido estridente, ouvi Pickman gritar alguma coisa que não compreendi e a descarga ensurdecedora de seis tiros de revólver um após o outro, disparados de maneira espetacular, como um domador de leão atira para o alto para impressionar a plateia. Um grunhido ou um chiado e a seguir uma batida. E então, outra vez o ruído de madeira em atrito com tijolos. Alguns instantes depois, a porta se abriu e Pickman entrou com sua

arma fumegante e amaldiçoou os ratos que infestavam o velho poço.

"Só o diabo sabe o que eles comem lá, Thurber", resmungou sarcasticamente, "porque aqueles túneis muito antigos se comunicam com cemitérios, covis de bruxas e com o mar. Mas seja o que for, deve ter acabado, porque eles estavam loucos para sair dali. Seus gritos certamente os deixaram animados. É melhor tomar cuidado nesses lugares antigos – nossos amigos roedores são a única desvantagem, embora às vezes eu pense que eles adicionam um pouco de atmosfera e cor ao ambiente."

Bem, Eliot, foi assim que a aventura daquela noite terminou. A promessa de Pickman de me mostrar o lugar foi cumprida. Deixamos aquele labirinto de becos por outro caminho, me parece, pois quando avistamos um poste de iluminação estávamos em uma rua um tanto familiar, com fileiras monótonas de condomínios e casas antigas. Era a Charter Street, mas eu ainda estava impressionado demais para notar a altura exata. Era muito tarde para pegar o metrô, então voltamos para o centro pela Hannover Street. Eu me lembro muito bem da caminhada. Nós subimos a Tremont até a Beacon, e Pickman me deixou na esquina com a Joy. A partir daquele momento, não tornei a vê-lo novamente.

Por que eu parei de ver Pickman? Contenha sua impaciência. Deixe-me pedir um café. Já bebemos demais, mas eu preciso beber alguma coisa. Não, não foi por causa das pinturas que vi naquele lugar. Embora, juro que elas seriam motivo mais do que suficiente para o Pickman ser proibido de entrar em nove em cada dez lares e clubes de Boston. Espero que você entenda agora o motivo de minha fobia de entrar em metrôs ou em porões. Eu me afastei dele por causa de algo que encontrei na manhã seguinte em um dos bolsos do meu casaco. Sim, foi o papel amassado que estava preso àquela tela horrível do porão, que eu pensava ser uma fotografia com alguma paisagem que Pickman pretendia usar como cenário para o monstro. Certamente, quando Pickman se assustou, eu estava estendendo a mão para desenrolá-lo e acho que inadvertidamente joguei o papel no bolso antes de olhar para ele. Ah, aqui está o café, Eliot. Eu aconselho você a tomar isso puro.

Sim, aquele papel foi o motivo do meu distanciamento de Pickman; Richard Upton Pickman, o artista mais notável que eu já conheci – e o ser mais execrável que já transpôs os limites da vida para mergulhar no mito e na loucura. É, Eliot, Reid estava certo: Pickman não era inteiramente humano. Ou ele nasceu em uma estranha região sombria, ou então descobriu um jeito de abrir os portais secretos. Mas agora tanto faz, ele se foi. Voltou para a fabulosa escuridão que adorava frequentar. Escute, vamos acender o

candelabro.

Não me peça para explicar ou mesmo para fazer conjecturas sobre o papel que queimei. Também não me pergunte o que havia por trás daqueles ruídos parecidos com os de toupeiras que Pickman fez questão de atribuir aos ratos. Sabe, há segredos que remontam aos tempos antigos de Salém e Cotton Mather conta coisas ainda mais estranhas. Você sabe bem como as pinturas de Pickman eram realistas e bem se lembra de como todos nós nos perguntávamos de onde ele tirava aqueles rostos.

Bem, aquele papel não era a fotografia de uma paisagem para ser usada como cenário. Na imagem, via-se apenas o ser monstruoso que ele estava pintando naquela tela terrível. Era o modelo que ele estava usando – e o cenário nada mais era do que a parede do porão registrada com todos os seus detalhes. Por Deus, Eliot, *era uma fotografia tirada ao natural*.

Cores do Espaço

De todas as raças alienígenas, a mais enigmática talvez seja a das Cores do Espaço. Não se sabe ao certo de onde vêm esses seres, mas aquelas que entraram em contato com humanos, ao longo das eras, vieram das profundezas do espaço e chegaram à Terra na forma de meteoros que despencaram na superfície.

Estes seres incorpóreos se manifestam como cores de espectro desconhecido, em alguns casos, são equivocadamente compreendidas como uma forma de vida gasosa, mas isso é errado e classificá-las com base nos conhecimentos humanos é inútil. Elas são entidades compostas de luminosidade própria que se movem voando ou flutuando de forma consciente.

Quando o meteorito entra na atmosfera terrestre e se choca com a superfície, a esfera é rompida liberando a cor em estado de larva. A jovem cor busca então estabelecer um ninho. Elas preferem os subterrâneos de onde retiram os nutrientes necessários para seu desenvolvimento. As cores são capazes de escavar o solo em busca de um leito rochoso profundo ou buscar abrigo em poços previamente escavados.

Uma vez instalada, a larva começa a exercer uma sutil influência sobre as formas de vida, alimentando-se inicialmente de microrganismos no solo, mas avançando rapidamente para a vegetação e em seguida pequenos animais. Aos poucos a Cor vai se tornando confiante e se afasta cada vez mais de seu ninho, buscando animais cada vez maiores. Eventualmente ela buscará seres humanos de quem poderá se alimentar.

Um dos aspectos mais curiosos a respeito da influência que as cores exercem sobre os seres humanos é sua capacidade de ir minando a vontade dos indivíduos. Pessoas sob a influência de uma dessas criaturas sentem-se impotentes, melancólicas, quase como se definhassem diante de uma força invisível. Vítimas de cores do espaço acabam da mesma forma que os animais drenados. Horríveis manchas de pele e descamação são comuns. Órgãos

internos apresentam falência completa e o corpo irradia altas temperaturas que literalmente o cozinham de dentro para fora.

A cor que veio do espaço

A oeste de Arkham, as colinas erguem-se virgens, e há vales profundos que jamais sentiram o corte de um machado. Há estreitas ravinas escuras em que as árvores se inclinam de forma fantástica, e onde pequenos regatos correm sem nunca terem refletido a luz do sol. Nas encostas menos acentuadas, estão antigas fazendas feitas de pedra, com chalés cobertos por musgo, soprando eternamente os segredos da Nova Inglaterra que se abrigam por entre as saliências; contudo, a maioria está desabitada agora. As ruínas das amplas chaminés, cujas laterais estão cobertas por pequenas tábuas, estão perigosamente abauladas sob os telhados baixos.

Os antigos moradores foram embora, e forasteiros não gostam de morar ali. Os franco-canadenses tentaram, assim como os italianos e os polacos mal ficaram. Não é por nada que possa ser visto ou ouvido, mas é por causa de algo que pode ser imaginado. O lugar não é bom para a imaginação e não deixa a pessoa ter sonhos relaxantes à noite. Deve ser isso que impede a presença dos forasteiros, pois o velho Ammi Pierce nunca contou a eles nenhuma das suas lembranças sobre os dias estranhos. Ammi, que há anos não é muito certo das ideias, foi o único que não saiu de lá e que ainda comenta sobre os tais dias; e ele ousa fazê-lo porque sua casa é muito próxima dos pampas e das estradas ao redor de Arkham.

Antigamente havia uma estrada que passava pelas colinas e vales, e ia em direção à charneca queimada, mas as pessoas deixaram de usá-la e uma nova estrada foi construída, alongando suas curvas até o sul. Traços da velha estrada ainda são encontrados em meio à relva crescente, e alguns deles ainda permanecerão mesmo quando metade das depressões forem alagadas pelo novo reservatório. Quando isso acontecer, as florestas sombrias serão desmatadas e a charneca queimada irá adormecer debaixo das águas azuis, cuja superfície espelhará o céu, ondulando o sol. E os segredos dos dias estranhos irão unir-se aos das profundezas; com as tradições do velho mar e com todos os mistérios da terra primitiva.

Quando mencionei as colinas e vales, a fim de pesquisá-los para o novo

reservatório, disseram-me que aquele lugar era maligno. Foi isso que ouvi em Arkham, e como a cidade é muito velha e cheia de lendas de bruxaria, pensei que essa ideia fosse algo sussurrado nos ouvidos dos netos ao longo dos séculos pelas avós. O nome "charneca queimada" pareceu-me muito estranho e teatral, e fiquei imaginando como tal expressão poderia ter entrado para o folclore de um povo tão puritano. Mas vi com meus próprios olhos o emaranhado de vales e encostas a oeste e passei apenas a ficar imaginando o velho mistério em si. Vi o local pela manhã, mas as sombras sempre espreitavam por lá. As copas das árvores eram espessas demais, e os troncos muito grandes para qualquer floresta da Nova Inglaterra. Havia um silêncio profundo nas vielas sombrias, e o solo era um tanto pantanoso devido ao musgo úmido e à vegetação desenfreada por anos e anos de deterioração.

Nas clareiras, principalmente na região da velha estrada, havia alguns ranchos próximos às encostas; alguns com todas as casas em pé, outros com apenas uma ou duas, e ainda havia alguns com apenas uma solitária chaminé ou um porão cheio de lixo. As ervas daninhas e as silvas reinavam, e seres silvestres furtivos rastejavam por entre a relva baixa. Sobre aquele cenário pairava uma névoa de inquietação e opressão; um toque do irreal e do grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou chiaroscuro estivesse distorcido. Não estranhei o fato de os forasteiros não quererem ficar por lá, pois aquela não era uma região para se passar a noite. Era bem parecida com uma paisagem de Salvator Rosa; ou com uma xilogravura proibida de um conto de terror.

Mas, mesmo com tudo aquilo, não era tão ruim quanto a charneca queimada. Soube disso assim que notei a imensidão do vale, pois nenhum outro vocábulo poderia definir melhor aquele lugar, e nem outro lugar poderia adaptar-se tão bem a um vocábulo. Era como se o poeta tivesse cunhado a expressão logo após ter avistado aquela região em particular. Assim que vi o local, concluí que um incêndio passara por ali algum dia; porém, por que nada novo jamais crescera naqueles cinco acres de desolação cinzenta que se espalhavam pelo céu aberto como uma enorme mancha ácida corroendo as matas e campos? A maior parte estava ao norte da velha estrada, invadindo um pouco o outro lado. Senti uma estranha relutância em aproximar-me, e acabei chegando perto apenas porque meu trabalho obrigava-me a tal coisa.

Não havia vegetação alguma por toda a extensão, somente uma fina camada de poeira ou cinzas que o vento jamais ousara agitar. As árvores ao redor pareciam doentes ou definhadas, e muitos troncos mortos permaneciam em pé ou apodreciam ali mesmo na beira. Ao passar apressadamente por lá,

avistei as ruínas de uma velha chaminé e de um porão à direita, assim como a superfície de um poço abandonado, cujas quimeras estagnadas pareciam produzir estranhos efeitos à luz do sol. Até mesmo a longa ladeira sombria no meio da mata parecia mais acolhedora se comparada àquilo; e eu parei de ficar pensando sobre os sussurros assustados do povo de Arkham. Não havia casas nem ruínas por perto; mesmo antigamente aquele lugar devia ter sido solitário e distante. E ao crepúsculo, com receio de passar pelo local sinistro, preferi usar um caminho mais longo pela estrada do sul ao voltar para a cidade. Cheguei a desejar que algumas nuvens se reunissem no céu, pois um estranho temor em relação àquele vazio infinito no céu penetrava-me a alma.

À noite, perguntei aos antigos habitantes de Arkham sobre a charneca queimada e o que significava a expressão "dias estranhos" que tantos murmuravam de forma tão evasiva. Contudo, ninguém conseguia fornecer uma resposta boa, exceto o fato de que todo aquele mistério era muito mais recente do que eu jamais sonhara. Não se tratava absolutamente de uma velha lenda urbana, mas de um acontecimento na vida daqueles que contavam o ocorrido. Acontecera nos anos oitenta, e uma família havia desaparecido ou sido assassinada. As pessoas não sabiam dizer com exatidão, e como todos me aconselharam a não dar ouvidos às histórias loucas do velho Ammi Pierce, procurei-o logo na manhã seguinte. Informaram-me que ele morava sozinho no velho chalé caindo aos pedaços, bem onde as árvores começavam a ficar espessas.

Era um local assustador e exalava o odor desagradável que geralmente emana das casas velhas demais. Só consegui chamar a atenção do velho homem com persistentes batidas na porta, e quando ele se aproximou, arrastando a porta, deu para notar que não ficou feliz em me ver. Não era tão fraco quanto eu imaginava, mas os olhos inclinavam-se de forma curiosa, e as roupas maltrapilhas e a barba grisalha deixavam-no ainda mais velho e sombrio.

Sem saber como poderia induzi-lo a contar suas histórias, fingi ter ido lá a negócios; falei sobre a minha pesquisa e fiz algumas perguntas vagas sobre a região. Ele era muito mais inteligente e educado do que fui levado a crer, e em pouco tempo já falava do assunto como qualquer outro homem com quem eu havia conversado em Arkham. Era diferente das outras pessoas que tive o desprazer de conhecer em outros locais em que reservatórios seriam construídos. Não houve protestos da parte dele sobre os quilômetros de matas e terras cultiváveis que seriam engolidos pela água, porém poderia ser pelo fato da sua propriedade não estar na extensão do futuro lago. Alívio era tudo o que

ele expressava; alívio por ver o fim dos velhos vales sombrios que percorrera durante a vida. Era melhor mesmo ficarem submersos; submersos desde os dias estranhos. E assim que disse aquilo, sua voz passou a ser um sussurro rouco, e o corpo inclinou-se para frente, e o indicador direito começou a apontar de forma trêmula e impressionante.

Foi então que ouvi a história, e conforme escutava a voz desconexa e áspera, que mais parecia um sussurro, não conseguia parar de tremer, apesar de ser um dia de verão. Muitas vezes foi preciso conduzi-lo de volta ao fio da meada, procurando entender tópicos científicos que ele conhecia superficialmente, de falha memória, como se fosse um papagaio repetindo o que um dia ouviu de um professor e ainda preenchendo as lacunas nos momentos em que seus sentidos de lógica e continuidade falhavam. Quando ele terminou, não fiquei surpreso por sua mente afetada, nem pelos habitantes de Arkham não gostarem de falar da charneca queimada. Corri de volta ao hotel antes do pôr do sol, sem vontade de ver as estrelas a céu aberto sobre mim; e, no dia seguinte, voltei para Boston para entregar meu cargo. Não tinha como voltar para aquele caos sombrio de velhas florestas e encostas, nem como encarar novamente a charneca queimada onde o poço negro escancarava-se ao lado das ruínas de tijolos e pedras. O reservatório logo será construído, e todos aqueles velhos segredos estarão seguros para sempre nas profundezas das águas. Porém, mesmo assim, não creio que gostaria de visitar aquele povoado à noite, pelo menos não quando as estrelas sinistras brilhassem, e nada me faria beber a nova água da cidade de Arkham.

De acordo com o velho Ammi, tudo começou com o meteorito. Antes disso, não havia lendas desse tipo desde o tempo do julgamento das bruxas, e mesmo naquela época os bosques do oeste não eram tão temidos como a pequena ilha de Miskatonic, onde o diabo comandava as audiências diante de um curioso altar solitário, mais velho do que os índios. Nunca houve florestas assombradas, e a névoa fantástica jamais fora terrível, até os dias estranhos. E então, ao meio-dia, surgiu a nuvem branca, a sequência de explosões no ar, e a cortina de fumaça que partia do vale e penetrava na floresta. E à noite, toda a cidade de Arkham tinha ouvido falar da grande pedra que veio do céu e caiu no solo, ao lado do poço da casa de Nahum Gardner. Era a casa que daria início à charneca queimada, a bem cuidada casa branca de Nahum Gardner com seus jardins e pomares férteis.

Nahum foi à cidade contar às pessoas sobre a pedra e passou na casa de Ammi Pierce no caminho. Naquela época, Ammi tinha quarenta anos e todos os fatos estranhos ficaram fortemente guardados em sua memória. Ele e a

esposa foram com três professores da Universidade de Miskatonic, que se apressaram logo na manhã seguinte para ver o estranho visitante do desconhecido espaço sideral, e estranharam o fato de Nahum tê-lo descrito tão grande no dia anterior. Havia encolhido, Nahum disse ao apontar para o enorme monte marrom sobre o solo rasgado e para a grama carbonizada perto do poço arcaico no jardim da frente; mas os homens sábios disseram que pedras não encolhem. O calor permanecia persistentemente, e Nahum afirmou que o objeto desconhecido havia brilhado levemente durante a noite. Os professores usaram um martelo de geólogo e sentiram a pedra macia demais. Na verdade, era tão mole que até parecia feita de plástico, ficava mais fácil arrancar pedaços do que lascas, e eles levaram uma amostra de volta à faculdade para testes. Colocaram-na em um velho balde emprestado da cozinha de Nahum, pois o pequeno pedaço recusava-se a esfriar. No caminho de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e ficaram pensativos quando a Sra. Pierce disse que o fragmento estava diminuindo e queimando o fundo do balde. De fato, não era grande, mas talvez tivessem arrancado um pedaço menor do que pensaram.

No dia seguinte – tudo aquilo acontecera em junho de 1982 –, os professores voltaram muito agitados. Quando passaram pela casa de Ammi, contaram a ele as coisas estranhas que o espécime fizera, e como ele havia desaparecido ao ser colocado em um tubo de ensaio de vidro.

O tubo de ensaio também desaparecera, e os homens sábios falaram da estranha afinidade entre a pedra e o silício. Havia agido de forma bem inacreditável naquele laboratório organizado, não fazendo nada, nem eliminando gases após ser aquecida no carvão, ficando totalmente negativa na pérola de bórax e provando não demonstrar volatilidade alguma em qualquer temperatura, incluindo o maçarico do oxi-hidrogênio. Mostrou-se altamente maleável na bigorna, e a luminosidade acentuou-se no escuro. Recusando-se incisivamente a esfriar, logo deixou toda a universidade agitada; ao ser aquecida no espectroscópio, exibiu feixes brilhantes, diferentes de todas as cores do espectro normal. Falavam com euforia sobre os novos elementos, as bizarras propriedades óticas e outras coisas que intrigavam os cientistas que não estavam acostumados a dizer que depararam-se com o desconhecido.

Ainda quente, testaram a amostra em um cadinho com todos os reagentes possíveis. Não reagiu à água. O mesmo aconteceu com o ácido hidroclorídrico. O ácido nítrico e até mesmo a água-régia mal chiaram e espirraram contra a tórrida invulnerabilidade. Ammi teve dificuldade em relembrar todas aquelas coisas, mas reconheceu alguns solventes conforme os mencionei na ordem

geral de uso. Eram amônia cáustica e soda cáustica, álcool e éter, o nauseante dissulfeto de carbono, dentre outros. Contudo, embora o peso ficasse cada vez menor conforme o tempo ia passando, e o fragmento parecesse ir esfriando ligeiramente, não havia mudança nos solventes a ponto de mostrar que a substância tivesse penetrado de alguma forma. Não havia dúvida de que era um metal. Com certeza era magnético, e depois, na imersão em ácidos solventes, parecia haver traços sutis dos padrões de Widmanstätten, encontrados em ferro meteórico. Quando o esfriamento se mostrou considerável, o teste foi conduzido em vidro; e foi em um tubo de ensaio de vidro que deixaram todos os fragmentos da amostra original obtida durante o trabalho. Na manhã seguinte, todos os dois fragmentos e o tubo de ensaio haviam desaparecido, sem deixar vestígios, ficando apenas uma mancha carbonizada que marcava o local na prateleira de madeira em que o recipiente e as pedras estavam antes.

Isso tudo os professores contaram a Ammi quando pararam em sua porta, e mais uma vez ele foi com eles para ver o mensageiro de pedra vindo das estrelas. Dessa vez, a esposa não o acompanhou. Com certeza havia encolhido muito agora, e mesmo os sóbrios professores não duvidavam do que viam. Tudo ao redor do minguante monte marrom perto do poço era um espaço vazio, exceto no local em que a terra cedera, e onde antes havia uns bons dois metros e meio, agora não passava de um metro e meio. Ainda estava quente, e os sábios examinaram a superfície curiosamente ao arrancar mais um pedaço grande com um martelo e um formão. Penetraram de forma mais profunda dessa vez, e ao retirarem uma pequena massa, viram que o centro do objeto não era muito homogêneo.

Tiraram a cobertura do que parecia ser a lateral de um enorme glóbulo colorido, embutido na substância. A cor, que se assemelhava aos feixes no estranho espectro do meteoro, era quase impossível de ser descrita; e foi apenas por analogia que eles a chamaram de cor. A textura era lustrosa e, mediante batidas, parecia mostrar-se frágil e oca. Um dos professores deu uma boa batida com um martelo, e a amostra explodiu com um pequeno estalo nervoso. Nada foi emitido, e o espécime desapareceu sem deixar vestígios após a perfuração. Deixou para trás um oco espaço esférico, de aproximadamente três polegadas de diâmetro, e todos acharam provável que outros glóbulos seriam descobertos conforme a substância que os encapsulava fosse desaparecendo.

Qualquer conjetura seria em vão; então, após uma tentativa fútil de encontrar glóbulos adicionais tentando abrir a amostra, os acadêmicos

partiram novamente com o novo espécime, que provou ser tão instável quanto seu antecessor. Além do fato de quase parecer plástico, apresentar calor, magnetismo e uma leve luminosidade, esfriar suavemente diante de ácidos poderosos, possuir um espectro desconhecido, desaparecer no meio do ar e atacar compostos de silício resultando em destruição mútua, o espécime não apresentava qualquer característica que o identificasse, e, no final dos testes, os cientistas da universidade foram forçados a admitir que não poderiam classificá-lo. Não era nada pertencente a esse planeta, tratava-se de algo vindo de outro lugar; portanto, dotado de propriedades distintas, obedientes às leis do local de origem.

Houve uma tempestade naquela noite, e quando os professores chegaram à casa de Nahum no dia seguinte, sentiram uma amarga decepção. A pedra, que era magnética, devia ter alguma propriedade elétrica peculiar, pois havia "atraído o relâmpago", como Nahum explicou, com uma persistência singular. Seis vezes, no período de uma hora, o fazendeiro viu os raios atingirem os sulcos da plantação no jardim da frente, e quando a tempestade acabou, não sobrou nada além de um poço em ruínas, parcialmente soterrado. As escavações não deram em nada, e os cientistas foram testemunhas do desaparecimento por completo. Foi um fracasso total. Não havia mais nada a ser feito além de voltar ao laboratório mais uma vez para testar o fragmento em processo de desaparecimento que foi cuidadosamente deixado envolto em chumbo. O fragmento durou uma semana, e no final dessa semana não foi possível obter nada significativo. Não deixou resíduo algum ao desaparecer, e, com o passar do tempo, os professores já não tinham tanta certeza de ter visto com os próprios olhos o vestígio oculto vindo do insondável abismo do espaço; a estranha mensagem solitária de outros universos e de outros reinos de matéria, força e entidade.

Como era de se esperar, os jornais de Arkham exploraram ao máximo o incidente e o patrocínio da universidade, e enviaram repórteres para conversar com Nahum Gardner e sua família. Ao menos um periódico de Boston enviou um correspondente, e Nahum rapidamente tornou-se uma espécie de celebridade local. Era um homem magro, genial, de cinquenta e poucos anos, que vivia com a esposa e os três filhos em uma agradável propriedade rural no vale. Ele e Ammi visitavam-se frequentemente, assim como as esposas; e Ammi era só elogios para ele em todos aqueles anos. Parecia ligeiramente orgulhoso com a notoriedade que sua casa havia atraído, e falava o tempo todo do meteorito nas semanas que se sucederam. Os meses de julho e agosto daquele ano foram quentes; e Nahum trabalhou duro cobrindo de feno o pasto

e os dez acres que ficavam de frente para o Córrego Chapman; a carroça barulhenta abria sulcos profundos por entre as veredas sombrias. O trabalho o exauriu mais do que nos anos anteriores, e ele sentiu que a idade começava a pesar.

Logo depois, chegou a hora da safra. As peras e as maçãs amadureceram vagarosamente, e Nahum jurava que seus pomares estavam mais prósperos que nunca. Os frutos atingiam tamanho fenomenal e apresentavam um brilho inusitado, e eram tão abundantes que foi preciso encomendar barris extras para dar conta da futura colheita. Mas o amadurecimento trouxe decepção, pois todos os belos frutos de aparência suculenta eram impossíveis de ser ingeridos. Por entre o delicado sabor das peras e maçãs penetrava um amargor furtivo de insalubridade que até mesmo a menor mordida levava a um desgosto duradouro. O mesmo acontecia com os melões e os tomates, e com pesar Nahum viu a colheita toda ser perdida. Rápido ao ligar os eventos, declarou que o meteorito havia envenenado o solo e agradeceu aos céus pela maior parte de sua plantação estar mais acima, mais perto da estrada.

O inverno veio mais cedo e foi muito rigoroso. Ammi viu Nahum com menos frequência que de costume e observou que ele começava a ficar preocupado. A família dele também estava cada vez mais taciturna; e eles começaram a deixar de aparecer na igreja e nos demais eventos sociais da região. Não havia causa para tal isolamento e melancolia, se bem que todos da família, vez ou outra, reclamavam da saúde e de uma vaga sensação de inquietude. O próprio Nahum foi bem assertivo ao dizer que até mesmo certas pegadas na neve tiravam-lhe o sossego. Era comum no inverno haver pegadas de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o agricultor pensativo afirmava haver algo incomum quanto à natureza e harmonia. Ele não entrava em detalhes, mas dava a entender que não tinham as características anatômicas e os hábitos dos esquilos, coelhos e raposas costumeiros. Ammi ouvia sem demonstrar interesse pela conversa, até a noite em que passou pela casa de Nahum de trenó, voltando de Clark's Corner. A lua estava no céu, e um coelho atravessou a estrada correndo, mas os saltos do animal eram longos demais para o gosto de Ammi e seu cavalo. Na verdade, o cavalo teria saído em disparada se não fosse controlado com rédea firme. Depois disso, Ammi passou a respeitar mais as histórias de Nahum, e perguntava-se por que os cachorros de Gardner pareciam trêmulos e acovardados toda manhã. Diziam que haviam até perdido a vontade de latir.

Em fevereiro, os jovens da família McGregor, de Meadow Hill, foram caçar marmotas e, não muito longe da casa de Gardner, abateram um

espécime muito peculiar. As proporções do corpo pareciam levemente alteradas de uma forma estranha, difícil de descrever, e a face apresentava uma expressão nunca vista antes em uma marmota. Os rapazes ficaram verdadeiramente assustados e livraram-se do animal de uma vez por todas. Sendo assim, as pessoas da redondeza só ficaram sabendo do ocorrido por meio dos relatos grotescos. Mas o medo dos cavalos perto da casa de Nahum era fato inegável, e assim deu-se início rapidamente à base de um ciclo de lendas sussurradas.

As pessoas juravam que a neve derretia mais rapidamente perto da casa de Nahum do que em qualquer outra casa, e, no começo de março, houve uma discussão aterrorizante na loja de Potter em Clark's Corner. Stephen Rice tinha passado de carro na frente da casa de Gardner de manhã e percebeu pés de arácea surgindo na lama, na mata, do outro lado da estrada. Nunca se vira antes hortaliças de tal tamanho, e as estranhas cores que possuíam não podiam ser nomeadas. As formas eram monstruosas, e o cavalo relinchou diante do odor totalmente sem precedentes que atingiu Stephen. Naquela tarde, várias pessoas passaram pela plantação anormal e todos concordaram que plantas daquele tipo jamais deveriam brotar em um mundo saudável. Os frutos ruins do outono anterior foram mencionados livremente e a notícia de que as terras de Nahum estavam envenenadas foi espalhando-se de boca em boca. Só podia ser o meteorito; e lembrando-se de como os acadêmicos acharam a pedra estranha, vários fazendeiros foram discutir o assunto com eles.

Certo dia, fizeram uma visita a Nahum, mas foram muito conservadores em suas inferências, pois não eram fãs de contos fantásticos e de folclore. As plantas eram certamente estranhas, mas aráceas são, de fato, um tanto exóticas em sua formas e matizes. Talvez algum elemento mineral da pedra tivesse penetrado no solo, mas logo iria embora com a chuva. E quanto às pegadas e aos cavalos assustados, claro que aquilo era mero boato local, típico do que se suscita quando um fenômeno como o aerólito acontece. Não havia nada que homens sérios pudessem fazer em casos de futricas absurdas, pois supersticiosos dizem e acreditam em tudo. E assim, durante todos aqueles dias estranhos, os estudiosos mantiveram-se afastados, desdenhosos. Apenas um deles, ao receber duas amostras de poeira para análise em um caso policial, um ano e meio mais tarde, lembrou-se de que a cor estranha da arácea era muito parecida com um dos feixes de luz anômalos exibidos pelo fragmento de meteoro no espectroscópio da universidade e com a cor do frágil glóbulo encontrado encapsulado na pedra do abismo. A princípio, as amostras em análise apresentam os mesmos feixes estranhos, mais tarde perdendo a

propriedade.

As árvores floresceram prematuramente perto da casa de Nahum, e à noite inclinavam-se de forma sinistra com o vento. O filho do meio de Nahum, Thaddeus, um rapaz de quinze anos, jurou que elas também se inclinavam quando não havia vento; mas mesmo os fofoqueiros não acreditavam naquilo. Contudo, era certeza que havia uma inquietação no ar. A família Gardner inteira desenvolveu o hábito de ouvir furtivamente, mas não em relação a sons que fossem capazes de nomear conscientemente. Na verdade, a escuta era mais um produto dos momentos em que a consciência parecia ter quase falhado. Infelizmente, tais momentos eram a cada semana mais frequentes, até virar senso comum a ideia de que havia "algo errado com a família de Nahum". Quando a saxífraga floresceu prematuramente, a cor também era estranha, nem tanto quanto a da arácea, mas muito semelhante e igualmente desconhecida por todos que a viam. Nahum levou alguns botões para Arkham e os mostrou ao editor da Gazeta, mas tudo que o dignitário fez foi escrever um artigo zombeteiro sobre ele, no qual os medos sombrios dos nativos eram educadamente ridicularizados. Nahum errou ao contar a um impassível homem da cidade sobre a forma como as enormes borboletas sombrias comportavam-se em relação às saxífragas.

Abril chegou trazendo uma espécie de loucura aos habitantes dos locais, que começaram a evitar a estrada perto da casa de Nahum, levando-a ao abandono total. O problema era a vegetação. Todas as árvores frutíferas floresceram com estranhas cores, e no solo pedregoso do jardim e do pasto adjacente havia mudas bizarras que apenas um botânico poderia ligar à flora adequada da região. Não se avistavam cores sãs, exceto pela relva e folhagem verdes, mas por toda parte estavam as variantes febris e prismáticas de alguma tonalidade primária doentia que não encontrava lugar entre as cores conhecidas da terra. As dicentras transformaram-se em ameaças sinistras, e as sanguinárias cresciam em insolente perversão cromática. Ammi e a família Gardner acharam que a maioria das cores tinha uma certa familiaridade que assombrava e concluíram que os fazia lembrar do frágil glóbulo no meteoro. Nahum arou e semeou os dez acres de pasto e a terra na parte de cima, mas nem mexeu no solo ao redor da casa. Sabia que não adiantaria nada, e tinha esperança de que o estranho cultivo do verão arrancasse todo o veneno do solo. Estava preparado para qualquer coisa e havia se acostumado à sensação de haver algo perto dele esperando para ser ouvido. O isolamento da casa pelos vizinhos o chateou, claro; mas chateou ainda mais sua esposa. Os garotos não sentiam tanto, pois iam à escola todos os dias, contudo, não tinham como

evitar o medo da fofoca. Thaddeus, que era um jovem especialmente sensível, sofria mais que os outros.

Em maio vieram os insetos, e a casa de Nahum tornou-se um pesadelo de zumbidos e rastejamentos. A maioria das criaturas não apresentava aspectos e movimentos típicos, e os hábitos noturnos contradiziam todas as experiências anteriores. Todos da família Gardner passaram a vigiar de noite, olhavam para todas as direções aleatoriamente, como que à procura de algo que não conseguiam identificar. E então perceberam que Thaddeus estava certo o tempo todo sobre as árvores. A sra. Gardner foi a segunda pessoa da casa a notar, pois observava pela janela os galhos dilatados do bordo sob a luz do luar. Os galhos agitaram-se com certeza, e não havia vento algum. Deveria ser a seiva. Uma atmosfera estranha havia penetrado em toda a vegetação. No entanto, não foi nenhum membro da família de Nahum que fez a próxima descoberta. A familiaridade os entorpecera e o que não conseguiram ver foi percebido por um tímido vendedor de moinhos de Bolton que passava com seu carro por lá à noite por não ter conhecimento das lendas do local. O que ele contou em Arkham recebeu um pequeno parágrafo na Gazeta; e foi assim que todos os fazendeiros, incluindo Nahum, ficaram sabendo do fato.

A noite estava escura e a luz do lampião era fraca, mas ao redor de uma fazenda do vale, a escuridão era menos densa, e todo mundo que ouvira a história sabia que se tratava da fazenda de Nahum. Uma luminosidade sutil, embora distinta, parecia fluir de toda a vegetação, da grama, das folhas e flores, e, em dado momento, um fragmento da fosforescência parecia movimentar-se de maneira furtiva na área próxima ao celeiro.

Até o momento, a grama não parecia ter sido afetada, e as vacas pastavam livremente no campo perto da casa, mas no final de maio, o leite começou a ficar ruim. Nahum levou as vacas para as terras mais altas e depois disso o problema foi resolvido. Pouco tempo depois, a mudança na grama e nas folhas ficou bem aparente. Toda a área verde estava se transformando em cinza e começava a desenvolver uma característica altamente peculiar de fragilidade. Ammi passou a ser a única pessoa que visitava o local, e suas visitas foram ficando cada vez menos frequentes. Quando o ano letivo terminou, a família Gardner cortou literalmente o contato com o mundo, e às vezes era Ammi quem resolvia as coisas para eles na cidade. Curiosamente, pareciam estar se degenerando tanto física quanto mentalmente, e ninguém se surpreendeu quando a notícia de que a sra. Gardner havia enlouquecido se espalhou.

Acontecera em junho, cerca de um ano depois da queda do meteoro, e a pobre mulher gritava sobre ver coisas no ar que não conseguia descrever. Em

seus delírios não havia nenhum substantivo específico, apenas verbos e pronomes. As coisas moviam-se, mudavam e voavam, e os ouvidos vibravam diante de impulsos que não eram inteiramente sons. Algo estava sendo tirado dela, estava sendo extraído dela, e algo, que não deveria estar ali, prendia-se a ela, nada se aquietava durante a noite, até paredes e janelas deslocavam-se. Nahum não a mandou para o manicômio da cidade, deixando-a perambular pela casa desde que ela não se ferisse e nem ferisse aos demais. Mesmo quando a expressão dela ficou diferente, ele nada fez. Mas quando os meninos ficaram com medo dela, e Thaddeus quase desmaiou por causa das caretas que ela fazia para ele, Nahum decidiu prendê-la no sótão. No começo de julho, ela já havia parado de falar e engatinhava pelo cômodo, e antes de o mês acabar, Nahum teve a estranha impressão de que ela estava ligeiramente luminosa no escuro, e então finalmente viu que toda a vegetação ao redor da casa ficava da mesma forma.

Um pouco antes disso, os cavalos partiram em debandada. Algo os incitou no meio da noite, e os relinchos e coices nas cocheiras foram terríveis. Nada parecia acalmá-los, e quando Nahum abriu a porta do estábulo, todos eles saíram em disparada como cervos assustados. Levou uma semana para rastrear os quatro, e quando foram encontrados, pareciam inúteis e indóceis. Algo lhes afetara o cérebro, e todos tiveram que ser sacrificados. Nahum pegou um cavalo emprestado de Ammi para produzir o feno, mas ele não se aproximava do celeiro. Recuava, empacava, relinchava e, por fim, tudo o que conseguiu foi conduzi-lo ao campo enquanto os homens faziam toda a força para manter a carroça próxima ao palheiro, e assim carregá-la. Durante todo o tempo a vegetação ficava cada vez mais cinza e mais frágil. Até mesmo as flores, cujas matizes eram tão estranhas antes, agora tornavam-se cinzentas, e as frutas vinham cinzentas, menores e sem sabor. Os ásteres e as varas-de-ouro floresciam em tom cinza e distorcido, e as rosas, as zínias e as malvas-rosas do jardim da frente tinham uma aparência tão ímpia que o filho mais velho de Nahum, Zenas, as arrancou. Foi nessa época que os insetos estranhamente grandes morreram, até mesmo as abelhas deixaram suas colmeias e foram em direção à mata.

Em setembro toda a vegetação foi se transformando em um pó acinzentado, e Nahum temia que as árvores fossem morrer antes que o efeito do veneno no solo passasse. A esposa passou a ter episódios de terrível gritaria, e ele e os garotos estavam em estado constante de tensão nervosa. Distanciaram-se de todas as pessoas, e os garotos não voltaram para a escola no início do ano letivo. Mas foi Ammi, em uma de suas raras visitas, quem

percebeu que a água do poço estava estragada também. Tinha um gosto diabólico, que não era exatamente fétido e nem exatamente salgado, e Ammi aconselhou o amigo a cavar outro poço em solo mais alto para usar enquanto aquela terra estivesse infértil. Mas Nahum ignorou o aviso, pois àquela altura já estava acostumado a coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os garotos continuaram a usar o suprimento contaminado, bebendo-o mecânica e indiferentemente, assim como ingeriam as refeições escassas e malcozidas, e faziam suas tarefas monótonas e ingratas no decorrer dos dias sem propósito. Havia em todos eles uma espécie de resignação impassível, como se caminhassem em um outro mundo, por entre as filas de guardas desconhecidos em direção a um fim inevitável e familiar.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma ida ao poço. Foi com um balde nas mãos e voltou sem nada, berrando e agitando os braços, e às vezes ecoando risos ineptos, sussurrava, falando sobre "as cores que se movimentavam lá embaixo". Dois insanos na mesma família era algo bem ruim, mas Nahum foi muito corajoso. Deixou o garoto correr livre por uma semana, até que ele começou a tropeçar e se machucar, e então o trancou em um quarto no sótão de frente para o da mãe dele. A forma como gritavam um com o outro por detrás das portas era horrível, especialmente para o pequeno Merwin, que achava que eles estavam conversando em alguma língua terrível que não era desse planeta. Merwin estava ficando espantosamente imaginativo, e sua inquietação aumentou depois do confinamento do irmão, que era seu parceiro de brincadeiras.

Foi quase na mesma época que se iniciou a mortalidade do gado. As aves tornaram-se cinzentas e morreram rapidamente, a carne ficou seca e fétida ao corte. Os porcos engordaram de forma descomunal e repentinamente começaram a sofrer alterações detestáveis, que ninguém conseguia explicar. É óbvio que a carne era intragável, e Nahum sentia as forças se esvaírem. Nenhum veterinário rural ousava aproximar-se do local, e o veterinário da cidade de Arkham obviamente não sabia o que fazer. Os suínos começaram a ficar cinzentos e frágeis, caindo aos pedaços antes mesmo de morrer, e os olhos e bocas desenvolveram estranhas alterações. Era totalmente inexplicável, pois nunca foram alimentados com a vegetação contaminada. E foi então que algo atingiu as vacas. Algumas áreas, ou às vezes até o corpo todo, ficavam estranhamente enrugadas ou comprimidas, e era comum haver colapsos atrozes ou desintegrações. Nos últimos estágios, sempre antecedendo a morte, elas iam ficando acinzentadas e frágeis da mesma forma que os porcos.

Não podia ser o veneno, pois todos os casos ocorreram em um celeiro

trancado e isolado. Não era possível que picadas de insetos pudessem ter transmitido o vírus, pois qual animal vivo e terrestre conseguiria passar por sólidos obstáculos? Devia ser doença natural, mas ninguém conseguia discernir qual doença seria capaz de causar tamanho estrago. Na época da colheita, não havia um animal vivo sequer no local, pois o gado e as aves estavam mortos, e os cães haviam fugido. Os cães, que eram três, desapareceram em uma noite e nunca mais se soube deles. Os cinco gatos partiram antes, mas ninguém percebeu sua fuga já que na época em que partiram nem parecia haver mais ratos por lá, e somente a sra. Gardner tinha afeição pelos felinos.

Em dezenove de outubro, Nahum chegou aos tropeços na casa de Ammi com notícias horrendas. Thaddeus havia falecido no quarto do sótão, e a morte ocorreu de uma forma que nem podia ser explicada. Nahum cavara uma cova no jazigo da família atrás da fazenda, enterrando lá o que havia encontrado. Nada externo poderia ter causado aquilo, pois a pequena janela com grades e a porta trancada estavam intactas; mas era muito parecido com o que havia acontecido no celeiro. Ammi e a esposa consolaram o homem abatido da melhor forma que puderam, mas estremeceram ao fazê-lo. Um terror absoluto parecia rodear Nahum Gardner e família e tudo o que tocavam, e a própria presença de um deles na casa de alguém era como um sopro vindo de regiões não identificadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até em casa com extrema relutância, e fez o que pôde para acalmar o choro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisou ser acalmado. Nos últimos tempos, tudo o que fazia era olhar fixamente para o nada e obedecer ao pai; e Ammi pensou que o destino estava sendo bem misericordioso com ele.

De vez em quando, os gritos de Merwin encontravam um fraco eco vindo do sótão, e para responder ao olhar curioso do menino, Nahum dizia que a esposa estava piorando. Ao cair da noite, Ammi conseguiu ir embora, pois nem mesmo a amizade o prenderia naquele lugar quando a vegetação começasse a brilhar debilmente e as árvores começassem a se inclinar, com ou sem vento. Ammi tinha muita sorte por não ser muito imaginativo. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, sua mente não se afetava tanto; porém, se tivesse conseguido ligar os fatos e refletir sobre todos os acontecimentos, teria inevitavelmente ficado totalmente insano. Apressou-se para casa ao crepúsculo. Os gritos da mulher louca e da criança nervosa martelavam em seus ouvidos.

Três dias depois, Nahum irrompeu na cozinha de Ammi logo cedo, e na ausência do amigo, começou a gaguejar desesperadamente ao contar à sra. Pierce um fato angustiante, que ela ouvia cada vez mais apavorada. Dessa vez

era Merwin. Ele tinha desaparecido. Saiu tarde da noite com um lampião e um balde para pegar água, e nunca mais voltou. Há dias vinha definhando, e o pai mal sabia o que se passava com ele. Gritava para tudo. Houve um grito frenético no jardim, mas antes que Nahum conseguisse chegar à porta, o garoto tinha desaparecido. A luz do lampião não brilhava mais e não havia vestígios da criança. Na hora, Nahum achou que o lampião e o balde tivessem desaparecido também, mas ao voltar da busca feita durante toda a noite nas matas e campos, percebeu alguns objetos curiosos perto do poço. Havia uma massa de ferro, aparentemente esmagada e fundida de alguma forma que indubitavelmente era o lampião; e uma alça amassada com aros retorcidos ao lado, todos meio fundidos, pareciam ser o que sobrara do balde. Aquilo era tudo o que restara. Nahum já não conseguia imaginar mais nada, a sra. Pierce não tinha expressão alguma, e Ammi, quando chegou em casa e ouviu a história, não conseguiu dar palpite algum. Merwin desaparecera, e era inútil perguntar para os vizinhos, que àquela altura tinham cortado todo contato com a família Gardner. Também não havia sentido perguntar para os moradores da cidade de Arkham, que riam de tudo. Thad se fora e agora Merwin tinha partido também. Algo não parava de rondar por lá, esperando para ser visto e ouvido. Nahum seria o próximo, e queria que Ammi cuidasse da esposa e de Zenas, caso sobrevivessem. Tudo aquilo deveria ser algum tipo de julgamento, mas ele não conseguia saber o motivo, pois sempre seguira os caminhos do Senhor. Por mais de duas semanas, Ammi não teve notícias de Nahum; e então, preocupado que algo pudesse ter acontecido, superou seus medos e foi visitar a casa da família Gardner. Não havia fumaça saindo da grande chaminé, e, por um momento, o visitante temeu o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante, a grama murcha e cinzenta, as flores espalhadas pelo solo, frágeis parreiras caindo pelos muros e frontões arcaicos, e enormes árvores nuas rasgando o céu cinza de novembro com estudada malevolência, que Ammi sentiu vir da súbita mudança na inclinação dos galhos. Mas Nahum estava vivo, afinal de contas. Estava fraco, deitado no sofá da cozinha de pé-direito baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar ordens simples a Zenas. O cômodo apresentava um frio mortal, e como Ammi tremia visivelmente, o dono da casa gritou com voz rouca para Zenas pegar mais madeira. A madeira, na verdade, era extremamente necessária, pois a cavernosa lareira estava apagada e vazia, com uma nuvem de fuligem que descia pelo vento que adentrava a chaminé. Logo em seguida, Nahum perguntou se a madeira extra deixara Ammi mais confortável, e então Ammi viu o que estava acontecendo. O laço mais forte havia finalmente rompido, e a

mente infeliz do fazendeiro não sofreria mais.

Ammi questionou Nahum com muito cuidado, mas não obteve informações precisas sobre o desaparecimento de Zenas.

— No poço, ele vive no poço... — Era tudo o que o pai perturbado conseguia dizer.

Em seguida, o visitante lembrou-se da esposa enlouquecida e mudou a estratégia das perguntas.

— Nabby? Oras, ela está aqui! — Foi a resposta surpreendente do pobre Nahum, e Ammi logo percebeu que ele mesmo teria que procurar.

Deixou o tagarela inofensivo no sofá, tirou as chaves penduradas no prego ao lado da porta e subiu as escadas rangentes até o sótão. Era muito apertado e fétido por lá, e não se ouvia som algum. Das quatro portas avistadas, apenas uma estava trancada, e então ele testou várias chaves do molho. A terceira chave funcionou, e depois de algumas tentativas, Ammi abriu a baixa porta branca.

Estava muito escuro lá dentro. A janela era pequena e meio obscura devido às barras de madeira maciça. Ammi não conseguia ver nada no chão de tábuas largas. O cheiro ruim era insuportável, e antes de prosseguir ele teve que sair do quarto para voltar com os pulmões cheios de ar fresco. Quando voltou, notou algo escuro no canto, e ao ver aquilo com clareza, gritou abertamente. Enquanto gritava, achou que uma nuvem momentânea encobria a janela, e um segundo mais tarde sentiu uma abominável corrente de vapor roçar seu corpo. Cores estranhas dançavam diante de seus olhos; e, se não estivesse entorpecido pelo horror, teria se lembrado do glóbulo no meteoro que o martelo do geólogo havia estilhaçado e da mórbida vegetação que havia florescido na primavera. Naquele momento, pensou apenas na monstruosidade blasfema que o confrontava e que claramente compartilhava do destino inominável do jovem Thaddeus e dos animais. Mas o terrível era que aquele horror se movia vagarosamente e perceptivelmente ao mesmo tempo em que se desfazia.

Ammi não me deu maiores detalhes sobre a cena, mas a forma no canto do quarto não reaparece em sua narrativa como um objeto em movimento. Há coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito com um senso humanitário às vezes é condenado pela lei. Entendi que nenhum objeto em movimento tinha sido deixado naquele quarto no sótão, e que deixar qualquer coisa que se movesse por lá teria sido considerado um ato monstruoso, condenando a pessoa que o cometera a um tormento eterno. Qualquer um que não fosse um fazendeiro impassível teria desmaiado ou ficado louco, mas

Ammi saiu consciente pela porta baixa e trancou o segredo maldito atrás dele. Agora era o momento de focar em Nahum; era preciso alimentá-lo e tinha que ser levado a algum lugar em que pudesse ser cuidado.

Enquanto descia as escadas escuras, Ammi ouviu um baque no andar de baixo. Até pensou ter sido um grito subitamente sufocado, e lembrou-se, assustado, do vapor aterrorizante que havia roçado nele no quarto lá em cima. Que presença seu grito e entrada no quarto haviam libertado? Paralisado por um medo indefinido, ele ainda ouviu mais ruídos lá embaixo. Indubitavelmente era um detestável barulho de algo pesado, arrastado e pegajoso, algum tipo de sucção diabólica e imunda. Com o sentido de associação elevado até as alturas febris, lembrou-se imediatamente do que acabara de ver no andar de cima. Deus do céu! Que mundo sobrenatural era aquele que tinha adentrado? Ele não ousava se mover, permanecia em pé, tremendo diante da curva negra da escadaria. Cada detalhe da cena queimava como fogo em seu cérebro. Os sons, a sensação de espera temerosa, a escuridão, a inclinação do degrau estreito e a fraca, mas inequívoca luminosidade de todo o madeiramento do local: degraus, corrimãos, vigas e ripas expostas. Misericórdia!

Então, ouviu-se um relincho ensandecido do cavalo de Ammi que estava lá fora, seguido de um galope que anunciava uma fuga frenética. Logo em seguida, o cavalo e a charrete estavam longe do seu alcance, deixando o homem assustado na escadaria escura, imaginando o que poderia ter ocasionado a fuga. Mas aquilo não era tudo. Houve outro som lá fora. Um tipo de pancada líquida na água, devia ser o poço. Deixara seu cavalo, Herói, solto perto dele, e a roda da charrete deve ter roçado no muro e derrubado uma pedra. A pálida fosforescência continuava a brilhar naquele antigo madeiramento detestável. Meu Deus! Como aquela casa era velha! A maior parte havia sido construída antes de 1670, e a água-furtada não muito depois de 1730.

Um débil arranhar no piso térreo era ouvido com clareza, e Ammi segurou com força a vara que havia trazido do sótão, caso precisasse. Criando coragem, desceu as escadas e foi em direção à cozinha. Mas não chegou ao seu destino, pois o que procurava não estava mais lá. Veio ao encontro dele, e de certo modo ainda vivia. Ammi não sabia se rastejava ou se era arrastado por forças externas; mas a morte havia passado por lá. Tudo tinha acontecido na última meia hora, mas o colapso, a cor cinza e a desintegração já estavam em estágio avançado. Havia uma fragilidade horrível, e os fragmentos secos caíam em camadas. Ammi não conseguiu tocar, mas olhou horrorizado para a paródia

distorcida daquilo que um dia tinha sido um rosto.

— Que aconteceu, Nahum? Que foi? — sussurrou, e os lábios rachados e inchados conseguiram apenas esboçar uma última resposta.

— Nada... nada... a cor... queima... fria e molhada... mas queima... vive no... poço... eu vi... um tipo de fumaça... como as flores... na primavera... o poço... brilhava à noite... Thad... e... Merwin... e... Zenas... tudo que vive... sugando... a vida... de tudo... da pedra... deve... ter vindo... de lá... envenenou... tudo... não sei o que ela quer... a coisa redonda... que... os homens... da universidade... tiraram da pedra... esmagaram... era... da mesma cor... igual... como as flores... e plantas... devia ter mais... sementes... sementes... cresceram... eu vi... primeira vez esta semana... acabou com Zenas... um menino grande... cheio de vida... entra na sua mente... penetra... arde... lá no poço... água... você tinha razão... água diabólica... Zenas... nunca voltou do poço... não dá para escapar... arrasta... você sabe que a coisa está vindo, mas não dá para fugir... pega você... eu vi... muitas vezes... desde que pegou Zenas... e a Nabby?... Ammi?... minha cabeça... não está bem... não sei ... quando ela comeu... vai pegá-la... se não tomarmos cuidado... a cor da cabeça dela... está ficando cinza... às vezes queima e suga... à noite... veio de um lugar em que as coisas não são como aqui... os professores avisaram... estavam certos... olha, Ammi, vai acontecer mais coisa... suga a vida...

E aquilo foi tudo. Aquela coisa que falara não podia mais falar, pois tinha desmoronado completamente. Ammi colocou uma toalha xadrez vermelha sobre o que havia sobrado e foi aos tropeços até a porta de saída, seguindo para o campo. Escalou a encosta e os dez acres de pasto, e seguiu para casa pela estrada do norte e pela mata. Não conseguia passar pelo poço de onde o cavalo havia fugido. Olhou para lá pela janela e viu que o muro estava intacto. Então, a charrete não havia deslocado nenhuma pedra do muro do poço, e a batida na água devia ter sido causada por outra coisa, algo que entrou no poço depois de ter feito aquilo com o pobre Nahum.

Quando Ammi chegou em casa, o cavalo e a charrete estavam lá, o que causou enorme sofrimento na esposa de tanta ansiedade. Ele a tranquilizou sem dar explicações, partiu imediatamente para Arkham e notificou as autoridades sobre o fato de que toda a família Gardner deixara de existir. Não deu detalhes, mas meramente contou sobre as mortes de Nahum e Nabby, pois a de Thaddeus já era conhecida, e mencionou que a causa parecia ter sido a mesma que aniquilou os animais. Ele também afirmou que Merwin e Zenas tinham desaparecido. Houve um questionamento na delegacia de polícia, e, no final, Ammi foi obrigado a acompanhar três policiais ao local, juntamente com

o legista, um médico e o veterinário que havia cuidado dos animais doentes. Foi muito a contragosto, pois já era quase fim de tarde e temia o cair da noite naquele local condenado, mas sentia algum tipo de conforto por ter mais pessoas com ele.

Os seis homens seguiram em uma carroça, atrás da charrete de Ammi, e chegaram à fazenda maldita perto das quatro horas. Todos os oficiais estavam acostumados a experiências horrendas, mas todos se abateram com o que foi encontrado no sótão e debaixo da toalha xadrez vermelha, no chão, lá embaixo. Todo o aspecto de desolação cinza da fazenda já era terrível o suficiente, mas aqueles objetos que se desfaziam extrapolavam tudo. Ninguém conseguia olhar para eles por muito tempo, e até mesmo o médico teve que admitir que havia muito pouco a ser examinado. É claro que os espécimes podiam ser analisados, e ele rapidamente tirou uma amostra. Mais tarde, houve um intrigante episódio no laboratório da faculdade para onde as amostras de poeira haviam sido levadas. Sob o espectroscópio, as duas amostras apresentaram um espectro desconhecido, e muitas das amostras estranhas eram precisamente similares às do meteoro do ano anterior. A propriedade de emissão do espectro desapareceu em um mês, e a poeira logo depois, consistindo principalmente de fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi não teria contado a eles sobre o poço se tivesse imaginado que os homens iam querer examiná-lo imediatamente. O sol ia começar a se pôr e ele estava ansioso para ir embora. Como não conseguia parar de olhar nervosamente para o muro do poço, um detetive o questionou e ele admitiu que Nahum temia demais algo que estava lá embaixo, e jamais ousou procurar Merwin e Zenas naquele lugar. Depois disso, só pensaram em esvaziar o poço e explorá-lo de imediato, então Ammi teve que esperar enquanto cada balde de água era retirado e jogado sobre o solo lá fora. Os homens fungavam de desgosto diante do fluido e, no final, cobriam as narinas para não sentir o fedor que se espalhava. Até que o trabalho levou menos tempo do que imaginavam, pois o nível de água estava fenomenalmente baixo. Também não há necessidade de contar o que eles encontraram exatamente. Tanto Merwin quanto Zenas estavam lá, parcialmente, embora os vestígios fossem em grande parte esqueléticos. Havia ainda um pequeno cervo e um enorme cão no mesmo estado, e um grande número de ossos de animais. O limo e o lodo no fundo do poço pareciam inexplicavelmente porosos e borbulhantes, e um homem que desceu com uma vara nas mãos conseguiu enterrá-la até o fundo na lama sem encontrar qualquer obstrução sólida. O crepúsculo caía, e lampiões foram acesos na casa. E então, quando viram que não iam conseguir

mais nada do poço, todos entraram e deliberaram na velha sala de estar enquanto a luz intermitente da meia-lua espectral brincava timidamente com a desolação cinza lá fora. Os homens mostravam-se ligeiramente chocados com o caso todo e não encontravam um elemento convincente comum que ligasse a estranha condição da vegetação, a doença desconhecida dos animais e dos humanos, e as inexplicáveis mortes de Merwin e Zenas no poço maldito. Tinham ouvido os boatos que corriam pela região, mas não acreditavam em nada que fosse contrário às leis da natureza. Era inegável que o meteoro tinha envenenado o solo, mas a doença das pessoas e dos animais, que não haviam comido nada plantado naquele solo, era outra história. Teria sido a água do poço? Era bem possível. Seria uma boa ideia analisá-la. Mas que loucura peculiar teria feito os rapazes pularem no poço? O ato dos garotos foi muito similar, e os fragmentos mostraram que ambos sofreram a morte cinzenta que desintegrava. Por que tudo estava tão cinzento e se desintegrando?

Foi o legista, sentado perto de uma janela que dava vista para o jardim, quem primeiro percebeu o brilho ao redor do poço. Já era noite plena, e todo o local horroroso estava levemente iluminado. Não era por causa dos fracos raios de luar; aquele novo brilho era algo definido e distinto, e parecia emanar do poço negro como se fosse a luz suave de um holofote, refletindo de forma amorfa as pequenas poças de água derramadas no chão. A cor era muito estranha, e quando todos os homens se reuniram ao redor da janela, Ammi teve um violento sobressalto. O misterioso feixe do miasma horrendo não lhe era estranho. Já tinha visto aquela cor antes e temia o que ela pudesse significar. Ele a viu no glóbulo frágil naquele aerólito há dois anos a viu na louca vegetação da primavera, e achou ter visto por um instante, naquela mesma manhã, na pequena janela gradeada do terrível quarto do sótão em que coisas inomináveis tinham acontecido. Reluziu por um segundo, e uma corrente de vapor pegajosa e odiosa passou por ele, roçando-o, e foi então que alguma coisa daquela cor acabou com Nahum. Foi a última coisa que ele disse, que foram as plantas e o glóbulo. Depois, houve a fuga no jardim e o barulho no poço, e agora o poço estava lançando noite adentro um raio pérfido e pálido com a mesma cor demoníaca.

O estado de alerta da mente de Ammi merece crédito, pois conseguia elucubrar sobre um ponto essencialmente científico naquele momento de tensão. Não conseguia parar de pensar em ter visto a mesma impressão em um brilho à luz do dia, por uma janela aberta para o céu da manhã, e em uma exalação noturna vista como uma névoa fosforescente contra um cenário negro e queimado. Aquilo não estava certo, era contra a natureza, e ele se lembrou

das terríveis últimas palavras do amigo moribundo: “Ela veio de algum lugar em que as coisas não são como aqui... um dos professores disse isso...”.

Todos os três cavalos lá fora, amarrados a duas árvores secas perto da estrada, relinchavam e davam coices frenéticos. O motorista do carro ia em direção à porta para fazer alguma coisa, mas Ammi colocou a mão trêmula em seu ombro.

— Não vá lá — sussurrou. — Há mais coisas que não sabemos. Nahum disse que alguma coisa que suga a vida vivia no poço. Disse que devia ser algo que saiu da bola redonda como a que todos vimos na pedra do meteoro que caiu há um ano, em junho. Ele disse que sugava e queimava, e que não passava de uma nuvem de cor como essa que está lá fora agora, que mal podemos ver e que não sabemos o que é. Nahum achava que ela se alimenta de tudo que vive e fica cada vez mais forte. Ele disse que a viu na semana passada. Deve ser algo que vem de longe no céu, como os homens da universidade ano passado disseram que a pedra do meteoro era. Do jeito que é feita e do jeito que age, não é do mundo de Deus. É de algum outro mundo.

Então os homens pararam indecisos enquanto a luz do poço ficava cada vez mais forte, e os cavalos relinchavam e davam coices cada vez mais frenéticos. Foi um momento verdadeiramente terrível. O terror invadindo a antiga casa maldita, quatro monstruosas pilhas de fragmentos – dois da casa e dois do poço – no alpendre dos fundos, e aquele raio de iridescência desconhecida e medonha das profundezas lodosas em frente da casa. Ammi impedira que o motorista fosse até lá por um impulso, esquecendo-se de como ele mesmo tinha saído ileso quando o vapor colorido passou por ele no quarto do sótão, mas talvez, tenha feito a coisa certa. Ninguém jamais ficaria sabendo o que era aquilo lá fora naquela noite; e, apesar da blasfêmia do além até o momento ter machucado apenas humanos com a mente debilitada, não tinha como saber o que poderia fazer naquele momento, com as forças aparentemente aumentadas e com os sinais da intenção que logo seriam expostos sob o céu parcialmente nublado e iluminado pela luz do luar.

De súbito, um dos policiais que estava perto da janela teve um sobressalto. Os outros olharam para ele e rapidamente seguiram seu olhar para o alto até o ponto em que não dava mais para desviar. Não havia necessidade de palavras. Não havia necessidade de falar novamente sobre os rumores espalhados na cidade, e foi por causa daquilo que viram, e que o grupo concordou comentar aos sussurros mais tarde, que nunca mais se falou sobre os dias estranhos em Arkham. É necessário esclarecer que não havia vento naquela hora da noite. O vento manifestou-se depois, mas, naquele momento, não havia absolutamente

nada. Até mesmo as pontas secas da cerca-viva de mostarda que ainda permanecia, apesar de cinzentas e destruídas, e a franja na cobertura da charrete continuavam imóveis. Contudo, em meio à tensa calmaria diabólica, os altos galhos desnudos das árvores do jardim não paravam de se mover. Contorciam-se de forma mórbida e espasmódica, cortando com uma loucura convulsiva e epilética as nuvens sob a luz do luar; arranhando de forma impotente o ar tóxico como se agitadas por uma linha de articulação semelhante e incorpórea, com horrores subterrâneos que se contorciam e se debatiam debaixo das raízes negras.

Todos seguraram o fôlego por vários segundos. E então uma nuvem das profundezas ainda mais negras escondeu a lua, e a silhueta dos galhos agitados desapareceu momentaneamente. Os homens ficaram boquiabertos diante daquilo. Nas gargantas, o grito abafado pelo pavor era rouco e idêntico. Pois o terror não tinha desaparecido com a silhueta, e em um instante terrível de escuridão ainda mais profunda, viram, no topo das árvores, mil pontos minúsculos de radiação fraca e profana, por cima de todos os galhos como o Fogo de Santelmo ou como as chamas que saíam das cabeças dos apóstolos em Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz sobrenatural, como uma nuvem de vaga-lumes alimentados com carniça, dançando sarabandas infernais em um pântano maldito, e a cor era a mesma inominável intrusão que Ammi reconhecia e temia. Durante todo o tempo, o raio fosforescente do poço brilhava cada vez mais forte, deixando as mentes dos homens acuados com uma sensação apocalíptica e anormal, que de longe ultrapassava qualquer imagem conscientemente formada em suas mentes. Havia parado de brilhar; estava espalhando-se pelo local; e conforme a corrente sem forma da cor não identificável saía do poço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário estremeceu e foi até a porta da frente para trancá-la com uma barra de ferro a mais. Ammi também tremia muito e teve que cutucar e apontar, por faltar-lhe a voz, quando desejou chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores. Os relinchos e coices dos cavalos tinham se tornado extremamente assustadores, mas nenhuma alma naquele grupo na velha casa teria se aventurado a sair de lá por qualquer que fosse a recompensa. Em pouco tempo, o brilho das árvores aumentou, enquanto os agitados galhos pareciam atingir cada vez mais a verticalidade. A madeira da abertura do poço brilhava, e um policial, sem conseguir dizer uma palavra, apontou para as pilhas de madeira e para as colmeias perto do muro de pedra a oeste. Também começavam a brilhar, mas os veículos dos visitantes pareciam não ter sido afetados até então. Em seguida, houve forte comoção, seguida pelo som de

galope na estrada, e quando Ammi apagou a luz do lampião para ver melhor, todos perceberam que os cavalos haviam se soltado da árvore e fugido com a carroça. O choque serviu para soltar algumas línguas, que trocaram sussurros envergonhados:

— Espalha-se por tudo que é orgânico – balbuciou o médico. Ninguém respondeu, mas o homem que entrara no poço acredita-va ter acordado algo intangível com a vara.

— Foi horrível — acrescentou. — Não havia fundo. Só lodo e bolhas, e a sensação de que existia algo espreitando lá embaixo.

O cavalo de Ammi ainda dava coices e relinchava de forma ensurdecedora na estrada lá fora, quase abafando a voz fraca e trêmula do dono que murmurava pensamentos sem sentido:

— Veio da pedra... cresceu lá embaixo... atinge tudo que tem vida... alimenta-se dos corpos e mentes... Thad e Merwin, Zenas e Nabby... Nahum foi o último... todos tomaram a água... dominou todos... veio do além... de onde as coisas não são como aqui... agora está voltando para casa...

Naquele momento, a coluna feita da cor desconhecida subitamente passou a brilhar mais forte e começou a tecer contornos fantásticos de forma que cada espectador descreveria de maneira diferente mais tarde; o pobre Herói, amarrado, emitiu um som que homem algum jamais ouviu um cavalo fazer. Todas as pessoas na pequena sala de estar cobriram os ouvidos, e Ammi virou para o lado contrário à janela, horrorizado e com náuseas. Nenhuma palavra seria capaz de descrever a cena. Quando Ammi conseguiu olhar, o malfadado animal estava caído, inerte, sob a luz do luar entre os cabos estilhaçados da charrete. Aquele foi o fim do Herói até ser enterrado na manhã seguinte. Mas não havia tempo para lamentações, pois, no mesmo momento, um dos policiais chamou silenciosamente a atenção para algo terrível, ali mesmo, na sala em que estavam. Na ausência do lampião, era óbvio que a fraca fosforescência tinha começado a invadir a casa toda. Brilhava no piso de tábuas largas e no tapete, e nas frestas das pequenas janelas panorâmicas. Subia e descia pelas frestas dos cantos expostos, reluzia na prateleira e na lareira, contaminando até as portas e a mobília. A cada minuto ganhava mais força, e finalmente ficou muito óbvio que todos os seres vivos tinham que sair da casa.

Ammi mostrou a todos a porta dos fundos e o caminho que levava aos campos, nos dez acres de pasto. Caminharam e tropeçaram como se estivessem em um sonho, e nem ousaram olhar para trás até estarem bem distantes, lá no alto. Agradeceram pelo caminho alternativo, pois não tinham

como passar pela porta da frente, ao lado do poço. Já foi bem ruim passar pelo celeiro e pelos depósitos iluminados, e pelas árvores brilhantes na horta, com seus contornos diabólicos e distorcidos; mas, graças a Deus, os galhos apenas movimentavam-se para cima. A lua fora encoberta por várias nuvens negras ao cruzarem a ponte sobre o Córrego Chapman, e de lá até a campina aberta seguiram às cegas.

Quando olharam para trás, em direção ao vale e à casa distante da família Gardner lá embaixo, a vista era aterrorizante. Toda a fazenda emanava a desconhecida mescla de cores hedionda: árvores, casas, e até mesmo a grama e as flores que ainda não haviam sido totalmente atingidas pela letal fragilidade cinzenta. Os galhos erguiam-se todos na direção do céu, cobertos por línguas de chamas do mal, e gotas cintilantes do mesmo fogo monstruoso rastejavam pelos telhados da casa, do celeiro e dos depósitos. Era uma cena de uma visão de Fuseli, e, por cima de tudo, reinava aquele tumulto de amorfia luminosa, aquele arco-íris estranho e sem dimensões de veneno críptico do poço; fervilhando, sentindo, envolvendo, cintilando, deformando e malignamente borbulhando naquele cromatismo cósmico e irreconhecível.

Em seguida, sem aviso prévio, a coisa monstruosa lançou-se verticalmente em direção ao céu como um foguete, sem deixar vestígios, desaparecendo por um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens antes que qualquer pessoa pudesse ofegar ou gritar. Nenhum observador jamais poderia se esquecer daquela visão, e Ammi encarava sem expressão as estrelas da constelação do Cisne, com Deneb cintilando mais que as outras, onde a cor desconhecida uniu-se à Via Láctea. Seu olhar rapidamente voltou-se para a terra devido aos estalidos no vale. Era exatamente aquilo. Apenas o som da madeira queimando e estalando. Não houve explosão, como muitos do grupo afirmaram. Contudo, o resultado foi o mesmo, pois, em um instante caleidoscópico e febril, um cataclismo brilhante e eruptivo de faíscas e substâncias nada naturais irrompeu daquela fazenda maldita e condenada; deixando a visão turva dos poucos que o testemunharam, e mandando para o zênite uma chuva de estilhaços tão fantásticos e coloridos que nosso universo tinha que rejeitar. Por meio de vapores, que rapidamente se fechavam assim que passavam, os estilhaços seguiram a grande monstruosidade que desaparecera, e, logo em seguida, desapareceram também. Atrás e embaixo havia apenas trevas para as quais os homens não ousavam retornar, e ao redor soprava um vento cada vez mais forte que parecia levar o sopro gélido e negro do espaço sideral. Gritava e uivava, açoitando os campos e a mata distorcida em um louco delírio cósmico, até que logo o trêmulo grupo percebeu que seria

inútil esperar pelo retorno da lua para que lhes mostrasse o que restara das terras de Nahum.

Assustados demais para pensar em teorias, os sete receosos homens voltaram para Arkham pela estrada do norte. Ammi estava pior que os demais, e implorou que os acompanhassem até sua cozinha em vez de irem diretamente para a cidade. Não queria passar sozinho pela mata destruída e castigada pelo vento até sua casa, na estrada principal. Ele tinha passado por um choque do qual os outros haviam sido poupados, ficando marcado para sempre por um medo instaurado que não ousou mencionar por anos. Enquanto os demais espectadores olhavam firmemente para a estrada, Ammi olhara para trás, por um momento, para o vale de sombras e desolação que há bem pouco tempo era o lar do seu infeliz amigo. E naquele lugar distante e destruído, viu uma coisa erguer-se de forma fraca, tornando a cair no mesmo lugar em que o grandioso terror sem forma havia disparado para o céu. Era somente uma cor; mas não era uma cor da nossa terra ou do nosso céu. E como Ammi reconheceu a cor, e sabia que o último remanescente devia estar à espreita no poço, ele nunca mais voltou a ser a mesma pessoa de antes.

Ammi jamais voltara àquele lugar. Já faz quarenta e quatro anos que o horror aconteceu, mas ele nunca mais pisou lá, e vai ficar feliz quando o novo reservatório alagar tudo. Eu também ficarei feliz, pois não gostei da forma como a luz do sol ficou diferente perto da entrada do poço por onde passei. Espero que a água seja sempre bem funda, contudo, mesmo assim, jamais irei bebê-la. Acho que nunca mais voltarei a visitar os arredores de Arkham novamente. Três dos homens que haviam estado com Ammi na noite anterior voltaram na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de fato. Somente os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns resíduos minerais e metálicos em alguns lugares e o muro no poço nefando. Tudo que era vivo havia desaparecido, com exceção do cavalo morto de Ammi, que eles recolheram e enterraram, e a charrete que lhe devolveram depois. Permanecia um deserto de cinco acres de poeira cinzenta, e nada jamais voltou a crescer por lá. Até hoje estende-se sob o céu como uma grande lacuna deixada por algum ácido na mata e nos campos, e as poucas pessoas que ousaram visitá-lo, apesar das lendas rurais, chamaram-no de "charneca queimada."

As lendas rurais são estranhas. Poderiam ter sido ainda mais estranhas se os homens da cidade e os químicos da universidade quisessem analisar a água do poço abandonado ou a poeira cinzenta que o vento não consegue macular. Os botânicos também deveriam examinar a flora atrofiada ao lado do espaço

vazio na mata, pois poderiam provar não ter sentido o pensamento dos nativos de que a praga está se espalhando, aos poucos, talvez dois centímetros ao ano. As pessoas dizem que a cor das flores dos arredores, na primavera, não é muito normal, e que os animais silvestres deixam pegadas estranhas na leve neve de inverno. A neve nunca parece pesada demais na charneca queimada como nos outros lugares. Os cavalos, os poucos que restaram na era motorizada, ficam assustados no vale silencioso; e os caçadores não podem confiar em seus cães quando chegam muito perto da mancha cinzenta.

Também dizem que a influência mental é muito ruim; muitos enlouqueceram nos anos que se seguiram à morte de Nahum; e sempre lhes faltou força de vontade para que fossem embora. Mais tarde, pessoas de cabeça mais forte deixaram a região e somente forasteiros tentaram morar nas velhas casas destruídas. Porém, não conseguiram ficar, e com frequência as pessoas ficam imaginando sobre o que eles pensaram em relação às histórias sussurradas de magia. As pessoas afirmam que seus sonhos à noite são horríveis naquela grotesca região; e não há dúvida de que a simples visão do reino sombrio é suficiente para despertar fantasias mórbidas. Nenhum viajante conseguiu se livrar da sensação de estranheza naquelas ravinas profundas, e os artistas tremem quando pintam matas espessas cujo mistério atinge tanto o espírito quanto o olhar. Eu mesmo estou curioso em relação à sensação que tive no passeio solitário, antes de ouvir a história de Ammi. Quando a noite caiu, desejei vagamente que o céu ficasse coberto de nuvens, pois um estranho temor em relação àquele vazio infinito no céu penetrava-me a alma.

Não peça minha opinião. Não sei, e isso é tudo. Ammi era o único ali para ser interrogado, pois as pessoas de Arkham não falam sobre os dias estranhos, e os três professores que viram o aerólito e o glóbulo colorido estão mortos. Com certeza houve outros glóbulos. Um deve ter alimentado a si mesmo e fugido em seguida, e provavelmente teria sido tarde demais para o outro. Não há dúvidas de que ainda está dentro do poço. Sei que tinha alguma coisa errada com a luz do sol que vi acima do penhasco miasmal. Os camponeses dizem que o mal avança dois centímetros por ano; pode ser então que haja algum tipo de crescimento ou alimentação até hoje. Mas qualquer incubação diabólica que estivesse ali devia estar presa a algo, senão estaria se espalhando rapidamente. Será que estava agarrada às raízes das árvores que se estendem ao céu? Uma das lendas que correm por Arkham fala de densos carvalhos que brilham e se agitam de forma anormal durante a noite.

Seja lá o que for, só Deus sabe. Em termos de matéria, creio que a coisa descrita por Ammi seria chamada de gás, mas um gás que obedecia a leis que

não são do nosso cosmos. Não era fruto dos mundos e sóis que brilham nos telescópios e nas chapas fotográficas dos nossos observatórios. Não era um sopro dos céus, cujos movimentos eram medidos por nossos astrônomos, ou considerados vastos demais para serem medidos. Era somente uma cor que caiu do céu. Um pavoroso mensageiro das regiões amorfas do infinito, com uma natureza desconhecida por nós; de regiões cuja simples existência enlouquece o cérebro e nos entorpece com os negros abismos extracósmicos que se abrem diante dos nossos olhos.

Duvido muito que Ammi tenha conscientemente mentido, e não creio que sua história tenha sido somente fruto da loucura, como as pessoas dos arredores me avisaram. Algo horripilante caiu nas colinas e vales com aquele meteoro, e algo terrível ainda permanece por lá, mas não sei aferir a proporção. Enquanto isso, espero que nada aconteça a Ammi. Ele viu muito da coisa e sua influência foi pérfida. Por que nunca conseguiu sair de lá? Será que se lembrava mesmo com clareza das últimas palavras de Nahum? "Não dá para fugir... pega a gente... mesmo sabendo que a coisa está vindo, não dá para fugir...".

Ammi é um senhor de idade tão bom! Quando o pessoal do reservatório começar a trabalhar, preciso escrever para o engenheiro-chefe para pedir-lhe que fique de olho nele. Não gostaria de pensar em Ammi como a monstruosidade cinzenta, definhando, deformando-se, mas isso é algo que cada vez mais perturba meu sono.

Povo Serpente

> "Eles caminharam de maneira leve e sinuosa sobre membros pré-mamíferos, com seus corpos tortos e sem pelos curvados com grande flexibilidade. Houve um assobio alto de fórmulas enquanto iam e voltavam."
>
> Clark Ashton Smith, *Os Sete Geases*

Assemelham-se a serpentes em pé, com cabeças e escamas de ofídio, mas com dois braços e pernas. Eles possuem caudas e na maioria das vezes estão vestidos com roupas humanas. Yig é o maior deus do Povo Serpente, pois ele é o pai de todas as cobras.

O primeiro reino do Povo Serpente - Valusia - floresceu antes mesmo dos dinossauros caminharem na Terra, cerca de 275 milhões de anos atrás. Eles construíram cidades de basalto negro e travaram guerras, todas na era do Permiano ou antes. Eram então grandes feiticeiros e cientistas, e dedicaram muita energia a convocar demônios terríveis e a preparar venenos potentes. Com a chegada dos dinossauros, 50 milhões de anos depois, o primeiro reino caiu e o Povo Serpente recuou em redutos subterrâneos, o maior deles foi Yoth.

Na pré-história humana, o Povo Serpente elevou seu segundo reino no centro do continente Thurian. Ele caiu ainda mais rapidamente que o primeiro, Valusia, derrubado desta vez por humanos, que mais tarde reivindicaram a terra como sua. Foram recuando diante das hordas humanas até que sua última cidadela, Yanyoga, foi destruída em 10.000 a.C.

Escondidos e à espreita, alguns feiticeiros ainda vivem, e há muitos em hibernação. Um feitiço comum entre eles é uma ilusão que transfere a aparência da serpente para a de um humano normal, permitindo que ela se misture na sociedade humana.

A cidade sem nome

Quando me aproximei da cidade sem nome, soube que estava amaldiçoada. Viajando sob a luz da lua, por um vale ressequido e terrível, ao longe eu vi elevar-se sinistramente sobre as areias, como as partes de um cadáver se elevam sobre uma cova malfeita. O medo ganhava voz nas pedras imemoriais daquele encanecido sobrevivente do dilúvio, daquele bisavô da mais antiga das pirâmides; e uma aura invisível me repelia, ordenando que eu recuasse frente aos segredos funestos que nenhum homem deveria ver e que nenhum homem jamais ousara ver.

Remota, entre os desertos da Arábia, jaz a cidade sem nome, em ruínas e desarticulada, seus muros baixos quase escondidos pelas as areias de eras incontáveis. E já deviam estar assim antes que as primeiras pedras de Memphis fossem assentadas e antes mesmo que os tijolos da Babilônia fossem cozidos. Não há lenda antiga o bastante para lhe dar um nome ou para recordar que ela já esteve viva alguma vez; mas fala-se dela aos sussurros em volta das fogueiras, murmurado pelas vovós nas tendas dos xeiques, de modo que todas as tribos a evitam sem sequer saberem por quê. Foi com esse lugar que Abdul Al Hazred, o poeta louco, sonhou na noite anterior, antes de cantar o seu inexplicável dístico:

"Não está morto aquele que jaz na eternidade,
E em incomuns éons, até a morte pode morrer.

Não era difícil saber que os árabes tinham boas razões para evitar a cidade sem nome, a cidade de que se falava em estranhas narrativas, mas que jamais fora vista por nenhum homem vivo; e mesmo assim os desafiei, e fui com meu camelo para o vazio intocado. Somente eu a tinha visto, e eis por que nenhuma outra face carrega linhas de medo tão assustadoras quanto a minha; e eis por que nenhum outro homem estremece tão horrivelmente quando o vento da noite chacoalha as janelas. Quando me deparei com ela no silêncio

medonho de um sono interminável, ela me olhou, sob os raios de uma lua fria, em pleno calor do deserto. E, quando devolvi o olhar, esqueci-me de meu triunfo por tê-la encontrado e parei com meu camelo para esperar pela aurora.

Durante horas esperei, até o leste se tornar cinzento e as estrelas desaparecerem, e o cinza se transformar em uma luz rosada com bordas douradas. Ouvi um lamento e vi uma tempestade de areia agitando-se entre as pedras antigas, muito embora o céu ainda estivesse claro e o deserto quieto. Então, de repente, por sobre margem oposta do deserto, emergiu a borda do sol, vista através da pequena tempestade de areia que passava; e no meu estado febril imaginei que dessa mesma profundeza distante provinha um estrondo metálico de sons, para saudar o disco feroz, tal como Mennon o saúda a partir das margens do Nilo. Meus ouvidos zumbiram, e minha imaginação ferveu quando conduzi lentamente meu camelo através da areia, rumo àquele lugar silencioso, àquele lugar que eu somente, entre todos os vivos, tinha visto.

Indo e vindo por entre as fundações disformes das casas e dos lugares, eu vagava, sem deparar jamais com uma inscrição sequer que me falasse desses homens – se é que foram homens – que construíram tal cidade e nela habitaram há tanto tempo. A antiguidade do sítio era insalubre, e eu ansiava por encontrar algum sinal ou indício que provasse que a cidade fora, de fato, criada pela humanidade. Havia certas proporções e dimensões nas ruínas das quais não gostei. Eu tinha comigo diversas ferramentas, e escavei entre as paredes dos edifícios com afinco; mas o progresso era lento, e nada de significativo se revelou. Quando a noite e a lua retornaram, senti um vento gelado que trouxe novamente o medo, de modo que não me atrevi a permanecer na cidade. E, quando fui me retirando de entre as paredes para dormir, uma pequena tempestade de areia, com um suspiro, se ajuntou atrás de mim, soprando por cima das pedras cinzentas, embora a lua estivesse clara e o deserto quieto.

Acordei ao amanhecer, despertando de uma sequência de sonhos horríveis, meus ouvidos zumbido uma batida metálica, como um repique. Vi o sol despontar, avermelhado, através das últimas rajadas de uma pequena tempestade de areia que pairava sobre a cidade sem nome, e reparei na quietude do resto da paisagem. Mais uma vez, me aventurei através nas medonhas ruínas, cujas formas despontavam pela areia tal como um ogro de um lençol, e novamente cavei, em vão, à procura de relíquias da raça esquecida. Ao meio-dia descansei, e à tarde passei muito tempo seguindo o traçado das paredes e das ruas há muito desaparecidas, bem como os contornos dos edifícios. Percebi que a cidade fora de fato poderosa, e tentei

imaginar quais teriam sido as fontes de sua grandeza. Para mim mesmo, imaginei todos os esplendores de uma era tão distante que a própria Caldeia não poderia recordá-la; e pensei em Sarnath, a Condenada, do país de Mnar quando a humanidade era ainda jovem, e em Ib, que fora esculpida em pedra cinzenta antes mesmo de existir a humanidade.

De repente, deparei-me com um lugar onde o leito de pedra emergia através da areia e formava uma espécie de penhasco baixo; e aí avistei, com alegria, o que me pareceu ser a promessa de traços mais evidentes do povo antediluviano. Rudemente escavadas na face do penhasco, viam-se as fachadas de várias casas ou templos de pedra, pequenos e baixos, cujos interiores poderiam conter muitos segredos de eras remotas demais para serem calculados, embora as tempestades de areia tivessem apagado há muito quaisquer relevos que pudesse ter havido do lado de fora.

As aberturas mais próximas eram baixas e estavam entupidas de areia, mas consegui desobstruir uma delas com minha pá e me arrastei para dentro, levando uma tocha para ver que mistérios poderia conter. Dentro, vi que a caverna era de fato um templo e descobri sinais claros da raça que teria vivido e cultuado ali, muito antes que o deserto fosse um deserto. Altares primitivos, pilares e nichos – todos estranhamente baixos – estavam presentes, e, embora eu não visse esculturas ou murais, havia muitas pedras esquisitas, em forma evidente de símbolos feitos por meios artificiais. A baixa altura da câmara escavada intrigava, pois eu mal podia me erguer sobre os joelhos; mas a área era tão extensa que minha tocha revelava apenas uma pequena parte de cada vez. Estremeci ao me aproximar de alguns dos cantos distantes, pois certos altares e pedras sugeriam ritos esquecidos de natureza terrível, repulsiva e inexplicável, e me fizeram imaginar que espécie de homens poderiam ter feito e frequentado semelhante templo. Depois que vi tudo o que o templo continha, arrastei-me de novo para fora, ávido por descobrir o que os templos tinham a mostrar.

A noite se aproximava, e, no entanto, as coisas tangíveis que eu tinha visto tornavam minha curiosidade mais forte que o medo, de modo que não fugi das longas sombras desenhadas pelo luar que haviam me perturbado quando vi pela primeira vez a cidade sem nome. Ao crepúsculo, desobstruí outra abertura e, com uma nova tocha, me arrastei para dentro, encontrando mais algumas pedras vagas e símbolos, porém nada mais definitivo do que os que o outro templo continha. O cômodo era igualmente baixo, porém menos extenso, terminando numa passagem muito estreita e repleta de santuários obscuros e enigmáticos. Eu examinava esses santuários quando os ruídos de um vento e

do meu camelo romperam a quietude lá fora, fazendo-me sair para ver o que poderia ter amedrontado o animal.

A lua brilhava intensamente sobre as ruínas primitivas, iluminando uma nuvem densa de areia que parecia soprada por um vento forte, mas que ia esmorecendo, proveniente de algum ponto ao longo do penhasco adiante. Compreendi que fora esse vento gelado, a levantar as areias, que perturbara o camelo e estava prestes a levá-lo a procurar um abrigo melhor, quando por acaso olhei para cima e vi que não havia vento sobre o penhasco. Isso me estarreceu e me fez temer novamente, mas imediatamente me lembrei dos súbitos ventos locais que eu vira e ouvira antes, ao nascer e ao pôr-do-sol, e pensei tratar-se de uma coisa normal. Firmei-me na ideia de que ele provinha de alguma fissura na rocha que talvez levasse a uma caverna, e observei a areia revolta, de modo a descobrir sua fonte, percebendo rapidamente que vinha da entrada escura de um templo bem mais distante, ao sul, quase fora de visão. Lutando contra a areia sufocante, avancei em direção a esse templo, o qual, ao me aproximar, pareceu maior que os demais e exibiu uma entrada bem menos coberta de areia compactada. Eu teria entrado, se a enorme força do vento gélido não houvesse quase apagado a minha tocha. O vento jorrava loucamente através do portal escuro, suspirando de modo estarrecedor, enquanto agitava a areia e se espalhava pelas estranhas ruínas. Logo, porém, acalmou, e as areias foram se assentando mais e mais, até que tudo se aquietou novamente; mas tive a impressão de que uma presença espionava por entre as pedras espectrais da cidade, e quando olhei para a lua ela me pareceu estremecer como se espelhada em águas inquietas. Mal posso dizer o medo que senti, porém não foi tamanho ao ponto de diminuir a minha sede de descobertas; assim, tão logo o vento se esvaiu de todo, penetrei na câmara escura de onde ele viera.

Esse templo, como eu imaginava quando o vi, era mais amplo do que aqueles que eu visitara antes, e era presumivelmente uma caverna natural, já que através dele sopravam ventos provenientes de alguma região mais à frente. Aqui eu podia ficar de pé, mas via que as pedras e altares eram tão baixos quanto os dos outros templos. No teto e nas paredes encontrei pela primeira vez, como indícios da arte pictórica da raça ancestral, curiosas manchas de tinta que quase desapareceram ou desmoronaram, e em dois dos altares distingui, com um crescente entusiasmo, um labirinto de entalhos curvilíneos e bem modelados. Quando ergui minha tocha, pareceu-me que a forma do teto era regular demais para ser natural, e então me perguntei sobre o que as talhadeiras de pedra pré-históricas teriam trabalhado primeiro. Sua habilidade

de engenharia devia ter sido vasta.

Então, um clarão mais brilhante da chama fantástica mostrou-me o que eu estava procurando, a abertura para esses abismos remotos de onde o vento soprava repentino; e me senti esmorecer quando vi que se tratava de uma porta pequena e perfeitamente artificial, escavada na rocha sólida. Enfiei a tocha através dela, descobrindo um túnel escuro, com um teto arqueado e baixo que se elevava por cima de vários pequenos degraus que desciam. Hei de ver para sempre esses degraus nos meus sonhos, pois estava para entender o que significavam. Naquele momento, eu mal soube se devia chamá-los degraus ou simples apoios para os pés em uma descida precipitada. Pensamentos loucos começaram a girar em minha mente, e as palavras e avisos dos profetas árabes pareceram flutuar através do deserto, vindo da terra que os homens conhecem, em direção à cidade sem nome que os homens não conhecem. No entanto, hesitei apenas por um momento, antes de avançar através do portal e começar a descer cautelosamente através da passagem íngreme, primeiro com os pés, como se numa escada.

Apenas nos fantasmas terríveis das drogas ou do delírio é que um homem pode fazer uma descida como aquela que fiz. A passagem estreita conduzia infinitamente para baixo, tal como um poço horroroso e assombrado, e a tocha que eu segurava acima de minha cabeça não podia iluminar as profundezas desconhecidas para as quais eu me arrastava. Perdi a noção das horas e esqueci-me de consultar o relógio, embora estivesse assustado ao pensar na distância que eu já devia ter percorrido. Houve mudanças de direção e de inclinação; e por uma vez me deparei com uma passagem longa, baixa e plana, pela qual tive de me contorcer deitado sobre o piso rochoso, os pés dispostos à frente, e segurando a tocha com o braço esticado por trás da cabeça. O lugar não era alto o bastante sequer para se ajoelhar. Depois, houve mais degraus íngremes, e eu continuava a descer, interminavelmente, quando minha tocha se apagou de vez. Não percebi de imediato, pois, quando o notei, eu ainda a segurava no alto, como se estivesse acesa. Desequilibrava-me bastante aquele instinto do estranho e desconhecido que fizera de mim um andarilho na terra e um caçador de lugares distantes, antigos e proibidos.

Em meio à escuridão, relampejaram em minha mente fragmentos do meu estimado tesouro de saber demoníaco – frases ditas por Alhazred, o árabe louco, parágrafos extraídos dos pesadelos apócrifos de Damáscio, e linhas infames da delirante Image du Monde de Gauthier, de Metz. Repetindo excertos obscuros, eu murmurava acerca de Afrasiab e das entidades que flutuaram com ele pelo Oxus; e martelava em seguida, repetidamente, uma

frase dos contos de Lord Dunsany – “A escuridão não reverberante do abismo”[3]. Uma vez, quando a descida se tornou espantosamente íngreme, recitei um trecho ritmado de Thomas Moore, até que tive medo de continuar recitando:

> Um reservatório de escuridão, preto
> como os caldeirões das bruxas são quando preenchidos
> de venenos da lua, pelo eclipse produzidos.
> Inclinando-me para olhar se o pé conseguiria passar,
> Abaixo daquele abismo pude avistar
> O tanto que a visão podia alcançar
> Os lados do cais lisos como vidro
> Como se tivessem sido envernizados
> Com o escuro piche do Mar da Morte
> Que jorra acima da costa viscosa e escorregadia[4].

O tempo havia praticamente deixado de existir quando meus pés sentiram novamente o piso nivelado, e então me encontrei num lugar um pouco mais alto do que as salas nos dois templos menores, que haviam ficado incalculavelmente acima de minha cabeça. Eu ainda não podia ficar de pé, mas podia agora ficar de joelhos, e na escuridão me torcia e engatinhava para lá e para cá ao acaso. Logo descobri que estava em uma passagem estreita cujas paredes estavam alinhadas por caixões de madeira, com frentes de vidro. A ideia de que naquele lugar paleozoico e abissal eu pudesse sentir tais coisas como madeira polida e vidro suscitava implicações que me fizeram estremecer. Os caixões estavam aparentemente dispostos ao longo de ambos os lados da passagem, em intervalos regulares, e eram oblongos e horizontais, lembrando, de modo hediondo, caixões em seu formato e tamanho. Quando tentei mover dois ou três deles para um exame mais aprofundado, percebi que estavam presos firmemente.

Compreendi que a passagem era longa, e então me lancei rapidamente para diante, numa corrida desajeitada que teria parecido horrível caso algum olho pudesse ver-me naquela escuridão, cruzando-a ocasionalmente de lado a lado para inspecionar os arredores e me certificar de que as fileiras de caixas continuavam à frente. O homem está tão acostumado a pensar visualmente, que quase esqueci a escuridão e imaginei o corredor interminável de madeira e vidro, em sua monotonia, tal como se o enxergasse. E então, num momento de indescritível emoção, eu de fato o vi.

Que momento exato minha fantasia se mesclou à visão real, não o saberei dizer; porém um brilho gradual veio se aproximando, e de repente comecei a ver os contornos difusos de um corredor e dos estojos, revelados por alguma fosforescência subterrânea desconhecida. Por um instante breve, tudo foi exatamente como eu imaginara, pois o brilho era muito fraco, mas, continuando a engatinhar mecanicamente em direção à luz mais forte, compreendi que minha fantasia fora débil. Esse salão não era uma relíquia da crueldade, tal como os templos na cidade lá em cima, mas um monumento da mais exótica e magnífica arte. Pinturas e quadros ricos e vivazes, desafiadoramente fantásticos, formavam um esquema contínuo de pinturas murais cujas linhas e cores estavam além de toda descrição. Os estojos eram de uma madeira estranha e dourada, exibindo tampas de um vidro bizarro, e contendo as formas mumificadas de criaturas cujo grotesco ultrapassaria os sonhos mais caóticos de qualquer homem.

Transmitir qualquer ideia dessas monstruosidades é impossível. Assemelhavam-se a répteis, com linhas corporais sugerindo às vezes um crocodilo, às vezes uma foca, mas na maioria das vezes nada de que nem o naturalista nem o paleontólogo jamais ouviram falar. Seu tamanho era aproximadamente o de um homem pequeno, e suas patas dianteiras terminavam em pés curiosamente assemelhados a mãos e dedos humanos. Mas o mais estranho eram suas cabeças, que apresentavam contornos que violariam todos os princípios biológicos de que temos conhecimento. A nada tais coisas poderiam ser comparadas com adequação – e num único lance pensei em comparações tão diversas quanto com o gato, o sapo-boi, o mítico Sátiro e o ser humano. Nem o próprio Jove teria tido uma fronte tão colossal e protuberante, para não falar dos chifres, da ausência de narizes e das mandíbulas de crocodilo que extrapolavam quaisquer categorias estabelecidas. Por um momento, hesitei acerca da realidade das múmias, quase suspeitando que fossem ídolos artificiais, mas logo decidi que eram de fato alguma espécie paleológica que teria vivido quando a cidade sem nome ainda pulsava. Coroando seu grotesco, muitas delas estavam envolvidas, de modo bizarro, num tecido refinado, bem como abundantemente adornadas com enfeites de ouro, joias e metais brilhantes e desconhecidos.

A importância dessas criaturas rastejantes deve ter sido imensa, pois ocupavam o primeiro lugar entre os desenhos selvagens dos afrescos nas paredes e no teto. Com habilidade inigualável, o artista os havia representado em seu próprio mundo, no qual possuíam cidades e jardins proporcionais às suas dimensões; e eu não podia senão pensar que sua história ali pintada fosse

alegórica, provavelmente aludindo ao progresso da raça que as adorou. Essas criaturas – eu disse a mim mesmo – foram para os homens da cidade sem nome aquilo que a loba teria sido para Roma, ou o que algum animal totêmico é para uma tribo indígena.

Com essa perspectiva em mente, pude discernir, por alto, um épico maravilhoso da cidade sem nome – a história de uma poderosa metrópole à beira-mar que regeu o mundo antes que a África surgir das ondas, e das suas lutas quando o mar recuou e o deserto invadiu o vale fértil em que se situava. Vi as suas guerras e os seus triunfos, as suas dificuldades e derrotas, e posteriormente a sua terrível luta contra o deserto, quando milhares de seus habitantes – ali representados alegoricamente pelos répteis grotescos – foram obrigados a abrir caminho, de algum modo maravilhoso, em direção a outro mundo do qual os seus profetas lhes falaram. Tudo era vividamente estranho e realista, e sua conexão com a incrível descida que eu fizera me pareceu inconfundível. Até mesmo reconheci as passagens.

Quando me arrastei pelo corredor em direção à luz mais brilhante, pude ver mais alguns estágios do épico pictórico – a partida da raça que habitara a cidade sem nome e o vale ao redor durante dez milhões de anos; a raça cujas almas se oprimiram ao deixar aqueles cenários que seus corpos conheciam há tanto tempo, onde tinham se estabelecido como nômades na juventude da terra, perfurando na rocha virgem aqueles santuários primitivos aos quais jamais deixaram de adorar. Agora que a luz era melhor, estudei as pinturas mais detidamente e, lembrando que os répteis estranhos deviam representar os homens desconhecidos, ponderei acerca dos costumes da cidade sem nome. Muitas coisas eram peculiares e inexplicáveis. A civilização, que incluía um alfabeto escrito, aparentemente havia se erguido até uma ordem superior às civilizações imensuravelmente mais tardias do Egito e da Caldeia; no entanto, havia curiosas omissões. Não pude, por exemplo, encontrar pinturas que representassem mortos ou costumes funerários, a não ser aqueles relacionados a guerras, violência e pragas, e fiquei imaginando a reticência no que concerne à morte natural. Era como se um ideal de imortalidade tivesse sido disseminado como uma ilusão animadora.

Mais perto do final da passagem, havia representações extremamente pitorescas e extravagantes: visões contrastadas da cidade sem nome, em seu crescente abandono e ruína, e do estranho e novo reino de paraíso em direção ao qual a raça havia aberto seu caminho através da rocha. Nessas visões, a cidade e o vale deserto eram mostrados sempre à luz da lua, uma auréola dourada pairando sobre as paredes caídas e a revelar um pouco da perfeição

esplêndida dos tempos anteriores, que o artista retratara de modo espectral e elusivo. As cenas paradisíacas eram extravagantes demais para se acreditar, retratando um mundo oculto dos dias eternos, repleto de cidades gloriosas e colinas e vales etéreos. Próximo ao fim, pensei ter visto sinais de um anticlímax artístico. As pinturas eram menos hábeis e muito mais bizarras do que as mais loucas das cenas anteriores. Pareciam registrar uma lenta decadência da estirpe ancestral, juntamente com uma crescente ferocidade contra o mundo exterior do qual fora repelida pelo deserto. As formas das pessoas – sempre representadas como répteis sagrados – pareciam estar se extinguindo gradualmente, embora seu espírito, conforme mostrado ali, pairando sobre as ruínas ao luar, ganhava proporções. Sacerdotes emaciados, figurados como répteis em túnicas enfeitadas, amaldiçoavam o ar lá em cima e todos os que o respiravam; e a terrível cena final exibia um homem de aparência primitiva, talvez um pioneiro da antiga Irem, a Cidade dos Pilares, sendo despedaçado por representantes da raça mais velha. Lembrei-me de como os árabes temiam a cidade sem nome, e alegrei-me em constatar que, para além daquele ponto, as paredes cinzentas e o teto não estavam cobertos.

Enquanto observava o curso da história no mural, aproximei-me bastante do final do salão de teto baixo, e me deparei com um corredor do qual provinha toda a iluminação fosforescente. Aproximei-me até ele, um espanto transcendental me fez gritar perante o que jazia mais à frente, pois, em vez de outras câmaras mais brilhantes, havia apenas um vazio ilimitado de brilho uniforme, tal como o que se poderia imaginar olhando a partir do pico do Monte Everest por sobre um mar de névoa iluminada pelo sol. Atrás de mim havia uma passagem tão estreita que, nela, eu não podia ficar de pé, e à minha frente havia um infinito de refulgência subterrânea.

Descendo pela passagem para dentro do abismo, havia o topo de um lance íngreme de degraus – numerosos e pequenos degraus, semelhantes àqueles das passagens escuras que eu havia atravessado –, mas após alguns metros, o vapor brilhante ocultava tudo. Totalmente aberta e encostada à parede esquerda da passagem havia uma porta de maciço latão, incrivelmente grossa e decorada com baixos-relevos fantásticos, a qual, fechada, poderia isolar dos nichos e passagens abertas na rocha todo aquele mundo de luz interior. Olhei para os degraus e, por um instante, não ousei explorá-los. Apalpei a porta aberta de bronze e não consegui movê-la. Então desabei de pronto sobre o piso de pedra, minha mente incendiada por reflexos prodigiosos que nem mesmo uma exaustão de quase morte poderiam acalmar.

Enquanto permaneci imóvel, de olhos fechados, livre para refletir, muitas

das coisas que eu havia notado de passagem nos afrescos me voltaram à mente, com nova e terrível significação – cenas representando a cidade sem nome em seu auge, as vegetações ao seu redor, e as terras distantes com as quais os seus mercadores comerciavam. A alegoria das criaturas rastejantes me intrigava pela sua proeminência universal, e eu me espantava de que pudesse preponderar assim numa história pictórica de tal importância. Nos afrescos, a cidade sem nome havia sido mostrada em proporções adequadas aos répteis. Eu me perguntava quais seriam suas proporções e magnificências reais e refleti um momento sobre certas esquisitices que eu havia notado nas ruínas. Pensei, particularmente, na baixa altura dos templos primordiais e do corredor subterrâneo, que tinham sido escavados desse modo em deferência às divindades reptilianas que ali se honravam, mesmo que, forçosamente, obrigassem os adoradores a rastejar. Talvez os próprios ritos aqui envolvessem a ideia de rastejar, numa imitação às criaturas. Nenhuma teoria religiosa, porém, poderia explicar sem dificuldade por que as passagens de nível, naquela descida assombrosa, eram tão baixas quanto os templos – ou mais baixas até, já que nelas não se podia sequer ajoelhar. Quando pensei nas criaturas rastejantes, cujas formas hediondas e mumificadas jaziam tão próximas de mim, senti uma nova pontada de medo. Associações mentais são curiosas, e assim recuei frente à noção de que, exceto pelo pobre homem primitivo, despedaçado na última pintura, a minha era a única forma humana em meio a tantas relíquias e símbolos da vida primordial.

Mas, como sempre, na minha existência estranha e andarilha, o espanto logo expulsou o medo, pois o abismo luminoso e o que ele continha me propunham um problema digno do maior dos exploradores. Que um mundo estranho de mistério jazia ao fundo daquele lance de degraus particularmente pequenos eu não podia duvidar, e esperava mesmo encontrar lá aquelas lembranças humanas que o corredor pintado não lograra oferecer. Os afrescos tinham retratado cidades inacreditáveis e vales neste reino subtérreo, e minha fantasia se demorava nas ruínas ricas e colossais que me aguardavam.

Meus medos, de fato, diziam respeito mais ao passado do que ao futuro. Sequer o horror físico de minha posição naquele corredor estreito de répteis mortos e de afrescos antediluvianos, quilômetros abaixo do mundo que eu conhecia, confrontado por um outro mundo de luz e névoa arrepiante, nada disso poderia comparar-se ao pavor letal que eu senti frente à antiguidade abissal da cena e seu espírito. Uma antiguidade tão vasta que não se pode mensurar parecia espreitar embaixo, a partir das pedras primitivas e dos templos escavados da cidade sem nome, enquanto o último dos mapas

espantosos dos afrescos figurava oceanos e continentes que o homem esqueceu, com apenas alguns contornos vagamente familiares, aqui e ali. O que poderia ter acontecido nas eras geológicas desde que as pinturas cessaram e, entre ressentimentos, a raça odiosa da morte sucumbira à decadência, ninguém o poderia dizer. A vida já havia fervilhado nessas cavernas e no reino luminoso logo abaixo, mas agora eu me achava sozinho em meio às relíquias vívidas, tremendo ao pensar nas eras incontáveis ao longo das quais essas relíquias mantiveram sua vigília silenciosa e deserta.

De repente, sobreveio outro daqueles assomos de medo agudo que tinham se apossado de mim intermitentemente desde que eu vira pela primeira vez o vale terrível e a cidade sem nome sob a lua gélida; e, não obstante a minha exaustão, vi-me tentando, freneticamente, assumir uma postura sentada e olhando para trás, através do corredor escuro, em direção aos túneis que conduziam ao mundo exterior. Minhas sensações eram semelhantes àquelas que me levaram a temer à noite a cidade sem nome, e eram tão inexplicáveis quanto pungentes. Noutro momento, no entanto, recebi um choque ainda maior, que veio na forma de um som definido – o primeiro a romper o silêncio daquelas profundezas sepulcrais. Era um gemido profundo, baixo, tal como um vagido distante de espíritos condenados, e vinha do lado para o qual eu olhava. Seu volume cresceu rapidamente, até que logo ressoou, de modo amedrontador, através da passagem baixa; e ao mesmo tempo tomei consciência de um sopro crescente de ar, fluindo igualmente dos túneis e da cidade lá no alto. O toque desse ar pareceu restituir meu equilíbrio, pois de imediato me lembrei dos haustos súbitos que se levantavam em torno à entrada do abismo a cada ocaso e amanhecer, um dos quais, de fato, me havia relevado os túneis escondidos. Olhei meu relógio e vi que o amanhecer estava próximo; então me firmei para resistir à rajada que soprava para dentro, rumo ao seu lar cavernoso, tal como soprava para fora ao anoitecer. Meu medo, novamente, esmoreceu, porquanto um fenômeno natural tende a dispersar as apreensões acerca do desconhecido.

O vento noturno, loucamente uivante e gemebundo, jorrou mais e mais através da abertura, para dentro da terra. Ergui-me de novo e em vão tentei me agarrar ao piso, com receio de ser arrastado através do portão para o abismo fosforescente. Por tamanha fúria eu não esperara; e, quando tomei consciência de que meu corpo de fato começava a escorregar em direção ao abismo, fui invadido por milhares de terrores novos, oriundos da apreensão e da imaginação. A malignidade do sopro despertava fantasias incríveis; mais uma vez, comparei-me, trêmulo, à imagem humana que vira naquele corredor

pavoroso, isto é, ao homem despedaçado pela raça sem nome, pois que no arrasto feérico das correntes giratórias parecia haver uma fúria vingativa, tanto mais forte porque era amplamente impotente. Creio ter gritado freneticamente próximo ao fim – eu estava quase louco –, mas, se o fiz, meus gritos se perderam na babel infernal de ventos furiosos e uivadores. Tentei me arrastar contra a torrente invisível, porém mal podia me manter enquanto era empurrado lenta e inexoravelmente em direção ao mundo desconhecido. Por fim, a razão deve ter se rompido, pois comecei a balbuciar, seguidamente, aquele dístico inexplicável de Alhazred, o árabe louco, que sonhou com a cidade sem nome:

“Não está morto aquele que jaz na eternidade,
E em incomuns éons, até a morte pode morrer.

Somente os deuses soturnos e mudos do deserto sabem o que realmente aconteceu – que lutas e contorções indescritíveis suportei, ou que Abadon me guiou de volta à vida, onde deverei para sempre me lembrar e tremer, sob o vento noturno, até que o esquecimento – ou algo pior – me carregue. Monstruosa, antinatural, colossal foi a coisa – muito para além de quaisquer ideias humanas para sem acreditada, exceto nas horas breves, silenciosas e desgraçadas da manhã, quando não se pode dormir.

Eu disse que a fúria da rajada veloz fora infernal – arquidemoníaca – e que suas vocês eram hediondas, com a viciosidade reprimida de eternidades desoladas. Naquele momento, tais vozes, enquanto ainda soavam num caos ao meu redor, pareceram, ao meu cérebro convulso, adquirir uma forma articulada atrás de mim; e, lá embaixo, no túmulo das antiguidades mortas há inumeráveis éons, léguas abaixo do mundo amanhecente dos homens, ouvi o amaldiçoar e o rosnar fantasmagórico de demônios cuja língua era ignota. Voltando-me, percebi, recortado contra o éter luminoso do abismo, o que não podia ser visto sob a penumbra do corredor: uma horda pesadelar de demônios em movimento – distorcidos pelo ódio, grotescamente paramentados, demônios meio transparentes de uma raça que homem nenhum poderia confundir: os répteis rastejantes da cidade sem nome.

E, quando o vento esmoreceu, fui compelido para dentro da escuridão fantasmática nas entranhas da terra; pois, atrás da última das criaturas, a grande porta de bronze se fechou, num estrondo, com um estardalhaço ensurdecedor de música metálica, cujas reverberações repercutiram lá fora, no mundo distante, para saudar o sol nascente, tal como Memnon o saúda desde

as margens do Nilo.

3 "... unreverberate blackness of the abyss", extraído do livro *The book of wonders*, de Dunsany.

4 "A reservoir of darkness, black / As witches' cauldrons are, when fill'd / With moon-drugs in th' eclipse distill'd. / Leaning to look if foot might pass / Down thro' that chasm, I saw, beneath, / As far as vision could explore, / The jetty sides as smooth as glass, / Looking as if just varnish'd o'er / With that dark pitch the Seat of Death / Throws out upon its slimy shore", extraído do poema "Alciphron (Letter IV)", de Moore (poeta irlandês, amigo de Byron e Shelley). (N. do E.)